

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

“FILHO CEDO NÃO É A PIOR COISA QUE PODE ACONTECER NA VIDA”:

**UM ESTUDO SOBRE REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS DE JOVENS A RESPEITO
DE TRANSIÇÃO DE FASE DE VIDA A PARTIR DA MATERNIDADE E PATERNIDADE**

NÍVEA SILVEIRA CARPES

ORIENTADORA

PROF^a DR^a CERES GOMES VÍCTORA

PORTO ALEGRE, DEZEMBRO DE 2003.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

“FILHO CEDO NÃO É A PIOR COISA QUE PODE ACONTECER NA VIDA”:

**UM ESTUDO SOBRE REPRESENTAÇÕES E PRÁTICAS DE JOVENS A RESPEITO
DE TRANSIÇÃO DE FASE DE VIDA A PARTIR DA MATERNIDADE E PATERNIDADE**

NÍVEA SILVEIRA CARPES

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Antropologia.

ORIENTADORA

PROF^a DR^a CERES GOMES VÍCTORA

PORTO ALEGRE, DEZEMBRO DE 2003.

Agradecimentos

Primeiramente, de modo muito especial, agradeço à minha orientadora, professora Ceres Víctora, por ter acompanhado muito detalhadamente a caminhada no processo de elaboração e execução de minha pesquisa e a escrita desta dissertação. Aos professores do NUPACS, Daniela e Veriano, por terem estimulado meu aprendizado a partir das aulas e seminários do núcleo. Aos professores do “Pós”, Maria Eunice, Cláudia, Bernardo, Cornélia, Dayse e Ari, pelas aulas que certamente contribuíram para a elaboração desta dissertação.

Aos colegas de turma, em especial à Aline por sua delicadeza, pelos momentos de descontração, pelas conversas e pelo “abstract”. À Mari, pelas conversas, pela companhia em bares, pelas festas e pela empatia que me estimula. À Paula, pelas horas de conversa ao telefone e pelas tantas coisas que me fizeste pensar. Ao Daniel, por sua doçura, pelas agradáveis conversas e pelo colegismo. À Marta, por ainda me fazer lembrar o quanto era bom ouvi-la, sua entonação de voz muito interessante. Ao Ivan, por sua doçura e pelos tantos aprendizados que me despertou. Ao Bier, pelas conversas animadas, pela empatia e pelo colegismo.

Aos jovens entrevistados para essa pesquisa que, sempre com muita simpatia e muito interesse, permitiram que eu soubesse um pouco de suas vidas e pudesse compartilhar de alguns de seus momentos. Muitos deles tornando-se amigos.

Ao André e ao Márcio pelas muitas “forças”, por emprestarem-me seus ouvidos para que eu reclamasse da vida, pelas festas, pelo ombro amigo, pelas sessões de cinema, pelos solidários telefonemas, por serem meus amigos.

Ao meu pai e minha mãe pelo eterno porto seguro de amor e confiança que me oferecem. Aos meus irmãos, Jalma e Flávio, por serem referências de admiração pelo empenho, pelo caráter e pelo amor que somos capazes de trocar

À Otilia, ao seu Daniel, à dona Beatriz, à Adriana, à Vana e ao Tuca, por me fazerem sentir uma pessoa especial, capaz de criar laços afetivos muito duradouros e que fazem não somente bem a mim, mas também a outros.

Ao Fernando pela postura sempre tão prestativa até o último momento, o dia da impressão do trabalho.

Ao Daniel Arias, “um anjo que caiu do céu”, para me fazer sorrir, para encerrar meu ano e meus trabalhos sentindo-me muito bem.

À CEPAL, em especial à Francisca e à Irma, por ter aceitado meu projeto e por me proporcionar a ida ao Chile para apresentar minha pesquisa no Seminário “Capital Social y Programas de Superación de la Pobreza: Lineamientos para la Acción”.

À CAPES, pela bolsa, que certamente facilitou minha caminhada durante esses dois anos.

E por último, gostaria de registrar dentre meus agradecimentos o quanto ter feito um mestrado em Antropologia Social foi profundo em minha formação, não somente profissional, mas pessoal. Certamente, nesse final de 2003, posso dizer que sou outra. Isso não diz respeito a ser alguém melhor ou pior que antes, mas indiscutivelmente outra. Considero muitas aulas assistidas com o peso de uma análise psicológica. Para além do que é possível imaginar quando decidimos seguir uma carreira acadêmica, a prática pode ser muito mais intensa que a decisão. Foram tantas as situações e necessidades de superação que hoje me sinto uma vencedora, capaz de resistir às dificuldades que se apresentaram. A sensação de solidão é um dos aspectos interessantes dentre as mudanças, uma revolução acontece dentro de nós sem que os demais percebam. É muito bom poder respirar mais aliviadamente, sorrir e poder falar sobre esse processo. Como diz o ditado “o que não mata, fortalece”.

Resumo

A presente dissertação é um estudo antropológico sobre as representações de transição de fase de vida de jovens com idade entre 15 e 24 anos, de segmentos populares, médio-baixos e médios, após terem experienciado a maternidade e a paternidade, em Porto Alegre e Grande Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Inicialmente mostro como a idéia de juventude se constitui, afirmando a importância do processo histórico e dos contextos envolvidos nessa classificação. Analiso, a partir daí, como os jovens entrevistados para a presente pesquisa vivem atualmente a juventude, antes de tornarem-se pais e mães. Demonstro como o evento da parentalidade é vivido por eles, considerando que a maternidade e a paternidade não provocam um rompimento imediato com a fase da juventude. Por fim, apresento os significados e representações que os jovens pais e mães mostram como marcos de um processo de amadurecimento. Assim, os dados da pesquisa mostram que a parentalidade na juventude é um fenômeno que atinge social e economicamente de forma diferente os jovens e a rede social na qual estão inseridos.

Palavras-chave: juventude, fases de vida, gravidez na adolescência, sexualidade, gênero, paternidade e maternidade, representação social.

Abstract

The present dissertation is an anthropological study of the representations about the transition of life from youth to adult life of young people whose age range from 15 to 24, belonging to popular segments of society, such as low-medium and medium, after they have experienced motherhood and fatherhood, in Porto Alegre and surrounding areas, in the State of Rio Grande do Sul. At first, I present how the idea of youth is constituted, highlighting the importance of the historical process and contexts involved in this classification. Then I analyse how the young people who contributed to this research are living their youth nowadays, before they become mothers and fathers. I demonstrate how the event of parenthood is lived by them, considering that motherhood and fatherhood do not signify an immediate change from youth to adult life. Finally, I present the meanings and representations attributed to the process of growing by young fathers and mothers. The research data show that parenthood affect young people and the social network to which they belong socially and economically in different ways.

Key words: Youth, phases of the life cycle, teenager pregnancy, sexuality, gender, parenthood, social representation.

Sumário

INTRODUÇÃO.....	3
CAPÍTULO 1.....	12
METODOLOGIA	12
1.1 - PRODUZINDO RELAÇÕES ENTRE PESQUISADORA E PESQUISADOS	15
CAPÍTULO 2.....	21
AS FASES DE VIDA	21
CAPÍTULO 3.....	27
E SENDO JOVENS.....	27
ANTES DE ENGRAVIDAR	27
APRENDENDO.....	29
3.1 - EM BUSCA DE AUTONOMIA	33
SAINDO DE CASA E TRABALHANDO.....	36
3.2 – “CURTINDO”	40
“FICANDO”	1
“DANDO BANDA”	47
“CURTINDO” APÓS O CASAMENTO E A PARENTALIDADE.....	49
3.3 - ENTRANDO NA VIDA CONTRACEPTIVA.....	51
AH, O AMOR.....	53
O “CALORÃO”	54
PREVENIR?	55
O JOGO.....	58
O ABORTO.....	60
3.4 - PRETENDENDO FICAR GRÁVIDA.....	63
A INFLUÊNCIA DAS CONDIÇÕES FINANCEIRAS	65
DESEJANDO E REJEITANDO A GRAVIDEZ.....	67
CAPÍTULO 4.....	70
MÃES E PAIS JOVENS.....	70
INFORMANDO A FAMÍLIA	72
“MEU MUNDO CAIU”	1
4.1 - A CONVIVÊNCIA COM AS FAMÍLIAS.....	76
OS CONFLITOS FAMILIARES.....	79
MORANDO COM A FAMÍLIA DE ORIGEM DELA OU DELE	80
OS SERVIÇOS DOMÉSTICOS.....	82
PREOCUPAÇÃO COM OS JOVENS E CUIDADOS COM A CRIANÇA.....	84
A COR DE PELE.....	86
4.2 - FICAR JUNTOS OU NÃO?	92

4.3 - ALGUNS CONFLITOS	100
4.4 - SENTINDO A GRAVIDEZ, A MATERNIDADE E A PATERNIDADE	104

CAPÍTULO 5..... 110

E TENDO CRESCIDO...	110
5.1 - EMBALANDO O FILHO.....	110
5.2 - USANDO MÉTODOS CONTRACEPTIVOS.....	114
5.3 - EDUCANDO OS FILHOS.....	117
EDUCANDO MENINOS E MENINAS	118
TRANSMITINDO VALORES	121
MULHERES EDUCANDO, HOMENS EDUCANDO	122
O ROCK.....	124
MENINAS ENGRAVIDAM, MENINOS USAM DROGAS	125
A DISTÂNCIA DO PAI.....	125
5.4 - TORNANDO-SE RESPONSÁVEL	126
O RAPAZ	128
MÃE DE FAMÍLIA	131
O TRABALHO FEMININO.....	132
BRINCADEIRA DE CRIANÇA.....	136
CAMADA POPULAR E TRABALHO	137
CAMADAS MÉDIAS E TRABALHO	138
AS DIFERENTES RESPONSABILIDADES	141
5.5 – JOVENS AVALIAM SUAS EXPERIÊNCIAS COMO PAIS E MÃES	141

CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 144

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 150

Introdução

“Todos os dias quando acordo, não tenho mais o tempo que passou. Mas tenho muito tempo: temos todo o tempo do mundo (...) Sempre em frente. Não temos tempo a perder (...) Não tenho medo do escuro, mas deixe as luzes acesas agora... Somos tão jovens.” (Renato Russo)

A presente dissertação de mestrado é o resultado da realização de uma pesquisa acerca da experiência da maternidade e paternidade na juventude. Tenho como objetivo principal analisar as representações sociais de transição de fase de vida de jovens pais e mães de segmentos populares, médio-baixos e médios, em Porto Alegre e Grande Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Para tanto, analisarei os relatos desses jovens sobre suas histórias de vida, destacando os significados atribuídos aos momentos de suas trajetórias. Demonstrarei, através dos depoimentos, como essas pessoas apresentam suas práticas e idéias a respeito de juventude, maternidade e paternidade e sobre o amadurecimento, tendo como base diferentes momentos vividos¹.

Muitos discursos sobre a parentalidade² e a juventude são produzidos pela mídia televisiva e escrita, dentre outras³. Não raro vê-se referência às idealizações sobre os eventos mais apropriados para essa fase de vida e, ainda, sobre o contexto mais apropriado para ter-se um filho. Esses discursos são expressos sem apresentar nem se preocupar com a forma como esse evento ocorre na prática e sobre o que os próprios jovens pensam a respeito. Assim como a problematização advinda da área biomédica enfoca a gravidez entre jovens de “pouca idade” a partir de uma perspectiva de estabelecimento do momento mais apropriado fisiológica e “mentalmente” para tal evento e para a vivência da sexualidade (Ryde-Blomqvist, 1975; Rauh e Biro, 1986; Richardson e Schuster, 2002).

¹ Debates a respeito das categorias juventude e adolescência podem ser encontrados nos trabalhos de Leal, 2003 e Reis, 2000.

² “O termo *parentalidade* engloba a idéia de maternidade e de paternidade. O neologismo visa suprir a falta de uma palavra em português, correspondente a *parenthood* na língua inglesa (Heilborn, 1993:69)”.

³ Ver página da internet www.maternidade.hpg.ig.com.br ou www.obj.org.br/revistaobj.

Segundo Heilborn et al. (2002) a gravidez na adolescência é abordada pela mídia como um “problema social”, assim como também pela medicina como um “problema médico”⁴. Ou seja, considerando que o evento da gravidez entre pessoas adolescentes estaria interferindo na “juventude”, na “saúde” e na “felicidade” das mesmas. Todos esses conceitos teriam, portanto, uma forma e um conteúdo pré-estabelecidos para os jovens. Dessa forma, observa-se que esse evento é abordado de maneira generalizante, como se a gravidez ocorresse dentro do mesmo contexto para todos os jovens.

Tendo como base essas críticas é que esta pesquisa se propôs a estudar tal temática, incluindo também outros marcadores de passagem de fase de vida. Esta é uma abordagem inicial sobre tais questões que considera e toma como referência outros estudos sobre as temáticas juventude, gravidez, sociabilidade jovem e conflitos geracionais. Para tanto, proponho-me a estudar o ponto de vista dos jovens a respeito de suas trajetórias, tendo como algo em comum entre eles o evento de parentalidade e a fase de vida.

Uma pesquisa desse tipo justifica-se por sua dimensão atual e futura. Atual no que diz respeito a uma fase de vida muito valorizada hoje em dia, sobre a qual tem-se produzido muitos discursos (o médico, o midiático, o psicológico⁵), além de choques de gerações na sua forma de experienciar a vida. Segundo Abramo (1994), o conflito de gerações diz respeito à semelhança das experiências que são consequência das condições históricas vividas por um mesmo grupo etário. Assim, constrói-se uma forma de “sentir, pensar e agir” durante a juventude que localiza a contestação do processo de transmissão da herança cultural da sociedade dos tempos atuais. Por outro lado, Salem (1980) investiga os conflitos geracionais a partir das rupturas e continuidades em relação às gerações precedentes e à família. Colocando em questão os confrontos entre o velho e o novo, considerando que as fronteiras entre as gerações não são rígidas e que as gerações se influenciam mutuamente. Dessa forma, esta pesquisa analisa e mostra a maneira como os próprios jovens apresentam essa fase de vida, em particular, após o evento da parentalidade.

⁴ Para ver um estudo sobre “Os jovens suburbanos e a mídia” ler Alvim & Paim (2000).

⁵ Essa valorização pode ser observada através do Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), assim como por um discurso socialmente difundido e até mesmo um debate acadêmico que é feito

Quanto à dimensão futura, esta pesquisa considera as expectativas que socialmente se constrói de futuro para os jovens, que são vistos como representantes da geração que está construindo um estilo de vida e relações para o “amanhã”. Temos como ponto de partida para essa reflexão, concordando com Minayo et al. (1999), a imagem de juventude de músicas fortes, ritmos velozes, estilos pluralistas e movimentados, angústias, problemas, expectativas, sonhos, um leque de incertezas e tendências.

Assim, considere as expectativas e os diferentes contextos sociais em que os jovens pesquisados estão envolvidos, para produzir um diálogo entre expectativas, vivências e conflitos (Desser, 1993; Galland, 1997; Minayo, 1999; Gouveia, 2000; Machado, 2000; Heilborn et al., 2002; Rieth, 2002). Essas expectativas em relação aos jovens dizem respeito à necessidade de maior escolarização, à relação sexual dissociada da reprodução, a novos ideais quanto às idades para a parentalidade e para o casamento, e ainda, ao quanto é possível “aproveitar” a vida antes de constituir uma união conjugal e de tornar-se pai ou mãe. E no que diz respeito principalmente às mulheres, é possível perceber que boa parte dos discursos mais atuais buscam estimular uma maior importância à atividade profissional, o que já ocorria na vida dos homens.

A contribuição desta dissertação deve situar-se mais no sentido de dar visibilidade à forma como esses jovens com idade entre 15 e 24 anos experienciam a maternidade e a paternidade, como esse evento é visto na relação com fase de vida, quais outros marcadores estão sendo apontados como mudança de fase de vida e como essas expectativas se vinculam com as acima citadas. Esse recorte de idade tem por finalidade estabelecer um diálogo com as noções correntes por parte de outras áreas do conhecimento e do senso comum sobre gravidez, em uma fase de vida considerada “precoce” ou “gravidez na adolescência”.

De maneira geral, estamos familiarizados com esse fato social. Mas no que se refere à maternidade e à paternidade, as expectativas individuais e as expectativas associadas ao “mundo adulto”, para os jovens, podem ser bastante diferenciadas. O engravidamento e as conseqüências da parentalidade na

a respeito de fases de vida e que em momento algum deixa de referenciar a juventude vista socialmente como um momento ideal.

juventude são resultados de múltiplos fatores que estaremos discutindo ao longo desse trabalho. Não há sugestão de hierarquizar de forma única esses fatores como mais ou menos explicativos desse evento. O peso de cada fator varia de acordo com a temporalidade experienciada, com as perspectivas e o contexto dos sujeitos envolvidos.

Nesse percurso, foi possível observar a influência de valores morais, compartilhados socialmente, nas experiências desses jovens. Para Duarte (1986), existem valores que são compartilhados por um amplo segmento da sociedade nacional e que pela sua complexidade, eficácia, intensidade e flexibilidade estão embutidos nas representações gerais. Os valores são como uma linguagem em comum produzindo significados e orientando os sujeitos em suas práticas diárias. Por exemplo, segundo Guedes (1997), as concepções de homem e trabalhador podem estar intrinsecamente implicadas. Quando o menino começa a tornar-se homem, ele deve “construir-se e ser construído também como trabalhador”. Assim, a relação com o valor-trabalho está associada a questões de obrigação e respeito, conferindo dignidade a quem esteja de acordo com ele. Isso principalmente quando o jovem é analisado a partir de uma perspectiva considerada adulta. Essa perspectiva estaria elegendo discursos e práticas que conferem maior status ao jovem e o aproximam da condição de adulto. Sendo assim, podemos considerar hipoteticamente que muitas situações que estarei analisando estão mediadas pelos valores que perpassam nossa sociedade de maneira geral e, de maneira específica, cada geração.

Dumont (1993) considera que a noção de *valor* é aquilo que faz a diferença numa relação hierárquica, é aquilo que é capaz de englobar um conjunto de idéias compartilhadas a respeito de uma situação e se opor ao seu contrário. Ao deparar-se com um evento concreto, um valor deve ser reconhecível de maneira generalizável e banal. Assim como, dependendo do universo em questão, poderá haver uma “configuração de valores”. Nesse sentido, estaremos utilizando a noção de valor incluindo não somente o “valor-trabalho”, como o “valor-família”, o “valor-natalidade” (abarcando a maternidade e a paternidade) e o “valor-estudo” que como observamos nessa pesquisa, são fortemente

compartilhados pelos informantes e pela sociedade brasileira de modo geral⁶. Outra questão a ser abordada é a diferença entre as gerações e a forma como os valores as perpassam.

Dentro desse propósito, pretendo analisar qual a intensidade desses valores para os jovens pais e mães entrevistados e os conflitos experienciados em decorrência deles. Nesse sentido, as relações que me interessam focar nesta dissertação estabelecem-se entre pais e jovens, jovens e jovens e jovens e filhos, reconhecendo que há uma preeminência da fase de vida adulta em relação à juventude (Duarte, 1986:182). Demonstrarei alguns tipos de relações que esses jovens estabelecem com a identidade adulta e a identidade jovem e quais valores estão perpassando essas, sob vários aspectos apontados dentro desse estudo com jovens pais e mães. A identidade adulta, por exemplo, é bastante associada a eventos como o trabalho, o casamento e o nascimento de filhos; ou seja, marcada pelas “responsabilidades” e por uma associação ao “valor-família”. Com isso, objetivo analisar o tipo de valorização atribuída pelos jovens à condição “adulta”.

Tudo sugere que o evento da gravidez demanda uma certa conformidade com valores associados a uma forma adulta de ser. Nessa situação, os jovens são pressionados pelos adultos, de modo geral, a afastarem-se das práticas e idéias associadas à juventude. Essas práticas e idéias permitiam que o jovem pudesse, por exemplo, considerar-se “louquinho”, agindo impulsivamente, sem muitas reflexões a respeito das conseqüências de seus atos. Dentro dessa linha, as idéias de busca de autonomia e “curtição” para a juventude serão analisadas nos relatos dos informantes, considerando que elas dizem respeito a representações e práticas dessa fase de vida. Essas posturas e discursos existem em relação também a representações sobre adultez que eles passam a acionar e agir de acordo com elas quando começam a se representar como adultos.

Entretanto, o evento da gravidez e o nascimento da criança impõem um momento novo para a vida desses jovens que, na maioria das vezes, precisam de um tempo para acostumar-se com a idéia e sentirem-se pais ou

⁶ Ver uma discussão mais ampla a respeito da noção de valores e também sobre o “valor-indivíduo” em Duarte (1986).

mães, incorporando os discursos e posturas exigidos. Porém, isso não ocorre sem contradições e ambigüidades. Segundo os entrevistados, a maternidade e a paternidade “fazem crescer” e nesse sentido, demonstrarei o que eles estão considerando como crescimento e quais os marcos ou situações que apresentam esse crescimento. É relevante afirmar que o fato de os jovens incorporarem ou terem a noção da importância de sua adequação aos padrões exigidos, não quer dizer que eles abandonem completamente suas práticas e formas de pensar anteriores à parentalidade, veremos como isso ocorre.

Nesta dissertação, estarei refletindo sobre a idéia de transição, de passagem de fase de vida baseada em autores como Van Gennep (1978) e Turner (1974), para quem os ritos de passagem são compostos por situações de mudança de lugar, estado e posição social de idade. Para Turner (1974), a vida social é uma espécie de processo dialético que abrange experiências sucessivas. Nesse sentido, é preciso dizer que não estaremos trabalhando com a maternidade e a paternidade na juventude ou outros eventos dentro da idéia de ritual, mas sim como um processo de passagem. Isso porque dentro do evento da parentalidade não há um momento em que se possa discriminar como o ponto culminante em que a pessoa passou de um status a outro. Em cada capítulo desta dissertação, poderemos ver que as passagens de uma fase para outra ocorrem dentro de uma perspectiva processual em que cada sujeito estará experienciando temporalidades e contextos diferentes. Cada sujeito estará também significando os eventos em sua vida de forma diferente, dando indicações sobre os momentos de mudança.

....

O capítulo “Metodologia” apresenta brevemente os jovens entrevistados nessa pesquisa, o recorte de idade, as camadas sociais a que pertencem e as idades atuais e em que tornaram-se pais e mães. Também apresento a metodologia e as técnicas utilizadas nas entrevistas, refletindo sobre a receptividade dos entrevistados quanto à proposta da pesquisa. Assim, um pouco do contexto desses jovens é colocado como pano de fundo para que nos capítulos seguintes sejam propostas as problemáticas a serem discutidas. Além disso, discuto alguns dilemas da relação com esses entrevistados, as questões que nos aproximaram, as emoções e a convivência da pesquisadora com os

dramas da vida dessas pessoas. Nesse capítulo, portanto, são abordadas algumas das questões éticas com as quais o Antropólogo se depara em situações de pesquisa.

No capítulo “As Fases de Vida” apresento o debate sobre fases de vida a partir de autores como Ariès, Badinter, Elias, chegando a pesquisadores que trabalham com questões sobre juventude na atualidade. Esse capítulo tem a finalidade de transmitir noções a respeito da forma como construiu-se a idéia de juventude, afirmando a importância do processo histórico e dos contextos envolvidos nestas classificações. Assim, primeiramente discuto a diversidade de representações para a juventude, a partir das áreas do conhecimento e a juventude como uma categoria social. Alguns autores fazem a relação da idéia de fases de vida associando cada uma a um determinado tipo de prática. Essa idéia é precedida já no século XIV por uma classificação de idades da vida a partir de funções sociais. Passamos também por uma abordagem sobre a relação adulto/jovem como determinante de alguns conflitos geracionais. Chegando a representações sobre juventude que elencam diversas dimensões como compartilhamento de experiências, postura perante o mundo, estilo de vida, dentre outras. E por fim, através desta pesquisa, constata-se que a parentalidade pode surgir como uma forma de passagem rápida da fase jovem para a fase adulta.

No terceiro capítulo, “E Sendo Jovens...”, analisei o processo de conquista da juventude. São apresentados relatos dos jovens sobre a vida antes de tornarem-se pais e mães. Em seguida, reflito sobre a idéia de aprendizado que ocorre com a convivência entre os jovens e com a necessidade deles estabelecerem-se dentro das suas representações sobre juventude. Discuto as tentativas de conquista de autonomia desses jovens entrevistados perante o “mundo adulto”, chegando a uma forma de experienciar as situações da vida que os jovens desta pesquisa intitulam como “curtição”. Daí passamos para a entrada desses jovens na vida contraceptiva, abordando as relações afetivo-sexuais estabelecidas por eles, as formas de administrar ou não os métodos contraceptivos e seus dilemas sobre a vida sexual. Por último, nesse capítulo, apresento a idéia “pretendendo ficar grávida”, que são os casos daqueles jovens

que pretendiam viver essa experiência e manifestaram isso nas entrevistas e, por outro lado, os casos dos jovens que rejeitaram essa situação.

No capítulo “Mães e Pais Jovens” demonstrarei, conforme os relatos dos entrevistados para essa pesquisa, como o evento da parentalidade é experienciado por eles. Início com a idéia de que a maternidade e a paternidade não provocam um rompimento imediato com a fase da juventude. A partir disso, discuto as diferenças de tratamento do evento da gravidez nas famílias e apresento alguns relatos de jovens que consideraram que “seu mundo caiu” a partir da gravidez. Isso não quer dizer que rapidamente não tenha sido dada uma solução para essa sensação de forma que se tornasse suportável experienciar esse momento. Assim, também apresento a convivência desses jovens com a família a partir da parentalidade e alguns conflitos provenientes dessa convivência. Também analiso as negociações que os jovens pais e mães passam a fazer a partir dessa experiência, como se ficaram juntos ou não. A partir dessas negociações, demonstro alguns conflitos que podem ocorrer entre os parceiros que estão vivenciando uma gravidez. Termino o capítulo discutindo a idéia “sentindo a gravidez, a maternidade e a paternidade”, ou seja, a forma como os jovens entrevistados manifestam ter percebido a gravidez.

Por fim, no capítulo “E Tendo Crescido...” apresentei os significados e representações que os jovens mostram a partir de suas experiências com a maternidade e a paternidade como marcos de um processo de amadurecimento. Esse processo diz respeito a questões como não poder voltar atrás após tomar uma decisão ou estar diante de uma situação como a parentalidade, a mudanças na forma de lidar com métodos contraceptivos e, ainda, à preocupação com o cuidado e a educação dos filhos. Em seguida, analiso as representações e práticas dos jovens quanto à responsabilidade com a criança e as relações com o trabalho, tanto para os rapazes quanto para as moças. E, finalmente, os jovens avaliam suas vivências como pais e mães e passam suas impressões sobre mudanças e continuidades em suas vidas.

Todas essas reflexões estarão baseadas na idéia de que as pessoas vivem socialmente em “redes de significações” e é através dessas redes que podemos perceber as representações para as fases de vida e os diversos eventos que podem estar marcando essas fases (Geertz, 1989). Compartilhando dessa

forma de análise estarei desenvolvendo esse estudo a respeito das representações de fase de vida a partir da maternidade e paternidade.

Capítulo 1

Metodologia

A metodologia escolhida para essa pesquisa é do tipo qualitativa visando compreender a trajetória de vida de jovens. Utilizou-se a técnica de entrevistas semi-dirigidas para que houvesse possibilidade de estabelecer comparações entre as histórias apresentadas pelos jovens. Nessas entrevistas, os informantes eram estimulados a contarem suas vidas desde seu nascimento, contextualizando também a situação familiar, de modo que fôssemos conversando sobre cada fase de vida, até chegar às experiências mais recentes⁷. Também foi possível realizar observações participantes em alguns casos. Compartilhei de momentos do cotidiano de jovens pais e mães, na relação com seus filhos, na relação com o parceiro ou parceira, nas atividades diárias, na relação com as famílias e até mesmo grupos maiores, em comemorações para as quais fui convidada, como um aniversário e um show de rock.

Foram entrevistados 18 jovens, sendo 09 moças e 09 rapazes, nas idades entre 15 e 24 anos, nos anos de 2002 e 2003, em Porto Alegre e Grande Porto Alegre, no Rio Grande do Sul⁸. Sendo um trabalho antropológico, elaborado através da metodologia de pesquisa qualitativa, este estudo não se pretende representativo estatisticamente. Esta dissertação apresenta casos exemplares através das experiências de jovens pais e mães que refletem e narram passagens de suas histórias de vida. A escolha desse número de pessoas diz respeito à busca de diversidade. Certamente, com 18 jovens foi possível perceber diferentes experiências de vida que, como demonstrarei, foram enriquecedoras para o trabalho.

Para este estudo, entrevistar pessoas com as idades apontadas acima tem como objetivo criar uma possibilidade de diálogo com a literatura sobre gravidez na adolescência e sobre juventude. O período etário entre 15 e 24 anos não é um recorte biológico, mas um recorte sobre juventude que é social e também arbitrário. Além disso, esta pesquisa extrapola um pouco a faixa etária determinada como gravidez na adolescência, que é considerada até os 20 anos, para abrir a possibilidade de envolver jovens que já passaram por essa experiência em épocas anteriores de sua vida. Por exemplo, uma das jovens tem 22 anos e um filho com 7 anos.

A título de caracterização dos jovens, no que refere à escolaridade, segue o quadro:

⁷ Segundo Velho (1989), ao entrevistarmos pessoas de nossa sociedade desencadeamos um processo de conhecimento sobre ela e ainda um processo de autoconhecimento.

⁸ O debate a respeito dos limites entre as fases de vida e a própria caracterização das fases de vida é bastante extenso e pode ser analisado brevemente no capítulo “As fase de vida” com a abordagem de alguns autores. Para fins dessa pesquisa, usei a classificação de juventude conforme OMS - Organização Mundial de Saúde e UNESCO. O objetivo de seguir esse recorte etário está em abrir

Escolaridade	Mulheres	Homens
Ensino fundamental incompleto	3	2
Ensino fundamental completo	-	-
Ensino médio incompleto	2	1
Ensino médio completo	2	6
Superior incompleto	2	-
Superior completo	-	-

Quanto ao trabalho, todos os rapazes e quatro moças trabalham. No que diz respeito à classificação sócio-econômica desses jovens, estaremos considerando, mais que a renda (bastante variável e imprecisa nessa fase de vida), os gostos de classe e estilos de vida⁹. Para Bourdieu (2001), a posição numa estrutura social não pode ser definida de um ponto de vista estático, como “superior”, “média” ou “inferior”, numa dada estrutura e num dado momento. O trajeto social é relevante e deve ser considerado. Os acontecimentos que marcam a trajetória de vida social de indivíduos ou grupos são parte de um todo que forma uma trajetória que hora produzem progressão, hora produzem regressão. Essas situações devem ser analisadas sob pena de perder-se informações que definem a experiência da posição como etapa de ascensão ou descenso social. Consideramos, então, tanto as condições econômicas em termos de recursos financeiros adquiridos através do trabalho ou benefícios do Instituto Nacional de Seguridade Social (INSS), como aspectos relativos a projetos de vida, aspirações, escolaridade, como indicadores de classe.

Este estudo considera que há uma complexidade própria da análise de condições sociais, econômicas e culturais quanto à trajetória de uma pessoa. Isso torna a classificação em termos de pertencimento de classe uma questão bastante delicada e relativa. A categorização aqui apresentada não se pretende como definitiva, tampouco pretende ser reducionista da trajetória desses jovens,

possibilidade para diálogo e comparações com a bibliografia existente sobre o fenômeno da gravidez na adolescência.

⁹ “As diferentes posições no espaço social correspondem estilos de vida, sistemas de desvios diferenciais que são a retradução simbólica de diferenças objetivamente inscritas nas condições de existência. As práticas e as propriedades constituem uma expressão sistemática das condições de existência (aquilo que chamamos estilo de vida), porque são o produto do mesmo operador prático, o *habitus*, sistema de disposições duráveis e transponíveis que exprime, sob a forma de preferências sistemáticas, as necessidades objetivas das quais ele é o produto...” (Bourdieu, 1983:82)

mas acredito que seja elucidativo apresentar alguns dados sobre a situação sócio-econômica deles.

Assim sendo, as trajetórias de vida de seis informantes (Carol, Débora, Luciana, Daiane, Gisele e Antônio¹⁰), são marcadas por uma origem menos privilegiada, seja por acontecimentos de suas vidas como a desistência da escola (a maior parte deles, ainda no primeiro grau), como por gostos, vocabulário e estilo de vida de camadas populares. Em seus depoimentos, não foram mencionadas perspectivas de vida que proporcionassem a retomada dos estudos (ainda que apresentem um discurso que atribui importância do estudo para seus filhos), a conquista de uma carreira promissora, ou relacionamentos afetivo-sexuais que propiciassem ascensão social. Por conta própria, ou ajudados por parentes, eles permanecem em condições de vida bastante simples.

Nove dos informantes foram classificados como atualmente pertencentes a camadas médias-baixas (Pitty, Jurema, Danilo, Marcelo, Everaldo, Leandro, Rodrigo, Carlos e Émerson). De maneira geral, elas possuem condições financeiras que apresentam a necessidade de trabalhar, mas o fato de não trabalharem não representaria carências alimentares ou quanto à moradia, apenas haveria perdas quanto ao lazer, ao modo de vestir, ou à possibilidade de fazer um cursinho pré-vestibular, por exemplo. São pessoas que demonstram, em maior ou menor grau, expectativas de vida bastante associadas à educação formal, segundo grau completo, alguns fazem cursinhos preparatórios para o vestibular; os que trabalham possuem atividades dentro do esperado para a escolaridade que possuem, e os gostos e estilo de vida denotam expectativas de ascensão social.

Três desses jovens encontravam-se associados à classe média (Fátima, Dilma e Israel). De maneira geral, eles possuem características em suas trajetórias de vida bastante próximas das pessoas classificadas como pertencentes à classe média-baixa, com o diferencial de um padrão econômico de vida acima dos demais, propiciados pelas famílias de origem e por casamentos que possibilitaram ascensão social. Foram pessoas que freqüentaram escolas consideradas, de maneira geral pelos porto-alegrenses, de qualidade, sendo elas

¹⁰ Os nomes aqui utilizados são nomes fictícios, visando questões éticas, prezando pela não identificação dos jovens entrevistados.

públicas ou particulares. Eles fazem ou fizeram cursos de línguas e possuem um círculo de amigos que freqüentam os mesmos espaços sociais associados à classe média e as duas moças já estão em universidades.

1.1 - Produzindo relações entre pesquisadora e pesquisados

Todos os entrevistados apresentaram-se bastante receptivos, alguns contando sobre sua vida de maneira mais ilustrativa, mais detalhada, com datas e horários, demonstrando um certo gosto por falar sobre suas experiências. Outros, sendo mais breves, apresentando versões mais objetivas, realizando uma seleção de fatos a serem relatados num conjunto mais amplo de experiências.

Considero que a relativa facilidade de diálogo com os sujeitos da pesquisa é decorrente da forma como cheguei até essas pessoas e de uma certa proximidade entre a idade da pesquisadora e dos pesquisados. Os jovens foram convidados a participar da pesquisa por indicações solicitadas pela pesquisadora a partir de pessoas de suas relações. Num segundo momento também os próprios entrevistados ofereciam-se para apresentar amigos que eram pais ou mães¹¹. O fato de estar sendo apresentada por pessoas que já tinham laços de amizade com os entrevistados conferia uma perspectiva de confiança na relação entre pesquisador e pesquisado. Também a proximidade de idade entre sujeito da pesquisa e entrevistador revelou-se como uma questão facilitadora para os diálogos. Tudo isso contribuiu para o estabelecimento de uma certa cumplicidade, uma idéia de que estavam dialogando dentro de uma linguagem compartilhada por mim, tanto no que se refere a gírias e práticas, quanto no que se refere a significados¹². A convivência com essas gírias propiciou um certo nível de aprendizado e familiarização da entrevistadora com o vocabulário utilizado por boa parte deles.

Segundo Laraia (1998), “nós trocamos as informações e a confiança de nossos informantes pela nossa discrição”. Dessa forma, os diálogos estabelecidos com os jovens informantes e as narrativas apresentadas dependiam do grau de confiança que se estabeleceu entre pesquisador e sujeito da pesquisa. E ainda, esses relatos somente foram possíveis a partir do comprometimento com os jovens, deixando claro que esses dados não seriam utilizados de forma a expor os indivíduos

¹¹ Neste estudo, as redes de amizade fazem muito sentido para os jovens entrevistados. Poderemos ver no desenrolar desta dissertação que, em muitos momentos, essas relações são determinantes de formas de sociabilidade e vivências das fases e eventos da vida. Segundo Boissevain (1987), as redes sociais refletem a maneira pela qual as relações interpessoais são estruturadas e influenciadas, no modo como os indivíduos procuram manipulá-las para atingir objetivos e resolver problemas. Ele acredita que dentro de parâmetros sociais, culturais e ecológicos, as pessoas decidem suas atitudes, redes de relações, considerando o que é melhor para elas.

¹² Não necessariamente isso era um fato, considerando que o grupo a que pertenço, com os quais divido situações de trabalho e descontração, estão mais associados a um meio acadêmico e aos vocabulários, piadas, práticas e significados deste provenientes.

que prestaram as informações. Assim, é possível perceber que o fato de a pesquisadora não ser alguém da rede de relações direta desses jovens propiciava um clima de confidencialidade. Muitos deles manifestavam que o fato de estarem sendo entrevistados por uma pessoa fora de suas relações oportunizava que eles não precisassem fazer as seleções de fatos a serem narrados que são feitas perante amigos, parentes e colegas de aula ou serviço.

Devido à forma de cada um dos indivíduos contar suas histórias e ao estabelecimento de relacionamentos de amizade, na situação de pesquisa, foi possível ainda o retorno à casa dos mesmos e sessões de observação participante¹³. Assim, retornei algumas vezes para darmos continuidade às entrevistas e outras tantas vezes a título de visita, sem roteiro, apenas compartilhando da convivência com os jovens. Dessa forma, compartilhei do cotidiano delas, ocasiões em que preparavam refeições (almoço, lanches, mamadeiras), alimentavam os filhos, trocavam fraldas e davam banho nos bebês. Observei também suas relações com o trabalho e a interferência da família na rotina dos jovens e dos seus filhos. Além de situações familiares na relação com o pai ou a mãe da criança.

As entrevistas realizadas tiveram duração de até dezesseis horas, sendo divididas em sessões de aproximadamente três horas cada encontro. Os encontros ocorreram em locais como o domicílio da pessoa, uma praça, um bar ou a universidade (UFRGS). Em alguns casos, o fato de estar dentro da casa dos entrevistados proporcionava a observação de conflitos familiares, xingamentos quanto aos cuidados com a criança, ou quanto a atividades domésticas, entre outros, todos tomados como dados de pesquisa.

Os jovens pesquisados, em sua maioria, apesar de um pouco reticentes no início de suas falas, com o passar das horas demonstravam uma certa descontração. E conforme o andamento das entrevistas, eles demonstravam ter compreendido qual era a intenção da pesquisa e, ainda, a forma como era proposto que eles contassem sobre suas trajetórias de vida. Além disso, segundo alguns rapazes e moças, as entrevistas apresentavam-se como oportunidades de reflexão sobre a maternidade, a paternidade e os acontecimentos da vida de modo geral. Muitos deles afirmavam ainda não terem pensado, de forma mais sistemática, nesses assuntos.

Por isso, os encontros para entrevistas, produziam muitos sentimentos expressos entre gargalhadas, seriedade, choro, frustração e satisfação. Para Velho (1989), a subjetividade, como representação ou como conteúdo, só pode ser explicada pelo social. Sendo assim, na presente dissertação, consideramos que os jovens iam apresentando seleções de fatos que eles acreditavam serem significantes para a pesquisa e diziam respeito a suas memórias e a suas experiências. Segundo Amado (1995), é necessário distinguir o vivido e o recordado, aquilo que aconteceu e o que se recorda daquilo que aconteceu. Nesse sentido, faz-se importante expor o tempo transcorrido entre o evento do nascimento da criança e o momento em que esses jovens relatavam suas histórias, conforme segue:

¹³ Thiollent (1980) afirma que a observação é um questionamento e é dessa forma que pretendi trabalhar a observação. Considerei que também através das observações é que poderiam surgir questões impensadas pela pesquisadora, fazendo com que se retomassem os referenciais

Nome	Pai/mãe aos	Idade na entrevista
Carol	15 anos	21 anos
Daiane	15 anos	22 anos
Débora	15 anos	16 anos
Fátima	23 anos	24 anos
Gisele	18 anos	22 anos
Jurema	19 anos	19 anos
Dilma	17 anos	20 anos
Luciana	17 anos	18 anos
Pitty	21 anos	23 anos
Danilo	20 anos	20 anos
Israel	16 anos	17 anos
Antônio	15 anos	23 anos
Marcelo	21 anos	21 anos
Everaldo	19 anos	23 anos
Leandro	17 anos	18 anos
Rodrigo	20 anos	24 anos
Carlos	18 anos	24 anos
Emerson	20 anos	21 anos

O motivo dessa referência deve-se ao fato de que é possível que o tempo transcorrido entre o evento e sua narração seja importante na medida em que pode manifestar algumas diferenças entre os relatos. Assim como é preciso considerar que dependendo do tempo que passou entre o nascimento do filho e a sua idade atual, também as emoções, as experiências, os significados atribuídos aos momentos vão conformando-se e vão adquirindo outras importâncias para esses jovens.

As pessoas que haviam passado recentemente pelo nascimento do filho relatavam com muitos detalhes os eventos que envolviam essa situação e ainda não tinham muita experiência no que diz respeito à educação de suas crianças. É o caso de Jurema (19 anos, 01 filha de cinco meses na ocasião da entrevista) que contava, com muitos detalhes, o momento da descoberta da gravidez,

teóricos, os roteiros e até mesmo a temática para abordar o “novo”. Foi assim que cheguei até a representação de fase de vida a partir da experiência da maternidade e paternidade na juventude.

sua relação com a barriga de gestante, o que isso mudou na relação com o pai da criança, a dissolução da relação, outros namoros, o dia do nascimento do bebê, os diálogos com o corpo médico que lhe atendeu, os cuidados com a criança e os conflitos com sua mãe. Eram nessas memórias que se centrava toda a narrativa de Jurema, não havendo experiências quanto à educação da criança nem muitas reflexões a respeito da questão. Também esses jovens ainda estavam adaptando-se à situação e tomando decisões sobre morar ou não com o parceiro ou parceira, sobre as relações de moradia que teriam que ser estabelecidas, sobre como resolver certos conflitos familiares, dentre outros. Enquanto os jovens que tinham filhos maiores apresentavam situações práticas e algumas elaborações teóricas sobre educação, como Daiane (22 anos, 01 filho de 7 anos) e Carlos (24 anos, filha mais velha com 5 anos), respectivamente:

Eu sou muito é de conversar, teve uma época que eu era muito de bater, qualquer coisinha errada eu já estava dando nele. Quando eu comecei a trabalhar eu não bati mais, eu sento e converso, explico as coisas para ele direitinho, tu não faz assim...

Mas também não é aquilo assim, porque tem o bater e o bater, eu bato nela nas regiões que tu possa, tipo na bunda, ou na perna, nunca assim no corpo, em outras partes para não prejudicar a criança. Porque dependendo, por mais errada que esteja a criança, tu não pode chegar agredindo muito ela. Como elas têm a cabeça muito avançada, um dia elas vão chegar para mim e para a Paula e vão dizer porque que elas estão fazendo tal coisa, elas vão dizer 'ah, se lembra de tal dia' e vai ser xarope para mim e vai ser xarope para elas. Como eu nunca tive esse remorso assim, todas as vezes que eu apanhei legal eu sabia o porquê. Eu prefiro usar a mesma tática assim...

Esses pais também, de maneira geral, demonstravam-se mais próximos ao “mundo dos adultos”, não tanto no que diz respeito às práticas, mas no que diz respeito aos discursos sobre a criação dos filhos, à relação com o companheiro ou companheira e quanto ao trabalho.

Conforme comentários de alguns dos sujeitos da pesquisa, as entrevistas eram momentos de lembrar suas experiências, eram oportunidades de ter alguém que os ouvisse e tivesse interesse por essas histórias. Alguns dos jovens, ao final da entrevista, aparentavam um interesse por falar mais, ofereciam-se para quaisquer outras perguntas que a pesquisadora quisesse fazer, ou para o caso de ter havido algum esquecimento. De maneira geral, as entrevistas começavam dentro de um clima exploratório por parte da pesquisadora, num sentido de perceber a forma narrativa do entrevistado e de tentar envolvê-lo na proposta da pesquisa. E, por parte do entrevistado, num sentido de compreender melhor qual seria a proposta deste estudo que demandava que eles narrassem desde seu nascimento. Para Oliveira (1990), dentro de uma discussão a respeito da ética no trabalho de campo, o acordo em torno de normas da relação pesquisador/pesquisado se dá, ainda que teoricamente, como produto de relações dialógicas, abertas

à possibilidade argumentativa. O que pretendo afirmar com isso é que esses momentos iniciais davam-se como estabelecimento das normas de relacionamento entre a pesquisadora e os jovens entrevistados. Disso, decorre que as entrevistas não foram desenvolvidas exatamente no mesmo ritmo. O contexto era levado em conta quanto à apresentação das questões para os entrevistados. Pela própria forma de contar suas histórias, muitos dos entrevistados contemplavam as indagações da pesquisa na ordem que colocavam aos fatos. Diferentemente de outros que eram mais sintéticos e pontuais, exigindo da pesquisadora maiores intervenções para que a narração tivesse continuidade. Assim como, estabeleceram-se relações de amizade e climas de confidencialidade com alguns desses jovens.

Houve também situações onde alguns dos informantes relatavam histórias de vida bastante dramáticas, despertando emoções desconcertantes na entrevistadora, mistos de pena, tristeza e impotência. Como é o caso de Everaldo (23 anos, 01 filho, casado) que, ao contar sua história de vida, narra situações de abuso sexual na infância, agressões físicas entre cônjuges, situações conflituosas de aborto e implicações de possíveis novos casos de gravidez. Ou ainda, o caso de uma informante que certo dia confidenciou: "...se eu estiver grávida de novo, eu vou me matar, se eu não me matar, a minha mãe me mata...". Eu sentia-me bastante preocupada, pois a moça dizia: "...eu vou te contar uma coisa que ainda não contei para ninguém..., eu acho que estou grávida...". Assim, o pesquisador passa a dividir um segredo com seu pesquisado e, ao mesmo tempo, por ser a única pessoa a saber daquela situação, compartilha de certa responsabilidade. Eticamente gera-se um laço entre pesquisador e pesquisado que é difícil de ser experienciado. Uma situação de pesquisa, muitas vezes, cria um comprometimento do entrevistador antropólogo com os atos de seus informantes. Mas a forma como a situação é relatada para o pesquisador faz com que o momento conflituoso vivenciado pelo entrevistado, nesse caso uma possível nova gravidez, passe a ser um problema que também lhe aflige pela responsabilidade de ser a única pessoa a saber, além da possível gestante.

Nesses casos, sentia-me completamente solidária com as dificuldades dos informantes, mas ao mesmo tempo, muito impotente. Ao expressar esse meu desconforto por não ter meios para ajudá-los, sugeriam que o fato de eu estar ouvindo as histórias de suas vidas já era uma grande ajuda. Certamente é uma questão ética constante para o antropólogo o fato de entrarmos na intimidade da vida das pessoas de nossas pesquisas e, de certa forma, dividirmos certas responsabilidades por termos ouvido e presenciado essas histórias e, ao final de tudo, nos afastamos.

Talvez, conversar com a pesquisadora fosse bom porque esta não estava associada diretamente a nenhuma de suas redes de relações, tornando-se uma pessoa neutra que poderia ouvi-los e alguém a quem eles entendiam que não os julgaria por seus atos¹⁴. Como pesquisadora, sentia uma grande satisfação por ter estabelecido esse tipo de relação com alguns deles e pela confiança que me depositavam. Mas isso não esgota uma certa responsabilidade e compromisso que permanecem comigo, mesmo após a pesquisa concluída.

¹⁴ Para saber sobre redes sociais ver Lomnitz (1991), Boissevain (1987) e Bott (1976).

Uma outra questão relacionada à pesquisa antropológica, mais particularmente às entrevistas, é a possibilidade de interferência durante a realização das mesmas. Houve casos de esposas que se recusavam a deixar o marido sozinho até que tivessem entendido bem o tipo de pesquisa de que se tratava. Também houve casos de interferências de mães, situações como baixar a voz quando a mãe se encontrava próxima ao local onde estávamos. Uma das entrevistadas, após sua mãe afastar-se, dizia: "...agora podemos conversar à vontade e eu posso lhe contar bem como aconteceu...". Mas as soluções encontradas nesses casos foram, muitas vezes, conversar em locais públicos e marcar encontros nos dias em que se pudesse falar a sós, sem a presença dessas pessoas. Também, em algumas situações, ocorriam interrupções das entrevistas, como no caso da mãe de uma moça que irrompeu o quarto onde estávamos, gritando e xingando-a. Ou ainda, uma situação em que a mãe de uma moça dizia "...fale a verdade, não minta, Nívea o teu trabalho não vai dar certo porque ela está te mentindo, tu tem que ouvir a verdade né?...".

Ouvindo as histórias de vida desses jovens, construía outra história em que eu também passava a ser um dos sujeitos envolvidos pelas situações relatadas. Criava-se um novo ciclo de emoções, frustrações, alegrias e expectativas que, nesse momento, partia da pesquisadora. Para Clifford (2002), "qualquer história tem uma propensão a gerar outra história na mente do seu leitor (ou ouvinte)" (Clifford, 2002:65). Dessa forma, faz-se necessário observar que diferentes sensações estavam sendo produzidas nos informantes, levando em conta os distintos tempos transcorridos para cada um deles e o momento e as condições em que essas histórias estavam sendo recontadas. Esses eventos possuem uma existência própria que não cessa de produzir sentimentos ao serem relatados. Ainda hoje, passados seis meses, quando penso em alguns dos jovens pais e mães, sinto vontade de sorrir, sinto saudade, sinto pena de alguns e certamente sempre terei algum sentimento por essas histórias, bem como as pessoas que tiverem oportunidade de ler. Como afirma DaMatta (1978), o conhecimento é feito e "permeabilizado por cheiros, cores, dores e amores". E ainda, por perdas, ansiedades e medos sobre os quais os livros não costumam considerar.

Passamos agora para a discussão a respeito das fases de vida, principalmente em relação às representações sobre juventude.

Capítulo 2

As Fases de Vida

A juventude é uma fase de vida representada diferentemente pela Biologia, pela Psicologia, pela Sociologia, pelo Direito ou pela Antropologia Social. Podemos partir de uma idéia muito básica dizendo que se trata de um período da vida humana compreendido entre o fim da infância e o início da idade madura. Porém, esses limites são determinados em cada momento histórico e, considerando a juventude como uma categoria classificatória cultural e histórica, há muita dificuldade em definir os limites entre infância, juventude e idade adulta¹⁵. Segundo a socióloga Diógenes (1997), a juventude é uma categoria social que caracteriza o intervalo entre a infância e a vida adulta somente a partir do final do século XIX, tornando-se mais aparente no início do século XX. Para Minayo e Coimbra Jr. (2002), a infância, a adolescência e a juventude são tempos de escolarização, enquanto que o adulto está associado à procriação e a participação no mercado de trabalho¹⁶. Assim, eles consideram a juventude uma invenção da modernidade¹⁷.

Isso sugere que essa noção é variável historicamente, ficando explicitado através dos estudos de Ariès (1981), assim como de Badinter (1985), sobre as sociedades tradicionais européias, a partir da idade média. Os autores consideram que havia uma valorização negativa das crianças e ainda pior da adolescência. A infância dizia respeito à fase em que a criança era frágil e dependia muito dos adultos, mas assim que ela desenvolvia algumas habilidades físicas já era envolvida pelo mundo dos adultos. A criança passava por um salto da infância para homem jovem e não passava pelas etapas da juventude consideradas tão importantes nas sociedades em tempos atuais. Os valores e conhecimentos eram transmitidos às crianças e aos jovens através da convivência com os adultos. Até um certo período histórico, conforme veremos, não havia relação com a escola, e a criança estava totalmente envolvida no meio adulto. Mesmo as relações entre pais e filhos davam-se em um contexto bastante impessoal, de poucas afetividades, em boa parte das regiões européias. As famílias mais abastadas contratavam pessoas que ocupavam-se dos cuidados das crianças¹⁸. Somente a partir de uma certa idade, em alguns lugares, por volta dos

¹⁵ Para saber mais sobre fases de vida numa perspectiva feminina, em camada popular, ver Víctora, 1991.

¹⁶ Para saber sobre a discussão a respeito do *prolongamento da juventude* ver Heilborn et al. (2002).

¹⁷ Galland (1997) considera que a definição de idades é ainda muito grosseira, as distinções são pouco precisas e são sujeitas aos autores e aos contextos.

¹⁸ Segundo Zelizer (1992), em seu estudo sobre o mercado de bebês nos Estados Unidos numa perspectiva de adoção, no período de 1870 a 1930, o valor das crianças está associado a fatores culturais e da estrutura social. É importante lembrar que nesse estudo a autora não está fazendo uma divisão muito clara de fase da vida, estando incluídos os jovens, nas suas análises sobre a importância dos filhos. Para a autora, as moedas são criações modernas, existindo uma pluralidade de moedas, sendo uma delas as crianças. Assim, as crianças e jovens vão alterando seus valores conforme os processos históricos sociais. Na América rural do século XVIII, o nascimento de uma criança era visto como o nascimento de mais um trabalhador, trazia uma certa segurança à instituição família. Com o estabelecimento da escolarização obrigatória no século XIX

sete anos, é que a criança passava a conviver com sua família e, então, a aprender certas atividades. O valor da educação estava fortemente relacionado à aproximação da idade adulta. No século XVII, um casamento por volta dos 14 anos não seria considerado anormal. E o caso de Luís XIII, na França.

Na Idade Média, já se buscava construir algumas divisões das “idades da vida”, como na obra “Le Grand Propriétaire de toutes choses” em que são categorizadas a infância (do nascimento até 7 anos) e puerilidade (até os 14 anos), adolescência (pode ir até 21, 28, 30 ou 35 anos) e juventude (até 45, 50 anos), senilidade (meio caminho entre juventude e velhice) e velhice (até 70 anos ou até a morte). As idades da vida eram uma forma de conceber a biologia humana, tinham relações com acontecimentos fisiológicos e pressuposições destes. Além disso, também a idade faz parte de um processo de quantificação legal que é produto do mundo dos números e da exatidão. No século XIV, as idades da vida passam a ser vistas não somente como marcadores de processos biológicos e numéricos, mas também por meio das funções sociais. Já havia um tipo de divisão que distinguia a idade dos brinquedos, a idade da escola, as idades do amor ou do esporte da corte e cavalaria, as idades da guerra e cavalaria e as idades sedentárias (Ariès, 1981). Assim, também atividades sociais que as pessoas passavam a desenvolver ou para as quais já eram julgadas preparadas, contavam como marcadores de uma fase para outra da vida.

A partir do final do século XVII, afirma Ariès, a educação das crianças passa a ser dividida com a escola. A criança então é separada dos adultos e esse movimento faz parte de um processo de moralização dos homens, promovido pelos reformadores protestantes e católicos. Mas esse processo também teve como importante fator a cumplicidade sentimental desenvolvida no interior das famílias. Passa-se a valorizar uma afeição não somente entre cônjuges, mas também entre pais e filhos (Badinter, 1985). Dessa forma, passa-se a atribuir uma considerável importância à educação das crianças. Conseqüentemente, diminui o índice de natalidade, pois as crianças não eram mais substituíveis e a perda de uma criança causava uma grande dor, diferentemente de épocas anteriores. (Ariès, 1981:11)

O “primeiro adolescente”, considera Ariès (1981), ao estilo moderno, foi *Siegfried*, de Wagner. Nessa música, exprime-se a mistura entre pureza, força física, naturismo, espontaneidade e alegria de viver. Essas características fazem do adolescente o herói do século XX. Tendo início esse processo na Alemanha, por volta de 1900, essas idéias também começam a fazer sentido na França. A “juventude” passa a ser objeto de preocupação política e dos moralistas. Como conseqüência disso, passa-se a desejar saber o que pensa a juventude (Ariès, 1981:46). Galland (1997) considera que a fronteira tardia dada à juventude na definição das idades da vida não é somente uma conseqüência de uma imprecisão de apreensão, mas corresponde também a uma realidade social que faz da juventude ainda hoje, talvez menos em alguns contextos sociais, a idade da atenção, da incerteza e da dependência.

a maioria das crianças são afastadas do mundo do trabalho. Já no século XX, as crianças estão mais associadas a questões afetivas, a valores emocionais, à beleza e à entretenimento.

Um outro tipo de abordagem sugerida por Elias (1993) em “O Processo Civilizador” sugere que os adultos, a partir do que pensam e planejam, criam um tipo de relação com os jovens que tem efeitos que os adultos não conhecem e sequer pretendiam. Assim, a civilização do jovem não pode ser considerada um processo indolor. Em muitos casos, os conflitos consigo mesmo e com os outros permanecem e o sofrimento, que tem como resultado uma forma adulta, volta constantemente a perturbar seus relacionamentos. Os conflitos interpessoais, tão associados à juventude, ainda permanecem interferindo nos relacionamentos dos adultos com as outras pessoas. Em outros casos, o autocontrole torna-se mais estável, correspondendo positivamente à estrutura social. Porém, há que se considerar que essa estrutura é altamente mutável, exigindo flexibilidade e posicionamentos que têm como consequência a perda de estabilidade. Para o autor, a maioria das pessoas civilizadas vive um meio termo entre uma condição e outra.

Elias considera que a preocupação, principalmente da classe média com o enquadramento de seus filhos ao comportamento padrão, é uma questão de defesa de posição dentro da competição em sua própria classe. Assim, esses pais prendem seus filhos a certos padrões de vergonha. Até mesmo as imposições à vida sexual dizem respeito ao medo relacionado à perda de oportunidades, prestígio e à redução de possibilidades. Esse é um processo que ocorre ainda que essas limitações possam acabar provocando o que pretendem prevenir. A família impõe ao jovem que perceba os perigos que são ameaçadores a suas oportunidades e a sentir as tensões que o cercam.

Não cabe nesta dissertação delinear a trajetória pela qual a idéia de juventude passou em todas as suas épocas, mas sim apresentar como esse debate vem sendo desenvolvido pelos estudos sobre fases de vida, o que nos conduz às décadas mais recentes desse processo. Assim sendo, Abramo (1994) e Abreu (1997), tendo como referência os movimentos político-culturais da década de 60, referem que, naquele período, originou-se uma perspectiva em que a juventude é considerada como a principal responsável pela geração de utopias e projetos de transformação social. Foi uma década que teve representatividade no cenário político, contestando questões sociais e principalmente o sistema escolar e universitário, não somente no Brasil, mas em vários países da Europa e da América Latina, nos Estados Unidos e no Japão. Esses protestos tiveram tal impacto que atingiram aspectos diversos como os costumes, a moral, a sexualidade, o gosto e a estética. A década foi marcada pela revolta com a autoridade e pela radicalização ideológica. Herschmann (1997) considera que os movimentos políticos conduzidos pela juventude dos anos 60, se comparados às manifestações dos jovens das décadas seguintes, esvaziariam estes de sentido.

Visto que os jovens das últimas décadas são caracterizados por um imobilismo e um forte posicionamento individualista.

Uma outra perspectiva sobre juventude fala sobre um estilo de vida dissociado da questão etária, não tendo como característica principal a participação política. Dessa forma, a juventude é considerada muito mais como uma questão de compartilhamento de experiências comuns (Novaes, 1997; Abreu, 1997; Herschmann, 1997, Alvim & Paim, 2000). Assim, duas pessoas com idades diferentes podem ser consideradas pertencentes a uma mesma geração. As gerações são classificadas conforme os acontecimentos ou séries de acontecimentos que atribuem características àquela época. As pessoas pertencentes a essa época constroem uma representação mental que é determinante de comportamentos específicos nos diversos âmbitos da vida.

A juventude, nessa perspectiva, é considerada um processo que se expande entre as diferentes imagens dos grupos que estão sob sua classificação. Então, podemos referir jovens em situação de parentalidade, jovens trabalhadores, jovens estudantes, jovens solteiros ou ainda, jovens casados¹⁹. Ser jovem comporta muitas possibilidades que dizem respeito a questões sociais, econômicas e de estabelecimento de relações. Além disso, sentir-se jovem pode ser mais um posicionamento perante o mundo, um estado de espírito, um compartilhamento de expectativas e situações e a adoção de algumas práticas e modos de pensar, que ter uma idade em específico. Para Debert (1997), assim como para Attias-Donfut (1991 e 2001), há uma dissociação entre as idéias de juventude, uma faixa etária específica e a transformação da juventude em um bem, algo que pode ser conquistado por qualquer pessoa em qualquer etapa da vida. Essa juventude poderia ser conquistada através de um estilo de vida, associado a um tipo de consumo. Na perspectiva dos significados, Minayo e Coimbra Jr. (2002) lembram que as fronteiras entre as idades são apropriações simbólicas que podem ser diversas em diferentes sociedades e até na mesma

¹⁹ Fortes (1958) em "Development cycles in domestic groups" já trazia uma importante contribuição para a idéia de fases da vida ao considerar a experiência doméstica sendo vivida em ciclos pelos quais cada indivíduo passa no âmbito familiar. Não entraremos aqui nas críticas que são também destinadas a ele, considerando somente a importância de que já na década de 50 o autor apresentava inovações nesse sentido.

sociedade. Essas fronteiras dizem respeito a momentos históricos, a classes sociais e a gêneros²⁰.

Assim sendo, busquei manter uma perspectiva relativista a respeito das “juventudes” (Velho, 1997). Ou seja, elas constroem-se e caracterizam-se em meio a experiências de trocas entre fases de vida e gerações. Nesse sentido, ser jovem não é um processo igual para todas as pessoas, segmentos ou grupos da sociedade, é uma vivência que está associada ao contexto dos envolvidos (Reis, 2000). Segundo Galland (1997), há duas formas de passagem à vida adulta: uma, a mais tradicional, que se caracteriza pela forma rápida e pela simultaneidade entre as diferentes passagens, mais associada à passagem dos jovens de classe trabalhadora. A outra forma diz respeito ao prolongamento da juventude, retardando o ingresso no mercado de trabalho, aumentando o número de anos de estudo e protelando a formação de uma nova família. Através da bibliografia e pelos próprios dados desta pesquisa, é possível perceber que há uma dinâmica no processo de passagem de uma fase de vida para outra e que as fases de vida não estão isoladas em si. Assim como não podemos ignorar a dimensão da idade que, não é determinante, mas em boa parte das situações, não pode ser vista de forma totalmente dissociada da fase de vida, mas em condições de sobreposição.

No que diz respeito a classes médias e a classes populares, segundo Heilborn et al. (2002), é possível afirmar que os jovens percorrem trajetórias diferentes que são condicionadas por fatores sócio-econômicos. Enquanto para classes médias a juventude representa um momento de formação escolar e preparação para o trabalho, para classes populares a juventude pode representar o momento de entrada no mercado de trabalho. Podendo representar ainda, em muitos casos, o abandono dos estudos, o momento em que muitas garotas e garotos têm filhos, o momento ideal para encontrar um companheiro(a), entre outros.

²⁰ Herschmann (1997) sugere que os grupos juvenis atuais poderiam ser chamados de forma precária de “pós-modernos”, considerando uma busca de intensidade no lazer, em oposição a um cotidiano visto como medíocre e insatisfatório. O autor considera que a juventude parece admitir uma incapacidade para ações políticas de transformação social. A postura mais comum é relacionada à perplexidade, mas sem deixar de manifestar sua insatisfação com o presente. Assim, a imobilidade política dentro dos padrões tradicionais não significa, necessariamente, indiferença quanto aos acontecimentos.

Já Diógenes (1997) refere o “movimento” como um marcador importante de juventude, pois a juventude está caracterizada dentro do “turbilhão do tráfego” das grandes cidades, pela necessidade de constantes mudanças, pelo consumismo e, ainda, pela cultura de massa. A juventude é disseminadora de um estilo moderno e cosmopolita de ser, conferindo fluxo às mercadorias tanto simbólicas quanto materiais, na produção e no consumo. Ela carrega consigo imagens de versatilidade e liberdade, sendo por excelência o ator da cultura de massa. Os jovens são representantes do segmento mais expressivo no que tange o consumo de bens simbólicos produzidos e reproduzidos pela ‘cultura de massa’.

Já uma análise médica, epidemiológica, tende a identificar a adolescência como uma fase de ajustes biológicos, hormonais, psicológicos e emocionais, constituindo-se no período de trânsito da infância para a idade adulta. Outro ponto de vista possível, vastamente abordado socialmente, por diversas áreas do conhecimento, percebe o adolescente principalmente como uma pessoa em fase de experimentação, de oscilações de humor, mais exposto a riscos pela imaturidade e impulsividade em suas decisões (Desser, 1993).

Quanto à relação entre a fase jovem e a fase adulta, Parsons (1955), Chodorow (1980) e Ariès (1981) consideram que os jovens são resistentes à passagem para a vida adulta, estando essa questão relacionada ao prolongado isolamento do jovem à esfera da escola e da família. Os autores afirmam que a família conjugal está fortemente implicada na formação de um novo indivíduo socialmente adequado para a sociedade atual, acabando por condicioná-lo a poucas possibilidades de espaços de convivência social. Para Chodorow, a possibilidade de famílias mais abertas oportunizaria a abertura de perspectivas para os jovens, podendo desenvolver uma formação mais capaz para projetos coletivos e menos individualistas. Mas por outro lado, também é possível constatar, através dos dados desta pesquisa, que muitos jovens passam rapidamente para a vida adulta, condicionados por eventos como a gravidez, por exemplo.

Segundo Madeira e Rodrigues (1998), “além de ter sobre seus ombros a responsabilidade de gerir o amanhã da nação, a juventude é capaz de decifrar os novos códigos e conteúdos que estão emergindo no novo modelo da sociedade”. Veremos a partir do próximo capítulo quais as vivências que são relatadas pelos jovens entrevistados como marcadoras de fase de vida após terem tornado-se pais e mães.

Capítulo 3

E Sendo Jovens...

Este capítulo tem como foco principal analisar as representações²¹ de fases de vida que foram apontadas pelos jovens pais e mães entrevistados para esta pesquisa²², através de relatos parciais de suas histórias. Ao utilizar a categoria de fase de vida, analisando os dados da pesquisa com os jovens, é possível perceber que vários eventos são considerados por eles como marcadores de passagem de fase de vida. Apresentarei os relatos dos rapazes e moças a respeito de suas experiências antes do evento da gravidez. Ou seja, quais as características desse momento anterior, como sentiam-se nas suas relações com o mundo a sua volta, quais as atividades que desenvolviam e quais suas expectativas.

Os jovens referem enfrentamentos da autoridade dos pais como sendo um tempo de tomada de consciência de um maior domínio e capacidade de escolha por si mesmos. Decisões tomadas de maneira solitária ou com maior participação de amigos que dos pais, “tempos de curtidão”, namoros e gravidez. Segundo Velho (1997), a antropologia tem como uma de suas marcas a procura de experiências suficientemente significativas de maneira que seja possível analisar as fronteiras simbólicas. Busco destacar nas falas dos informantes quais idéias e eventos que são representativos de diferença entre uma fase e outra experienciada, e entre uma geração e outra. Ou seja, no que tange à questão de geração, principalmente os marcos entre juventude e adultez. Mauss (1974) considera que, em qualquer sociedade, todas as pessoas sabem e devem saber ou aprender como agir em cada situação. Dentro dessa perspectiva, veremos quais são as fronteiras demarcadas como diferenciais de um momento para outro da vida. Danilo (21 anos, 01 filha), um dos jovens entrevistados, afirma que “...na adolescência é o momento que tu começa a descobrir as coisas, porque antes, entra num ouvido e sai no outro...”.

Antes de engravidar

“Antes de engravidar, [...] era tudo festa, estava tudo numa boa” (Carol, 21 anos, 02 filhas).

Em várias histórias, a imagem de uma juventude despreocupada que se afirma construindo em muitos momentos um motivo de descontração e diversão é bastante nítida. Segundo Madeira e Rodrigues (1998), em seu texto “Recado dos Jovens: mais qualificação”, assim como na obra “Fala Galera” de Minayo et al. (1999), a juventude como um momento para o desfrute do prazer e do lazer é a representação social mais relevante de juventude, principalmente em relação à classe

²¹ “Les représentations sociales décrivent, expliquent. Elles fournissent un mode d’emploi pour interpréter la réalité, maîtriser notre environnement et nous conduire en société.” (Jodelet, 1993, Dossier)

²² Ver mais sobre o debate sobre Representação em Chartier (1991).

média. De maneira geral, a adolescência é vista como um momento transitório, legítimo, de menor responsabilidade no que se refere a compromissos adultos e de maior liberdade em relação às restrições das crianças. Enfim, é um momento da experimentação, da descoberta, inclusive das questões de afetividade e sexualidade. Independentemente de podermos questionar se essa não seria apenas uma imagem que pode não transmitir a forma como essa fase de fato é vivenciada por todos os jovens, o que podemos verificar é que muitos adolescentes reproduzem tal imagem em seus discursos.

No caso desta pesquisa com jovens mães e pais, podemos verificar que alguns discursos demonstram uma representação de fase de vida comum. São os casos que seguem:

Eu nunca prestei atenção nessas coisas porque eu era muito louquinha, nunca me interessei em usar camisinha, usar comprimido, pra mim era tudo festa. Eu pensava de certo que comigo nunca ia acontecer. (Carol, 21 anos, 02 filhas)

É difícil porque eu sou muito impulsiva. Eu sou muito de lidar com o momento da minha vida. O momento pode virar uma vida inteira. (Fátima, 24 anos, 01 filho)

Nesses dois relatos femininos, podemos verificar uma mesma idéia de juventude, já acrescida da noção de que muitas impulsividades podem ter como consequência situações que, na perspectiva de uma delas, sejam para toda a vida, como o fato de tornar-se mãe. Ao mesmo tempo, verificamos uma parte do processo de construção da legitimidade da característica “descomprometida” como atitude jovial. A juventude é o momento apontado como legítimo para que se possa “perder tempo”, mas mesmo essa noção do perder tempo é permeada pelos valores associados aos adultos, em que a importância dada ao tempo é algo que se sobressai em seu dia-a-dia. Para Brandão (2003), “a gestão do uso do tempo, por ser sempre devedora das referências de quem o baliza, pode ser tomada como um demarcador das duas gerações”. Em contraposição a uma relação com o tempo mais associada ao “mundo adulto”, o jovem pode despender tempo com atividades que ele mesmo esteja considerando como menos importantes, “... eu ia lá na frente jogar bola, conversar, perder tempo sabe...” (Gisele, 22 anos, 01 filha).

Os jovens, de maneira geral, incorporam alguns valores considerados adultos a respeito do tempo. Porém, é possível perceber que dentro do contexto de sociabilidade em que estão envolvidos, considerando as possibilidades de “curtir a vida”, de estar aberto às situações agradáveis que a vida possa proporcionar, a melhor forma de lidar com o tempo é “perdê-lo”. Essa relação com o tempo faz sentido na medida em que é preciso estar disponível para experienciar situações “excitantes”, “inesperadas” ou “novidades”. As sociabilidades apresentadas por boa parte dos jovens desta pesquisa demonstram que existem limites para o que se pode combinar, estando implicado nisso que haja possibilidades para planos do momento, mudanças de planos e idéias mais promissoras. É quando se “perde tempo” que se faz amigos, que pode ocorrer o “cuidar”, ou seja, que

surtem paqueras entre rapazes e moças, que se fica sabendo das novidades a respeito dos amigos, enfim, que eles se identificam como jovens.

Aprendendo...

“Hoje sei, o que a terra veio me ensinar / Sobre as coisas que vêm do coração / Pra que eu possa trazer pra mim e pra você / Liberdade pra dentro da cabeça...” (Natiruts)

A juventude pode ser vista como um momento em que os adultos passam a ter menos controle sobre seus filhos, ou jovens por quem sejam responsáveis. Os jovens já possuem capacidades e vontade própria para desobedecer seus pais. As situações de vida já não permitem que seus responsáveis estejam acompanhando todas as suas atividades. Isso faz com que as discussões e conflitos inter-geracionais sejam mais intensos. Há uma necessidade, da parte dos jovens, de convencer os demais de que já possuem opiniões próprias a respeito de suas atitudes e sobre a forma como devem conduzir suas vidas. Segundo muitos dos jovens entrevistados, para escolher, para formar opiniões, é preciso conhecer. O aprendizado para eles diz respeito a fases em que estão dentro da juventude. Assim, um rapaz relata:

Tem a fase em que tudo é novo e tu quer aprender, aí tem aquela fase que tu quer conquistar as guriazinhas. Aí já começa uma nova fase, tu já começa a sair da infância para entrar na pré-adolescência, começa a querer saber e te informar sobre como é que tu vai conquistar uma guria e tal. Aí passa essa fase, chega uma fase em que hoje tu namora uma guria, amanhã tu namora outra, amanhã tu fica com nenhuma, é tipo uma maré, as vezes está baixa, as vezes está alta. (Danilo, 21 anos, 01 filha)

Ao falar sobre sua experiência, Danilo associou a fase que chama de pré-adolescência à aquisição de capacidades de conquista das moças, um momento em que o rapaz precisa aprender as técnicas da sedução e até mesmo como é o corpo das mulheres e como tratar as mulheres. Segundo Andrea Leal (2003), os homens, ao relatarem sua primeira experiência amorosa, primam pela questão do desempenho e do aprendizado técnico-corporal. Assim, existe a necessidade de experimentar essas técnicas e o número de parceiras vai contar muito, é na variedade de experiências que as técnicas vão aprimorando-se. Porém, a relação com a conquista e com a possibilidade de ter muitas garotas ao mesmo tempo, ou de estar só é vista como uma questão de sorte²³. Uma das idéias relevantes é a efervescência desse momento associado às conquistas, todas as situações podem ser uma possibilidade de “encantar” alguém (ver Rieth, 2001)²⁴. Os jovens relatam sobre relacionamentos afetivo-sexuais com pessoas do lugar onde moram, com colegas do

²³ Para saber mais sobre a relação amor e masculinidade ver Malcher (2002).

colégio, com colegas de trabalho, com pessoas conhecidas em festas e com amigos e amigas de irmãos e irmãs. Enfim, todos os momentos têm uma potencialidade para estabelecer um possível relacionamento. O jovem que manifestar alta capacidade de sedução estará, a princípio, com mais auto-estima e melhor cotado no grupo.

Além do aprendizado associado aos relacionamentos, há um outro que está associado ao uso de bebidas alcoólicas, drogas psicoativas e misturas de substâncias que podem produzir sensações diferentes. O relato de Rodrigo ressalta uma forma de vivenciar a juventude, um momento de descobertas e escolhas. Nesse sentido, seu depoimento está permeado pela idéia de que é preciso saber o que existe para que se possa optar e está bastante relacionada com o uso de substâncias:

Foi aquela fase em que tu começa a descobrir a vida, foi dos 14 aos 18, 17, que tu começa a sair com os teus amigos, tu começa a descobrir tudo. Começa a beber, começa a fumar, começa a fazer um monte de porcaria. É quando tu descobre a vida que é uma das melhores fases que tu tem, tudo em Cruz Alta. Eu tive a fase de drogado, seqüela, não drogado de ter overdose e coisa, mas aquela fase que eu te falei, a fase que tu está descobrindo a vida. Tu começa a sair de noite e descobre tudo, tu começa com cigarro, aí já começa a fumar maconha, aí tu vê tem um cara com carreira, aí tu cheira, aí tu toma comprimido com cachaça e não sei o que, entendeu. Todo mundo tem dessas fases, vai de ti experimentar ou não, algumas coisas eu experimentei e outras não. Tem coisas que as vezes tu experimenta pra ti ver qual é que é, de repente te dá uma viagem tri e tu faz a tua. Mas bah, tem bagulho que é foda, é cruel. Tive essa fase das loucuras. (Rodrigo, 24 anos, 01 filho)

Essa experiência apresenta um dos momentos difíceis da relação entre adultos e jovens. Esses adultos, pais dos jovens de nossa pesquisa, pertenceram à geração que ficou conhecida como aquela que participou da revolução sexual, que presenciou “woodstock” e que viu - e muitos talvez tenham experimentado - a difusão de drogas. Minayo et al. (1999) considera que historicamente é possível perceber que não existe comunidade humana que não registre o consumo de substâncias causadoras de alterações de consciência. Porém, assim como esses jovens vêm passando por situações que exigem um certo enquadramento com um discurso associado ao “mundo adulto”, é possível que seus pais também

²⁴ Uma abordagem sobre sedução pode ser encontrada em Leal e Boff (1996).

tivessem passado por isso. Assim, vemos que boa parte desses pais já incorporou um discurso que é transmitido para os filhos a respeito da nocividade das drogas ilícitas e desse tipo de experiência. E, em boa parte dos casos, há uma representação sobre os adultos (pais) como aqueles que temem pelo que os jovens, por quem são responsáveis, possam estar fazendo e que tipo de experiências possam estar vivendo. Ao mesmo tempo, o uso de drogas é uma das experiências em que os jovens pensam poder exercer sua livre escolha de forma mais afastada das vistas dos seus responsáveis, na maioria das vezes. Assim, é possível que os jovens vivam essa como uma experiência de transgressão²⁵.

Isso não quer dizer que todos os jovens e todos os adultos demonstrem atitudes rigidamente padronizadas dentro dessas situações. O fato de experimentar um tipo de droga ilícita não requer que o jovem sempre diga que gostou ou que terá que continuar utilizando. O jovem Marcelo (21 anos, 01 filha) fala sobre sua experiência com o uso de maconha e cocaína. Ele considera que não vale a pena usar cocaína por causa do “dia seguinte”. Em um depoimento, ele comenta que “no dia seguinte” ele estava com dor de cabeça, o nariz ardendo e escorrendo e o bolso vazio, já que é uma substância muito cara. Segundo Minayo et al. (1999), usar drogas é apontado, independentemente de classe social, como um dos elementos centrais na vida de jovens. O uso de drogas entre os jovens entrevistados que revelaram essa experiência é uma prática compartilhada com seus pares, é uma situação de cumplicidade de juventude. Assim, a interferência por parte dos adultos está muito mais no nível do discurso a respeito das práticas dos jovens, desaprovando o uso de drogas, ou no nível dos valores transmitidos através da educação, mas não é uma interferência direta na situação.

Em muitos momentos, os jovens demonstraram a necessidade da criação de espaço para eles, enquanto pessoas que possam ser levadas a sério, pessoas capazes de tomar decisões e ser respeitadas por isso. A pré-noção de que os jovens são inexperientes e imaturos abre precedente para que os adultos, tendo como base essas idéias, ajam, na percepção dos jovens, de forma invasiva nas suas vidas. Conforme relata Daiane (22 anos, 01 filho):

²⁵ Para saber sobre a ampla discussão sobre identidade ver Benoist (1977).

É que quando a gente é novo muita gente quer se meter na vida da gente 'tu não sabe o que tu faz' e eu dizia 'eu sei sim'. Eu nem sabia se estava certo ou se estava errado, mas eu fazia igual. Eu ia adiante, eu não queria nem saber se estava errado ou se estava certo, eu ia. Eu não estou mais na casa de vocês, eu não quero nem saber, eu faço o que eu quero.

Essa moça demonstra uma representação juvenil de construção de independência numa relação contrastiva quanto aos seus responsáveis. O fato de sair de casa pode ser uma forma de conquistar mais rapidamente essa possibilidade de comando de si mesmo. Ao mesmo tempo que os jovens demonstram preservar as representações sobre juventude, eles também apresentam um conflito entre ter o direito de agir como jovem, mas desejar uma respeitabilidade que é em geral destinada ao adulto. Como já foi apontado na introdução, o adulto possui um status que é desejado pelo jovem²⁶. O adulto representa a plenitude de direitos e deveres, pode tomar decisões pois teoricamente já possui legitimidade para tomá-las, como escolher suas companhias, escolher suas atividades de lazer, inserir-se na profissão escolhida, decidir sobre seus relacionamentos afetivo-sexuais e decidir sobre sua própria reprodução. Mas a ambigüidade encontra-se no fato de que, para o jovem, muitas das atitudes dos adultos são classificadas como "caretas", desatualizadas. Porém, é o adulto que possui o status que as atitudes mais "rebelde" desses jovens desejam atingir. Muitas vezes, são os adultos que fazem uma certa ligação entre um "mundo prático", onde é preciso estudar e ter algumas idéias para o futuro, e o "mundo da descoberta", conforme Rodrigo (24 anos, 01 filho) constata:

O colégio sempre, eu nunca larguei, até foi um grave problema que eu tinha com a minha tia, porque eu morava lá e eles me atucanavam muito pra mim estudar. Hoje eu agradeço eles porque de repente se eles não tivessem feito isso comigo, eu não teria nem acabado o colégio hoje. Hoje eu agradeço eles, mas antes eu era rebelde, eu fazia um bolo dentro de casa, era bem rebelde.

Atualmente, Rodrigo já consegue compreender muitas atitudes dos adultos em relação a ele, talvez porque já não esteja mais tão envolvido com aquele momento da vida apontado por ele como de descoberta. Ele, por exemplo, já entrou em uma fase de vida em que deseja fazer um curso superior e por conseqüência, é necessário ter o segundo grau completo. O fato de não terem permitido que ele parasse de estudar, de ter seus tios impondo-lhe essa atividade, já é uma atitude vista de forma positiva²⁷. Segundo Brandão (2003), os adultos expressam certas dificuldades em compreender seus filhos na condução de seus interesses. Muitas vezes, os jovens podem apresentar-se como sonhadores, cheios de aspirações para uma

²⁶ Duarte (1986), em seu capítulo "A Construção Social da Pessoa Moderna".

²⁷ Brandão (2003), Rieth (2001) e Cabral (2002) abordam a relação entre juventude e escolarização.

carreira profissional, mas não revelam nas práticas estarem guiando-se no mesmo sentido de seus desejos.

Os adultos, em alguns sentidos, na própria avaliação dos jovens, podem ser considerados um elo entre a experimentação, associada à juventude e o senso prático das coisas associado ao mundo adulto. Os responsáveis pelos jovens, segundo os entrevistados, demonstram um compromisso de aproximação dos filhos às “responsabilidades adultas”. Principalmente depois que estes tornam-se pais e mães. Os adultos estão sempre lembrando os limites entre o mundo experimentado pelos jovens, de riscos, curtição, aprendizagem, legítimo para a irresponsabilidade e um futuro que vai exigir-lhes situações práticas, “amadurecimento”, cumprimento das etapas escolares e um certo grau de autonomia.

3.1 - Em busca de autonomia

É interessante percebermos que a representação de “irresponsabilidade” considerada característica dessa fase de vida é também motivadora da preocupação que os adultos mantêm sobre a vida dos jovens²⁸. Considerando que muitas áreas do conhecimento, como a psicologia, compartilham da idéia de que os mesmos costumam ter atitudes impensadas, necessitando de um nível de orientação que pode ser oferecido pelos adultos. Os relatos dos jovens pais e mães entrevistados mostram que é a partir desse tipo de premissa que os adultos sentem a necessidade de interferir na vida desses jovens. Podemos observar que as representações de senso comum sobre adulez estão permeadas por idéias de que é a partir das experiências de vida do adulto que se pode entender qual a melhor forma de solucionar certos conflitos como, por exemplo, os provenientes de uma gravidez na juventude. Abre-se uma via, conforme Chartier (1991), que sinaliza para um tipo de identidade social que é resultado de relações de forças entre quem tem o poder para classificar e a aceitação ou resistência, nesse caso dos jovens, sobre si mesmos. Porém, os relatos mostram que apesar das preocupações dos pais desses jovens e dos adultos em geral, em muitos casos eles passam a desenvolver um certo tipo de independência que foge ao controle desses adultos. Conforme relatam:

Eu sempre fui de sair muito, desde meus 12 anos eu saia já para dançar, eu e as amigas todas, fugiam da mãe e

²⁸ Brandão (2003) trabalha a questão do redimensionamento da autoridade em sua tese de doutorado “Individualização e Vínculo Familiar em Camadas Médias – Um olhar através da gravidez na adolescência” Nesse estudo, a autora aborda a questão associando à crescente laicização da sociedade, ela afirma que tem se ampliado a participação dos filhos nas decisões coletivas da família. Porém, essa é uma situação que está longe de ser consensual. O ambiente familiar tem atualizado-se com as premissas individualistas resultantes da “ideologia do amor, da sensibilidade, da intimidade, do cultivo do sentimento natural entre os integrantes da família” (Brandão, 2003)

iam dançar. No começo, ela queria prender a gente, mas ela viu que não tinha mais jeito, claro adolescente, chega uma hora que não adianta e a mãe é sempre muito calma. 'Se tu quer ir então tu vai' e se ela não deixava eu ia igual, esperava ela dormir e fugia. (Carol, 21 anos, 02 filhas)

Foi uma fase difícil porque eu namorei um rapaz drogado, gostei muito dele. Brigava muito com meus pais e a gente estava completamente desunido, eu saía muito, passeava muito, não me reunia muito em casa, tinha um grupo de amigos. (Fátima, 24 anos, 01 filho)

Os casos aqui apresentados são muito ilustrativos no que diz respeito à perda de autoridade dos pais quanto aos filhos (Brandão, 2003). Até que ponto essa é uma peculiaridade desses jovens, ou é uma característica mais geral dessa fase de vida marcada pela rebeldia, é difícil afirmar. Os depoimentos que temos demonstram as ações dos jovens entrevistados que se contrapõem à geração dos pais, como o caso de Dilma (20 anos, 01 filha) quando sua mãe decidiu, sem sua autorização, trocá-la de escola. A moça, buscando expressar seu descontentamento com a situação, dando uma resposta negativa à atitude da mãe, parou de estudar.

Os depoimentos indicam que os jovens acionam uma representação de si enquanto alguém que está colocando à prova o poder dos pais em relação aos filhos. Essas moças não estão relatando situações idênticas, cada uma, dentro da sua realidade, estão apresentando uma forma de revolta contra certas atitudes ou opiniões dos pais. Isso mostra que as atitudes de revolta contra a autoridade dos pais e a necessidade de tomada de decisões passa a ser uma característica valorizada por essas jovens, independentemente da camada social a que pertençam.

De acordo com Bourdieu (1984), uma das diferenças entre os jovens e os velhos está na relação com o futuro, os jovens se definem como tendo futuro e como agentes do futuro, enquanto que os velhos são contra mudanças porque não há mais futuro, seu futuro já passou. Assim, os jovens pesquisados mostram uma potência para a vida, suas representações e discursos sobre juventude apresentam o mundo como um leque de escolhas. A parte mais dolorosa parece ser quando eles passam a ter que dar respostas imediatas, pensando no futuro. Preferencialmente o futuro é visto como algo que está na frente, algo que não precisa ser mexido agora, uma decisão que pode ser deixada para depois, conforme relata Carlos (24 anos, 02 filhas):

Até foi um tempo meio difícil da minha vida que foi ter que aceitar a realidade e a maloqueiragem, a tua vida de rua e a responsabilidade que tu vê que aquilo ali não deu futuro para ti até um certo ponto, tu tinha que passar mais uma barreira, tipo assim, tu tinha que passar mais um obstáculo que eu não tinha conseguido. Porque o meu sonho quando eu andava de skate era participar de campeonatos e viver daquilo, só que as cobranças foram aumentando, a idade foi

aumentando, a responsabilidade foi aumentando, a cobrança do meu pai e do meu irmão mais velho. Só que quando tu é uma pessoa adolescente tu não tem preocupação com o futuro, por exemplo, eu não trabalhava, só estudava e andava de skate. Trabalhar me passava na cabeça, mas aí eu pensava 'bah, mas eu estou na fase de quartel e isso e aquilo, não vão me pegar', então, eu vou ficar nisso aqui que eu tenho. Tu fica meio que relaxado, tu te atira.

Esse relato demonstra que o jovem ainda não tinha dentre suas preocupações o "futuro", mas principalmente sua família exigia-lhe muito fortemente essa nova posição perante suas atividades. Assim como a preocupação com o futuro apresentada por Carlos está fortemente associada à relação com o trabalho. Por outro lado, o descompromisso quanto aos relacionamentos afetivos e sexuais é outra característica bastante marcante dentre as representações sobre um tipo de juventude e sua relação com o momento. Essa postura aparece como uma certa demonstração de que na ocasião o que interessava mais era acumular experiências, "curtir", num sentido de não deixar passar as oportunidades de divertir-se, de estar vivenciando situações que lhes possam parecer interessantes. Isso aparece em alguns relatos que mostram diferentes maneiras, diferentes experiências que atribuem significados à juventude. Nos relatos que seguem, podemos ver situações que valorizam "a quantidade" de parceiros, a aparência como mais velhos e a independência da família:

Namorado eu tive bastante, largava de um na outra semana eu estava com outro, mas não de gostar, só arreganho assim mesmo, de ter alguém para ir para o colégio e voltar. Que foram lá em casa, que a minha mãe sabia que era namorado, foram dois só, fora isso era um monte. (Gisele, 22 anos, 01 filha)

Bebia cerveja, fumava cigarro, tudo que era coisa, quer dizer, menos droga²⁹, o meu pessoal nunca foi de se drogar, claro o cigarro é uma droga, mas a gente fumava, bebia. A gente era uma turma de 12, 13 anos mas tudo com aparência de mais velhos, então, até a gente entrava no som e eles achavam que a gente tinha a idade certa para entrar e a gente não tinha, a gente era tudo de menor. (Débora, 16 anos, 01 filha)

Eu comecei a faculdade e eu percebi que eu precisava tomar controle da minha vida, crescer, fazer alguma coisa pela minha vida. Eu queria trabalhar para ter a minha independência, ter as minhas coisas, conhecer pessoas, eu

²⁹ Outros jovens afirmaram passar por experiências com diversos tipos de drogas sem utilizar um sentido pejorativo para essa prática. Esses jovens, afirmavam o uso de drogas como uma fase da juventude, uma fase de experimentação e todos que ainda utilizam afirmaram terem continuado utilizando a maconha.

queria escolher as minhas roupas, ter mais responsabilidade sobre mim mesma. (Fátima, 24 anos, 01 filho)

As situações apresentadas por essas jovens mostram algumas experiências de muitos namoros ao mesmo tempo, de uso de substâncias diversas, de ter pouca idade mas aparentar mais e de necessitar trabalhar para sentir-se com autonomia. Elas demonstram seus desejos de participar de situações ainda não vividas que passavam uma impressão de estarem tendo as práticas escolhidas para esse momento da vida. Mas ainda mostram-se bastante presas a certos limites transmitidos por discursos que parecem ser valorizados pela esfera adulta. Assim, a moça podia ter vários namorados, mas no âmbito familiar apresentou bem poucos. Também é atribuída uma importância de ter práticas que associem a pessoa a uma maior idade. E, por último, ter a necessidade de crescer e trabalhar. Essas são importâncias atribuídas a partir da relação com o “mundo adulto”, elas não dizem respeito exclusivamente ao que jovens optam por fazer em suas vidas.

Na possibilidade de criar essas situações, gera-se um sentimento de autonomia, de tomada de consciência do ingresso em uma fase de vida em que já é possível imprimir os seus ritmos. Assim, o fato de Gisele namorar vários garotos ao mesmo tempo, ou ter acumulado vários namorados em sua história, não era compartilhado com sua mãe que apresentava um posicionamento bastante rígido no que diz respeito à aprovação dos namorados da filha, tendo até mesmo agredido um dos rapazes. Isso não mudava as atitudes de Gisele, apenas fazia com que ela mantivesse os namorados afastados do convívio com sua família.

As relações intergeracionais entre pais e filhos foram estudadas por muitos autores como Salem (1980), Blöss (1997) e Bozon e Villeneuve-Gokalp (1994). O que estou argumentando, no presente capítulo, é que a tomada de consciência desses jovens quanto às possibilidades de escolhas mais independentes das orientações dos pais e a conseqüente perda de autoridade dos pais sobre eles constituem-se em momentos de passagem para uma nova fase de vida. As situações em que os sujeitos da pesquisa demonstram esse sentimento indicam uma passagem processual, ou seja, não é de um momento para outro que eles conquistam a autonomia de escolha quanto a suas próprias vidas. O processo ocorre praticamente numa perspectiva de testagem, onde os jovens vão conquistando espaço e ao mesmo tempo diminuindo as possibilidades de mando dos pais. É importante ressaltar que esse processo não ocorre da mesma forma quanto à dependência financeira, que principalmente nas camadas médias ainda permanece até idades mais avançadas. Considerando isso, é relevante observar que a dependência financeira não demanda necessariamente obediência total aos pais, em boa parte dos casos.

Saindo de casa e trabalhando

“Quero colo / Vou fugir de casa / Posso dormir aqui com vocês? / Estou com medo / Tive um pesadelo / Só vou voltar depois das três...”
(Dado Villa-Lobos, Renato Russo, Marcelo Bonfá)

Ainda que os jovens reconheçam que até uma certa idade eles estão legalmente sob os cuidados e autoridade dos pais, que estes têm o poder de determinação sobre suas vidas, esses jovens passam a acionar um tipo de transgressão que podemos considerar simbólica. Eles demonstram que passam a desenvolver alternativas que burlam essa autoridade. Segundo Diógenes (1997), a juventude é muitas vezes representada pelo exagero, pela transgressão de limites e pela tentativa de disciplinamento social³⁰. Assim, abandonar a casa dos pais pode ser uma forma de transgressão de limites, mesmo que a “transgressão dos limites” seja muito restrita (casa de conhecidos ou nas proximidades). Dois jovens relatam sobre quando saíram da casa dos avós e dos tios:

Sempre brigando com a gente, não de bater, mas assim de brigar ‘eu não te quero com ele’. Mais era a vó, a mãe não brigava coitada da mãe, mais era a vó que cuidava da gente. Aí eu optei, ‘sabe de uma coisa, eu já estou cansada dessa gente me incomodando. Eu tinha 14 e ele tinha 15. Tu sabe que foi uma coisa assim sem pensar. Depois que eu saí de casa, a gente foi lá para a casa de uma tia dele porque ela sempre dava apoio para nós. Os pais dele moravam na frente de casa. Aí como é que eu ia fugir para frente da minha casa, não tinha como, aí eles iam me levar para casa de volta. Menor não tem querer, vai para casa e deu. Daí eu fiquei uma semana ali, aí eu desci e fiquei uma semana lá com os pais dele, até que eles construíram uma peça para nós. (Daiane, 22 anos, 01 filho)

Aí não deu certo com essa minha tia, isso aí eu já estava com 18, 19 anos. Aí tá não deu certo porque o meu tio e a minha tia queriam me impor ‘não, porque tu vai fazer isso, tu vai fazer aquilo, tu não vai sair no fim de semana, tu não vai fazer isso, não sei o que’. Aí eu tinha uma namoradinha e eu só podia ficar com a namoradinha na sala, não podia ir para o quarto com a namorada, eles eram assim tri alienados. E eu ‘puta, que merda, o que que isso?, que vida é essa?, não vou poder sair no fim de semana, só se eu estou louco’. Briguei, fiz um bolo e o seguinte, fui morar com um amigo meu ali na Santa Isabel, ele morava com os pais dele. (Rodrigo, 24 anos, 01 filho)

O não enquadramento de Rodrigo às regras da casa de seus tios fez com que ele buscasse uma alternativa através de um amigo. Mesmo morando com a família do amigo, dessa forma ele acredita que conseguiria maior autonomia que no meio de sua família, pois considera que sua família sentia-se com direitos de comandos sobre sua vida, enquanto que a família de seu amigo não se sentiria. Essa também foi uma forma de poder relacionar-se com a liberdade que

³⁰ Segundo Diógenes (1997), a juventude rebela-se contra uma ordem social “desmoralizada pelo tédio burocrático” e projeta outra dimensão que é a do sonho idílico do consumo de mercadorias e

desejasse com sua namorada. As restrições de seus tios às saídas de fim-de-semana e ao seu namoro representavam situações insuportáveis para ele. As pessoas que lhe acolheram apenas o aconselharam que trabalhasse para que pudesse custear seu lazer, mas garantiram que um lugar para dormir e um prato de comida nunca lhe faltariam. Rodrigo morou cinco anos com essa família.

Já o relato de Daiane mostra a forma como o casal conseguiu resolver a questão da autoridade legal que os avós e pais da moça tinham sobre ela. O resultado maior dessa atitude é que ela conseguiu permanecer casada com o rapaz. A família dela foi obrigada a aceitar, segundo ela, pois sua atitude demonstrava capacidade para ações bastante resolvidas quanto à posição de que não desistiria do relacionamento. Assim como no caso de Rodrigo, também na situação apresentada por Daiane foi necessária a ajuda por parte de outra família e a negociação de alguns parâmetros para a nova relação estabelecida nesses locais. A parentela e os pais do rapaz auxiliaram o novo casal, apoiando nas decisões e oferecendo a moradia. Certamente esse apoio foi considerado bastante importante para que o fim fosse bem-sucedido, o que demonstra que enquanto o casal não tem autonomia financeira, as decisões, ainda em boa parte dos casos, precisam do auxílio de adultos que possam oferecer essa estrutura. Posteriormente, quando Daiane e seu marido adquiriram terreno e casa próprios, Daiane começou a trabalhar, assim como seu marido, o casal tornou-se mais independente.

Sobre o relacionamento conjugal, Daiane demonstra uma representação de evolução, de um percurso através do qual foram superando as dificuldades. Estas diziam respeito à pouca idade dos dois, à falta de apoio por parte da família dela e à dependência financeira. No momento da entrevista, a jovem já referia a atual situação do casal, em que eles já não estão vinculados financeiramente e nem necessitam do apoio de nenhuma das famílias para que a sua unidade familiar se mantenha. Também Carlos (24 anos, 02 filhas) relata sua experiência com a necessidade de maior independência do pai:

Faz uns oito anos. Foi rolando assim e cada vez mais eu fui me apegando e eu comecei a me apegar nela para caramba. Aí eu pensei assim 'bah, mas eu preciso ter uma grana para poder sair com ela', aí 'bah, oh pai consegue um dinheiro, assim, assim, assim'. Aí o meu pai me dava, hoje digamos o valor, ele me dava dez reais assim numa sexta, mas ele dizia assim para mim 'oh, esse dinheiro tem que durar até segunda'. Mas eu pensava 'poh, mas como é que vai me durar esse dinheiro, eu tenho que pagar a minha passagem, pagar a passagem da minha namorada, comprar um negócio para mim e para ela, não vai dar, isso aqui vai ir hoje'. Aí tu começa 'bah, mas eu tenho que ter pra mim e tenho que ter para ela', mas isso vinha na hora e depois já sumia, era fugas, aí eu não dava muita importância.

da abundância. A rebeldia jovem urbana é uma caricatura do apelo simbólico projetado pela "cultura de massa".

Carlos traz outras idéias para a questão da necessidade de autonomia, a dependência financeira de seu pai atrapalhava seu relacionamento com a menina, no sentido que ele não conseguia dar conta dos gastos do casal. Ele não conseguia ser provedor, papel de homem adulto nas representações sobre família no Brasil (ver Víctora, 1991; Duarte, 1994; Jardim, 1995; Sarti, 1996; Fonseca, 2002). Gouveia contribui com esse debate afirmando que o trabalho e, por consequência, a renda são possibilidades de maior autonomia e liberdade para os jovens, oportunizando a continuidade ou abandono dos estudos sem constrangimentos familiares, e acesso a bens e serviços associados à cultura juvenil (Gouveia, 2000:74). Dessa forma, o processo de conquista de autonomia está demarcando uma nova necessidade, segundo as experiências apresentadas pelos informantes, e a dinâmica do trajeto percorrido nas passagens de fase de vida.

Ao mesmo tempo, Carlos demonstra uma forma de estabelecer as responsabilidades dentro do relacionamento. Por isso, Mead (2000) afirma que as diferenciações de papéis de gênero são estabelecidas dentro das sociedades e estruturam o caráter do adulto. Assim, podemos observar que os papéis de gênero também estão discriminando práticas, temperamentos e representações diferenciadas para homens e para mulheres e dentro desses, para cada fase da vida, da infância à velhice. Nesse sentido, em nenhum momento, Carlos divide com a namorada a necessidade de dispor de maior dinheiro para os passeios, demonstrando seu entendimento sobre a distribuição de obrigações entre os gêneros.

Foi esse tipo de situação que fez com que o rapaz sentisse necessidade de trabalhar. Ele já tinha uma namorada e ainda dependia de sua família, mas ele também demonstra um sentido de processo dessa tomada de consciência. Não foi de um momento para o outro que ele decidiu que começaria a trabalhar, quando passava pela situação de ter que pedir dinheiro para seus pais, a idéia lhe vinha na cabeça, até o dia que decidiu morar com a namorada. A partir dessa nova situação, ele procurou um amigo e pediu que lhe ajudasse a arrumar um emprego. Carlos já tinha uma experiência de trabalho com seu pai que considerou pouco produtiva, pois não concordava em ter que “acordar às cinco da madrugada para ir trabalhar”. O jovem resolveu procurar um serviço por

seus próprios meios, fato que também lhe deixaria mais independente de sua família e lhe traria maior respeitabilidade.

O relato de Danilo apresenta mais uma dimensão manifestada pelos jovens informantes a respeito da conquista de autonomia:

Eu quero ser feliz, quero viver a minha vida do modo que eu achar que devo, que eu achar que está bom. Depois que tu aprende a pensar sozinho, a andar sozinho, tem que pensar o que tu quer.

Em resumo, a passagem para a fase de vida adulta inclui as dimensões do trabalho e da saída de casa como marcas de uma maior autonomia, mas inclui também a representação de que é necessário “pensar sozinho”, “andar sozinho”, viver a vida do modo que se quer, o que representa, em última análise “ser feliz”.

3.2 – “Curtindo”

“A felicidade é tão bela / Mais que a única rosa amarela / E tão linda rosa ela é / Que protegê-la é ato de fé / Cantaremos pela cidade / Esse reggae que é de verdade / E ao te ver cantando tão linda / Mais eu tomo gosto da vida”.
(Natiruts)

Neste tópico, estarei discutindo as representações sobre a melhor forma de viver a juventude segundo os sujeitos da pesquisa. Também apresentarei o contexto em que os jovens relatam que ocorrem as relações de amizade, namoro e “ficar”. Assim, um dos motivos pelos quais eles desejam ter mais autonomia, em vários dos casos, é para que possam “curtir” a vida da forma como consideram adequado³¹. A idéia de “curtição” tem a ver com a possibilidade de vivenciar as situações possíveis e disponíveis para a juventude, dentro de um máximo de aproveitamento. Esse aproveitamento diferencia-se de uma outra forma de ver as atitudes dos jovens, que diz respeito à melhor utilização de um tempo, tendo em vista a valorização da juventude a partir de uma visão adulta. Sob este ponto de vista, seria importante aproveitar bem essa fase porque está associada a um momento bastante original, um momento em que se pode ter práticas e associar-se a idéias que

³¹ A categoria “curtição” utilizada nesta dissertação é um aspecto da idéia “aproveitar a vida” abordada pela pesquisa de Gonçalves (2004). Para saber mais, ver Gonçalves (2004 – Tese de

“rendam bons frutos” no “futuro adulto”. Além disso, o senso comum e algumas áreas do conhecimento acreditam que na juventude cria-se um lastro para adultos competentes e saudáveis psicológica e fisiologicamente.

Nas perspectivas de alguns dos entrevistados, a “curtição” está mais associada a uma idéia de “toda vida pela frente”, isso permite que se possa dispor da fase e do tempo, das maneiras e com as práticas e idéias mais diversas³². Relaciona-se a essa idéia a possibilidade de consertar possíveis erros, pois há tempo até mesmo para errar e testar diversos caminhos. Aproveitar ao máximo as curtições, para os sujeitos da pesquisa, significa não deixar passar as oportunidades, estar aberto às propostas de diversão, aos relacionamentos que se apresentem e à experimentação de situações novas. Somente a partir da sua imposição de vontades em relação aos adultos é que esse “estado de curtição” pode tornar-se uma realidade para os jovens. Entretanto, na visão deles, isso se contrapõe frontalmente às perspectivas dos seus responsáveis, pois consideram que esses têm várias restrições a essa maneira “sedenta” que o jovem busca viver³³.

Quanto aos jovens entrevistados, é relevante que possamos entender as características informadas por eles como sendo da “curtição” e o quanto elas podem ser dissonantes, por exemplo, de um evento de gravidez, conforme relata Luciana (18 anos, 01 filho, casada):

Mudou tudo, mudou tudo, hoje em dia eu estou isolada de tudo e de todos. É que nem eu falei para o Ronaldo (marido) ‘eu não gosto porque eu estava sempre rodeada de gente’. Eu estava sempre acostumada a estar no meio de gente, sempre no meio dos guri, rindo e brincando e agora não. Antes a minha vida era sair, rir, brincar, fazer festa, beber, tudo que eu podia fazer, manter relações também. Mas agora não, a minha vida está calma.

A maternidade e a paternidade passam a exigir desses jovens posturas diferenciadas do que era apropriado para a “curtição”. O que não impede que eles ajustem a “curtição” à sua experiência atual. A parentalidade pode estar representando um salto no processo de amadurecimento dos jovens envolvidos. Eles precisam enfrentar uma situação que exige algumas decisões e, sobretudo, definições sobre as responsabilidades que eles entendem associadas ao fato de tomarem-se pais e mães. Sendo assim, eles passam a adaptar-se a sua nova situação. Isso não quer dizer que eles abandonem seu estilo de vida, mas certamente estarão vendo-se diante de questões que lhes solicitem um posicionamento frente à realidade de ter que cuidar de uma criança e arranjar todo o contexto no qual essa criança estará envolvida.

O paradoxo está no fato de que os compromissos, no nível do discurso e/ou na prática, que se tornam realidade com o nascimento de um filho, o qual se contrapõe a “curtições”, pode ter-se gerado exatamente num estado de “curtição”. Sendo assim, um relacionamento afetivo-sexual sem

doutorado ainda não defendida), “Aproveitar a vida, juventude e gravidez: contrapontos da modernidade”.

³² Para ver mais sobre a “busca do prazer de viver” ler Minayo et al. (1999).

³³ Para saber sobre a relação juventude e violência ver Machado (2000) e Minayo et al. (1999).

um propósito de criação de uma aliança mais duradoura, pode gerar um vínculo entre duas pessoas para toda vida, como afirmam alguns entrevistados. E, ainda, como consequência das atitudes e dos tipos de relações estabelecidas no estado de “curtição”, pode ser desencadeado um processo de amadurecimento que direciona para a “vida adulta”.

“Ficando”

“É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã / Porque se você parar para pensar, na verdade não há...” (Dado Villalobos, Renato Russo, Marcelo Bonfá)

Numa perspectiva masculina, uma das situações apresentadas por alguns jovens, como Antônio (23 anos, 03 filhos, solteiro), é o desejo de ter muitas mulheres “...eu quero ganhar muita mulher, me exibir...”. Assim como o desejo de estar em evidência, de ser bastante percebido pelos demais amigos³⁴. Um dos informantes, Leandro (18 anos, 01 filho, namora com a mãe do seu filho) comenta sobre suas experiências sobre o “ficar”:

Antigamente eu saia beijando, beijando, beijando. Beijava uma, beijava outra. As vezes não queria beijar, olhava para o lado. Fui cheio já também “eu não quero ficar com essas gurias, essas gurias são tudo chatas, tudo feia”. Antigamente eu chegava a ficar com três ao mesmo tempo, beijava três na mesma noite. A gente enchia a bola, estufava o peitinho assim, ficava com uma a mais bonita da festa, escolhia uma das mais bonitas e ficava com aquela. Depois olhava ‘bah, aquela ali é mais bonita que aquela ali, eu vou lá pegar aquela lá’. Era fácil, na época era fácil mesmo, chegava e beijava, chegava conversando. Teve época assim que eu me atrapalhava, eu ficava com uma e marcava com a outra num certo horário, eu estava indo para a casa da outra e encontrava outra, me atrasava. Rolou muito isso, já me atrapalhei muito. Eu gostava de zoeira, as vezes ia numa festa, ficava com uma, tinha outra e ainda namorava em casa. Deixava a namorada em casa e saía para a rua. Já aconteceu de descobrirem, mas aí eu fugia.

O “ficar” é um dos marcos da “curtição”³⁵. Segundo os informantes desta pesquisa é um tipo de relacionamento sem um compromisso maior, em que duas pessoas podem conhecer-se numa festa, numa turma de amigos, ou outra circunstância e trocarem vários tipos de carinhos que vão desde o beijo na boca

³⁴ Para saber sobre a construção de identidades sexuais ver Heilborn (1996).

³⁵ Para saber mais sobre ficar ver Leal e Rieth (1998), Schuch (1998), Rieth (1999), Andréa Leal (2003).

até uma relação sexual. O “ficar” não exige nenhum tipo de continuidade na relação, nem fidelidade, pode durar apenas uma noite de festa, alguns momentos da festa, algumas horas, ou repetir-se várias vezes (ver Schuch, 1998). A diferença entre o namoro e o “ficar”, primeiro está no nível da admissão, é preciso admitir publicamente o namoro para que um relacionamento seja considerado namoro e também no nível dos tipos de “programas” considerados adequados para “ficantes” e os adequados para namorados. Os relatos que seguem são bastante ilustrativos:

A gente estava sempre junto, só que eu nunca trouxe ele na minha casa, só depois que eu engravidei que ele veio aqui. Eu acho que namoro sério mesmo é esse negócio de levar em casa e apresentar para a família. Eu não queria namorar, eu queria era ficar, tanto que se eu chegasse na esquina e quisesse ficar com outro cara, eu ficava, eu achava que pra mim eu era muito nova para aquilo, sair com namorado pela rua, andando de mão dada e tudo mais. Era o momento e deu. (Carol, 21 anos, 02 filhas, tem um namorado que não é o pai de suas filhas)

As vezes a gente dava banda de noite, ia para um bar, nada de pegar, ‘ah domingo vamos para a Redença’, coisas de namorado assim não, isso não tinha tanto. Eu não curtia a mina, o lance era mais carnal. Alguém que tu não curtiu ficar, o teu lance que tu tinha era só de momento, era só o momento, porque bah era loucura. (Rodrigo, 24 anos, 01 filho, casou com a mãe de seu filho e separou, tem uma namorada)

Esse modo de relacionar-se tem a ver com a idéia de “curtição” da juventude, pois o “estado de espírito” de “curtição” não demanda muita reflexão da parte dos “ficantes”. A “curtição” e o “ficar” são coisas pensadas como próprio da irresponsabilidade jovial, com a experimentação, com os riscos e com a criação de situações excitantes e desafiantes. Há muita valorização do momento, do tirar proveito da situação que se apresenta. O “ficar” é proveniente de situações de conquista e sedução, é uma possibilidade de vivenciar momentos excitantes tanto no sentido da atração, quanto no sentido das trocas de carícias e testagem dos limites de cada “ficante”. Isso porque algumas moças e alguns rapazes podem chegar à relação sexual, outros consideram que o “ficar” não inclui a relação sexual e somente trocarão carícias. No estudo de Leal (2003) sobre a “experiência amorosa”, é demonstrada a dimensão relacional do ficar, nesse caso, por exemplo, um rapaz pode ser pressionado pelo grupo de iguais a “ficar” com uma garota e demonstrar um certo desempenho e performance como prova de masculinidade.

Dessa forma, o “ficar” é abordado por Rieth (2001) como uma possibilidade de conhecer pessoas, como uma alternativa para quem não tem namorado. Para os jovens entrevistados pela

autora, “ficar” pode envolver uma relação sexual é algo que depende mais da “guria”, ou seja, a moça é que colocará esse limite ou não. O relacionamento que estamos discutindo se refere mais à não criação de vínculos de compromisso e menos a práticas. Esse tipo de acordo é algo que ocorre dentro da relação, não existe uma regra prévia. Principalmente para a moça, o fato de não ter relação sexual³⁶ em uma situação de “ficada”, pode ser uma “moeda de troca”, algo que pode ser utilizado para conduzir a uma situação, uma forma de estender o relacionamento para que chegue a um namoro. Em nenhum momento, os informantes da pesquisa apontaram como atitude considerada “careta”, ultrapassada, o fato de uma moça não transar com um “ficante”, essa é uma “moeda” legítima que a jovem poderá utilizar. Essa atitude também pode ser denotativa de uma seriedade maior, de uma moça que tenha um diferencial, que de certa forma pode ser associada a idéias de fidelidade, dentre outras.

Jurema (19 anos, 01 filha, tem um namorado), por exemplo, relata que ficou com um rapaz várias vezes, por quem ainda demonstra algum interesse para um relacionamento afetivo, que não é seu namorado atual, e que não tiveram relações sexuais. Segundo a moça, ela não quis se precipitar quanto ao andamento das experiências do casal, ao mesmo tempo que queria conhecer o rapaz melhor e também não houve uma oportunidade. No momento da entrevista, ela apresentava o fato de não ter transado com esse rapaz com um certo pesar. Não é possível elencar, dentre as justificativas apresentadas pela moça, qual foi a questão decisiva para que a relação sexual não ocorresse. O que se pode verificar é que há um misto de situações que podem ser mais ou menos propícias para que isso aconteça. O casal quando está “ficando” também está testando os limites da experiência e “jogando” com as expectativas e imagens que desejam passar para o outro.

A gíria “pegar” tem sido bastante usada pelos rapazes dentro da idéia de “curtição”. Os rapazes desejam “pegar” muitas garotas. Esta palavra é utilizada no sentido de rapazes que “ficam” com várias moças, eles são os “pegadores”. Para Parker (1992), os termos “comer”, “dar” e “foder” fazem parte de um idioma sexual, um sistema de valores culturais³⁷. O autor fala de práticas sexuais, mas num sentido de contexto, o “pegar” também está envolvendo valores que dizem respeito ao masculino. Assim, os rapazes “pegadores” desenvolvem um “campo de poder discriminante” entre atividade e passividade, noções contrastantes entre masculinidade e feminilidade. Kimmel pressupõe que “as masculinidades são

³⁶ A relação sexual nas conversas com os jovens informantes podia ser referida também com a palavra transar.

³⁷ Também foi possível ouvir essa gíria em festa Rave, quando uma pessoa estava fazendo comentários sobre uma moça lésbica que “ficava” com muitas garotas na festa, um rapaz falou “...essa pega mais mulher que muito homem...”. Nesse caso, sendo uma relação lésbica, a pessoa que fez o comentário estava associando a moça a atributos do gênero masculino, ou seja, ser ativo. Era dela que partiam as ações, ela tinha mais sucesso até mesmo que os homens em suas investidas afetivo-sexuais, ela “feminizava” sua parceira (Bourdieu, 2002:31). Esses exemplos apresentam noções bastante arraigadas de dominação e submissão nas relações tanto

socialmente construídas, e não uma propriedade de algum tipo de essência eterna, nem mítica, tampouco biológica.” Segundo o autor:

“masculinidades (1) variam de cultura a cultura, (2) variam em qualquer cultura no transcorrer de um certo período de tempo, (3) variam em qualquer cultura através de um conjunto de outras variáveis, outros lugares potenciais de identidade e (4) variam no decorrer da vida de qualquer homem individual” (Kimmel, 1998:105).

Enquanto que a divisão dos sexos, afirma Bourdieu (2002), constrói-se a partir da divisão masculino e feminino e essa percepção dá-se sobre todas as coisas do mundo. Assim, a mulher está associada ao baixo, ao que é para dentro, ao sensível, ao passivo, enfim, ao submisso. E segundo Bourdieu (2002), há muita diferença entre a forma de ver uma relação amorosa a partir do homem e da mulher, homens têm a lógica da conquista, de contar vantagens, de “posse”, de “pegar”. Por isso, pode haver pontos de vista diferentes oriundos da compreensão do homem e da compreensão da mulher quando ocorre uma relação afetiva-sexual, já que a mulher é sempre mais associada à afetividade.

Entretanto, o “ficar”, segundo alguns jovens entrevistados, também tem como conseqüência que as pessoas que desejam relacionamentos mais duradouro tenham mais dificuldade para estabelecê-los. Os entrevistados demonstram que passar a idéia para o “ficante” de que se deseja namorar, pode ser algo que produza alguns constrangimentos. Como exemplifica Danilo (20 anos, 01 filha, solteiro) que estava fugindo de uma situação de namoro: “eu não quero mais ter relacionamento, que nem tinha uma guria que eu estava ficando e ela me botou na parede ‘tah, e daí tchê? Vamos ficar nessa histórinha’”. O rapaz deixou claro para a moça que não pretendia namorá-la e que a única relação que ele tinha para oferecer era o “ficar”. Isso também porque a lógica do “ficar” tem uma forte associação com a maior possibilidade de variedade de parceiros, o que é desejável para muitos dos envolvidos. Essa questão fica clara principalmente através dos relatos masculinos, mas também algumas garotas, durante um certo período, também demonstram desejar uma certa variedade. Os jovens que manifestaram desejar um namorado ou namorada informaram que atualmente é mais difícil encontrar alguém que queira um relacionamento “sério”, que se estabeleça em outras bases diferentes do “ficar”.

Diferentemente do que possa parecer, dois “ficantes” podem andar sempre juntos e parecerem namorados para os demais. Mas o fato de ser namorado depende do desejo do casal, normalmente o namoro demanda um compromisso e um compartilhamento dessa condição com as redes familiares e de amigos. Assim como também o “ficar” não requer dos jovens um

heterossexuais como homossexuais, onde um dos parceiros assumirá o “papel de homem” consumidor e o outro assumirá o “papel de mulher” possuída (Parker, 1992:73).

amadurecimento, é um tipo de relacionamento que dialoga adequadamente com as situações de experimentação, de acúmulo de experiências e de potencialidade para o “novo”. Além disso, o “ficar” proporciona que se possa retomar essa condição sem que haja um compromisso de fidelidade.

Essas descrições interessam para o presente trabalho na medida em que um dos problemas que pode ser percebido através de alguns relatos é quando a partir de um “ficar” há uma gravidez. Esse tipo de evento rompe completamente com a lógica do “ficar”, porque passa a estabelecer um vínculo entre as pessoas. É o caso de Jurema (19 anos, tem um namorado que não é pai da filha), Carol (21 anos, tem um namorado que não é pai da filha), Gisele (22 anos, casada), Leandro (18 anos, namora a mãe da filha) e Rodrigo (24 anos, casou e separou com a mãe do filho, tem uma namorada). Eles apenas ficavam com os parceiros que depois vieram a ser pais ou mães de seus filhos. A partir da gravidez alguns decidiram casar, outros namorar e, no caso de Carol, o pai de sua filha nunca mais falou com ela. Com a gravidez, os parceiros começam a ter que tomar decisões e compartilham de uma situação que lhes exige um outro tipo de proximidade que se diferencia da idéia do “ficar”. Nesse caso, o evento da gravidez produzirá uma série de modificações na forma desse relacionamento, se não de mudanças de comportamento, pelo menos no sentido de resolução de questões como o andamento da gravidez e da vida da criança.

Esse tipo de relacionamento e o compartilhamento da “curtição” pelas garotas tem proporcionado que a mulher passe a ser vista de forma diferente, talvez aproximando-se um pouco dos direitos masculinos, ainda que alguns preconceitos sejam mantidos. Segundo Connell (1995), é possível que estejamos testemunhando a criação de novas formas de masculinidades hegemônicas, porque as condições estão mudando com o “crescimento do feminismo mundial, a estabilização de novas formas de sexualidade e a criação de uma economia global”. Não podemos considerar que seja exatamente igual para ambos, que seja avaliado como adequado que a moça aja como o rapaz em seus relacionamentos afetivo-sexuais. Ainda existem restrições ao que possa ser apropriado como atitude para o homem e atitude para a mulher.

Para Bourdieu (2002), “a divisão entre os sexos parece estar *na ordem das coisas*, como se diz por vezes para falar do que é normal, natural, a ponto de ser inevitável...” (Bourdieu, 2002:17). Mas é perceptível que já há espaço para uma moça considerar-se e ser considerada “louquinha”, ou seja, um pouco desajustada quanto aos parâmetros, sem que ela seja considerada como desviante. Ainda que todos reconheçam os códigos e saibam que ser uma moça corresponde a determinadas atitudes e muitas restrições. Contudo, a prévia significação também ocorre com o comportamento dos rapazes, que convivem e adaptam-se às expectativas quanto às suas masculinidades.

As atitudes associadas a uma postura “louquinha” ou “louquinho” são permitidas para rapazes e moças. Há uma compreensão dessa possibilidade tanto por parte dos adultos quanto dos jovens. E a prática sexual também está associada à idéia de “curtição” que também é desejada pelas garotas, como afirma Antônio, “...tá raro de encontrar uma menina que leve sentimento, que faça sexo por amor, a maioria tá a fim de curtir igual ao cara...”. Diferentemente do que muitas vezes se ouve falar de que a mulher é sempre mais sentimental, essas relações e formas de “curtir” a vida estão construindo outras bases e mesmo outras imagens a respeito do feminino. Também Danilo (20 anos, 01 filha, solteiro), numa perspectiva masculina, fala sobre sua experiência:

Eu terminei com ela porque eu me sentia muito preso, eu queria vir para a Santa Isabel e tinha as gurias tudo aí e eu não gostava muito de me prender, aí chega um ponto que eu cansava e começava a sair mais com os guris e tal. Eu estava mais para curtir as bandas que pra me sentir preso e ela não podia sair muito comigo sozinha porque a gente era de menor, ficava sempre dependendo do pai dela e da mãe dela.

Muita vezes, ter uma namorada é visto como uma situação que prende e não possibilita a plena “curtição”, um dos rapazes comenta: “eu não quero ter que dar explicação para ninguém”. O fato de ter um namorado, ou namorada, restringe, por princípio, a relacionar-se afetiva e sexualmente com apenas uma pessoa. A “curtição” é um momento em que as formas de convivência social dão uma gama de possibilidades de relacionamento que é muito desejada pelos jovens. As danceterias ou as turmas, por exemplo, estão cheias de rapazes e moças solteiros que estão estabelecendo relacionamentos dentro da ordem do “ficar”. Mas ainda houve casos na pesquisa em que as moças, apesar de demonstrarem um certo desejo por namorar alguém, sentiam-se na obrigação de adaptar-se aos “tempos”, ou seja, às formas de relacionamento.

Portanto, uma das possibilidades de análise do “ficar” pode ser associá-lo a uma aproximação das mulheres em relação às representações sociais quanto à perspectiva masculina para relacionamentos, valorizando a quantidade de experiências. Dessa forma, as mulheres adotam também essa prática, aproximando-se dessa perspectiva e ficando um pouco menos a mercê das restrições masculinas que distinguem a “mulher para transar” e a “mulher para casar”. Porque, como já foi dito, é permitido que meninas tenham vários “ficantes”. Isso faz com que elas fiquem menos à disposição de apenas um parceiro, como hipoteticamente seria se tivessem um namorado. Porém, para que isso ocorresse, foi necessário aproximar-se da visão quantitativa de experiências afetivo-sexuais, o que para muitas mulheres nem sempre é desejável. Assim, uma moça que pressionou seu “ficante”, para que modificassem o estatuto do relacionamento, acabou a discussão com o rapaz dizendo: “não, mas eu também não quero isso, por mim a gente pode só ficar, a gente vai ficando, sem compromisso”.

“Dando banda”

As “bandas” são um tipo de convivência social dos jovens. Dar uma “banda” significa passear ou ficar circulando em um local, ou região onde reúnem-se os grupos³⁸ de jovens. Em várias situações, os amigos que compartilham das “bandas” são pessoas que freqüentam suas casas entre si. Em boa parte dos casos é a partir das “bandas” que surge o “cuidar”, que é uma forma de paquera em que um jovem fica olhando para o outro, podendo até mesmo resultar em uma aproximação,

³⁸ Os grupos de jovens também são referidos pelos jovens nas entrevistas como “galera”. Outro significado atribuído ao termo galera é o referido por Alvim e Paim (2000) associado à idéia de

numa conversa, ou em um “ficar”. São nas “bandas” que se conhece pessoas novas, que se amplia o espectro de amigos, que se toma bebidas nos bares.

Boa parte dos rapazes, pais, casados e das garotas solteiras ainda mencionam que dão “bandas”. Mas é possível constatar que as moças se desligam mais facilmente das relações de amizade após firmarem um namoro, ou casamento, que os rapazes. Disso resulta que as situações de “bandas” termina para essas moças porque a “galera” é um pré-requisito importante para que a “banda” se efetue. É o caso de Daiane que casou aos 15 anos, logo em seguida teve um filho e manifesta um certo sentimento de arrependimento quando reflete: “o que que eu fiz da minha vida?”. A moça considera que não fez muitas coisas que eram adequadas para a idade dela conforme essas formas de “curtir” que estamos apresentando. Ou ainda que quando era o momento para começar a ter esse tipo de experiência, já estava envolvida com o casamento, o filho e os serviços domésticos.

Os jovens mostram também que buscam alternativas para “curtirem” festas de forma compatível com suas condições práticas e financeiras. Carol (21 anos, 02 filhas, tem namorado) relata que quando sua turma de amigos decidia sair para beber ou para dançar, eles mobilizavam todo o grupo para decidir quais as pessoas que poderia pedir dinheiro aos pais e/ou até mesmo pegar dinheiro sem pedir. Assim, acordavam quanto de dinheiro era necessário e ficavam sabendo quem não poderia contribuir, havia uma reciprocidade entre os amigos. Como relata também Israel (17 anos, 01 filho, casado):

A gente sempre andava de skate, festa e vamos para a casa de não sei quem e não sei quem, fiquei conhecendo um monte de gente. Não, sempre durango, sempre duro. Os amigos, a gente pegava as roupas de um, os amigos mais ricos emprestavam umas roupas legais, fazia noite barata. Se enlouquecia nós mesmos. Eu nunca fui muito assim ‘ah, vamos entrar no Manara, vamos numa festa não sei aonde’. A gente chamava uma galera e todo mundo dividia e dava cinco, dez pila para cada um. Os pais iam viajar, sempre tinha a casa de alguém liberada, festa no sítio. A gente fez várias viagens também para o Itaimbezinho, pra praia, sempre fazendo alguma coisa.

A relação com o dinheiro nessa fase de vida ainda é uma questão complicada, então, os jovens apresentam alternativas onde a própria “banda” é uma forma de fazer um programa barato. A “banda” permite que o jovem saia com pouco dinheiro e que seu divertimento não fique prejudicado por isso. Outra alternativa é reunir a turma e fazer festas nas casas. As bebedeiras ou as “chapações”, ou seja, o uso de drogas, podem ser vividos comunitariamente, de forma que não se torne dispendioso financeiramente para ninguém e que todos “façam sua festa”. De maneira geral, a idéia que não agrada é não fazer nada, ou estar fazendo nada sem um amigo por perto, estar sozinho. Os amigos, a “galera”, são de extrema importância para uma boa “curtição”, nenhum dos jovens relatou fazer festas sozinho, sempre havia referência sobre com quais amigos curtiam mais

“ganguês” relacionado aos jovens das periferias e favelas no Brasil com formas de manifestações

fazer festas, quais eram os amigos confidentes, alguns dos quais depois vieram a se tornar também padrinhos de seus filhos.

“Curtindo” após o casamento e a parentalidade

A “curtição”, assim como a juventude, não são situações que se extinguem com a maternidade e a paternidade. Considerando que um jovem não passa imediatamente ao estado de adulto com a parentalidade, pois é um processo que tem uma temporalidade que pode diferir de pessoa para pessoa, assim como a “curtição” pode não ser abandonada. Certamente que com o fato de tornar-se pai ou mãe acrescentam-se novos fatores que estarão implicando nas possibilidades e formas de “curtir”, mas isso não implica que não haja mais essa prática e expectativa.

No caso de Jurema (19 anos, 01 filha, tem um namorado que não é o pai de sua filha), o tempo de “curtição” não terminou após a maternidade. Ela relata muitas situações de festas, de “bandas” onde os jovens reúnem-se em seu bairro e fins de semana que não voltou para casa tendo ficado na casa de amigos ou de seu namorado. Certamente temos que associar as possibilidades de Jurema ao fato dela ser solteira e à divisão dos cuidados de sua filha com sua mãe. Nos finais de semana, quem cuida do bebê é a avó, fato que não acontece sem muitas discussões e conflitos familiares. No entanto, nenhuma jovem casada referiu esse tipo de situação, muito pelo contrário, relatavam o quanto o casamento as forçava a uma relação muito estreita com o espaço doméstico. Um dos rapazes que ainda “curte” depois de já ser casado e ter um filho relata:

... depende né, se tu é casado muda, se tu é solteiro é diferente. Tu pode sair numa noite e conhecer uma pessoa e já transar de repente, isso aí pode acontecer, já aconteceu isso comigo quando eu estava solteiro. Eu gosto mais é de beber assim, de churrasco com os guris de vez em quando, fazer uma festa assim. Se tu transar com uma pessoa diferente eu acho que muda já, se tu transar com a tua esposa, tu está fazendo mais é por amor, é porque tu gosta, mas se tu está com uma pessoa na rua, mais é por prazer, empolgação na hora, mais tesão. (Émerson, 21 anos, 01 filho, casado)

Émerson mostra que ainda é possível continuar “curtindo” após o casamento e a paternidade. Isso não significa uma aceitação por parte de sua esposa que não concorda com a forma como ele leva sua vida. A esposa, segundo ele, cobra que ele seja alguém mais caseiro e que, se assim fosse, eles teriam mais paz. Mas o rapaz demonstra que tem muito gosto pelas festas que faz com seus amigos. Certamente não podemos considerar que sejam

turbulentas.

exatamente iguais a forma como ele “curte” e a forma como um rapaz solteiro possa “curtir”. O próprio rapaz mostra essas diferenças na sua vida de casado. Assim, as discussões e agressões físicas são uma constante dentro de seu casamento. Ele relata que sua esposa mostra-se ainda mais descontente porque mesmo com tantas brigas, ele não muda suas atitudes, muito pelo contrário, mostra-se indiferente às suas reclamações.

De maneira geral esse caso é bastante ilustrativo das relações de gênero que associam a mulher ao espaço doméstico. Nesse sentido, além de estar associada ao lar, a esposa de Émerson tenta aproximá-lo também dessa dimensão, gostaria que seu marido estivesse mais próximo à vida familiar. Enquanto que Émerson demonstra práticas e relações bastante associadas ao externo ao lar. Suas histórias referem bastante o trabalho, o futebol, o churrasco com os amigos e as saídas para danceterias. O rapaz não faz reclamações quanto ao seu estilo de vida, segundo seus relatos, “tudo parece estar no seu lugar”. Ele considera que não seria aceitável que abandonasse as coisas que gosta de fazer porque casou. Mas também admite que as possibilidades de sua esposa ter algum tipo de lazer são mais limitadas pelos compromissos com o cuidado da criança.

...

Enfim, o relato de Marcelo (21 anos, 01 filha, namora a mãe de sua filha) resume bem as expectativas a respeito da curtição:

Eu tenho outros amigos tipo o Duda e o Tiago, eles moram na minha rua, eles têm 18 anos. Eles são muito tri porque são caras assim, onde a gente vai tá legal, quem faz a festa somos nós, se a gente tá junto ali tá legal, não importa se é esse ou aquele lugar, não ficam reclamando de nada, a gente faz a nossa.

Assim, “curtir”, segundo relatos dos jovens sobre suas experiências, diz respeito a construção de possibilidades de divertimento, de viver diferentes sensações, de estar com amigos, de estabelecer um clima festivo onde quer que esses jovens estejam. Além disso, o “curtir” tem uma forte relação com a idéia de “banda”, normalmente se “curte” ao estar em relação com espaços e pessoas jovens. Quando eles saem para “curtir” ou dar uma “banda”, não é necessário ter

um destino certo ou uma prática pré-estabelecida. A “curtição” está associada a uma expectativa de viver situações por eles consideradas interessantes. Conseqüentemente, como vimos nesse tópico, essas experiências além de fazerem com que os jovens se sintam vivenciando intensamente sua juventude, podem gerar relações entre os mesmos que levem ao evento de uma gravidez.

3.3 - Entrando na vida contraceptiva

A relação entre transições de fase de vida e a experiência afetiva-sexual dos jovens é importante para que possamos entender um pouco sobre a forma como os rapazes e moças orientam sua sexualidade. Principalmente, no sentido que proponho neste estudo, em que eles refletem sobre as fases de vida, tendo em comum a maternidade e a paternidade. Isso faz com que nos indagemos sobre a forma como esses jovens experienciam suas relações sexuais. Os resultados dessa questão poderão estar influenciando na forma como passam a perceber as mudanças de fases de vida.

Como já vimos anteriormente, nesta pesquisa muitas das jovens, referem o início da fase dos namoros como também o início de uma fase permeada por muitos conflitos familiares. Na construção de um discurso sobre autonomização, os jovens apresentam os pais, em alguns casos, fazendo imposições de regras que estão desatualizadas com as formas como os relacionamentos afetivo-sexuais ocorrem hoje em dia. Uma moça relata situações em que os pais exigem coisas do tipo “tu só vai arrumar namorado depois que terminar os estudos” ou, “tu vai arrumar namorado aquele que eu queira, se eu gostar tu fica, se não, não”. Assim como houve situações em que levar o namorado ou namorada para o quarto não era aceito. Essa forma de apresentar regras para os jovens foi um bom pretexto para muitas discussões em família e também para o desenvolvimento de artimanhas que burlassem essas exigências.

Mas ainda há os casos, como o citado por Marcelo (21 anos, 01 filha), que pedia para sua mãe arrumar as coisas na casa, fazer sua irmã dormir mais cedo, quando ele ia levar uma namorada em casa. Suas namoradas podiam passar a noite em seu quarto, sem qualquer problema³⁹. Assim podemos perceber que não podemos falar de um unificado sistema de significados a respeito de relações afetivas e sexuais, para jovens homens e mulheres. Há diferenças de possibilidades para homens e mulheres quanto à entrada na vida sexual. Todos os relatos das moças entrevistadas comprovam que as mulheres são mais tolhidas em suas práticas sexuais e afetivas que os homens. Na perspectiva foucaultiana, a iniciação sexual surge como mais uma forma de controle disciplinar das pessoas através do “dispositivo da sexualidade” (Foucault, 2003). Sendo assim, nesse tópico estarei analisando os relatos dos jovens pais e mães desta pesquisa a respeito da entrada na

³⁹ Para saber sobre iniciação sexual na juventude ver Rieth (2002).

vida afetiva-sexual. Segundo Parker (1992), a experiência sexual, assim como outras experiências humanas, é o produto de um conjunto complexo de processos sociais, culturais e históricos e está muito pouco associada a uma questão de natureza humana.

Vários processos descritos até agora como a “curtição” e o “ficar” dizem respeito ao início da vida afetivo-sexual desses jovens que podem ou não levar a uma situação de gravidez. A contracepção torna-se, assim, uma questão importante tanto nas práticas quanto nas representações dos jovens. Talvez fosse de se esperar que, tendo em vista as noções de “curtição” e experimentação próprias desses jovens, que a evitação da gravidez fosse uma prática constante. Entretanto, como já relatado por Leal e Lewgoy (1995), mulheres mais jovens, sem aliança ou unidade doméstica, sem uma situação de trabalho estável, são as que menos recorrem a métodos contraceptivos. Debatendo com essa questão, apresentarei nesse tópico o que os jovens relatam sobre as formas como ocorrem os namoros e principalmente as relações sexuais, como ocorrem as decisões por uso de métodos contraceptivos ou não, e em que condições se davam essas relações. Nesse sentido, os jovens do presente estudo referiam-se assim:

A gente sabia do risco, que a gente transava sem camisinha [desde que se conheceram]. As vezes a gente usava camisinha, ou senão, tira na hora e as vezes a gente deixava assim, mais no final. No início a gente sempre se cuidava, ela tomava as vezes a pílula do dia seguinte. (Israel, 17 anos, 01 filho)

Na primeira vez eu usei camisinha, sempre tem aquela coisa de o cara sempre carregar camisinha na carteira. Depois, na maioria das vezes, não rolava de usar camisinha porque os dois estavam naquele calorão e nem pensava nisso. Eu não sei mas acho que tem que encostar. A camisinha me incomoda, fica apertando, eu gosto de encostar, de tocar na guria. (Marcelo, 21 anos, 01 filha)

Buscando esquematizar as questões apresentadas por esses jovens e ainda outras, podemos perceber que há uma gama de situações, de tipos de envolvimento com o ato sexual, de envolvimento entre o casal, que vão influenciar nos acordos feitos quanto à relação sexual. Há uma grande ambigüidade quando se trata de métodos contraceptivos, métodos preventivos de doenças sexualmente transmissíveis e excitação sexual⁴⁰. Os jovens passam a impressão de que não conseguem estabelecer um uso de métodos contraceptivos que não seja incompatível com suas expectativas de emoções sexuais.

É citado freqüentemente o uso esporádico da camisinha, sendo motivado por brincadeiras, pela inserção de um elemento diferente, no caso, a camisinha, ou pela necessidade de um método contraceptivo. No caso da brincadeira, isso comprova que a utilização dependerá do clima da relação, é como se decidissem, em um dia diferente dos outros, ter uma relação sexual também diferente, com camisinha. No caso da utilização da camisinha como método contraceptivo, as

experiências dos jovens mostram que esse acordo passa a ocorrer quanto a relação já saiu do clima de “calorão”, ou seja, uma excitação que elimina a razão.

Também foram elencadas situações em que a garota não se sentia à vontade com o uso de camisinha ou que o casal decidiu abandonar o uso da mesma considerando que eram parceiros fixos. E quanto ao anticoncepcional oral, houve situações em que a moça não gostava de tomar ou fazia uma reapropriação da forma de ingestão do mesmo, como relata Gisele (22 anos, 01 filha):

Na verdade eu nunca tomei certo, eu tomava quando eu sabia que ia fazer alguma coisa, eu não tomava todo dia como é o certo de tomar, eu tomava lá uma vez por mês, de vez em quando, mas ele usava camisinha.

Assim, além de Gisele reapropriar o uso do anticoncepcional oral, é perceptível em seus relatos que mesmo ela acentuando que ele usava camisinha, essa utilização também era algo eventual, que dependia do momento. Outro jovem relata uma situação de uso do método de tabelinha em que o casal somente não tinha relações sexuais nos dias de menstruação e após a gravidez é que a moça explicou para o rapaz que eles não poderiam transar uma semana antes e uma semana depois da menstruação⁴¹. Leal (1995) considera através de evidências etnográficas que mulheres de camadas populares no sul do Brasil associam período fértil e período menstrual como imediatamente vinculados. Nesse sentido, pode-se considerar uma certa dificuldade de lidar com as informações do conhecimento médico sobre o funcionamento biológico do corpo humano. Não somente nesse relato, mas também outros jovens demonstram ser complicado guiar suas decisões e atitudes por coisas que não se vê. O sangue menstrual pode ser uma evidência que, para alguns desses jovens, é necessária para compreender uma possibilidade de engravidamento. Essa questão é comparável à dificuldade que alguns demonstraram em ter uma noção real de que havia uma criança dentro da barriga da moça ou, depois de ver a criança, de que haviam participado do processo de construção do filho.

Ah, o amor...

Não é o caso de se questionar se os jovens sabiam dos riscos que corriam ao decidirem que não utilizariam nenhum método, ou quando escolhiam um método sabidamente de pouca eficácia, já que isso pressupõe um nível de racionalidade, objetividade e reflexão dissociado das representações jovens sobre si próprios. Além disso, assim como discute Rieth (1999) sobre a iniciação de jovens na cultura sexual brasileira, os ideais de amor romântico estão perpassando essas relações estabelecidas entre os jovens⁴². Essa ideologia é apresentada tanto em relatos de moças quanto em relatos de rapazes. Na maioria dos depoimentos dos jovens entrevistados, quando perguntados sobre os motivos para manter uma relação conjugal com um parceiro ou parceira, o amor aparece dentre as respostas.

⁴⁰ Para saber mais sobre uso de métodos contraceptivos entre jovens ver Cabral (2002).

⁴¹ Essas representações estão descritas em Víctora (1991).

⁴² Ver mais sobre o amor em Rieth (2001), Bozon (1995), Bozon e Heilborn (2001), Brandão (2003).

Simmel (2001) se refere ao amor relacionando-o com o erotismo sexual, de forma que amando o corpo do outro, não nos contentamos em desejá-lo, espera-se mais que isso. Contudo, Rieth (2001) relaciona amor e instinto sexual, o instinto como consequência e manifestação do amor. Enquanto que Bourdieu (2002) analisa o amor referindo à "...dominação aceita, não percebida como tal e praticamente reconhecida, na paixão, feliz ou infeliz". Mas já Malinowski (1983) escrevia sobre o amor relacionando à paixão, que atormenta o corpo e a mente, conduzindo as pessoas a situações com certa dramaticidade, menos freqüentemente resultando em alegria e satisfação dos sentimentos.

Assim, os jovens entrevistados apresentam algumas expectativas perante o sentimento de amor como "quem gosta confia", "quem gosta pode arriscar", "quem gosta dá provas do seu amor", "quem ama deseja um filho do seu amor", "no amor tudo vale a pena" e "transar sem camisinha é uma prova de fidelidade". Segundo Giddens (1993), no amor a "virtude" passa a ter um novo sentido para homens e mulheres distinguindo a pessoa amada como "especial" (Giddens, 1993:51)⁴³. Disso podemos afirmar que certas formas como esses jovens entrevistados relatam relacionar-se com os métodos contraceptivos e com os parceiros são formas de provas de amor ou de estabelecer confianças provenientes desse sentimento.

O "calorão"

Também algumas representações permeiam essas relações sexuais como a da importância do "toque", dos corpos sentindo um ao outro diretamente e a valorização da extrema excitação, ou seja, da criação de contextos excitantes que não dependam somente dos corpos, mas também das condições. Essas condições são relatadas pelos entrevistados como ocasiões em que puderam ter relações sexuais em locais pouco convencionais, ou com pessoas que, por algum laço de amizade ou de fidelidade, não era considerado permitido, ou ainda, de muita atração por alguém recém conhecido, dentre outras. A excitação deve ser "curtida" ao seu máximo e é descrita como muito importante para a maioria desses jovens. O nível de excitação em que o casal se encontrava no momento de uma relação sexual sem uso de preservativo é considerado por eles uma boa justificativa para não pensar em nada, é o "calorão". O "calorão", nas suas representações, faz perder o sentido, não há racionalidade que possa controlar essa excitação e ele também independe do grau de proximidade da pessoa que o está provocando. Ou seja, independe de ser alguém recentemente conhecido ou a muito tempo conhecido.

Ter uma relação sexual sem o uso de preservativo não é algo que necessariamente irá acontecer somente com uma namorada, com um namorado, ou como há exemplo entre as citações, entre parceiros fixos. Estas são situações esperadas de não uso de preservativo. Transar sem camisinha pode ser justificável pelo alto nível de excitação que supostamente se sobrepõe à razão e

⁴³ É de extrema importância ressaltar que neste estudo estamos entrevistando jovens que tornaram-se pais e mães e isso é um diferencial, é preciso relativizar no sentido que eles poderão estar apresentando situações vividas que levam à maternidade e à paternidade. Não podemos generalizar e considerar que todos os jovens hajam dessa mesma forma, porque é possível que a

os transforma em pura sensação sexual. Essa transformação da ordem dos sentidos é muito valorizada e faz parte das características que os informantes consideram como sendo de jovens. Uma garota ou um garoto conhecido em uma noite de festa podem despertar essa sensação. O objetivo da festa pode passar a ser conseguir “ficar” com essa pessoa e/ou de relacionar-se sexualmente com essa pessoa.

Prevenir?

É difícil afirmar se a despreocupação dos jovens com as DSTs (Doenças Sexualmente Transmissíveis) se dava pela forma como a pesquisa foi apresentada para eles, como um estudo a respeito da experiência da maternidade e paternidade na juventude⁴⁴. Mas é certo que a relação precária com o uso de preservativos ou pílulas anticoncepcionais implicava em possibilidades de uma gravidez. De maneira geral, podemos perceber uma certa dificuldade em incorporar atitudes preventivas de gravidez ou de DSTs ao ato sexual⁴⁵. Segundo Rieth (2002), duas das explicações apresentadas por jovens, em seu estudo, quanto ao não uso da camisinha, dizem respeito ao fato de conhecer o outro e ao que eles consideram por “cortar o clima”. Mas a camisinha também é apontada como algo que distancia o casal e, nesse sentido, há uma super valorização da proximidade que o ato sexual pode estar proporcionando entre essas pessoas.

É importante perceber que a forma como eles apresentam as situações não possuem uma correspondência com o discurso médico e moral sobre a irresponsabilidade da juventude quanto à prevenção. Os relatos demonstram a vivência desses jovens e como eles posicionam-se no mundo através de um discurso retrospectivo após tornarem-se pais e mães. As representações e as ações, afirma Chartier (1991), têm como pressuposto uma eficácia da ordem das idéias e do discurso. Descolados das práticas, os significados podem ser bastante diversos e concorrentes. Os entrevistados demonstram que não há um excesso de preocupação com as conseqüências da relação sexual, o que também não quer dizer que eles desconheçam métodos contraceptivos, não tenham acesso ou que não saibam o que provoca uma gravidez. Assim como também, pelo que pude perceber nas entrevistas, se questionados quanto ao desejo de engravidar, num primeiro momento, boa parte deles deram uma resposta negativa, que em alguns casos, mudou com o passar do tempo de entrevista. Isso marca a constante ambigüidade que é proveniente desse tipo de debate. Os sujeitos da pesquisa relatam:

Todas as minhas namoradas, quando a gente transava, tomavam remédio e tal⁴⁶. Então, eu sempre fiquei tranqüilo e nunca deu nada mesmo, e ela disse que tomava e eu fui

maioria dos jovens nessa faixa etária, que não têm filhos, estejam tendo práticas um pouco diferenciadas dessas apresentadas nesta pesquisa.

⁴⁴ Para saber sobre discursos sobre sexualidade ver Altman (1993).

⁴⁵ A esse respeito, ver Heilborn e Prado (1995).

⁴⁶ A palavra remédio é utilizada por vários dos jovens informantes referindo-se ao anticoncepcional oral.

confiar na palavra dela. Ela disse 'eu estava tomando um dia sim, um dia não, para não acabar' e eu olhei para ela assim, bah, não vou fazer nada. (Danilo, 21 anos, 01 filha)

Não, sim (usavam preservativo), tá ligado, mas as vezes é inevitável, não é sempre que o cara né e aí quando vê a mina grávida. Eu me cuidava direto, sempre usando camisinha, sempre coisa. E às vezes, rolou assim, várias vezes de transar sem camisinha, normal, tu tá com a mina e pah, tu tem assim digamos um parceiro fixo. (Rodrigo, 24 anos, 01 filho)

Podemos ver, através dos relatos, que de maneira geral, as moças são apontadas como detentoras da decisão da gravidez e do uso de anticoncepcional oral. No estudo de Arrilha (1998), com homens adultos, de estratos sociais médio-baixo e médio-alto, na relação com a diversão e a responsabilidade, vemos que os homens consideram que as decisões sobre a vida reprodutiva são de responsabilidade da mulher por serem as "coordenadoras dos processos reprodutivos". Mas também outros jovens, envolvidos em outros contextos, podem apresentar uma relação diferenciada com os métodos contraceptivos. O uso da camisinha, por exemplo, não pode ser visto como uma decisão da moça, os relatos mostram que essa decisão ou partia do rapaz, ou era negociada entre o casal quando a moça manifestava que não tomava anticoncepcional e tinha medo de engravidar.

Em dois casos nesse estudo, as moças foram tomadas como produtoras das decisões ou falhas que tiveram como resultado a gravidez. Os homens sentem que muitas vezes têm que mudar o rumo de suas vidas em decorrência de uma gestação, por terem permitido esse controle das mulheres, ainda que não desejassem ser pais (Arrilha, 1998:65). Nenhum dos rapazes da presente pesquisa mencionou durante as entrevistas qualquer intenção de controle ou participação sobre o uso correto do anticoncepcional oral de suas parceiras sexuais. Normalmente, o controle e o tipo de uso do contraceptivo é percebido como uma atividade de inteira responsabilidade das garotas. Os tipos de usos feitos do anticoncepcional oral feitos por algumas das entrevistas, muitas vezes, sugerem para elas que seja possível outras formas de manipulação do medicamento, diferenciadas das instruções médicas, sem que haja engravidamento. Além do mais, na maioria das vezes, entre esses parceiros mencionados na pesquisa, não há uma freqüência de relações sexuais muito acentuada.

Assim, há um certo distanciamento entre a freqüência com que é necessário tomar o anticoncepcional e a freqüência das relações sexuais, o que causa uma certa desconfiança e releitura do uso desse medicamento. O fato de esses jovens não terem dentre suas práticas o planejamento das relações sexuais e, em boa parte das situações, não terem parceiros fixos, rompe com a lógica do uso de anticoncepcional. Essa questão está associada às formas de percepção do corpo. Transar em espaços de tempo muito distanciados, para algumas das jovens, é algo que está dissociado da necessidade de tomar o anticonceptivo todos os dias. Ou seja, introduzir uma prática diária de ingestão de um medicamento e conseqüentemente de interferência nos seus corpos, não lhes parece lógico quando pensado em relação ao número de vez que elas têm relações sexuais. Uma outra dimensão dessa questão é abordada por VÍctora (1991), quanto ao universo feminino de camada

popular, sobre representações de corpo e fertilidade em que muitas mulheres percebem-se como únicas, tendo em seus corpos um funcionamento singular.

Pode-se pensar ainda num tipo de descompasso entre a forma como os jovens vivenciam a sua sexualidade e a fase da juventude e um discurso de medicalização da sexualidade. As características que estamos vendo ao longo desse trabalho associadas à juventude estão em dissonância quanto às orientações médicas para o uso de métodos contraceptivos e preventivos de DSTs. A valorizada imprevisibilidade das situações e encontros sexuais, apontadas pela maioria dos entrevistados, não está relacionada à necessidade de administrar o anticoncepcional oral dentro de uma completa regularidade. Segundo Leal (1995), quanto ao uso de métodos anticoncepcionais não se trata de falta de informações ou falta de acesso a diferentes métodos contraceptivos, considerando que eles, de maneira geral, estão disponíveis para as mulheres que, por exemplo, procuram o sistema público de saúde. A questão maior é que se torna necessário buscar a lógica que ordena as representações a respeito de reprodução e fase de vida .

O que estamos sugerindo é que as técnicas para uso de métodos contraceptivos exigem programação, pré-disposição e sentimento de necessidade que nem todas as garotas e rapazes têm. Em todas as falas dos jovens, aparecem tipos de métodos preventivos, mas a utilização é correspondente à maneira como as situações ocorrem. Isso tem correspondência com a imagem de juventude amplamente divulgada e legitimada, mas principalmente experienciada pelos jovens. E também não podemos esquecer que há uma grande valorização da natalidade em nossa sociedade que está influenciando em visões de masculinidade e feminilidade, atribuindo um novo status aos jovens envolvidos. Esse status, de forma mais ou menos explícita, pode ser algo desejado pelos novos pais. A sexualidade jovem relacionada a descobertas, experimentações, emoções, impulsos sexuais e imprevisibilidade não exclui a descoberta da parentalidade.

Diferentemente do que se possa pensar ou até mesmo do que se ouve falar, esses parceiros, até chegarem ao evento da gravidez, “arriscaram” muitas vezes. O fato de “arriscar” e não chegar ao resultado de uma gravidez produz um certo sentimento de “imunidade” à situação, como afirma Luciana (19 anos, 01 filho, casada) ou Gisele (22 anos, 01 filha, casada), respectivamente:

Quando eu estava com ele eu já não me cuidava, eu achava que comigo não ia acontecer porque se não aconteceu com o outro lá, não ia acontecer agora, era isso que eu pensava.

Eu ia na casa dele de tarde, a gente ficava de arreganhzinho e o que que deu e o arreganhzinho deu nisso. Eu me arrisquei muito.

Como um dos rapazes, anteriormente nesse capítulo, comenta “é inevitável”, e é com esse sentimento que as relações sexuais acontecem. Na maioria das vezes, há um discurso que leva a uma idéia de que existe uma capacidade limitada de controle, seja sobre as práticas, as ocasiões ou as possibilidade de evitar uma gravidez. Além disso, ter passado por muitas relações sexuais sem

engravadar faz com que essa prática permaneça acontecendo. Não quer dizer que essas jovens não tivessem o receio de engravidar, mas apostavam na sorte de que isso não ocorreria, como tantas vezes não ocorreu. Por outro lado, a maioria dos jovens relatam que sempre se protegiam de alguma forma e, nesse caso, pode ser até mesmo coito interrompido. Mas ao mesmo tempo, eles não deixam de afirmar que existem situações que são incontroláveis e o “sempre” perde seu efeito. Podemos perceber que a idéia de “curtição”, de vivenciar o momento, e a idéia de proteção contra gravidez e DSTs, mantêm-se incompatíveis.

O jogo

Muitas vezes, mesmo passando por uma gravidez, as apostas na sorte de que outra gravidez não ocorrerá, continuam. Podemos comparar com um jogo, mas um jogo que não é vivido de forma dramática, mas de forma excitante. Para os jovens, esse é um jogo que na maioria das vezes se ganha e o ganho vem de duas formas, uma é o prazer experimentado e a outra é não ter como resultado uma gravidez, representado como uma situação que à posteriori sempre se ganha. Mas mesmo essa idéia também tem sua ambigüidade porque em muitos casos, engravidar a moça ou ficar grávida também pode ser visto como um “prêmio”. Mesmo que esse sentimento não seja o compartilhado com a família do jovem e o caso seja vivido dramaticamente pela família, para a jovem pode estar representando ter um filho desejado, ou ter um filho da pessoa amada, dentre outras coisas que podem estar envolvidas. Para o rapaz, pode ser uma prova de sua capacidade, de seu potencial masculino de engravidar uma mulher. Como mostra o relato de Marcelo:

Durante um tempo eu até pensei que nem pudesse ter filhos, porque nunca nenhuma guria engravidou de mim e eu quase nem me cuidava. Quando a Alessandra disse que estava grávida eu até fiquei meio assim, eu já pensava que nem podia ter filhos. (Marcelo, 21 anos, 01 filha)

Assim, engravidar uma moça também pode ser visto como uma vitória, uma prova de masculinidade, ser fértil em nossa sociedade é um requisito importante para homens e mulheres pois está associado ao “valor-natalidade”⁴⁷. Complementando essa idéia, o relato citado anteriormente por Luciana, em que ela conta que não havia engravidado de outro rapaz com quem mantinha práticas sexuais sem o uso de métodos contraceptivos, é exemplar da sensação de vitória da pessoa, em relação à natureza. Além disso, o rapaz que a engravidou prova, nessa efetividade, capacidades diferenciadas da sua experiência anterior. Podemos considerar um marcador de masculinidade, ele foi capaz de engravidá-la, “ele é homem suficientemente para engravidar uma mulher”. Segundo Fonseca (2002 a), ser pai é um ponto de honra para os homens e um homem casado que não tenha filhos pode suscitar suspeitas quanto à sua virilidade. Mas outra possibilidade apresentada foi a

⁴⁷ Para uma discussão sobre a construção da corporeidade masculina ver Olavarria (1999).

associação do evento de gravidez ao destino, “era para ser”, como algo inevitável, pois tantas vezes já tinha acontecido o ato sexual sem uso de preservativo não culminando em uma gravidez.

A imprevisibilidade das situações permeiam esses relacionamentos representados como joviais, assim como, muitas vezes, era inevitável que o ato sexual ocorresse sem o uso de preventivos. E ainda, também a gravidez pode ser percebida como algo inevitável, como da ordem das coisas e como um destino. Nesse sentido, os jovens, na sua maioria, não demonstram um sentimento trágico para o acontecido, há uma consciência das possibilidades que estão associadas às suas construções de autonomia. Junta-se aqui mais um elemento ao processo de passagem de fase de vida: um filho. Mesmo aqueles jovens que demonstram um certo arrependimento, ou uma dificuldade de lidar com a maternidade e a paternidade, ainda assim, afirmam que sabiam o que estavam fazendo e que poderia resultar em uma gravidez.

O relato de Fátima (24 anos, 01 filho, solteira) que refere uma situação em que ela diz ter convencido o rapaz a ter um filho com ela, apresenta as oscilações entre coragem, enfrentamento de um desejo e os momentos de medo, associados a sensações de desespero⁴⁸. Desejar um filho pode ser uma parte do processo, mas estar grávida traz outras questões a serem resolvidas. O fato de ser jovem e não ter uma infra-estrutura financeira estável não impede esses jovens de desejarem ter filhos. Fonseca (2002 a) afirma que um dos recursos mais fortes que a mulher tem para seu estabelecimento perante um parceiro é a glorificação de seu papel como mãe cuidadora dos filhos de seu companheiro. Com isso, considera a autora, as mulheres buscam a possibilidade de maior influência na relação conjugal. Diferentemente do que discursos “adultos” idealizariam para pessoas vistas como muito jovens, algumas das situações de gravidez na fase dos 15 aos 24 anos são planejadas⁴⁹, essa questão aparece no relato de Marcelo (21 anos, 01 filha, casado):

Um dia ela me disse que gostaria de ter uma criança e eu aceitei a idéia. Combinamos que ela não tomaria mais a pílula e eu também não ia usar camisinha. Mas não íamos ficar encucando com isso, só não íamos mais nos proteger e quando acontecesse tudo bem. Transamos uns quatro meses sem usar nada e ela já ficou grávida.

É relevante perceber que os jovens, por não terem a estrutura psicológica e material imaginadas pelo “mundo adulto” como mais adequada, não se sentem impossibilitados de terem seus filhos. Na visão dos jovens, a juventude é um momento onde as pessoas estão aptas fisiologicamente para a reprodução. Além disso, em muitos casos, ela é considerada desejável, constituindo-se em mais um passo em direção ao mundo adulto. O relato de Israel resume significativamente a idéia que

⁴⁸ Cabral (2002) faz uma tipologização dos eventos de gravidez como “gravidez planejada”, “gravidez acidental” e “gravidez tácita”.

⁴⁹ É importante situar as situações que foram abordadas neste estudo como gravidez planejada. Uma gravidez pode ser planejada por uma das pessoas de um casal ou pelas duas. Por exemplo, a moça pode decidir ter um filho sem participar seu desejo ao parceiro, assim como o rapaz pode planejar ter um filho sem dividir seu desejo com sua parceira ou o casal decidir junto pela gravidez. Os jovens revelam que, em boa parte das situações, não havia uma explicitação do desejo, mas as práticas eram indicativas para si próprios de que poderia ocorrer uma gravidez.

perpassa a forma de “jogo” como os jovens entrevistados relacionam-se com seus parceiros ou parceiras e as expectativas ou possibilidades do relacionamento:

A gente curtia a idéia, a gente sabia do risco mas não se importava. A gente sempre achou legal criança e a gente sempre se deu tri bem. Então, se acontecesse não ia ser uma coisa ruim.

O fato de boa parte desses jovens entrevistados estarem envolvidos nessa noção de “jogo” com relação às suas sexualidades, não inclui completamente a idéia de desejo de ser pai ou mãe, mas também não exclui. Contudo, a parentalidade está associada a valores relevantes socialmente que podem ser desejáveis, como o valor-maternidade, o valor-natalidade, o valor-família e o valor-trabalho. Sendo assim, a maternidade e a paternidade poderão produzir mudanças de status na vida desses jovens, tornando-se pais, mães, homens, mulheres, adultos, mais independentes da família de origem.

O aborto

Por outro lado, o aborto pode ser uma alternativa para uma gravidez que os jovens decidam não levar adiante. Porém, é possível perceber que a relação com o aborto é dramática e permeada por valores bastante importantes, compartilhados por nossa sociedade e conseqüentemente também por esses jovens. Para Leal e Lewgoy (1995), uma pessoa pode discursivamente apresentar um posicionamento perante o aborto fortemente contrário, enquanto que numa situação prática ele pode ser uma alternativa. Segundo alguns relatos:

Eu já tinha feito um aborto e não aceitava muito aquele aborto que eu fiz porque tinha sido com quatro meses e meio. Eu achei aquilo que eu fiz uma imaturidade e também porque já estava com quatro meses e meio, já estava numa fase avançada da formação. Tirar um bebê já é um fato extremamente ruim, já é uma gravidade o que tu está fazendo, porque tu decidiu por um filho, eu tinha decidido e não assumi. Paguei para fazer o aborto, eu pensei nele, em mim e na minha família para chegar até lá. Eu superei. (Fátima engravidou a primeira vez aos 19 anos e na segunda vez aos 23 anos, 01 filho)

Eu disse ‘o que que a gente vai fazer’ e ela disse ‘eu não vou ter ele’, eu disse ‘tá louca, tu não vai tirar’ e ela ‘eu vou tirar, eu vou tirar e tu tem que me arrumar tanto até tal dia’. Até que chegou o dia e eu fui buscar ela no serviço para a gente ir lá e eu disse ‘porque tu não pega esse dinheiro e compra coisas para casa, para a criança’, eu não tinha conseguido tirar da cabeça dela. Eu estava rezando para que a gente chegasse lá e ela tivesse com mais tempo e não desse mais. A gente chegou lá e a mulher disse que ela tinha

que fazer uma ecografia e foi o que aconteceu, ela estava com cinco meses e a mulher disse que não dava mais para tirar. (Antônio, 23 anos, esse é o caso de seu segundo filho)

Fátima, assim como outros jovens, via na parentalidade uma possibilidade de amadurecimento. Porém, ela não encontrou o apoio que demonstrou necessitar para levar a gestação adiante. Nesse caso, podemos perceber uma situação ambígua em que buscando aproximar-se da maturidade através da responsabilidade por um filho, ela sentiu-se impossibilitada de manter a gravidez e tomou uma atitude considerada por ela imatura, que era o aborto. Assim como o tempo de gravidez foi algo sempre apresentado como de muita gravidade. Certamente ela reconhece as recomendações médicas de que um aborto possa ocorrer no máximo até os três meses de gestação e isso tinha um grande peso quanto às impressões que ficaram sobre o aborto. Já no caso de Antônio, o tempo de gravidez é o que podia fazer com que a moça desistisse da idéia de interromper a gravidez. Fátima comenta que essa gravidez e esse aborto nunca foram esquecidos e passados três anos, novamente engravidou e aí não aceitou a pressão familiar e manteve até o final sua gestação.

Dentre as questões apresentadas por Fátima e Antônio está a representação sobre o “assumir” os atos. Ser jovem, nas suas representações, não é somente arriscar, mas também há uma importância atribuída à capacidade de responsabilizar-se pelos seus atos. Além disso, o assumir também é parte do jogo de possibilidades no qual os jovens parecem envolver-se. O estudo de Leal e Lewgoy (1995) sobre “Pessoa, Aborto e Contracepção”, com grupos populares de Porto Alegre, indica que a regra do “assumir” o filho é bastante imperativa e funciona como um valor. Assim como também tem uma dimensão relacional, depende de uma configuração de condições como o pai da criança “assumir”, a família materna “assumir”, ter condições materiais, dentre outras. “Assumir” demanda um contexto que tenha uma certa harmonia de possibilidades.

Para Fátima, assumir era uma atitude importante, principalmente porque a gravidez havia sido “planejada”. Antônio deseja “assumir” a criança tentando convencer sua namorada a não interromper a gravidez. Fátima avalia como uma atitude ilógica convencer seu namorado de ter um filho com ela, engravidar e depois não querer a criança, era preciso que ela enfrentasse todas as dificuldades que ela percebia como uma escolha dela. Entretanto, isso, na primeira gravidez, não ocorreu. Segundo Arrilha (1998), também os rapazes, diante dessa situação, vêem-se na obrigação de “assumir responsabilidades”, o que é importante para as diferentes masculinidades. Podendo essa atitude ser determinante do grau de seriedade desse “homem que se constrói” na fase da juventude.

No caso de Fátima, a pressão exterior ao casal foi bastante forte, os pais dela não aceitavam. Seus pais consideravam que estavam lhe dando uma chance de desenvolver-se um pouco mais até chegar à maternidade, tanto no campo profissional, educacional e financeiro, quanto no que diz respeito à sua maturidade. O fato de sua mãe estar associada às áreas médicas, devido à profissão, além da condição econômica, facilitavam para que a mãe lhe oferecesse a alternativa de um aborto. Assim como também a avó dos filhos de Antônio tentou auxiliar a filha de uma maneira mais caseira em um aborto, dando-lhe chás e remédios, ela considerava que não era o momento

para sua filha tornar-se mãe. As famílias ainda demonstravam uma certa autoridade sobre as atitudes dessas moças. Além disso, elas nos mostram a importância da dimensão relacional em suas decisões, questão essa que aparece também em outros relatos, como os que seguem:

Eu disse para o Leonardo 'se tu não assumir eu vou ser obrigada a tirar porque a minha mãe nunca aceitou'. Eu não contei nada para ela, cheguei e contei para o Leonardo e ele disse 'tirar tu não vai' e eu disse 'então tu vai assumir'. (Gisele, 22 anos, engravidou aos 18 anos)

A mãe dela tentou aborto, eu nem sabia, tentaram com Citotec, tentaram esses chás muito loucos. (Antônio, foi pai aos 15 anos, 03 filhos – esse é o caso de sua primeira filha)⁵⁰

Aí ela assim, porque ela me disse que já tinha feito dois abortos e daí ela disse 'ah, eu vou tirar'. Só que daí quando ela falou para a mãe dela a mãe dela disse 'não, não vamos tirar, tu já fez dois abortos e mais um, de repente tu te prejudica e não vai mais poder ter filho'. (Rodrigo, 24 anos, 01 filho)

Os relatos acima são bastante expressivos e apresentam diversas questões envolvidas no aborto para esses jovens. Primeiramente podemos ver que, na maioria das situações, a gravidez na juventude não é uma situação que seja vivenciada e decidida apenas entre o casal, há um forte peso quanto às influências da família, se a família vai aceitar e vai ajudar ou não. Ao mesmo tempo, é perceptível que algumas situações ilustram o “valor-natalidade”, a importância do assumir enquanto um valor da masculinidade e que a avaliação do rapaz quanto à gravidez pode ser decisiva para a execução de um aborto ou não. Assim como a possibilidade de fazer muitos abortos e posteriormente não poder mais ter filhos pode ser vista como algo importante e decisivo para manter a gravidez, seria considerado talvez um castigo não poder mais ter filhos. Segundo Hérítier (1975), um casal sem filhos é considerado em um estado transitório, assim como de maneira geral podemos considerar que é esperado que todas as pessoas, em alguma fase de suas vidas, tenham filhos. Assim, a idéia de não ter filhos ou de ficar impedido, por algum motivo, de ter um descendente, é vista como algo não adequado para a vida de uma pessoa considerada “normal”.

Os casos de gravidez acionam valores e representações gerais sobre a positividade da natalidade. Assim como se recolocam os conflitos com os genitores que têm outras expectativas para a vida dos seus filhos jovens. Porém, essas expectativas estão subsumidas aos valores maiores da sociedade, como o “valor-natalidade”. Isso pode ser visto no caso de Rodrigo, em que a mãe da

⁵⁰ Segundo Arrilha e Barbosa (2003), o Citotec, tecnicamente chamado de Misoprostol, é um produto sintético análogo à prostaglandin E1, desenvolvida pela G D Searle & Company, em 1970, para o tratamento de certos distúrbios gástricos e úlceras do duodeno. No Brasil, a experiência de uso do Citotec também está associada a situações abortivas.

moça, mais que estar preocupada com uma gestação em uma fase de vida considerada “precoce”, estava preocupada com a possibilidade de sua filha tornar-se estéril.

3.4 - Pretendendo ficar grávida

Segundo Heilborn et al. (2002), a gravidez na adolescência não se constitui como um fenômeno atual no Brasil, somente ao acompanhar uma tendência internacional que guarda outras expectativas para a juventude é que ela passa a ser percebida como um problema social. Entre 1970 e 1991, houve poucas mudanças quanto à fecundidade das mulheres na faixa etária entre 15 e 19 anos no país. Por muito tempo, a faixa etária que convencionou-se como adolescência foi considerada a ideal para as mulheres terem filhos. (Heilborn et al., 2002) Nesta pesquisa, em alguns casos, os jovens deixam explícito que gostariam de ter filhos, ou que o fato de a moça engravidar não era percebido como ruim pois já encontravam-se casados, ou dentro de um relacionamento que consideravam apropriado para esse evento. Dois jovens apresentam as condições em que a gravidez ocorreu em suas vidas:

Foi tudo planejado assim certinho, porque até eu queria amadurecer um pouco mais, queria conhecer um pouco mais da vida, eu queria ter, depois eu comecei a pensar assim sabe, eu tenho que ser de um tipo que nem o meu pai assim sabe, de ele se orgulhar de mim, pra mostrar para ele que eu tenho condição de sobreviver. Claro, eu vou passar algumas dificuldades, normal, vai fazer parte da vida, mas tudo vai ser resolvido. (Carlos, pai a primeira vez aos 18 anos, 02 filhas)

Até que eu queria, um filho pode ser bom para a gente amadurecer, a gente é muito criança. Engravidei com 14 anos e ganhei com 15 anos. (Daiane, 22 anos, 01 filho)

Nos dois relatos, podemos perceber uma forte relação da paternidade e da maternidade como uma forma de amadurecimento⁵¹. Essa relação com o amadurecimento pode ser algo percebido anteriormente à gravidez ou posteriormente, em alguns casos. Para o jovem Carlos, por

⁵¹ Para ver uma análise de imagens de maternidade e paternidade onde “o filho é da mãe” e “o pai abre a carteira”, ver Medrado (1998).

exemplo, a paternidade representava mais um passo em direção a um pleno amadurecimento e ela está associada a eventos da vida que vão conduzindo a pessoa ao estado adulto. Ele já trabalhava, o casal já morava junto e o próximo passo podia ser esse. Essas etapas estão relacionadas ainda com a aprovação e conquista de credibilidade no “mundo dos adultos”. As dificuldades que podem ser provenientes desse evento, nessa fase da vida, são provações pelas quais a pessoa deve atravessar com sucesso e isso ser mostrado no futuro como uma vitória, uma capacidade demonstrada pelo jovem. Para a jovem Daiane, essa era uma oportunidade de conquistar mais rapidamente o amadurecimento, já que ela concordava que era muito jovem, uma pessoa com 15 anos casada e que precisava atingir outros estágios da vida com mais rapidez. A maternidade apresentava-se como uma alternativa possível e que lhe traria notoriedade aos olhos dos demais, considerando que assumiria o status de mãe.

Os relatos de algumas das jovens entrevistadas demonstram que ser mãe ainda tem uma importância central na vida de muitas mulheres. A fala de Fátima (24 anos, 01 filho, solteira) é ilustrativa, ela diz para seu namorado que espera de um parceiro o desejo de ter um filho com ela e que isso é muito importante para ela, até como condição de manter o relacionamento. Também Pitty (23 anos, 01 filha, casada) fala sobre a importância atribuída à maternidade e ao enfrentamento que ocorreu quando ela engravidou, seu pai ficou sem falar com ela durante oito meses. A mãe dela fez de tudo para que ela aceitasse fazer um aborto, mas ela dizia “não, mas eu quero, eu quero, eu quero, eu vou ter a minha casa e eu não vou precisar depender de vocês, não precisa se preocupar”. Ela considera que eles ainda a viam como uma criança e que não aceitavam que ela tivesse tomado aquela decisão. Pitty comenta o quanto foi emocionante para ela quando sua filha nasceu e ao ser colocada sobre seu corpo a ficou cheirando, ali ela percebeu o quanto era importante ser amada por um filho.

O valor da maternidade ainda é bastante presente nos relatos de algumas jovens. Elas consideram estar imbricado na identidade feminina o valor do amor materno. Segundo Giddens (1993), “a invenção da maternidade” é uma das conseqüências do amor romântico. Assim, a idealização da mãe está relacionada à construção moderna da maternidade, contribuindo para a valorização dos valores propagados pelo amor romântico e criando a imagem da “esposa e mãe”. Para as jovens entrevistadas, tornar-se mãe representa a entrada em uma etapa de vida onde dão mais um passo em direção ao “mundo dos adultos” e das mulheres. Alguns relatos mostram que até mesmo a relação de amizade é modificada em virtude da relação com o filho e com o espaço doméstico. A nova mãe afasta-se, em alguns casos, de seus amigos, representativos de uma fase de vivências intensas da juventude, e aproxima-se de outras mulheres, também mães.

Alguns dos entrevistados consideravam que já estavam em uma fase de vida em que a experiência da maternidade e paternidade eram apropriadas. Principalmente para aqueles que já se encontravam numa situação conjugal em que dividiam uma moradia com seus parceiro ou parceira. Débora (16 anos, 01 filha, tem um namorado que não é o pai das filhas) relata sua experiência:

Eu vi que a minha menstruação atrasou e eu ‘pode ter certeza que eu estou grávida’. Eu pensava que podia ficar

grávida, como a gente estava casado, então vamos ter um filho. Eu achava normal porque eu acho que porque a minha irmã teve filho cedo também. (Débora, 16 anos, 01 filha, solteira)

Além de já estar morando com o namorado, Débora também tinha uma idéia de que a gravidez nessa fase de vida é um fato comum. Ela tem em sua família a irmã e o irmão que também tinham experienciado a maternidade e paternidade com essa idade. Para Débora, o casamento tem como conseqüência a maternidade e por isso a gravidez não era vista como algo como fora da ordem das coisas. No momento da entrevista, a moça já encontrava-se separada, morando com sua mãe e recebendo ajuda financeira do seu pai para criar sua filha. Essa relação dos eventos com as fases da vida pode ser vista em Fonseca (2002), onde ela considera que nosso sistema classificatório de etapas de vida é bastante frágil e deve estar associado, enquanto construção social, ao contexto em que as pessoas em questão estão envolvidas. No contexto estudado pela autora, analisando redes de sociabilidade constituídas a partir da circulação de crianças em camadas populares, a “infância” não parecia se prolongar para além dos 12 ou 13 anos. A partir desse momento, essas pessoas que já estavam fazendo biscates, passam a decidir por si mesmas sobre onde irão morar. Ainda que os pais se queixem durante essa fase de transição, é notável a satisfação dos mesmos a respeito da autonomia de seus filhos. Os filhos associados ao trabalho e as filhas, ao casamento, havendo um reconhecimento implícito da entrada precoce no mundo adulto (Fonseca, 2002:77). Assim, vemos que também no contexto de vida de Débora, a seqüência dos eventos poderia ser: casar aos 13, engravidar aos 14 e tornar-se mãe aos 15 anos. No caso dela demonstrar-se uma boa mãe, ela estará cumprindo adequadamente com o esperado para a idade e a situação, e ainda estará reafirmando seu status de mãe.

A influência das condições financeiras

Por outro lado, Israel (17 anos, 01 filho) mostra o quanto foi importante para ele e sua companheira que ela tivesse uma estrutura financeira adequada para os padrões de vida e de passagem pela gravidez conforme eles imaginavam :

Uma coisa que influenciou bastante para a gente poder ter o nenê é que ela tinha a pensão, ela tinha o plano de saúde, ela tinha onde a gente morar, a gente não ia ter dificuldade nenhuma financeira, era só a gente querer cuidar. É dela o apartamento, é uma herança, dois apartamentos e umas terras em Bagé e a pensão.

Esse contexto de que dispunham Israel e sua namorada propiciou que eles pudessem bancar sua decisão, ainda que os familiares e os amigos considerassem inconveniente a decisão dos dois de terem um filho com tão pouca idade. Ele conta que no momento em que eles começaram a receber as desaprovações das pessoas de suas relações “...mandamos à merda na real, azar de quem acha que está ruim, se pra nós estava bem, quem é que tem que achar?

”. O casal desconsiderou o que as pessoas pensavam sobre aquela situação, certamente essa atitude foi mais fácil porque eles não estavam dependendo de seus pais, ou de quem quer que fosse. Israel relata que emocionalmente passou a ser bem mais agradável quando as pessoas aceitaram e eles puderam dividir essa satisfação e “curtição” da barriga e depois da criança, com seu círculo de relações familiares e de amizade. Mas ele demonstrava bastante segurança estando amparado financeiramente e para os demais foi uma questão de compreender que eles estavam realmente decididos e de que não mudariam de idéia. Passados os momentos estressantes, ele conta: “...a gente brincava um monte, todo mundo, todos nossos amigos em volta...”.

Por esses relatos, observamos que uma gravidez ocorrida na fase que abrange as idades entre 15 e 24 anos nem sempre é um “acidente” ou faz parte do “jogo”. Ela pode ser mesmo planejada, mas a condição sócio-econômica pode ser um dos marcos diferenciais. Conforme a situação citada anteriormente, muita gente achou estranho o fato de eles desejarem um filho tendo pouca idade, “mas nós estávamos tri na boa, tri tranquilos...”. Ou seja, os jovens demonstravam estar satisfeitos e com boas expectativas para o fato de tornarem-se pais. Essa justificativa do entrevistado relaciona-se com a questão de as pessoas, de maneira geral, com quem os jovens convivem, principalmente as adultas, não esperarem e não considerarem adequado⁵² para indivíduos muito jovens a paternidade e a maternidade. Nas palavras do entrevistado “no início, bah, teve uns amigos meus e umas irmãs minhas que ficaram indignados, não faz isso, não sei o que, foi uma crise.” Nesse caso, a gravidez, mesmo para os irmãos e amigos, pessoas com mais ou menos a mesma faixa etária do jovem entrevistado, produziu momentos de desaprovação de suas decisões.

O entrevistado⁵³ aqui mencionado tem 17 anos, sua parceira tem 20 anos e seu filho vai completar um ano. Eles combinaram a parada de uso de métodos contraceptivos e já faziam planos de terem um filho, porém, ao informarem aos pais de ambos, houve um certo conflito. Os pais dele e o pai dela ofereceram a alternativa de eles abortarem a criança, dizendo que não era

⁵² Segundo Heilborn (et al., 2002), “O fenômeno também ganha importância no cenário de mudanças operadas na concepção social de idades e do gênero que redefinem as expectativas sociais depositadas nos jovens nos dias atuais, sobretudo nas adolescentes do sexo feminino. Parecem ser precisamente as chances abertas às jovens, no que diz respeito à escolarização, à inserção profissional, ao exercício da sexualidade desvinculado da reprodução, que fundamentam uma nova sensibilidade quanto à idade ideal para se ter filhos.”

⁵³ É preciso ressaltar que esse casal dispunha de uma boa situação econômica. O rapaz é sócio de seu pai em uma demolidora de prédios e a moça tem uma pensão, um apartamento do qual recebe aluguel, o apartamento em que moram é próprio e também possui terras em uma cidade

preciso passar por aquela situação, que eles eram muito jovens. Essa alternativa não foi aceita pelo casal de jovens.

Desejando e rejeitando a gravidez

Certamente, a maternidade e a paternidade são vistas pelos jovens como eventos que impõem mudanças de posturas e idéias perante suas vidas, sendo avaliadas por todos eles como um processo de amadurecimento, de “crescimento”. Por isso, é relevante ressaltar o que os rapazes e moças estão mostrando representar o fato de terem tornado-se pais e mães. Assim, os casos que seguem são expressivos de situações em que um dos parceiros demonstrou ter uma certa consciência de uma possível gravidez, considerando o mau uso dos métodos contraceptivos e o outro rejeitou a idéia de tornar-se pai ou mãe após a gravidez já ser um fato:

Eu pensava que ele ia assumir porque ele já tinha um filho e esse filho ele assumiu e como eu te disse a minha gravidez foi inesperada, quer dizer, eu não esperava esperando porque é claro que uma pessoa que não se cuida, mais dia, menos dia ia acabar acontecendo. Aí eu pensei, agora eu vou conversar com ele e deu e tanto que foi o que ele fez, ele veio, conversou com o meu pai e no fim não foi nada daquilo. (Carol, 21 anos, 02 filhas, tem um namorado que não é o pai de suas filhas)

Eu, na minha percepção, já acho que foi por querer que ela ficou grávida porque ela tinha parado de tomar remédio e depois que ela me avisou, ao invés de ela me dizer antes para eu comprar pra ela. Eu acredito que ela tenha arriscado, se der deu, se não der não deu. Como realmente eu vi que não queria mais ficar com ela, ela ficava braba comigo, eu vi que era realmente aquilo ali. Ela fez e eu achei que era para tentar me prender mesmo e como o tiro saiu pela culatra, aí ela espiroqueou, agora já está mais calma, baixou a cabeça, pensou, raciocinou, tá suportando de novo, ela entendeu. (Danilo, 20 anos, 01 filha, solteiro)

Em alguns casos, é possível observar que decisões são tomadas levando em consideração a confiança em um companheirismo pelo lado do

do interior do Rio Grande do Sul. Essa situação financeira concede-lhes uma considerável autonomia nas tomadas de decisões em suas vidas, apesar da pouca idade, principalmente dele.

parceiro afetivo-sexual que nem sempre se confirma. O caso de Carol é ilustrativo de práticas sexuais que levariam a uma gravidez e ela tinha uma certa consciência disso, mas o fato de o rapaz já ter-se mostrado capaz para assumir um filho, dava-lhe tranquilidade⁵⁴. Porém, o rapaz após saber que ela estava grávida, não apareceu mais nem em sua casa, nem nos lugares públicos onde costumavam ver-se. É necessário considerar nesse relato os valores implicados nessa relação, como o valor-natalidade e ainda o valor atribuído à masculinidade. O fato de seu namorado ter um filho com outra pessoa, possivelmente tenha levado a moça a sentir a necessidade de também dar-lhe um filho. Dessa forma, estabelecer-se-ia uma igualdade de condições principalmente no que diz respeito ao homem⁵⁵. A moça estaria demonstrando sua capacidade de dar-lhe um filho, assim como ele estaria com sua masculinidade afirmada na capacidade de engravidar sua namorada. Mas vimos que não foi esse o desfecho da história. No estudo de VÍctora (1991), já mencionado em capítulo anterior, ela também analisa essa questão dizendo que no caso de uma união em que o homem ou a mulher já tenham filhos de casamentos anteriores, é provável que dessa união resultem outros filhos.

Por outro lado, Danilo nos apresenta um caso bastante “clássico” quanto à gravidez em situação ainda de namoro. Nesse sentido, o estudo de Olavarria (1999) sobre desejo, prazer e poder revela que para muitos homens o laço amoroso e uma sexualidade satisfatória são as exigências para manter uma união conjugal. Mas ao faltar esses dois aspectos poderia justificar-se um período de conflitos, podendo chegar a uma separação. Para o autor, embora a paternidade seja muito importante, os filhos não seriam um impedimento para uma separação. O jovem Danilo considera que sua namorada “engravidou para segurá-lo”, ou seja, utilizou a gravidez como estratégia para apressar uma situação que não estava a contento da jovem.

Sarti (1996) demonstra que a responsabilidade que está implícita na maternidade leva algumas mulheres a utilizarem a gravidez como meio para tornarem-se independentes da família de origem ou para forçar um rapaz hesitante em firmar casamento, a tomar uma decisão. A expectativa de constituir um casamento é uma idéia bastante forte, pois os relatos demonstram que essas

⁵⁴ “Assumir, significa dizer-se pai, e provar isto pagando alguma coisa que beneficie diretamente à criança e, em certas situações, à mãe da criança. Assumir, no dizer das minhas informantes, é dar alimentação, dar tudo para a criança.” (VÍctora, 1991:97)

⁵⁵ “Se por um lado, para o homem, o nascimento de uma criança é fator determinante da sua identificação como homem adulto, potente e provedor, para a mulher, a existência dos filhos é tão importante que, em certas situações, podem ser percebidos como parte da própria mãe.” (VÍctora, 1991:98)

mulheres desejam dividir esse momento com o parceiro e a dúvida da correspondência por parte dos rapazes é mais um fator de instabilidade.

No caso de Danilo, vemos uma certa vitimização do rapaz que se apresenta como alguém que caiu em uma armadilha arranjada pela namorada. Jardim (1995) apresenta em seu estudo sobre masculinidade, através de depoimentos recolhidos, a idéia de que a posição social de pai, assim como esse valor em si, são irreversíveis. É relevante no relato do jovem a atribuição da responsabilidade do adequado uso do anticoncepcional como um compromisso exclusivo da moça. Certamente, da forma como costuma ocorrer a divisão de papéis entre os namorados, a gravidez pode ser uma “moeda de troca”, ou um artifício com o qual a moça poderá “jogar” para conduzir as situações como melhor lhe convier. Mas ainda resta para o rapaz a possibilidade de decisão entre permanecer dentro da relação ou sair e assumir ou não a criança. No caso de Carol, a decisão do parceiro foi simplesmente desaparecer.

Capítulo 4

Mães e pais jovens

Iniciamos a partir deste capítulo a análise das representações sobre a experiência da gravidez e do nascimento da criança para os jovens entrevistados nesta pesquisa. Percebe-se que a gravidez não provoca um brusco rompimento com a fase anterior que estava sendo vivenciada por esses jovens. Para essas pessoas, o evento da gravidez surge em um momento que ainda é de experimentação, incertezas, conflitos familiares e uma considerável dependência financeira dos adultos. Uma jovem relata sobre a descoberta da gravidez:

Eu tinha 14 quando eu engravidei, claro eu ainda não entendia, ganhei ela com 15, foi um momento que foi muito difícil porque eu sou mãe solteira. Eu pensei até em tirar porque eu me achava tri nova, com a vida toda pela frente e grávida. Depois eu disse 'ah, eu engravidei, agora eu vou deixar essa criança vim no mundo'. Nos primeiros tempos, a gente não se habitua bem porque ainda está naquele movimento de sair, mas depois a gente vai pegando a responsabilidade de ter duas crianças. (Carol, 21 anos, 02 filhas, tem um namorado que não é o pai de suas filhas)

Carol afirma que sabia que podia ficar grávida pelo não uso de anticoncepcionais, mas, após a constatação, entraram outras variáveis importantes, sob seu ponto de vista, na situação. Naquele momento ela relata considerar que era uma pessoa solteira, sem uma relação estável com o pai da criança, que tinha o desejo de ter o parceiro vivenciando a situação ao lado, que sentia-se imatura e que havia atropelado os acontecimentos da vida.

Apesar de “arriscarem”, ou “jogarem” com a possibilidade de uma gravidez, em vários casos relatados, os jovens avaliam-se inicialmente como não preparados para a responsabilidade da maternidade e paternidade, ainda muito dependentes dos seus responsáveis. Passado algum tempo do evento da gravidez, assim como com Carol, aparece um discurso associado à fase adulta em que eles começam a se perceber como jovens que não sabiam direito o que estava ocorrendo em suas vidas. Segundo Carol, ela era muito inexperiente e não tinha vivido o suficiente para que tivesse uma noção mais precisa do que estava acontecendo e do impacto que a maternidade teria em sua vida. Assim como Daiane (22 anos, 01 filho, casada) fala sobre seu casamento aos 14 anos e sobre sua gravidez, expressando um sentimento de ingenuidade. Ela conta que assim que casou, começou a manter relações sexuais com o marido e que sua mãe e sua avó diziam-lhe que não engravidasse logo, pois ela tinha que continuar os estudos e tinha toda a vida pela frente. Porém, Daiane afirma que quando foi começar a tomar anticoncepcionais, porque concordou com as idéias de sua mãe e sua avó, já não havia mais tempo, ela já estava grávida. Ela também considera uma ingenuidade de sua parte não ter percebido que estava grávida. Isso, de alguma forma, demonstrava seu

desconhecimento sobre o corpo feminino⁵⁶. Apesar de tudo, com o passar do tempo, ela parece ressignificar a maternidade e considerar que foi positiva para seu amadurecimento. Em um outro caso, Luciana fala sobre seus sentimentos a respeito da gravidez:

Eu não desejei ter o Lucas, não desejei, não queria. Eu vim aceitar a minha gravidez mesmo quando eu já estava com cinco, seis meses. Eu ficava pensando o que que adianta eu ter um filho, não sou casada, não sei se amanhã eu vou estar com ele. Hoje eu estou com ele, amanhã eu não sei se eu vou estar e eu não queria uma criança para me prender. Porque o Lucas me prendeu muito e eu não queria parar de sair, de estudar, de trabalhar, de parar um monte de coisas por causa dele. (Luciana, 19 anos, 01 filho, casada)

Há diferenças apontadas por Carol, Daiane e Luciana quanto à experiência da gravidez. Carol sabia que podia ficar grávida e não apresenta em seu discurso a questão de não ter desejado. Daiane considera que só ficou grávida devido à sua ignorância e ingenuidade. Luciana sabia da possibilidade, “jogava” há muito tempo com ela, mas relata que não desejava ficar grávida e que demorou a aceitar a situação⁵⁷. Quanto ao sentimento de ingenuidade, ele reaparece em certos momentos nas histórias de alguns jovens. Esse sentimento não diz respeito a não saberem da possibilidade de engravidar, mas sim ao fato de não terem uma idéia do quanto suas vidas mudaria após a maternidade e paternidade. E também podemos considerar que essa ingenuidade estava relacionada às incertezas, principalmente das garotas, quanto ao destino do relacionamento com o parceiro afetivo-sexual.

Além disso, o tipo de relacionamento que as jovens estabelecem com seus parceiros também é algo que influencia no tenso momento da descoberta da gravidez⁵⁸. No caso de Luciana, assim como no caso de Carol, eram situações em que os relacionamentos eram bastante recentes e ainda não havia qualquer tipo de laço que pudesse indicar quais seriam as atitudes dos rapazes. No caso de Carol, o rapaz, após ter ficado sabendo da gravidez, foi uma vez na casa dela conversar com seu pai e nunca mais apareceu. No caso de Luciana, passados alguns meses de gravidez, o casal decidiu morar juntos, tendo seis meses de relacionamento. Essas moças deixam muito claro a importância que atribuem ao relacionamento afetivo-sexual em relação ao evento da gravidez. Podemos considerar que dentre seus ideais estava formar uma união estável com seus respectivos parceiros, fato esse que daria mais sentido à gravidez.

⁵⁶ Para saber mais sobre representações de corpo e reprodução numa perspectiva feminina ver Victora (1991) e Leal (1995).

⁵⁷ Segundo Lo Bianco (1981), numa visão psicanalítica a relação mãe-filho é privilegiada dentre as relações familiares. Essa relação servirá de molde a todo o estabelecimento de relações futuras da criança. Assim, a psicanálise poderá analisar como anômala uma relação entre mãe e filho que não seja íntima, prazerosa e satisfeita e que não ocorra dentro do lar.

⁵⁸ Para saber sobre o debate a respeito da associação da mulher a questões de reprodução e sexualidade, assim como enfoques de estudos de medicina sobre a saúde da mulher no século XIX, ver Rohden (2002).

Informando a família

“Você me diz que seus pais não entendem / Mas você
não entende seus pais / Você culpa seus pais por tudo /
E isso é absurdo / São crianças como você...”
(Dado Villa-Lobos, Renato Russo, Marcelo Bonfá)

Outra parte dessa história é o momento de informar à família o evento da gravidez. Boa parte dos jovens entrevistados referem as negociações com as famílias do rapaz e moça envolvidos com uma gravidez como uma exigência de centramento perante um problema comum, o que faz com que cresçam e aprendam a lidar com situações importantes como a vida de uma criança.

Antônio (23 anos, 03 filhos, solteiro) narra sobre como foi a reação de sua família quando ficou sabendo que ele seria pai aos 15 anos. Ele diz que da parte de sua avó, com quem mora, não houve conflitos porque ela tem atitudes, diante desse tipo de situação, como quem está sempre esperando uma notícia assim. Já seu pai reafirmou uma instrução que lhe passava “eu só te avisei para tu não encostar na guria, moça de família, não tem pai, criada pelos tios”.⁵⁹ Assim, podemos perceber que seu pai fazia uma distinção entre moças que são para ter relações sexuais e moças que não são. Para Parker (1992), há distinções que são feitas entre a mulher como objeto sexual – a “mulher comível” e a mulher administradora e mãe, como a “mulher respeitável”. Mas sempre as mulheres são representadas como ameaçando terminar ou tolher a liberdade sexual masculina. Porque a reprodução e seu controle, de maneira geral, podem ser vistos como uma responsabilidade da mulher e isso é, segundo essa perspectiva, usado contra os homens, gerando um laço não desejado por alguns homens.

O fato de Adriano ter uma namorada que era considerada “moça de família”, ou seja, uma pessoa bastante associada aos valores familiares, que terá figuras como o pai ou os tios para defender a sua dignidade, poderia trazer-lhe maiores responsabilidades dentro da relação. Uma moça assim, dentro da perspectiva apontada pelo pai de Antônio, demanda posturas mais sérias por parte do rapaz, como por exemplo, que ele aceite a gravidez e a paternidade. Danilo (20 anos, 01 filha, solteiro) também relata sobre como foi a descoberta da gravidez de sua ex-namorada e a reação da família:

Logo que eu fiquei sabendo, ‘bah, vou ser pai’, a tua vida vem na tua cabeça, como o tempo passou, estou com 19 anos, 20 anos. A minha mãe me teve com 16 anos e não foi o fim do mundo. Eu também não vou deixar tudo acontecer ao natural, eu vou batalhar para que tudo dê certo, vou ajudar ela e tal e graças a Deus tem o apoio da família também. Todo mundo, ‘ah, eu vou te ajudar no que precisar, cabeça erguida e vamos em frente.

⁵⁹ Para ver um estudo que refere a relação com os pais quanto à educação sexual no Chile, ver Olavarria (1999).

Segundo Danilo, ele já tem em seu nascimento uma história de gravidez na juventude, sua mãe já havia passado por essa situação quando o teve, o que fazia com que ela fosse uma grande apoiadora do rapaz, assim como de sua namorada. Porém, os relatos de maneira geral, assim como os de Antônio e Danilo, são afirmativos de que na maioria das vezes o processo de descoberta de uma gravidez é mais dramático para a mulher que para o homem. Assim como os familiares costumam receber a notícia da parte dos rapazes de maneira menos conflituosa. Certamente, isso diz respeito à forma como se percebe as relações mãe/filho e pai/filho. Para o rapaz, principalmente se a decisão do casal for não morarem juntos, a obrigação com o filho pode ficar no nível da ajuda financeira que oferecerá para as necessidades da criança. Para o caso de morarem juntos e compartilharem o mesmo domicílio da família de origem dele ou dela, ele será também quem irá providenciar o ajuste de cômodos da casa. Ou será quem irá construir uma casa, comprará mobílias, terá a responsabilidade de estar empregado e de tudo o que estiver associado a questões materiais.

De maneira geral, os dados mostram que a moça é quem fica com as responsabilidades dos cuidados da criança, fica mais restrita ao “mundo doméstico”, passando a ser mais difícil que ela desenvolva as atividades de sua vida como diversão, trabalho, estudo, dentre outras, assim como afirma Luciana em seu relato já referido no capítulo III, no tópico “curtindo”. Também aparecem depoimentos em que outras relações ficam afetadas para as moças, pois até mesmo para ter um namorado, a influência do fato de ser mãe será bastante grande. O fato de ela ter um filho e ter um namorado que não seja pai de seu filho demandará uma série de negociações e aceitações por parte do rapaz que nem sempre são desejadas pelos homens. De certa maneira, refere-se esse tipo de relacionamento mostrando que o rapaz “aceitou” o filho da moça.

Essa situação nem sempre é relatada como tranqüila, porque estará envolvendo questões sobre a masculinidade do novo namorado que pode ser considerado um “trouxa”, ou seja, alguém que não está percebendo a intensidade da situação, aceitando o filho de outro. Por outro lado, essa atitude pode indicar um ato de nobreza. No caso dos rapazes que têm filhos, essa questão pode não ter um peso tão grande para suas futuras namoradas, considerando que subentende-se que quem cuida da criança é sua mãe. O envolvimento do rapaz com a criança ocorrerá, normalmente, no nível das questões financeiras e através de visitas em finais de semana. Mas analisando o caso de Jurema (19 anos, 01 filha, tem um namorado que não é pai da filha) podemos relativizar algumas dessas representações. Os relatos da moça demonstram que sua mãe se envolve mais com sua filha que ela, isso permite que ela possa continuar “curtindo”, não enquadrando-se no imaginário de que a mãe da criança é quem fica totalmente associada aos seus cuidados. Além disso, ela tem um namorado e avalia que ele aceitou bem sua filha porque também é pai. Nesse sentido, podemos pensar que nem sempre seja fácil estabelecer-se um relacionamento entre uma moça/mãe e um rapaz que ainda não é pai. O fato de o rapaz também ter passado por essa experiência pode ser um facilitador quanto à aceitação da situação.

“Meu mundo caiu”

Quando, seu moço, nasceu meu rebento / Não era o momento dele rebentar / Já foi nascendo com cara de fome / E eu não tinha nem nome pra lhe dar / Como fui levando, não sei lhe explicar / Fui assim levando ele a me levar... (Chico Buarque)

Há situações, entre as observadas, que o evento da gravidez, num primeiro momento, foi visto como um desarranjo da vida de alguns dos jovens. A iminência da maternidade e da paternidade para alguns dos entrevistados foi sentida como um impedimento de dar continuidade a planos e práticas em sua vida. Ou ainda, que essa situação viria a trazer dificuldades e seria algo que eles teriam que aprender a lidar, buscando associar às demais esferas de suas vidas. Com o passar do tempo, essas sensações parecem suavizar-se, sendo vistas com menos dramaticidade.

Por exemplo, quando Luciana (18 anos, 01 filho, casada) engravidou, ela conta que sua sensação era de que o mundo tinha acabado, ela queria abortar. Ela chegou a propor para seu namorado que eles interrompessem a gravidez, mas ele não concordou. Ela ficava pensando se adiantava manter uma gravidez que não estava sendo boa para ela, somente porque o rapaz queria. Porém, ela também tinha medo de arcar sozinha com a decisão de um aborto, e o rapaz teria que auxiliar financeiramente. Quando a criança nasceu, ela conta que sua paz acabou. Dentre todas as moças, Luciana é a que mais fala sobre sua insatisfação com sua atual condição de vida. Ela ainda relata que rejeitou seu filho, mas que não deixava transparecer. De maneira geral, a importância à maternidade e à paternidade são compartilhados socialmente e não é bem vista a rejeição de uma criança.

O valor-natalidade, como vimos no tópico “Pretendendo ficar grávida”, é construído social e historicamente. Badinter (1985) afirma que, de maneira geral, compartilha-se de uma idéia de natureza maternal intrínseca às mulheres. Porém, ela questiona essa questão apresentando uma perspectiva histórica da maternidade, demonstrando que, em épocas anteriores ao século XIX, a relação mãe e filho era bastante diferente. Ela apresenta as mães do século XVIII como indiferentes e mostra que é a partir de 1760 com Rousseau que surge uma onda ideal da mulher amorosa e maternal. Posteriormente a 1760, essa onda vai incorporando-se a muitas outras publicações que desenvolvem o mesmo estilo argumentativo, constituindo-se um novo valor, “o amor materno”, passando até mesmo por Freud.

No que se refere à gravidez na juventude, foi possível perceber entre os informantes que, com o passar dos meses, a situação foi acomodando-se e atitudes foram sendo modificadas, procurando uma certa sintonia com o momento vivenciado por eles. Não interromper a gravidez implica que as coisas terão que andar e, independentemente de uma criança ter entrado em suas vidas de forma imprevista, ela é pensada como já existindo, e assim, é necessário a criação de espaço para ela. Na análise de Van Genep (1978), sobre ritos de passagem, as situações mais dramatizadas são consideradas os pontos críticos em passagens de fase de vida e são esses momentos que fornecem os elementos para que entendamos o seu significado. A acomodação ao

evento da gravidez não quer dizer que os conflitos e as tantas questões que devem ser negociadas sejam aceitas pelo casal envolvido ou pelos demais, mas os jovens entrevistados mostram que é preciso aprender a conviver com a situação e ir arrumando formas de minimizar os desconfortos.

Carol relata sobre a sua segunda gravidez, aos 17 anos, tendo escondido dos pais e familiares até os cinco meses e Dilma relata sobre a descoberta da gravidez somente aos cinco meses de gestação:

Eu escondi a minha gravidez até os cinco meses porque eu não tinha barriga, ela se criou nas cadeiras. A mãe desconfiava mas não tinha certeza porque quando eu trocava de roupa para dormir eu apagava a luz antes e depois eu tirava e ela não percebia. Eu não usava blusinha mais, era camiseta ou roupa bem larga que era para não aparecer. Quando souberam foi um estouro porque “bah, com quantos meses tu estás?”: “com cinco”. (Carol, 21 anos, 02 filhas, tem um namorado que não é o pai das filhas)

Foi bem louco porque eu já estava com cinco meses, já estava bem avançada a minha gravidez. Foi bem louco, foi uma surpresa, eu não sei te dizer, fiquei pensando várias coisas, que a minha vida ia mudar um monte, mas depois “eu quero, vou ter a minha filha, agora não adianta mais”. (Dilma, 20 anos, 01 filha, solteira)

O fato de Carol ter engravidado pela segunda vez aos dezessete anos, ou seja, sua segunda gravidez em uma fase considerada “precoce” para essa experiência, agravou ainda mais seus sentimentos sobre a situação. Isso fez com que Carol se sentisse completamente desencorajada para informar à família que pela segunda vez estava grávida. Tanto para ela quanto para as demais pessoas de sua convivência, “errar” uma vez até era algo tolerável, mas estar “errando” novamente, com diferença de dois anos de um “erro” para o outro, era algo bastante complicado. O constrangimento da moça demonstrava que, de alguma forma, ela compartilhava das representações dos demais. A segunda gravidez de Carol novamente desestabilizava seu *status*, pois o fato trazia novos conflitos a serem vivenciados. Ela sentia-se muito assustada no que diz respeito às reações de seus familiares. De maneira geral, os jovens relatam que costumam ocorrer encontros de família para que se tomem algumas decisões, desde a descoberta da gravidez e sua publicização para parentes e amigos, até o nascimento da criança. É possível perceber que esses encontros reafirmam os valores compartilhados pelo grupo.

Carol optou por primeiro contar para as pessoas que lhe eram mais próximas, contou para um amigo e mais tarde, quando já desejava que todos soubessem, pediu ajuda de sua madrinha. Ela ficava principalmente constrangida em contar para seu pai, mas relata que ele tinha uma relação com as filhas que parece que adivinhava, quando ela foi para contar, assim como da primeira vez, ele disse “eu sei que tu tá”. Ela conta que até pediu para sua madrastra, que também era alguém bastante próxima dela, que contasse para seu pai, mas a madrastra disse “não, tu tem que sentar e conversar com o teu pai”. Assim, três fatos parecem particularmente difíceis para esses

jovens: o fato de terem que conviver com uma criança que traz uma enorme responsabilidade, o fato de participar o acontecimento para a família e o fato de ter que conviver, principalmente as que continuam na casa dos pais, com as constantes reprimendas em virtude de serem mães jovens e solteiras, dependentes dos pais.

No caso de Dilma, foi um problema de saúde que fez com que ela ficasse sabendo de sua gravidez. É relevante que o fato de ter descoberto a gravidez em uma fase bastante avançada fazia com que ela não pudesse mais passar por certas etapas associadas às reflexões e decisões. Segundo ela, já não havia “nada a ser feito”, a única alternativa era conformar-se com a situação. Nesse sentido, há uma relação com o caso de Carol que opta por somente deixar saber sobre a gravidez aos cinco meses, ou seja, quando seus pais e demais familiares já não poderiam impor-lhe “nada” e teriam que aceitar a situação, um aborto não era mais possível. Assim, o tempo em que a moça fica sabendo sobre a gravidez ou que a gravidez é informada aos familiares é muito importante. Após três meses de gestação, normalmente, já é considerado uma situação irreversível, tanto para moça quanto para os familiares. No ponto em que falamos sobre o caso de Antônio em que sua namorada queria abortar seu segundo filho, também o fato de ela estar com cinco meses de gravidez foi decisivo. O rapaz relata que torcia para que ela estivesse em um estágio da gravidez em que o aborto não fosse mais possível, somente assim o fato não se consumaria, considerando que eles já estavam na clínica de abortos.

Podemos verificar que há uma certa ambigüidade entre a idéia de “meu mundo caiu” e a manutenção da gravidez. Através dos relatos, podemos perceber que o fato de o valor-natalidade estar imbricado na decisão de levar a gravidez até o final não impede que essas pessoas vivenciem esse momento dentro de situações conflituosas. Assim, percebemos que o aborto não é uma prática muito utilizada pelos jovens entrevistados para a presente pesquisa e que muitas vezes, os dramas fazem parte da afirmação dos valores e das expectativas familiares em relação a esses jovens.

4.1 - A convivência com as famílias

A convivência dos jovens pais e mães com suas respectivas famílias de origem será apresentada, a partir desse momento, conforme os relatos das experiências dos entrevistados. Essa relação é significativa porque estará abordando as exigências e expectativas das famílias em relação aos jovens quando esses tornam-se pais e, ainda, as próprias expectativas dos jovens em relação a suas vivências e à experimentação da parentalidade na juventude.

Nos primeiros momentos em que as famílias são informadas sobre a gravidez, as reações são variadas, muitas vezes ocorre forte constrangimento,

discussões e brigas. Há casos em que as famílias, ou uma das famílias, fica satisfeita com o ocorrido e passa a auxiliar imediatamente o casal, ajudar nos preparativos necessários para a chegada da criança. Assim como também há mudança de posições quanto ao evento. Segundo Velho (1989), todo um sistema de expectativas, trocas de favores e apoios envolvem as relações de parentesco.

Através das narrativas apresentadas nesta pesquisa, foi possível perceber que 4 moças e 6 rapazes aceitaram bem o evento da gravidez. No que diz respeito aos respectivos parceiros, 7 parceiros e 8 parceiras receberam bem a gravidez. E quanto às famílias, 3 famílias de moças e 7 famílias dos rapazes aceitaram a maternidade ou paternidade dos filhos. Com esses dados, podemos afirmar que eles refletem o quanto o evento da gravidez em uma fase de vida considerada “precoce” é mais conflituoso para as mulheres, ficando comprovado pela baixa aceitação das famílias dessas moças. Enquanto que os jovens pais têm os índices de boa receptividade da gravidez mais altos, eles recebem melhor, assim como também suas famílias.

Dilma (20 anos, 01 filha) relata que sua mãe viu a situação como uma precipitação de fases por parte da moça que engravidou aos 17 anos. Enquanto que, para a família do rapaz, a chegada de uma criança foi recebida com bastante euforia, a moça relata que: “... os pais dele adoram ela [a criança], eles sempre quiseram ter um neto, quando eles ficaram sabendo, eles fizeram uma festa. Eles achavam que eles não iam ter netos e tal, ficaram super felizes, deram todo o apoio para a gente”.

Mas ainda há os casos em que a família aceita bem a chegada da criança, mas o jovem não assimila a situação e vive a iminência da maternidade ou paternidade como um atropelo no ritmo de sua vida. É o caso de Danilo que, enquanto sua mãe e seus avós colocaram-se à disposição para auxiliar e mostraram-se muito atenciosos com a criança e com os pais da criança, o rapaz demonstrava dificuldades para aceitar a situação. A mãe dele o aconselha no sentido de que ele assimilasse melhor a paternidade e auxiliasse a moça. Isso mostra que não podemos confiar em padrões, esse é um caso em que para a mãe é normal o evento da gravidez, mesmo com “pouca idade” e para o filho não era o momento de tornar-se pai.

O diferencial do caso de Danilo pode ser observado considerando a análise de Turner (1974) sobre a fase de separação em uma situação de passagem de fase de vida, onde o comportamento do indivíduo pode estar significando o afastamento de um grupo, ou até mesmo de uma identidade, de um conjunto de valores, ou de todas essas questões ao mesmo tempo. Esse momento é caracterizado por forte ambigüidade, por uma certa mistura de sentimentos em que o indivíduo ainda não consegue enquadrar-se nem em sua situação anterior, nem nos atributos exigidos para o futuro, como pai.

Também é possível constatar que os dramas podem iniciar a partir das próprias representações dos jovens sobre o que seus pais pensam a respeito de uma gravidez com “pouca idade”. Alguns relatos mostram que nem sempre os pais reagem à notícia da forma como os filhos imaginavam. Os jovens costumam pensar muito e conversar com várias pessoas até chegarem em suas próprias famílias e revelarem que se tornaram pais e mães. Eles falam da necessidade de planejar para quem contar primeiro, de imaginar as reações para estar preparados e de encorajar-se para enfrentar a situação. Assim os informantes relatam:

A mãe dela chorava muito, chamou os tios, pensou em chamar o presidente, o governador, ela aloprou e depois ela começou a curtir a gravidez, não podia fazer nada, começou a vim a barriguinha e ela começou a ficar tri coruja. (Antônio, 23 anos, 03 filhos, solteiro)

Ver meu pai e a minha mãe me apoiando... No começo eu pensei que ia ser horrível. Até a minha mãe não é tanto, mas o meu pai e a minha vó são tudo daquele tempo que gravidez nova é horrível, mas não, todo mundo me apoiou, me abraçou e eu não esqueço. (Carol, 21 anos, 02 filhas, tem um namorado que não é pai das filhas)

A mãe está toda boba, filho único, primeiro neto também, ela foi mãe cedo, 36 anos sendo vó já, está se sentindo a tal, fala para todos os amigos dela está toda boba, a mãe já se preocupa com a criança desde agora porque é uma coisa que tu já começa a gostar antes de tu ver. (Danilo, 20 anos, 01 filha, solteiro)

Nesses relatos, podemos perceber os movimentos familiares. Enquanto algumas recusam o evento da gravidez no início, depois passam a discutir a situação e por fim aceitam, outras aceitam desde o início. Na maioria das vezes, o primeiro anúncio é vivido de forma dramática, principalmente na família das moças, e depois passa a ser assimilado e apreciado. A maioria das famílias e os próprios jovens, com o passar dos dias, compartilhando da negação em relação ao aborto, vão acomodando-se à situação e todos passam a aceitar a gravidez. Os avós passam a gostar da idéia de tornarem-se avós, os tios passam a gostar de ser tios e assim por diante com as demais nomeações de parentesco. Também é depois de os ânimos estarem todos acalmados que os jovens convidam pessoas para “compadres”, ou seja, padrinhos da criança. Segundo Fonseca e Brites (2003), o ato que tradicionalmente insere a criança no mundo humano é o batismo, ainda que existam outras medidas burocráticas com a mesma finalidade.

Na maioria dos casos, os padrinhos são irmãos ou amigos muito próximos e gostam muito do convite. O batizado da criança acontece, ainda que a maioria dos pais afirmem não terem relação com nenhuma religião, ou apenas terem algum tipo de fé dissociada da frequência de uma igreja Católica. Assim, ao mesmo tempo que uma gravidez numa fase de vida considerada “precoce” pode estar colocando em cheque as convenções, ela também está reafirmando os valores,

reafirmando laços e reafirmando as relações entre as pessoas envolvidas com o evento (Van Genneep, 1978). A gravidez na juventude tem a capacidade de testar o sistema de valores sociais de nossa sociedade e ao mesmo tempo reforçar as redes de relações.

Os conflitos familiares

“Lá em casa continuam os mesmos problemas / Lá em casa continuam me perturbando / Lá em casa continuam enchendo o saco / Se metem na minha vida não dão folga o dia inteiro ...”
(Garotos da rua)

Danilo (20 anos, 01 filha) narra os conflitos e constrangimentos pelos quais sua ex-namorada o fez passar. Como já foi visto anteriormente, o rapaz avalia que a moça ficou grávida para forçar uma situação de casamento com ele, entretanto, o rapaz aceitou a gravidez, mas não quis casar com a moça. Por conta dessa história, a moça cria situações que envolvem as famílias e que seguidamente Danilo tem que intervir para esclarecer os acontecimentos, como o caso que segue:

O irmão dela é mais meu amigo do que próprio amigo dela, então uma época que a gente brigou, ela inventou que eu tinha dado nela e toda uma história assim. A mãe dela ligou para a casa da minha mãe apavorada chorando porque eu tinha dado uns chutes na barriga dela, fez uma história, não sei como é que ela teve coragem de falar tudo aquilo para a mãe dela. Eu, ah, não é possível, como é que é a história? Fui lá e disse ‘o Duda (Duda é o irmão dela) tu viu alguma coisa assim assim’, ‘não bem capaz’, comecei a falar com a mãe dela também ali junto e ele ‘por que, ela falou alguma coisa?’ e a mãe dela, ‘ela falou isso, isso e isso’ e ele pegou e olhou pra ela e disse ‘bah, tu não sabe que ela inventa esses troços, ela tá mentindo e tu acredita, fica inventando isso por causa do guri’.

No caso de Danilo, existem muitos relatos dentro de sua história que demonstram os conflitos, influências e relações de interesse que, além de envolverem ele e sua namorada, também envolvem as famílias dos dois. Assim como se estabelecem diferenciações entre as pessoas que são aliadas e as pessoas que são rivais dentro das situações de negociações sobre a gravidez e a relação afetiva dos jovens (ver Fonseca, 2000). Contudo, Danilo procura manter de forma bastante explícita sua opinião. Ele diz que esse assunto é algo que ninguém vai lhe convencer, é uma decisão que ele tem de tomar sozinho. Além disso, uma das questões a ser destacada é que o jovem já morou com a mãe de sua filha em tempos anteriores à gravidez, e eles não conseguiram conviver, foram várias situações de idas e vindas, de novas tentativas frustradas. O rapaz considera que a criança não vai mudar em nada e que tudo tende a ser igual no que diz respeito aos problemas que tinham.

Já na época da gravidez, o casal passava por algumas situações de acordos quanto às visitas do rapaz e os limites do rapaz quanto à possibilidade de tocar, por exemplo, na barriga da gestante. Com o nascimento, veio uma nova necessidade de acordo que dizia respeito às visitas do pai à filha. Nesse sentido, houve interferência da mãe do rapaz, pois os dois jovens pais não conseguiam chegar a um acordo. Assim como é possível perceber também em outros relatos de jovens entrevistados que a gravidez, a barriga de gestante e a criança passam a ser utilizadas para influenciar decisões. Esses acordos demandam muitas negociações e jogos de interesses do pai e da mãe da criança. Danilo, apesar de encantado com a criança, não vê futuro em uma relação conjugal com a mãe de sua filha. Ele considera que para morar junto com uma pessoa é preciso haver amor e confiança. Esses atributos ele já não percebe como possíveis de restabelecer em nova tentativa de relacionamento com sua ex-namorada. Ela ainda mora com os pais e mora próximo da casa da mãe do rapaz e isso faz com que as famílias estejam bastante envolvidas nos desencontros do casal.

Morando com a família de origem dela ou dele

“Mas quando o nené fica doente / Procura uma
farmácia de plantão / O choro do nené é
estridente / Assim não dá pra ver televisão...
Família, família...” (Titãs)

Também as interferências familiares podem ocorrer dentro de outras circunstâncias como o caso de Daiane (22 anos, 01 filho). Os pais do marido de Daiane auxiliaram bastante o casal desde o momento em que a moça fugiu de casa. Logo eles já providenciaram a construção de peças para o casal no terreno em que a família morava. O avô do menino de Daiane esteve sempre muito perto da educação da criança e o menino mostra-se bastante próximo afetivamente a esse avô. A moça comenta que nos finais de semana não tem o filho em casa porque o menino vai para a casa do avô e fica lá.

Segundo Fonseca (2002), em seu artigo “Mãe é uma só? Reflexões em torno de alguns casos brasileiros”, para muitas pessoas, cuidar de uma criança é algo compartilhado por uma rede de adultos, podendo ir para além do grupo de parentesco. A educação da criança não é algo vivenciado apenas pelo casal e os filhos ou pela mãe e os filhos, é uma situação de grande envolvimento também para outras pessoas. Assim, o caso de Daiane é bastante ilustrativo dessa questão. Atualmente o casal já não mora mais no pátio dos sogros dela, possui casa própria, mas estão morando perto ainda dos pais dele⁶⁰. Porém, as ajudas não ocorrem sem que também haja perdas. Daiane relata que há vários constrangimentos no fato de morar com os sogros, como os momentos de lavar a roupa em que sempre tem alguém com prioridade ao uso do tanque ou do varal, os comentários que ouvia sobre seu marido, até o problema do choro da criança que perturbava os demais da casa.

⁶⁰ Para ver mais sobre o apoio recebido por casais da parte dos amigos, pais e sogros ler Velho (1989).

Quanto aos comentários que a moça ouvia sobre seu marido, ela considera que era uma coisa muito ruim para a relação do casal pois até mesmo pelo fato de ela ser muito inexperiente era fácil convencer-lhe de que havia alguma coisa errada. Como quando comentavam se ela considerava normal ele sair de carro para ir jogar e deixá-la em casa, se ela achava mesmo que ele ia jogar ou porque, então, que ele não a levava junto. Por outro lado, um rapaz relata o mesmo tipo de intromissão, Émerson (21 anos, 01 filho) também gosta muito de jogar e assistir futebol. Ele fez uma casa no pátio da sogra e relata que sua sogra intervém demais no relacionamento do casal. A mãe de sua esposa fica desconfiada pelo fato de ele estar sempre saindo para jogar ou assistir a jogos de futebol e, ao conversar com a filha, apresenta-lhe algumas dúvidas quanto ao comportamento do genro. Além disso, podemos considerar que esses rapazes, perante a família de suas esposas, não desenvolveram atitudes esperadas de pessoas adultas, pais e maridos.

Parker (1992) faz uma importante contribuição para que pensemos esses relatos, ao afirmar que se espera que o casamento seja pouco restritivo ao comportamento sexual masculino. Porém, podemos estender essa reflexão também para outras atividades como o lazer, os esportes e outras atividades que o homem já tinha e continuará tendo após o casamento. Isso provoca estranhamento e mesmo revolta nas mulheres que não conseguem compreender essa lógica. No caso de Daiane, também essas situações eram motivos para brigas quando seu marido chegava em casa, muitas vezes, resultando em agressões físicas. Daiane considera que estando longe dos parentes, não morando na mesma casa ou terreno que outros parentes, é bem melhor o relacionamento do casal. Dessa forma, não são divididas as intimidades de seu dia-a-dia com outras pessoas, ninguém sabe os momentos que seu marido sai e quem avalia se a situação é adequada ou não é somente ela. Pelo lado da família dela, também houve situações de intromissões na vida do casal e por isso sua mãe decidiu morar longe da filha quando estavam comprando terrenos. Havia a possibilidade de morarem perto, mas decidiram morar longe pois assim não haveria interferência na relação do casal. Daiane também refere que não costuma levar seus problemas nem mesmo para sua mãe. Ela considera que seus problemas devem ser resolvidos em sua casa e que não vê utilidade em dividi-los

com pessoas que ela considere que não poderão ajudar. Assim, a jovem acredita que foi importante para o casal e principalmente para a moça, o momento em que eles puderam estar mais afastados das influências familiares de ambas as partes. Somente a partir de então, eles conseguiram conduzir suas vidas e decisões de forma mais autônoma.

Além disso, o fato de as famílias considerarem um casal jovem como inexperiente para a vida conjugal, faz com que eles sintam-se com liberdade e até mesmo no “compromisso” de interferir na relação do casal. De maneira geral, os depoimentos dos jovens entrevistados mostram que ainda dividem bastante os conflitos do casal com as famílias, mas que isso também resulta em uma forte interferência familiar em suas vidas. Ainda muitas explicações precisam ser dadas e muitos conselhos são solicitados. Um dos jovens, Rodrigo (24 anos, 01 filho), relata sobre quanto decidiu separar-se de sua esposa e a mãe e os irmãos da moça estavam muito insatisfeitos com a atitude do rapaz. Isso colocava em sua decisão mais um peso, não era suficiente ele pensar sobre a situação com a moça e o filho, havia ainda a família dela. Ele relata “aí eu pensei vou voltar atrás ou não? Aí eu, não, eu não vou porque não era mais aqui”.

Tudo o que discutimos aqui não quer dizer que se essas pessoas fossem consideradas adultas também não houvesse interferências familiares em seus relacionamentos conjugais e em sua maternidade e paternidade. O que pretendo afirmar é que o fato de essas pessoas serem consideradas jovens demais para a maternidade e paternidade e também para o casamento abre precedentes para que os adultos sintam-se mais autorizados a interferir em suas relações. Assim como para os jovens esse momento é novo no sentido em que passam a perceber-se de maneira diferente, mais responsáveis, pais e mães, mas as famílias ainda os estão tratando com o mesmo nível de intromissões de quando não estavam nessa situação. Isso faz com que todas as pessoas envolvidas nesse contexto, ao poucos, reajustem suas práticas e atitudes.

Os serviços domésticos

Por outro lado, as interferências familiares podem ocorrer no sentido de conflitos de gerações, quanto à permanência ou surgimento de valores. Assim, valores de pais podem chocar-se com as idéias dos filhos jovens. Considerando

que muitos dos pais dos jovens delineiam explicitamente os papéis de forma que o homem trabalha e a mulher mesmo que trabalhe ainda tem o compromisso com o serviço doméstico⁶¹. Alguns dos sujeitos da pesquisa consideram que o casal pode dividir as tarefas domésticas independentemente de os dois trabalharem ou não. Ilustrativamente a essa questão Dilma narra sua experiência:

A minha mãe também, ela achava que quando eu ficava só em casa, 'aí quando ele chegar tu tem que estar com a comida pronta' e eu 'aí que comida pronta, quando ele chegar ele faz alguma coisa para ele'. É que eu não sei, eu sempre achei assim, a minha mãe sempre tratou assim o meu pai, ele não fazia nada, a minha mãe sempre fazia tudo para ele, sempre deixava tudo pronto. Então, eu nunca gostei disso, eu não achava muito legal porque meu pai não fazia nada, só dormia, ficava sentado olhando para o nada e a minha mãe trabalhando, lavando a roupa, passando a roupa. Eu acho que o homem e a mulher têm que ter as mesmas tarefas, acho que hoje em dia não se divide mais, a mulher lava a roupa, faz as coisas e o homem só sai para trabalhar, os dois podem fazer a mesma coisa.

Assim, podemos perceber o quanto as idéias de Dilma e de sua mãe eram dissonantes, e o fato de a moça morar com seu parceiro dentro da casa da mãe fazia com que essas interferências tivessem mais peso. Por morar com a mãe, suas atividades estavam sempre sob avaliação por parte desta. As representações de gênero são bastante claras na citação acima. Assim, espera-se que a mulher faça as tarefas domésticas, mesmo que trabalhe fora. E quanto ao homem, seu papel já poderá ser considerado cumprido se ele for um bom provedor.

Os relatos das jovens entrevistadas que procuram dividir as tarefas domésticas com o marido mostram que as reações a esse modelo que associa a mulher à esfera doméstica são muito difíceis. Essas reações podem encontrar várias resistências não somente da parte do parceiro, mas também da parte dos familiares. Apesar das brigas, Dilma não cedia, mantinha suas atividades como considerava mais adequado, porém, o rapaz também esperava dela o mesmo tipo de atitude cobrada por sua mãe. E ainda, as cobranças de sua mãe serviam de apoio às cobranças de seu parceiro que estava habituado e concordava com esse tipo de divisão de tarefas, isso pode ser percebido no seguinte relato:

⁶¹ Um relevante debate sobre "o mito do matriarcado" é feito por Bamberger (1979), segundo o autor "Os mitos repetem constantemente que as mulheres não sabem como administrar o poder quando o possuem. Assim, a perda é justificada tão logo as mulheres decidam aceitar o mito. Ao invés de transmitir um futuro promissor, o Governo Feminino retorna a um passado obscurecido pelos repetidos fracassos. De fato, se as mulheres algum dia irão governar, elas precisam desvencilhar-se do mito que determina que elas foram consideradas incapazes de desempenhar papéis de liderança. (Bamberger, 1979:252)"

Ele queria que eu lavasse, fizesse as coisas de dentro de casa e até a minha mãe influenciava muito ele a querer que eu fizesse as coisas. A minha mãe achava um horror se eu dissesse 'vai fazer, vai lavar' e as vezes ele dizia 'a minha camisa está suja' e eu dizia 'então lava' e a minha mãe 'tu não pode falar assim com ele, tu tem que lavar a roupa para ele' e eu 'não, eu não tenho que lavar, ele lava a roupa dele e eu a minha'.

Dilma, apesar de não executar as tarefas domésticas como esperado pelo rapaz também não conseguia impor-se. Bott (1976) faz uma tipologização quanto à forma de desempenho dos papéis conjugais referindo casais que 1) fazem suas atividades de forma separada e independente; 2) o marido e a esposa faziam suas atividades conjuntamente e passavam juntos o maior tempo possível; e 3) mantêm situações intermediárias entre esses dois pólos. A autora afirma que há muitos graus de variação no que diz respeito à de segregação de papéis conjugais (Bott, 1976:71-72). No caso de Dilma, atualmente eles já encontram-se separados, ela relata que, quando ele está com a filha, quem faz a comida para a criança, dá banho, veste, lava suas roupas é a mãe do rapaz. Esse tipo de divisão de tarefas pode ser observado como recorrente na maioria das situações. Boa parte dos rapazes entrevistados não relatam nenhuma relação com os serviços domésticos. Somente dois rapazes falaram sobre atividades diárias relacionadas à esfera doméstica como lavar roupa, fazer comida, limpar a casa, dentre outras. Um deles justifica sua atitude afirmando que mora com amigos e outro relata que não gosta de nada fora do lugar e procura dar sua contribuição. Esse diz que foi educado assim, sempre gostou de tudo arrumado e limpo em seu quarto, isso era motivo para notoriedade até entre seus amigos quando ainda era solteiro.

Preocupação com os jovens e cuidados com a criança

Outros tipos de interferências podem ser percebidos na relação entre jovens pais e mães com as famílias. Primeiramente, não só dentro da família de origem ocorrem situações de desaprovação quanto à gravidez, mas também a família extensa e os amigos podem manifestar descontentamento com o evento. É o caso de Israel, já comentado anteriormente, seus amigos diziam: "não faz isso, não sei o quê". Por isso, certos relatos mostram que foi necessário romper com pessoas, pelo menos por algum tempo, que se mostravam muito incisivas em sua negativa quanto à gravidez, até que as pessoas compreendessem que era um desejo do casal manter a gestação. Todos foram acostumando-se com a

idéia e começaram a gostar. O pai da moça, por sinal, que propôs um aborto, é chamado de o mais “babão”, aquele mais encantado com a criança⁶².

Além disso, os adultos costumam passar muitas instruções quanto aos cuidados com as crianças. Israel e sua esposa não gostam muito dessa atitude, ele conta que agem de maneira muito tranqüila com a criança e que nunca houve problema. As pessoas costumavam dar receitas para as mais diversas situações, chás, infusões para o bebê respirar, bolsa de água quente, dentre outras coisas. Salem (1989), ao discutir a idéia do casal igualitário, afirma que a questão básica está associada à experimentação conjunta da gestação e dos cuidados dos filhos, como mais que uma experiência da parentela, uma experiência do casal que deve ser vivida a dois. Podemos considerar pelos relatos de Israel que ele e sua esposa enquadram-se nesse perfil. O que eles mais levam em consideração são os livros sobre cuidados e educação de crianças que ganharam de sua irmã que estuda o desenvolvimento mental da criança.

Também Israel afirma que nunca entregaram o bebê para outras pessoas cuidarem. Eles não aceitam muito a interferência dos parentes, várias pessoas ofereceram-se para ajudar nos primeiros banhos e outras situações e a resposta do casal foi ‘não, o filho é nosso’. Todos os familiares demonstravam muita preocupação quanto aos cuidados com a criança e, no dia do primeiro banho, a mãe do rapaz pediu ‘ah, por favor, eu quero ir’, então ele permitiu que ela fosse assistir o primeiro banho, mas não deixou que ela tocasse ou interferisse na situação.

Esse casal, de camada média, tem uma história bastante peculiar em relação aos demais. Através dos depoimentos de Israel é possível perceber que suas trajetórias de vida já eram diferentes dos demais jovens, mesmo anteriormente ao namoro e à parentalidade. Eles são de famílias bem posicionadas financeiramente, que estudaram em escolas particulares, conviveram com pessoas de seu mesmo nível social e que, quando estavam no segundo grau, já estabeleciam relações de amizade bastante dissociadas do clima familiar. Assim, por volta dos 16 anos, mesmo ainda sendo dependentes

⁶² “Quando examinamos a relação de um indivíduo para com seus avós, irmãos e irmãs destes, descobrimos que na maioria das sociedades humanas os parentes da segunda geração ascendente são tratados com muito menos respeito que os da primeira geração ascendente, e em

financeiramente de suas famílias de origem, eles já mantinham-se mais na convivência com amigos que moravam sozinhos. Por fim, eles também passaram a dividir apartamentos com amigos e, atualmente, já são independentes financeiramente. Isso tem como resultado um casal que parece estabelecer mais claramente os limites de interferências familiares quanto à sua relação conjugal e também quanto aos cuidados com a criança. Eles demonstram, através dos relatos, que possuem um ideário individualista associado às camadas médias em que o jovem busca distanciar-se do controle social e familiar, delimitando uma identidade mais pessoal (Rieth, 2002).

A cor de pele

Outro fator que pode trazer conflitos familiares é a questão dos relacionamentos inter-étnicos. Assim, abordarei esse tipo de conflito com a finalidade de mostrar o quanto esses jovens estão sujeitos aos mesmos tipos de constrangimentos sociais que as demais pessoas em outras fases de vida. Portanto, o fato de ser jovem não afasta a possibilidade, apresentada por alguns dos entrevistados, de sofrer “preconceitos de cor”. Assim, veremos que em algumas histórias, além de a gravidez, numa fase considerada precoce, ser vista como um atropelo de fases da vida, o preconceito de cor pode ser um complicador a mais a ser experienciado por esses rapazes e moças.

Nesse caso, não pela possibilidade de a criança vir a ter a pele mulata ou negra. Mas a cor de pele pode ser considerada um complicador a mais quanto à resistência das famílias em relação a uma gravidez considerada “precoce”. Assim como, um problema a mais na experiência de uma moça que pode ser vista como usando a gravidez como estratégia de matrimônio. Esse fato, acrescido à situação de parentalidade na juventude, torna-se algo mais a ser resolvido e mais um conflito que na visão dos jovens envolvidos. É uma questão a mais que conduz a um amadurecimento e um aprendizado de vida.

O caso de Luciana (18 anos, 1 filho) é ilustrativo dessa questão, ela afirma seu desconforto quanto à forma que os parentes do seu marido a tratam

vez de acentuada desigualdade, verifica-se uma tendência a aproximar-se de amigável igualdade.” (Radcliffe-Brown, 1977:122)

devido à sua cor. Aos olhos da pesquisadora, Luciana parece ter algum tipo de descendência indígena, é uma moça com pele bastante morena, às vezes dita como cor de “cuia”, cabelos lisos num tom castanho escuro. Porém, seus relatos indicam que a família do marido a classificava como negra e ela, por sua vez, demonstrava considerar-se branca. Segundo Barth (1998), a identidade étnica é relacional, depende das diversas relações em que o indivíduo se encontra envolvido. No caso de Lucilene, o dia em que seu filho nasceu foi a resposta que ela pode dar para a família do rapaz, pois a criança nasceu muito branca, de cabelos loiros e olhos azuis. Luciana demonstra que aquele dia foi como se ela pudesse estar provando o quanto também era branca, tendo como resultado disso uma criança de pele muito clara.

Assim, dentro da realidade brasileira, podemos analisar esse caso, segundo Nogueira (1985), como uma situação onde o preconceito é mais intelectual e estético. Pude perceber que dentro dessa mesma família havia primos e tias do marido de Luciana com cores de pele bastante aproximadas da cor de pele dela. Porém, em nenhum momento, os parentes do marido da jovem, ao falarem sobre sua cor, faziam qualquer tipo de comparação com pessoas da família. Nogueira afirma que o racismo no Brasil não é incompatível com os mais fortes laços de amizade ou com manifestações incontestáveis de solidariedade e simpatia. As relações pessoais, de amizade e admiração cruzam facilmente as fronteiras de marca (ou cor).

Quanto ao marido de Luciana, em nenhum momento ela aponta conflitos com o rapaz, ou menciona alguma situação em que ele tenha demonstrado algum desagrado pelo seu tom de pele. Não é possível afirmar que o rapaz não compartilhe do preconceito que sua família de origem demonstra pela raça negra. A questão maior é que esse pode ser um caso exemplar em que o afeto que ele desenvolveu pela moça sobreponha-se ao “preconceito de marca” (Nogueira, 1985). Mas também temos que considerar que estamos presenciando um momento em que um discurso de modernidade, de tolerância já tem um lugar representativo socialmente. Não necessariamente os fatos acompanham as idéias, é relevante lembrar o impacto que a representação de modernidade, associada a uma imagem de juventude, tem sobre os jovens. Assim, uma das idéias que perpassa esse imaginário é a de que a juventude busca manter-se mais permeável a essas questões, ainda que isso possa estar mais no nível do discurso que das práticas.

E no que diz respeito aos afetos, é bastante provável que a cor de Luciana somente fosse considerada dessa forma em virtude da relação dramática com aquelas pessoas, devido à sua forma de entrada na família, ou seja, em decorrência de sua gravidez. Fato que não ocorria com os demais membros de cor de pele semelhante à de Luciana, pois sendo pessoas com raízes muito fortes dentro da família, o afeto sobreponha a cor de pele. No caso de Luciana, demonstra-se

um tipo de convivência tensa com a família do marido, onde a cor é um dos motivos para desacertos, mas não o único complicador.

Pelo que é possível perceber na convivência com essa moça, o evento de gravidez gerou várias impressões na família do rapaz. Primeiramente consideraram tanto o rapaz quanto ela muito jovens para enfrentar uma gravidez, ela com 17 anos e ele com 18 anos. Em segundo lugar, eles ainda não conheciam a moça e o namoro era bastante recente aos olhos deles. Em terceiro, surgiram certos comentários na família dele do tipo “engravidou para segurá-lo” ou “é uma rapariguinha que não sabe se cuidar”. Esses comentários demonstram um certo tipo de representação sobre a gravidez utilizada como estratégia⁶³ para que o rapaz decida de forma um tanto “definitiva”, como se pensa ser esperado pela moça, por ficar com a moça e talvez que os dois possam morar juntos. Nesse caso, seguindo a lógica já apontada por Sarti (1996) nessa dissertação anteriormente, em que a moça utiliza a gravidez com uma forma de impor ao rapaz uma atitude em direção ao casamento. E a expressão “rapariguinha” tem uma conotação pejorativa de desclassificação da moça, uma pessoa não considerada interessante para casar. Esse tipo de mulher não estaria apresentando características que lhe atribuíssem maior valor no “mercado” de possíveis desposáveis.

Em último lugar, a moça era considerada uma negra. Isso, em uma família que demonstra uma desvalorização bastante explícita das pessoas negras, utilizando em momentos bastante diversos provérbios que desqualificam o negro. Era uma gama de condições que tornavam o evento da gravidez algo bastante indesejável pela família e a carga negativa da situação apenas ia somando-se a cada uma das percepções dos familiares do rapaz a respeito da moça.

Tive a oportunidade de encontrar com pessoas da família dele e pude sentir que Luciana está um pouco deslocada dentro da parentela. Suas atitudes são vistas com muitas reservas da parte deles e eles procuram acostumar-se com a presença dela. Isso pode ser verificado nas reclamações em relação aos cuidados com a criança. Algumas pessoas da parentela buscam não entrar em discussões a respeito do tratamento que ela oferece ao seu filho, mesmo não concordando, para não criar conflitos. Outras pessoas são apontadas como as que dizem o que pensam sobre as atitudes da moça, como no dia em que eu estava falando com a vó do rapaz e ela contou-me que procurava não discutir com Luciana, mas que sua neta Aline, irmã do marido de Luciana, madrinha da criança, dizia o que pensava sobre as atitudes “erradas” da moça. Elas, de maneira geral, consideram a moça

⁶³ Nesse caso, devemos ressaltar que nos relatos das moças entrevistadas para essa pesquisa, em nenhum momento, alguma delas apresentou a utilização da gravidez como estratégia sem o conhecimento ou o acordo com o rapaz.

muito displicente, agressiva, descuidada com seu filho. Discordam até mesmo da forma como a moça alimenta a criança, no relato da avó do rapaz:

A Luciana, desde muito cedo, já dava feijão com grão, arroz, mortadela, essas coisas fortes para a criança. Eu não sei, mas acho que primeiro se deve dar umas sopinhas feitas com batatinha, cenoura, essas coisas, até a criança ir acostumando com coisas mais fortes. Ela não, logo que eu vi ele comendo eu já via ela dando essas coisas. Quando a médica diz para ela fazer alguma coisa ela sempre diz que não vai fazer, que vai fazer do jeito dela as coisas. Eu não sei, mas acho errado isso, fico com pena da criança. Ele é uma criança boazinha, come bem...

De certa forma, parece que a imagem de Luciana já estava abalada na família por todos os conflitos já apontados e que qualquer atitude sua seria analisada por eles permeada por tudo que já pensam. Nos momentos em que falava com Luciana, ela deixava bastante claro que percebia o desconforto da família de origem do rapaz com a presença dela. Certamente o preconceito em relação a sua cor não era explícito, pareceu-me que a família do rapaz compartilhava do código da boa etiqueta no que diz respeito ao tratamento com pessoas de “cor”. Azevedo (1966) contribui para esse debate considerando que o branco que se casa com uma moça escura desce na linha de cor, pois passa para o mundo das pessoas de cor que origina sua esposa. Porém, de maneira geral, controla-se os comportamentos evitando a suscetibilidade ou humilhação de indivíduos porque passamos por uma valorização social ostensiva do igualitarismo racial, prevalecendo o dogma da cultura sobre o da raça.

Podemos constatar que, para a família de origem do rapaz o casamento com Luciana é percebido como um descenso social para ele. Já que a moça não apresenta uma contrapartida financeira ou de posição social que pudesse estar oferecendo em troca da aceitação de sua cor. Eles acreditam que a única pessoa a estar entrando com qualidades valorizáveis positivamente é o rapaz que é considerado bem empregado e que é branco e loiro.

No caso de Carlos (24 anos, 02 filhas, mestiço, filho de mãe branca e pai preto), ele sentiu-se bastante intimidado ao ser apresentado para a família da namorada. As diferenças de cores de pele eram, para ele, algo bastante evidente e que poderiam originar alguma resistência da parte da família dela, conforme ele relata:

Só que a mãe dela era meio que contra, porque, como é que eu posso te dizer, a mãe dela achava que a filha dela era muito nova pra ter um relacionamento. E uma coisa assim que eu também sei lá..., eu não sei como te explicar, tá ligado, mas sei lá ao meu ver, a família deles são tudo descendentes de alemães assim, são tudo alemão puro. Eu tive um medo assim de chegar e me apresentar, sou o fulano, quero namorar com a sua filha e não saber a reação, o que vai acontecer.

Não podemos deixar de considerar que esse preconceito, sentido por Carlos, de alguma maneira faça parte do “script” esperado diante de uma situação de relacionamento inter-étnico. Para Azevedo (1966), a preferência por casamentos entre pessoas de tipo físico próximo está associada à estrutura de classes que historicamente faz coincidir as camadas inferiores com pretos e as camadas superiores com brancos. Toda a união heterocrômica demanda um rompimento de preconceitos de “cor” e distâncias sociais. O rapaz não manifesta em nenhum momento de seu relato alguma situação em que a família explicitamente tivesse informado esse preconceito. O que é relevante é a previsão que a pessoa aciona sobre sua aceitação e as motivações supostas para uma possível não aceitação de um mestiço em uma família de “brancos”. Segundo Azevedo (1966), os casamentos entre pessoas “brancas” e pessoas de “cor” não são raros no Brasil, ao contrário, são bastante freqüentes, como não poderia deixar de ser em um país com uma alta proporção de pessoas de “cor” e ideologia racial permissiva e assimilacionista.

O jovem Carlos apresenta uma situação que demonstra a marcação de lugares “mais apropriados” para as pessoas. Ou seja, brancos devem estar com brancos e negros com negros, não sendo desejável misturas étnicas. Nesse caso, fica implícita a idéia de que se fosse uma família mais caracterizada por misturas, onde as cores de pele apresentassem marcas de miscigenação, talvez não fosse assim tão marcante esse confronto de cores de pele e, até mesmo, tão constrangedor. Sendo aquelas pessoas “puras”, sua culpa por estar “poluindo” a família com sua cor ainda era maior. Moutinho (2001) considera que a relação homem “negro” / mulher “branca” é apresentada invariavelmente como poluidora e a literatura apresenta o tom de tragédia que marca esse tipo de união.

Uma situação que talvez tenha facilitado e diminuído o constrangimento de Carlos quanto à família de origem de sua esposa foi o fato de a família dele poder oferecer uma casa para o casal. Atualmente Carlos, sua esposa e as duas filhas moram em uma casa no pátio dos pais de Carlos. A esposa branca veio para o meio da família de origem dele e ao mesmo tempo eles não dependem financeiramente da família da moça, o que dá uma certa independência para o casal em relação à família de origem dela. A relativa dependência da família dele é utilizada como moeda de troca. A moça, hipoteticamente, entra com a possibilidade de inserção dele no meio branco e, nesse caso, ascensão social através da cor, mas a família dele auxilia com a infraestrutura para que o casal possa se manter.

O casamento inter-racial pode apresentar-se como uma forma de ascensão social, afirma Azevedo (1966), de indivíduos não-brancos em camadas superiores da sociedade. Considerando que indivíduos mais claros possuem maiores possibilidades de serem considerados socialmente brancos. Seria mais apropriado falar em casamento de pessoas de cores diferentes que propriamente casamento inter-racial. No que diz respeito à família, ela não escolheu o rapaz como membro da família e a escolha da filha, em muitos casos, apresenta-se como uma imposição da presença de uma pessoa que possa não ser considerada como o ideal imaginado pelos pais para a sua filha. Poderiam surgir várias restrições, mas certamente a cor é uma das

mais difíceis de lidar porque não é possível desfazer-se dela. Outras características exigidas pela família até podem ser conquistadas com determinados esforços, mas críticas da ordem do preconceito racial são mais complicadas, não há como mudar. Azevedo também aponta para as normas e padrões de casamento entre pessoas de “cor” diferentes, eles podem casar-se livremente, porém, essas uniões produzem um certo mal-estar ou abalo nas famílias e meios em que ocorrem, principalmente na medida que se ascende na escala social.

O caso de Pitty (23 anos, 1 filha) também é bastante ilustrativo quanto ao relacionamento inter-étnico como um complicador para a experiência da parentalidade entre os jovens desta pesquisa. Pitty conta sobre a dificuldade de sua família, principalmente seu pai e sua mãe, aceitarem seu marido por ele ser uma pessoa negra. O casamento de Pitty era considerado uma poluição da família pela cor negra, algo ainda possível de ser evitado. Segundo Seyferth (1995), a concepção do branqueamento tem como pressuposto a crença na superioridade dos brancos, na inferioridade de negros, na incapacidade de negros e índios se tornarem civilizados e na inferioridade da maioria dos mestiços. No Brasil, houve um diferencial porque muitos cientistas, diferentemente dos europeus, concebiam um tipo mestiço superior – justamente o que ‘se branqueia’. Azevedo (1966) acrescenta que o tipo mais aceito é o casamento entre homem mais escuro e mulher mais clara, sendo o arranjo mais freqüente. Outros tipos de uniões produzem ainda maior tensão, sobretudo em grupos sociais mais altos.

A cor de pele, no caso de Pitty, é estigmatizada, ou seja, segundo Goffman (1988), é um sinal corporal com o qual se procura evidenciar algo de extraordinário ou mau sobre o *status* de quem a possui. O preconceito racial desconsidera demais características, pelo menos num primeiro momento, em que a discussão ainda está ocorrendo pela via racial. Num outro momento, quando a família percebe que não é possível afastar o casal por essa questão, outras características passam a ser consideradas. Porém, Pitty (23 anos, 01 filha) afirma que a cor do rapaz nunca foi problema para ela e explica quais foram os critérios para o ter escolhido como parceiro:

Eu não sei, eu assim óh, quando eu comecei a namorar com o Duda eu tinha 13 anos. Com 16 anos a gente pensou em morar junto, mas não era o que eu queria porque ele não tinha condições de me oferecer o que eu queria. Eu queria aquela coisa assim de casa, marido sai para trabalhar, tu poder dar o que um filho precisa e ele não tinha isso para me oferecer. Aí foi passando os anos, eu fui tendo namorados e eu também não me encontrei disposta a ter um filho com outras pessoas, com outros rapazes que eu namorei. Quando eu encontrei o Fabiano (marido) que ele tinha emprego fixo, que eu estava realmente gostando dele, que eu também estava trabalhando e tal, mesmo os meus pais não querendo

eu digo 'não, é com ele que eu vou casar e é com ele que eu vou ter meu filho'.

Pitty apresenta sua avaliação e seu ideal quanto a um parceiro, assim, ele apresentava as condições necessárias para estabelecer o tipo de relacionamento esperado por ela. Azevedo (1966) aponta para situações de arranjos assimétricos em que a moça entra na relação com seu prestígio de cor branca e o rapaz negro apresenta características valorizadas socialmente como a estabilidade financeira, conforme demonstrado por Pitty. A moça tende a aceitar o cônjuge negro tendo este compensado as diferenças de cores com outros atributos individuais. A família dela não encontrou mais nenhuma característica desabonadora, tendo sido vencida pela insistência da moça em ficar com o rapaz. Não são raros os casos em que se houve explicações de conformidade do tipo “ele é negro, mas é um rapaz trabalhador, estudioso, cuida bem de sua família, é bastante dedicado, não lhe deixa faltar nada...”. Esses adjetivos passam a ser percebidos como valores da pessoa que se sobrepõem ao caráter negativo atribuído socialmente à negritude.

4.2 - Ficar juntos ou não?

“E ela me deu um sorriso trazendo paz / Agradeço ao meu senhor por fazer dela o meu bem-querer / Trago erva de cor pra enfeitar a menina mais bela / Como a gota de orvalho na flor do cerrado quando é primavera...” (Natiruts)

As negociações provenientes de um evento de gravidez são apresentadas pelos informantes como situações que lhes exigem um “crescimento”, tornarem-se mais maduros para enfrentar as decisões que precisam ser tomadas. Muitos dos jovens, que não estavam pensando ainda em estabelecer uma união conjugal, após a parentalidade são exigidos nesse sentido e precisam refletir sobre essa questão.

Na maioria dos relatos os jovens entrevistados apresentam em suas falas representações de uma família, que nem sempre se confirma nas relações

que conseguem estabelecer com o parceiro ou parceira atual⁶⁴. De modo geral, eles relatam a idealização de uma família composta por pai, mãe e filhos e que possam estabelecer um domicílio com uma certa independência da família de origem do casal de jovens, onde haja muito amor. Assim, também ocorrem descompassos entre o modelo idealizado sobre família e o que é possível ser feito. Por isso, as famílias que esses jovens estão conseguindo formar não são algo que cumpra exatamente com seus ideais. Entretanto, vale ressaltar que esse fenômeno não é incomum, como afirma Bott (1976), de modo geral, não existe uma “família normal”⁶⁵. Como mostram outros estudos também antropológicos, diferentes composições familiares (Mead, 2000; Lévi-Straus, 1969 e 1976; Rivers 1969, Geertz, 1989).

Sempre que perguntados sobre as motivações para que ficassem juntos ou não após o evento de gravidez, os jovens referiam o amor como a única condição possível. Segundo Héritier (1975), é porque vivemos em uma sociedade abundante no sentido populacional, favorecendo a panmixia, que a escolha de parceiros pode ser deixada à iniciativa individual, à propensão do amor. Assim, também aqueles jovens que acabaram se separando relacionavam a separação ao desgaste do sentimento ou à falta de amor. Um deles refere que “o amor é a peça fundamental num relacionamento, numa família, na amizade também tem que ter muito amor”. Boa parte deles referem que não vêem sentido em encontrar outros motivos para permanecer num casamento. Podemos pensar que talvez se estivéssemos conversando com pessoas em fase adulta elas já pudessem trazer outros valores que também estariam influenciando nas decisões de permanecer ou não juntas⁶⁶. Assim, é possível considerar que pudessem apontar questões como permanecer ao lado dos filhos ou para poder manter-se financeiramente, dentre outras. Mesmo um jovem que tentou ficar com a mãe de seu filho “sem ter o sentimento de amor pela moça”, não conseguiu manter a situação por muito tempo e separou-se.

Uma moça, Carol (21 anos, 02 filhas), refere que tenta acostumar-se com um rapaz que é seu namorado, mas que não ama e não é o pai de suas filhas, relata com bastante tristeza que talvez não seja o destino ficar com a pessoa que ela ama. Ela relata gostar de seu atual companheiro e, assim, tenta esquecer seu amor, mas chora muito por isso e se questiona se estará sendo correta com esse rapaz, não sabe se conseguirá suportar essa situação. Essa moça, além de atribuir um certo valor ao sentimento amor, mostra que considera importante ter um parceiro ao seu lado para que possa dividir a responsabilidade da educação e provimento de suas filhas. Nesses casos, os jovens demonstram que as novas formas como passam a ver os relacionamentos afetivo-sexuais

⁶⁴ “... qualquer afirmação sobre o caráter dos sistemas familiares nos remete imediatamente a um conjunto de debates que estão longe de alcançar um consenso ou autorizar uma tal asserção acerca da necessidade e da universalidade de um tipo de família.” (Lo Bianco, 1981:157)

⁶⁵ Ver um debate sobre modelos familiares em Freyre (1978), Corrêa (1982), Samara (1983), Fonseca (1997).

depois de tornarem-se pais e mães também são uma constatação que eles fazem de seus próprios amadurecimentos. Assim, se em outros tempos, quando ainda não tinham filhos, podiam pensar mais na excitação e no amor para relacionarem-se, com a experiência da maternidade e paternidade, outras variáveis são colocadas que podem vir a sobrepor-se às anteriores.

Por outro lado, temos que considerar que eles estão vivenciando uma juventude que é caracterizada por dúvidas, por imaturidade, por aprendizado, dentre outras coisas. Muitos dos jovens mostram em suas histórias grandes enredos de situações amorosas indefinidas, não sabiam se gostavam mais de uma ou outra pessoa ou de qual gostavam mais dentre tantas. Jurema, por exemplo, tem uma história muito marcada por grandes paixões e a todo momento refere que ama um rapaz com quem relacionou-se após ter sua filha. Num momento seguinte, ela diz que ainda ama o pai de sua filha e ainda logo em seguida ela começa a contar sobre um relacionamento novo e que está amando essa pessoa.

Outra moça, Carol (21 anos, 02 filhas), fala a respeito das atitudes dos pais de suas duas filhas. Ela imaginava, ao ter ficado grávida da primeira filha, que o rapaz ficaria com ela mas acabou acontecendo que o rapaz foi em sua casa, conversou com o pai dela e nunca mais apareceu. Quando ela encontrava ele na rua, ele a ignorava e não mais se falaram. Carol considera que um dos motivos de sua atitude foi porque as pessoas, como a mãe do rapaz, começaram a influenciar dizendo que o filho não era dele. O segundo rapaz, pai da segunda filha, ela diz que “sumiu de verdade”, pois quando ela contou para ele sobre a gravidez, ele nunca mais apareceu. Carol teve que enfrentar todas as situações advindas da gravidez sozinha e, em muitos momentos da entrevista, ela manifesta seu ideal de constituir um relacionamento estável com alguém que posteriormente possa dividir as responsabilidades da criação de suas filhas. Ela considera que o momento que está vivendo é transitório. Segundo Fonseca (2000), uma situação de “mãe sozinha com filhos”, em grupos populares como o de seu estudo, pode representar uma fase transitória entre uma união conjugal e outra. Para Sarti (1996), a responsabilidade que está implícita na maternidade leva algumas mulheres a utilizarem a gravidez como meio para tornarem-se independentes da família de origem ou para chegar a um casamento. A expectativa de constituir um casamento é uma idéia bastante forte, pois os relatos demonstram que a maioria das moças que engravidaram desejavam dividir esse momento com o parceiro e a dúvida da correspondência por parte dos rapazes era um fator de instabilidade.

Também há casos em que a família pressiona para que os namorados passem a morar juntos, como é o caso de Carlos em que a mãe da moça, após ver o casal posando sempre ou na casa de um, ou na casa do outro, falou que eles teriam que dar um jeito e decidirem morar juntos logo. Então o casal conversou e decidiu ir morar juntos. O rapaz comunicou à mãe da moça a decisão, e ela disse que eles teriam que pensar que agora iriam ter uma “vida individual”. Mas Carlos ainda não trabalhava, eles dependiam do pai de Carlos. O rapaz comenta que foi tomando consciência de que tinha que largar a “maloqueiragem”, forma de vida que ele associa a atitudes como não trabalhar, ficar andando de skate e em grupos de amigos pela rua. Enfim, era necessário que ele pensasse em trabalhar e começou trabalhando com seu pai. Atualmente, apesar de ainda

⁶⁶ Para saber mais sobre coabitação e conjugalidade entre jovens ver Cabral (2002).

morar no terreno do pai, em uma casa que construiu para o casal, já sente-se bastante independente, pois ele e sua esposa trabalham. Nesse caso, foi a partir de uma pressão por parte da família da moça que o rapaz passou a construir uma outra trajetória, mais associada à vida adulta, e a sentir-se no compromisso de abandonar suas atividades mais relacionadas à fase da juventude.

No caso de Danilo (20 anos, 01 filha), já referido anteriormente, há uma situação em que o rapaz já tinha vivido a experiência de morar com a namorada, antes de se tornar pai, e isso teve como consequência muitos problemas. Foi muito complicado esse tempo, porque a relação do casal mudou, e a moça começou a cobrar-lhe muitas coisas e ficar mais ciumenta. Danilo considerou também que passou a ser muito pesada a situação devido ao fato de somente ele trabalhar. Após muitas brigas entre o casal, eles acabaram separando-se mas permaneceram namorando. Depois veio um tempo em que terminavam o namoro e voltavam, até o momento em que ela ficou grávida. Ele considera que ela engravidou para que ele decidisse morar novamente junto, só que o rapaz já não queria mais e aceitou a gravidez, mas não quis mais namorar a moça. Ele considera que “não adianta, filho, até antigamente prenderia alguém, mas no mundo de hoje não prende mais ninguém”. Restou em comum a criança, com quem entende ter obrigações, “...eu tenho que pensar que eu tenho que ser um pai presente e tal, mas eu tenho que ser presente com a criança, eu não vou estar bajulando a mãe, se a gente não está mais junto...”. Quando conversávamos, Danilo comentava que a moça estava usando a criança para forçar situações com ele, então ela dizia:

“Se é para ficar assim, tu fica na tua que eu fico na minha, não me procura mais” e eu digo para ela “não, não é por aí, de repente a gente não está junto, mas a criança não tem nada a ver com isso, queira ou não queira” e ela “não, se não é para a gente ficar junto, nem amigo não dá para ser”.

O rapaz gostaria de ter um relacionamento de amizade com a mãe de sua filha, mas considera que ela não consegue. Ele percebe sua ex-namorada como muito orgulhosa, uma pessoa que não aceita a recusa do outro. Ele diz que ela tem que entender que nem sempre na vida se ganha e que as vezes é preciso saber perder, ela fez uma aposta muito alta e não deu certo. Danilo comenta sobre um primo seu que tomou outra decisão e foi morar com uma moça com quem namorava a pouco tempo e que engravidou. Ele considera que seu primo não é feliz. Sua explicação para isso é porque o rapaz era muito novo, que o rapaz tem a casa dele, tem um bom serviço, mas não adianta ter tudo isso e não estar feliz consigo. Eles eram muito amigos e depois do que aconteceu na vida de seu primo, houve um afastamento. Danilo considera que já passou pela experiência de morar junto e sabe que não quer isso para ele, mais tarde sim, mas ainda acha muito cedo. Podemos considerar que esse rapaz impôs limites à sua participação, principalmente por não ter um sentimento que o motive a casar com a moça. Ele assumirá suas obrigações de pai, mas ainda pretende continuar mantendo relacionamentos sem compromissos maiores, ou seja, “ficando” com garotas. Ele demonstra que não há necessidade de mudar a forma de suas relações até mesmo com questões como a diversão porque tornou-se pai.

Um outro caso relevante é o apresentado por Marcelo (21 anos, 01 filha) que tem uma história permeada por várias paixões sendo que uma dessas moças foi morar com ele em sua casa, tendo engravidado depois e voltado para a casa dos pais. Eles ainda namoram, vêem-se todos os dias e assim segue o relacionamento. Porém, os pais de Marcelo ofereceram um terreno da família para o rapaz fazer uma casa, mas ele tem medo de construir a casa e ir morar com sua namorada e sua filha e os sentimentos “esfriarem” mais que já estão e acabe tudo de uma vez. Assim, ele demonstra uma concepção de trajetória ou história da paixão que tende ao fim, considerando o contexto e o tempo da relação. Quando fala a respeito de sua namorada, ele diz que gosta dela, mas que não é mais como era antes. A moça é bastante carinhosa, está sempre dizendo que gosta dele, mas ele não consegue corresponder.

Ele relata que valoriza sua namorada, porque ela gosta dele muito e ela é a mãe da sua filha. Além disso, eles já estão juntos faz cinco anos. Assim, ele afirma: “ela é a mãe da minha filha, pra mim ela está acima de qualquer outra guria”. Com tudo isso, percebe-se que a namorada de Marcelo entrou para a esfera da maternidade, da companheira que deve ser respeitada por ser a mãe de sua filha. Mas como mulher, alguém para relacionar-se afetiva e sexualmente, ele demonstra em suas falas que ela já não é mais interessante, não estimula certas emoções desejadas ainda por ele. O rapaz parece apegar-se a um tipo de relação com a moça que está suportável para os dois, diferentemente do que poderia ser se eles morassem juntos. Assim, ele ainda sai para “curtir” à noite, “fica” e tem relações sexuais com outras garotas. No momento, é uma situação que é possível para ele.

A discussão em relação à família diz respeito ao nosso estudo com os(as) jovens pais e mães, porque é a partir de certos modelos construídos socialmente que essas pessoas convivem dentro de seus grupos. Segundo Fonseca (2002), “o fato de as camadas abastadas terem adotado (...) a família nuclear conjugal como norma hegemônica, sem dúvida, explica por que existe uma tendência de ver qualquer desvio dessa norma como problemático”. Mas a autora ainda afirma que etnograficamente é possível constatar que essa hegemonia não ocorre da mesma forma em todas as camadas sociais. Existem outras alternativas de arranjos familiares que estão amplamente estabelecidos em

setores da sociedade. É, a partir de certas convenções, significações a respeito do que é ser pai, o que é ser mãe, o que é uma família, que esses jovens atuam, vivenciando conflitos, enquadrando-se ou corrompendo as exigências da sociedade em que vivem. De maneira geral, na pesquisa realizada, boa parte das situações de parentalidade não são acompanhadas da construção de uma família nos modelos tradicionais, nem de condições econômicas representadas pelos jovens deste estudo como ideais:

Primeiro é o lado financeiro, hoje em dia, passando trabalho, não tem como manter um casamento. Trabalha que nem um condenado, chega em casa estressado, contas e contas para pagar. Não vai muito longe. (Antônio, 23 anos, 03 filhos)

Eu ainda tinha muito tempo para pensar nisso pela frente, primeiro eu ia comprar meu carro, minha casa, pagar a minha moto, depois ter filho. Agora que tem filho antes, tu acaba fazendo tudo junto, é uma coisa a mais que pesa, porque filho é uma família, pesa mais no orçamento, agora eu não posso ficar mais sem serviço. (Danilo, 20 anos, 01 filha)

O ideal é ter já uma casa, estar formada, porque agora eu vejo que como eu não me formei, eu não consegui aproveitar muito (a filha) porque tem a faculdade, tem que trabalhar. Agora quando eu começar a fazer faculdade de novo, no final de semana, eu vou ter que dividir o tempo com estudar e já vai ficar bem menor o tempo. Eu vou trabalhar de manhã, é difícil conciliar e eu queria ficar bem mais tempo do que eu posso (com a filha). (Dilma, 20 anos, 01 filha)

Os relatos de Antônio, Danilo e Dilma trazem diferentes questões a serem conciliadas com a questão de morar juntos ou não. Dentre estas dificuldades, estão os baixos salários, insuficientes para pagar as contas da família como água, luz, alimentação e vestuário. Além disso, esses problemas acabam interferindo e desgastando a relação do casal. Também, muitas vezes, planos de aquisição de bens ficam comprometidos a partir do nascimento da criança e acabam tendo que competir com os gastos com o bebê, impondo que se aprenda a fazer tudo junto. Nessas condições, principalmente os rapazes têm um sério compromisso com o provimento da criança e expressam a preocupação em não poder ficar desempregados.

Antônio, por exemplo, conta sobre um relacionamento que teve com uma moça branca de classe média. Ele relata que a moça era muito apaixonada e que ele também gostava dela mas não acreditava que fosse possível superar as diferenças de classe social e raciais. Segundo ele:

Elas me deram um mês para pensar o que que eu ia fazer, se eu ia casar ou não, eu resolvi casar, mas sabendo que eu não ia conseguir manter o padrão de vida que ela tinha, ela era uma Patricinha e eu neguinho aqui da favela.

Antônio ao final de tudo não casou com a moça que ele considerava uma “Patricinha”, ou seja, uma moça de classe média que tinha de seus pais todo o conforto, roupas da moda, morava muito bem, podia desfrutar de um padrão de vida bastante diferenciado do dele. Conforme citação, ele se considerava um “neguinho” da favela, querendo referir que as possibilidades de ascensão social dele eram bastante restritas e que ele não acreditava que ela suportasse viver sob as condições que ele lhe pudesse oferecer. É complicada a tentativa de interpretação da expressão utilizada por ele “neguinho” da favela. Ao ouvir essa expressão, não é possível dizermos que ela tinha uma conotação pejorativa, pelo contrário, parecia-me que ele demonstrava uma consciência de sua posição social. Também ao considerar-se um “neguinho” da favela ele apresentava uma noção de limites para seu crescimento, o fato de ser da favela marca em sua pessoa características das quais talvez ele não tenha a intenção de se livrar ou não seja possível se livrar sem muito esforço. O rapaz relata que ela jurava que ia conseguir viver ao seu lado, porque o amava e que isso faria com que ela suportasse. Mas ele considerava que ela não agüentaria porque tinha uma personalidade muito forte e logo começaria a exigir coisas que ele não poderia oferecer.

A questão maior a qual devemos considerar não é o fato de esses jovens estarem tendo filhos com “pouca” idade, mas sim as complicadas condições sociais que esses jovens têm à disposição. São observáveis as dificuldades que eles têm de dar continuidade à sua vida de maneira que possam ainda se manterem estudando, tendo lazer, trabalhando e convivendo com a criança. As diferenças nas formas de vivenciar essa questão são percebidas quando associamos as pessoas a suas camadas sociais. Normalmente o jovem de camada média ainda consegue continuar sua formação escolar e profissional. Ainda que, por exemplo, a moça fique um tempo somente em casa com a criança nos primeiros períodos de vida do bebê, em seguida haverá um planejamento de continuidade de sua formação. O rapaz de camada média também terá um pouco mais de tranquilidade, porque a criança ainda estará amparada caso fique desempregado, seja pela família dele ou dela. E ainda esse rapaz terá a oportunidade de permanecer estudando e tendo lazer sem maiores

impedimentos, sendo casado ou não. Mas no caso das camadas populares, principalmente quanto às mulheres, a dedicação à criança é mais exclusiva, pois nesses casos normalmente a moça não voltará a estudar, e elas demonstram que tudo que planejem fazer torna-se mais difícil pela dependência do filho em relação a elas. Assim, também vemos a questão de gênero que está implicada nessa discussão e perpassando os determinantes de classe. Os rapazes, sejam de camada média ou popular, estarão menos envolvidos e seu envolvimento será muito mais da ordem financeira. Isso faz com que o homem, de maneira geral, tenha mais facilidade de dar continuidade a sua vida após a paternidade que a mulher, até mesmo em outros relacionamentos, como já foi mencionado anteriormente.

Dos dezoito jovens entrevistados neste estudo, dez estão casados ou continuam namorando com os respectivos pais ou mães de seus filhos e oito não constituíram união conjugal. Segundo Sarti (1996), o casamento é o projeto inicial a partir do qual começa a constituir-se a família, é a através dele que se projeta melhorar de vida, numa complementariedade entre o homem e a mulher. Danilo (20 anos, 01 filha) fala sobre um certo mal estar pelo fato de não ter conseguido controlar as situações de forma que elas ocorressem nas idades consideradas por ele apropriadas e com a pessoa certa. Ele demonstra um ideal de amor romântico e sua história está pautada pela experiência de uma gravidez de uma filha com uma moça de quem ele não gostava. Ele diz que a moça queria que fosse uma família, mas que ele não considerava possível por pensar que ela usou a criança como forma de impor-lhe um casamento, mesmo não sendo esse o seu desejo. Assim, ele relata que procurou adaptar-se ao que considerou que conseguia suportar e ao que considerou estar preparado, mas é possível perceber muita indignação com a moça. Ele considera que para casar tem que gostar muito da pessoa e que somente quando se está com a pessoa amada é que é possível fazer planos e construir um futuro juntos.

O relato de Israel (17 anos, 01 filho) é ilustrativo de uma forma de pensar compartilhada pela maioria dos jovens entrevistados nessa pesquisa sobre gostar, casar, fazer planos juntos e cuidar dos filhos. Essa citação resume um pouco dos ideais de relações conjugais apresentados pelos sujeitos da pesquisa sobre “ficar juntos ou não”:

Eu me considero casado, eu digo para todo mundo que eu sou casado, que a Ju é minha mulher. Casar é isso aí, a gente vive junto, a gente se gosta, a gente tem visões de futuro bem parecidas, a gente planeja o nosso futuro junto, a gente quer fazer as coisas juntos. A gente vê a nossa vida para frente sempre juntos e pensando no Lorenzo.

4.3 - Alguns conflitos

Já vimos que os arranjos conjugais estabelecidos pelos jovens entrevistados são bastante diversos e, dentro de cada forma de resolver se o casal ficará juntos ou não, surgem também vários conflitos. Nem sempre os dois envolvidos na situação estão de acordo com o rumo que deve ser dado após a gravidez. Muitas vezes um quer casar e o outro não quer, um quer continuar sendo namorado e o outro acha que essa situação não é adequada ou, ainda, a gravidez ocorre entre um casal que não tinha afinidades suficientes sequer para estabelecer um namoro. Também ocorrem as situações em que os jovens passam a morar juntos após o evento da gravidez e, juntamente com isso, surgem outros conflitos. Uma das informantes narra sua história:

A chegada dela foi legal. O que mudou no relacionamento é que a gente ficava só em casa e ele trabalhava e estudava, então ele ia para a faculdade, depois trabalhava, saia tri cedo e chegava de noite. Eu passava o dia inteiro em casa e ele chegava tri cansado, eu passava o dia todo em casa e quando ele chegava eu queria ficar com ele e ele estava tri cansado e dizia: 'ai não, não sei o que'. Então, isso foi desgastando muito e aí ele queria sair e eu não podia sair porque tinha que ficar com a Da. A gente começou a brigar, mas ainda ficamos juntos até quase o segundo aniversário dela. (Dilma, 20 anos, 01 filha)

Ainda que esse fosse um casal que se gostava e que terminou tomando a decisão de morar juntos após a gravidez, houve muitos problemas dentro da vida conjugal que eles não conseguiram superar. Existiu um descompasso de disposição, enquanto o rapaz estava totalmente envolvido com a vida profissional e os estudos, a moça estava totalmente associada aos cuidados da criança. Isso fazia com que ela tivesse uma disposição para o horário que ele chegava em casa completamente diferente da disposição dele, que se considerava muito cansado. Dilma ainda esperava uma certa relação com o lazer, tendo como referência a forma como dispunham do tempo quando ainda eram somente namorados, mas isso não ocorreu após terem casado. Ela sentia muito monótona sua vida somente dentro de casa, foi uma opção que ela fez por não trabalhar e nem estudar no primeiro ano de vida da filha, mas que ela esperava que fosse compensada pelo lazer que os três poderiam ter. Isso quando também não ocorria de ele querer sair, ir em algum lugar onde não pudessem levar a criança junto, então, ela tinha que ficar com o bebê. Todos esses desencontros, associados aos compromissos que seu marido lhe colocava quanto aos serviços domésticos, faziam com que os dois brigassem muito. Tudo isso fez com que a relação fosse desgastando-se até decidirem terminar e o rapaz voltou para a casa da mãe dele.

Na maioria dos casos, os rapazes ainda preservam suas relações de amizade e seu lazer dissociados do lar, eles mantêm os amigos, eles continuam jogando futebol e eles continuam indo tomar cervejas em bares. Segundo Bourdieu (2002), o mundo social dispõe de arbitrárias divisões que começam pela divisão dos sexos e vão estendendo-se para outras questões, mas sempre convencionando o que é apropriado para mulheres e o que é apropriado para homens, através do estabelecimento de relações esses códigos constroem sua legitimidade. Nesse estudo, é possível perceber que a atitude dos rapazes é uma questão que desagrade as moças, pois elas gostariam que os rapazes se tornassem mais caseiros e dividissem com mais entusiasmo a vida a dois. Na maioria das vezes, é esse tipo de desencontro de perspectivas que leva às discussões e até agressões físicas. Émerson relata sua experiência:

É que eu sou assim, eu gosto de sair para fazer churrasco com meus amigos, sair assim, tipo lá na Andrade Neves tem um pagode assim e eu gosto de ir com meus amigos dar uma volta diferente e ela é ciumenta. Na semana passada, eu cheguei em casa meia-noite e a gente discutiu e eu disse para ela 'vou para a minha casa'. É isso, é que eu era de sair assim direto, saía de segunda a segunda, saía direto, todos os dias antes de namorar ela. Aí eu trabalhava só para isso mesmo, não precisava ajudar em casa, só festa direto. Eu apareci com um casaco diferente de um amigo meu, estava frio e eu estava só de moleton e aí tá a gente estava lá e tinha pagode e tal. Aí até tinha uma amiga minha lá e eu dancei assim e ficou com cheiro na roupa. Bah, eu cheguei em casa e ela rasgou o casaco, agora eu tive que comprar outro, ainda ontem eu tive que comprar outro, foi isso que eu fiquei mais brabo. Eu estava sentado assim e ela levantou a mão para mim, mas eu nunca bati nela, mas ela já bateu em mim. (Émerson, 21 anos, 01 filho)

Esse é um caso em que o rapaz ainda está bastante envolvido com seu lazer associado a relações com amigos. No dia em que o rapaz foi entrevistado, ele estava na casa da mãe, porque tinha ocorrido uma briga entre o casal. Ele não sabia se retornariam, mas não demonstrava muito desconforto com a situação. Ao ouvi-lo era possível imaginar que eles voltariam a morar juntos, como já ocorreu outras vezes e talvez essas constantes idas e vindas para a casa da mãe dele já tenham se tornado uma rotina, o que faz com que ele não leve mais a sério as brigas, porque no final o casal sempre se reconcilia. A justificativa que a moça lhe dá para tantas discussões é porque ele fica pouco em casa, mas ele considera que se incomoda gratuitamente e que não há razões para tantos desencontros. Assim, percebe-se que as mulheres, ao casarem-se, associam-se mais ao "mundo doméstico", e os homens mantêm suas relações com o "mundo exterior". As mulheres afastam-se de suas amizades e passam a ter mais relações familiares, enquanto que os homens apenas acrescem uma esfera, que é a esfera onde construiu-se a sua própria família, mas ainda preservam com grande importância as amizades. Segundo Bourdieu (2002), a ordem social funciona como uma engrenagem que atualiza a dominação

masculina, sem que os agentes tenham essas questões racionalizadas, é o que se chama de “ordem das coisas”. Isso pode ser visto através das relações que estamos analisando entre os jovens entrevistados.

Como já foi mencionado anteriormente, os sentimentos desses jovens ainda apresentam-se de forma bastante confusa, um misto de desejo de mudanças associado à gravidez e ao casamento e, ao mesmo tempo, um sentimento de tempo perdido, de uma juventude que não voltará, incertezas no amor, incertezas sobre o melhor rumo a ser dado para os acontecimentos. Uma jovem comenta que, quando estava namorando com o pai de seu filho, tinha muitos sentimentos ao mesmo tempo, segundo ela:

Quando eu namorei com o Bernardo eu senti ódio, eu senti amor, eu senti nojo, mas eu estava ali com aquela pessoa. Apesar dos bons e dos maus sentimentos ele era uma pessoa presente, companheiro, volta e meia ele me puxava ‘vamos sair, vem aqui’. Foi uma relação muito dolorosa, eu precisei de psiquiatra porque tive muitos relacionamentos frustrados, era tudo frustração. (Fátima, 24 anos, 01 filho)

Um dos momentos em que é possível pensar em maturidade ao analisar as falas dos jovens pais e mãe entrevistados é quando eles relatam suas histórias amorosas. Os sentimentos são muito misturados, como o caso de Fátima, eles ainda não têm certeza do que desejam da vida e, ao mesmo tempo, eles têm uma ansiedade para que algo de diferente, de agradável, lhes aconteça. É como correr muito em busca de algo que ainda não se sabe muito bem o que é, e mesmo quando se chega a algum lugar que pareça interessante, estar lá e não saber como conduzir aquela situação. Há uma ambigüidade entre uma situação desejada, como o amadurecimento que pode vir através da maternidade ou paternidade, ou do casamento, mas ainda não querer abandonar as “curtições” da juventude. Houve situações em que os jovens tinham um relacionamento que consideravam estável, mas ainda demonstravam muita empolgação com situações de paquera, de sentir-se desejado por outras pessoas que não o namorado(a) ou o esposo(a).

Além disso, o próprio fato de ter uma relação estável e ainda sair para “curtir” sem que o parceiro estável saiba, era relatado como uma situação interessante e excitante, que era desejável. Por isso podemos considerar que a situação vivenciada por Emerson, no caso relatado anteriormente, não seja insuportável para ele, há um certo prazer em estar “curtindo” depois de casado, e as próprias brigas podem estar representando uma prova de amor por parte de sua esposa. De certa maneira, essa é uma atitude esperada num caso desses, talvez fosse frustrante para ele se a moça não ficasse abalada com aquela condição. Segundo Leal e Boff (1996), a identidade masculina é algo que está sempre em risco e necessita estar em constante reconquista. Podemos considerar, no caso de Emerson, que suas atitudes e as próprias reações de sua esposa são uma forma de reafirmação de sua masculinidade que sustenta-se nesse movimento de afrontas, resistências e brigas.

Assim como outras situações podem gerar conflitos como o fato de a moça querer trabalhar e o rapaz não concordar e se mostrar muito ciumento, é o caso de Gisele (22 anos, 01 filha):

Eu me separei dele porque ele pegou e deu em mim aí eu peguei e disse para ele que eu não queria mais ele, eu não conseguia olhar para ele mais. Ele dizia que ia me pegar que eu não ia mais sair para o serviço porque se eu saísse ele ia me pegar, ia fazer e acontecer. Eu tenho medo ainda de morar com o Leonardo porque quem deu uma vez dá outra. Eu sempre aviso ele que ele deu a primeira mas a segunda que ele der ele não vai ver mais eu nem a Cíntia. Porque eu não gosto mais dele como eu gostava. Eu estou vivendo porque eu não tenho para onde ir.

A história de Gisele fala a respeito de uma pessoa que, após ter casado com o rapaz, em virtude da gravidez, encontra-se sem alternativa para tomar outra decisão. Ela considera que se voltasse para a casa de sua mãe com a filha, poderia ser ainda pior que viver com o marido. Assim, a única atitude que lhe resta é utilizar a ameaça de ir embora com a criança e não deixá-lo vê-la no caso de ele novamente agredi-la. Mas sua ameaça ainda é um sintoma de medo de que o rapaz possa voltar a ter aquele mesmo tipo de atitude. Ainda que ela gostasse do rapaz, sua agressividade fez com que o sentimento anterior terminasse e o que a mantém junto a ele é a necessidade financeira e a consciência da maternidade, de que tem uma criança que depende dela. Apesar de morar com Leonardo, sente-se tensa com a probabilidade de que uma agressão física volte a acontecer. Gisele obriga-se a manter a relação por questões muito básicas de sua vida. O marido a sustenta, ela não trabalha e voltar para a casa de sua mãe pode ser uma alternativa ruim, considerando que é um local onde já moram muitas pessoas que poderão não concordar com seu retorno. Imagina ainda, que eles também considerem que ela deva ficar com seu marido, com o pai de sua filha e que será isso que ela ouvirá caso volte para a casa da mãe. Além disso, Gisele mostra-se uma moça que sempre teve atitudes bastante rebeldes e voltar pode ser um atestado de derrota, pode representar ter que concordar que não fez as escolhas corretas.

4.4 - Sentindo a gravidez, a maternidade e a paternidade

A gravidez, a maternidade e a paternidade passam por momentos de assimilação em que os jovens entrevistados demonstram que necessitam de algumas manifestações que lhes façam perceber, sentir a situação “real” de ter um filho. Segundo Helman (1994), uma gravidez não se reduz a um processo físico, mas é também um estado de transição social para o estado de mãe e de pai. Alguns jovens relatam que passam a sentir-se “grávidos”, ou seja, entender a gestação como uma preparação para a chegada de uma criança a partir do resultado positivo do exame. Alguns referem que, por conhecerem o funcionamento de seus corpos, já tinham percebido que existia uma gravidez. Outros ainda precisam de manifestações como o crescimento da barriga, sentir o bebê mexendo, ter náuseas, ou ver o bebê após o nascimento. Há também os casos em que os conflitos que surgem após a gravidez e as negociações que passam a ser necessárias é que dão um sentido real para o evento de gravidez, maternidade e paternidade. Em muitos dos relatos dos jovens, eles comentam que não sentiam que a gravidez fosse verdadeira. Muitos, no plano das idéias, estavam compreendendo, mas no plano concreto, precisavam de outras evidências. Por isso, segundo Turner (1974), a vida social é um processo dialético que abarca diversas experiências e através desse diálogo entre as situações que o indivíduo vai recolocando-se socialmente, assumindo um novo status. É a partir das reflexões entre o antes e o depois, entre o passado e uma perspectiva de futuro em que os jovens pais passam a assumir uma nova identidade, em diferentes ritmos.

O sofrimento, em alguns casos, foi o elo de ligação entre a ingenuidade, inexperiência e uma “sensação real da maternidade”. Nesse sentido, Clastres (1978) afirma que o corpo é uma superfície privilegiada e eficiente para receber determinadas informações sociais. O corpo presta-se muito bem a formalizações de passagens de fase de vida. Segundo o relato de Daiane, criava-se uma relação entre a sua imaturidade e o quanto era complicado experienciar uma situação de dor, que não raramente era dividida com familiares. Daiane tinha 15 anos quando passou pela cesariana de seu filho. Em muitos momentos da entrevista, ela deixava claro a forma como sentia-se ingênua e inexperiente para vivenciar algumas situações⁶⁷. Quando pensava em fazer perguntas, ela achava ser melhor não fazê-las, pois associava suas dores ao que as pessoas diziam sobre cesariana. Diziam para ela que cesariana sempre doía, que era bem pior que parto normal e que demorava a recuperação. Ela pensava que estava estranhando a dor porque não sabia como era, não tinha uma noção de que a

⁶⁷ No estudo “Ginecologia, gênero e sexualidade na ciência do século XIX”, de Rohden (2002), ela contextualiza questões como a função procriativa e as representações a respeito da sexualidade feminina. A autora sugere que o discurso médico trata a mulher como presa à função sexual/reprodutiva diferentemente do homem.

agudeza da dor estava para além de padrões normais. Nos momentos da entrevista, ela revelava o quanto tinha sido complicado e doloroso seu processo de amadurecimento para a maternidade.

Numa perspectiva de passagem de fase de vida, os jovens demonstram através de seus discursos que todas as situações provenientes do evento da gravidez e da convivência com a criança fizeram com que eles gradualmente fossem passando para uma nova fase de suas vidas⁶⁸. Nesse sentido, Fonseca (2002) afirma que as emoções e categorias de percepção dos indivíduos constroem-se dentro de circunstâncias concretas e são essas circunstâncias que também incluem formas de conceber os limites entre as fase de vida. No caso de Daiane, a maternidade foi bastante marcada pela dor proveniente dos problemas com a cesariana. Dilma, Luciana e Danilo narram suas experiências:

A minha barriga foi crescer quando eu estava com seis meses, eu achava legal quando ela começava a mexer, daí que eu comecei a sentir mesmo que eu estava grávida dela. Depois que ela começou a mexer na minha barriga, ela mexia o tempo todo, até ela conseguiu se enrolar no cordão dentro da minha barriga. (Dilma, 22 anos, 01 filha)

Foi estranho porque eu dormi uma moça e acordei mãe. A minha vida deu uma volta de 360° em dois dias. Um dia eu durmo grávida e no outro dia eu acordo mãe e já estou amamentando. Tudo o que ele faz ele depende de mim, agora ele está crescendo, ainda está aprendendo as coisas, mas vai demorar muito tempo para ele não depender mais de mim. Quando ele tiver uns cinco, seis anos ele vai comer e fazer as coisas dele tudo sozinho, boa parte. (Luciana, 19 anos, 01 filho)

Antes de nascer tu já vai pegando amor pela criança, eu até tenho medo que aconteça alguma coisa com ela, de fugir, sei lá, alguma coisa, acho que não, acho que não vai acontecer nada disso. (Danilo, 20 anos, 01 filha)

O mexer da criança foi uma forma de ligação de Dilma com sua filha. A partir da relação dela com a menina mexendo em sua barriga, ela já sentia uma interação com a criança. A moça passa a manter uma ligação com sua filha que é da ordem do real e já consegue atribuir-lhe até mesmo características. Ela conta que a criança era tão ativa que conseguiu enrolar-se no cordão. Já havia até mesmo conseqüências percebidas pelas ações da criança dentro da barriga. Para Helman (1994), a gestação coloca a mulher entre duas situações, ela encontra-se em um momento ambíguo

⁶⁸ Além disso, pode ser feita uma análise da identificação da gravidez, Leal e Lewgoy (1995) afirmam que a identificação de uma gravidez pode ser dividida em indicadores naturais (alterações corporais, interrupção do fluxo menstrual, dentre outros) e indicadores sociais (situações como ser casado ou não, filho como estratégia matrimonial, se o parceiro vai assumir, apoio da família, condições financeiras, dentre outros).

em que, no caso das moças entrevistadas nessa pesquisa, elas já não eram mais apenas jovens e também ainda não eram mães. Elas mostram que foi preciso um tempo de assimilação, de tomada de consciência de que algo de muito novo estava acontecendo em suas vidas. Isso causava-lhes também medo por não conseguirem colocar-se de forma segura dentro da situação, eram muitas emoções ao mesmo tempo e muitas pressões das regras sociais que, na maior parte dos casos, foram consideradas descumpridas.

Para Luciana (19 anos, 01 filho), a relação com seu filho foi sentida realmente com o nascimento da criança. A percepção da dependência da criança em relação a ela fez com que sentisse sua nova condição. Com o passar do tempo, ela começou a pensar no dia em que o bebê será mais independente, como algo que será bom também para ela. Essa discussão demonstra que, muitas vezes, o evento de gestação em si não traz para as garotas uma sensação de realidade. No caso de Luciana, que se sentia uma moça estando grávida, foi somente com o nascimento do filho que ela passa a se perceber de forma diferente, aí então, como uma mãe. É no nascimento da criança que começa a passagem de Luciana de uma fase de sua vida para outra. Isso nos faz perceber o quanto um processo de gestação pode ser vivenciado de maneira diferente e com temporalidades diferentes para essas moças, o que conseqüentemente resultará em períodos diferentes para as passagens de fase de vida. E mesmo assim, é importante ressaltar que uma passagem de fase de vida não demanda um abandono total de características anteriores. O que ocorre são acréscimos de características e até algumas perdas, mas muitas das categorias associadas à juventude ainda estão com esses jovens pais e mães.

Quanto a Danilo, quando sua ex-namorada ainda estava grávida, ele relata que já se sentia muito apegado à criança e devido aos conflitos com a mãe de sua filha, tinha muito receio de que ela não permitisse que ele pudesse ver o bebê. Nas entrevistas, o rapaz mostrava-se muito apaixonado pela criança e pela idéia da convivência com sua filha. Em muitos casos, ele comentava possíveis situações que os dois fossem viver juntos, planos que ele já fazia sobre como a trataria, o que gostaria de conversar com ela e qual a imagem que ele gostaria que ela tivesse dele. Nesse caso, é relevante considerar que sua relação com a filha estará muito mediada pelo que a mãe da criança possa permitir. Segundo Fonseca (2002), em uma pesquisa com camadas populares, os direitos da mãe sobre seus filhos são apresentados por crenças morais e místicas como inalienáveis. É justamente tendo consciência disso que o rapaz sente-se inseguro sobre o que de fato será possível na sua convivência com a filha. A criança é um recurso que a mulher tem em suas mãos, o qual ela pode usar para desagradar as pessoas que se importam com a criança, como afastar do pai, dos avós, esse é um poder que a mulher tem em relação a seus filhos.

Porém, os primeiros momentos em que os jovens ficaram sabendo da gravidez nem sempre foram vivenciados de forma agradável. Os casos em que os jovens afirmam terem sido surpreendidos pela gravidez antecipam uma condição para eles, para a qual ainda não se sentiam preparados, mas têm que aprender a

conviver com ela. O mesmo rapaz comenta como sentiu-se após a notícia de que sua ex-namorada estava esperando um filho seu:

Agora eu já pensei bastante, já me acostumei com a idéia, passou aquele susto de como vai ser ou não vai ser, passou aquele susto e eu já vi que não tem volta mesmo, até já estou acostumado, já assumi, agora é só aguardar a hora. Acredito que vai dar tudo bem, acredito que vai ser uma menina, com bastante saúde, vai ser um ser bem iluminada, até pela situação em que se encontra. (Danilo, 20 anos)

Após receber a comunicação de que seria pai, o jovem afirma que foi “acostumando-se” com a idéia, principalmente porque não via nenhuma saída. Segundo ele, havia duas situações a serem resolvidas em sua cabeça, uma era a idéia de que uma pessoa com quem ele não desejava mais relacionar-se tinha criado uma situação que os ligaria para sempre. Outra, era a idéia de que estava se tornando pai em uma fase de vida que ele ainda não considerava adequada para tal evento. O que resume seus sentimentos é uma sensação manifestada em muitas ocasiões de ter sido “vítima” de uma situação premeditada por ela. Segundo o rapaz, ao ver que o relacionamento estava acabado, ela usou a gravidez na tentativa de retomar o namoro. Isso não fez com que Danilo rejeitasse a criança, ele separa sua relação com a criança e sua relação com a ex-namorada e, para cada uma delas, os sentimentos e os planos são de ordem diferentes. Ele pretende auxiliar a moça financeiramente e participar da criação da filha, dentro dos limites que a distância impõe, mas, no momento, não pretende retomar a relação afetiva. Por outro lado, o jovem Rodrigo (24 anos, 01 filho, tem uma namorada que não é a mãe de seu filho) relata um tipo de exigência sobre si mesmo quanto à relação com seu filho:

Com ele é bom assim sabe, mas é que as vezes ah, sei lá assim sabe, porque as vezes eu fico pensando assim que não caiu a ficha direito em mim. Bah, eu tenho um filho, que loucura, todo mês bah, recebo o salário e pago a pensão, sagradinho, certo.

Esse relato demonstra uma certa exigência de um sentimento que o rapaz ainda não sente presente em sua vida. Ele sente-se cumprindo com suas obrigações, tanto financeiras, quanto de procurar estar próximo à criança, mas avalia que falta algo. Em alguns momentos, Rodrigo relata que tem um pouco de medo de sair sozinho com o menino, tem medo que a criança

chore e ele não consiga resolver e acalmá-lo. Ele vai todos os sábados na casa do seu filho e fica lá um tempo, mas sabe que não tem a intimidade que deveria ter com a criança. Também relata sobre uma vez que pegou o menino e saiu para passear junto com sua namorada e que a mãe do garoto reclamou porque não queria que ele apresentasse outras mulheres para a criança. Rodrigo considera que "...é inevitável, não tem como evitar isso aí, ela é minha namorada, ele é meu filho, tem que conviver juntos, não vou dar banda, deixar ela em casa e sair com ele sozinho, bem capaz, pelo amor de Deus". Essa foi a única situação em que ele levou a criança para passear, fora isso, eles ficam em casa. É possível considerar que o fato de ele levar a criança para passear tendo por perto uma outra mulher seja algo que tenha lhe dado um pouco mais de segurança em relação ao garoto. Isso porque, de maneira geral, pensa-se que mulheres têm jeito para lidar com criança e a namorada poderia ser quem pudesse socorrer nos momentos em que ele não se sentisse capaz de lidar com o filho. Por outro lado, a namorada não será alguém que lhe apresentará censuras em seu tratamento com a criança, o que poderia deixá-lo mais descontraído para agir do jeito que gostaria com a criança.

Assim como também Marcelo (21 anos, 01 filha) narra sobre sua dificuldade de ter a exata noção de que auxiliou no processo de fecundação de sua filha, seja quando a namorada estava grávida, seja depois de a criança já ter nascido:

Eu fiquei super feliz, mas não conseguia acreditar porque sei lá tu não consegue acreditar que o que tem ali dentro da barriga é um nenê que tu fez também. Sempre tive essa sensação estranha e mesmo depois que ela nasceu e até hoje eu olho para ela e parece incrível que eu fiz ela.

Podemos perceber que esses jovens mostram uma necessidade de ter um tipo de consciência da maternidade e paternidade que nem sempre ocorre. Os relatos mostram que eles esperam alguma manifestação, algo mais concreto dentro deles mesmos que possa lhes passar a noção da "realidade" do ser pai e ser mãe. Há uma certa dificuldade de sentir-se como imaginam dentro da situação, o processo de gestação parece algo inacreditável para eles, quase como se fosse uma mágica apenas, mas que eles não tivessem interferido para que o processo se desencadeasse. Tanto alguns rapazes quanto algumas moças demonstram que passam por certas dificuldades até conseguirem criar laços afetivos com seus filhos. É um processo complicado, porque depende muito mais das emoções, da criação de sentimentos suficientes e de acordo com as expectativas para a maternidade e paternidade. É notável o quanto eles se cobram uma postura, um sentimento de parentalidade e ainda o quanto eles se

avaliam vivendo essa situação. Certamente podemos associar essa questão às exigências sociais, às representações que se tem a respeito da maternidade e paternidade, ou seja, das atitudes e sentimentos socialmente esperados de uma mãe e de um pai.

O relato de Antônio resume os conflitos implicados no acostumar-se com a gestação, com a idéia de que também contribuiu e, por último, de assimilar que aquela criança é uma realidade da qual ele participou para que ela se concretizasse:

Eu fiquei parado olhando e a lágrima caindo porque eu não acreditei, não parecia nem minha filha, parecia um boneco, que estranho, a minha filha, ontem ela não estava aqui e hoje ela já está.

Os jovens mostram que compartilham dos códigos, mas têm dificuldades de construir significados suficientes dentro de si e na figura da criança que possam ser correspondentes às exigências. Isso também mostra que os sentimentos de maternidade e paternidade não têm nada de natural, são questões construídas socialmente. No caso dos jovens que participaram desta pesquisa, porque a maioria deles não tinha elaborado ainda essa idéia, eles ainda estão mais afastados desses sentimentos que pessoas que já são consideradas adultas. O fato de serem adultas tem, de alguma maneira, subentendido que as pessoas nessa condição já tenham internalizado certas regras como o “amor de pai” e o “amor de mãe”. A maioria dos jovens entrevistados tem que passar por um rápido processo de assimilação dessas representações e identificações.

Capítulo 5

E Tendo Crescido...

Tendo visto até aqui os processos pelos quais os jovens entrevistados para essa pesquisa passaram desde o momento em que se sentiam apenas jovens “curtindo” a vida, até a efetividade da maternidade e paternidade. Agora veremos quais os processos que para esses jovens estão marcando o quanto eles amadureceram, o quanto suas vidas foram afetadas pelo acréscimo de responsabilidades provenientes da parentalidade e, até mesmo, das relações com seus parceiros amorosos ou não. Esses processos evidenciados nos depoimentos dizem respeito a idéias como não poder voltar atrás depois de uma decisão ou depois de estarem envolvidos com situações como a parentalidade e o casamento. Ou ainda, à mudanças quanto ao uso de métodos contraceptivos e ainda sobre a preocupação com a educação dos filhos. Isso depois de tornarem-se pais e mães, experienciando conflitos familiares em decorrência desse evento, conflitos entre o casal e assimilação da gravidez e da maternidade e paternidade.

5.1 - Embalando o filho

‘Bah, as gurias aproveitando a vida e eu aqui embalando filho, tenho que estar dentro de casa e elas aproveitando’. A gente se sente meio excluída, mas eu sentia que aquilo ali me fazia falta. Mas o que já passou, já passou, o que eu fiz eu não posso mais ficar voltando atrás, eu tenho que continuar, o que que adianta ficar pensando, não tinha mais volta. Então, eu tinha que ficar na minha. As vezes as gurias diziam ‘vamos sair’, aí eu tinha vontade de sair mas eu ficava pensando ‘como é que eu vou sair com uma criança pequena, eu me divertindo e o meu filho aqui em casa chorando’. Aí eu dizia, com vontade de sair, ‘não hoje eu não vou sair não, tá muito frio, hoje não’ e elas ‘ai vamos, vamos’ e eu digo ‘não, eu gosto de ficar em casa’, louca para sair e dizendo ‘não, não gurias’. ‘Com esse frio eu não vou sair de baixo da coberta quente, sair para pegar frio, eu não’. Aquilo acho que já existe, primeiro a gente é nenê, depois a gente é criança, depois pré-adolescente, depois adolescente mesmo, acho que aquilo ali faz parte da vida para a gente poder amadurecer. Eu não sei como é que

seria, mas eu acho que eu seria muito tihosa se eu chegasse nessa fase assim de sair assim, eu ia ser. Foi melhor que não tivesse acontecido. (Daiane, 22 anos, 01 filho)

Daiane fala sobre as dificuldades que ela tinha nas situações em que percebia que não era mais possível voltar atrás. O filho já era um fato em sua vida, mas ela continuava vendo suas amigas saírem para divertirem-se e era preciso que ela ficasse. Uma das questões relevantes em sua reflexão é a idéia de que era necessário adequar-se, tudo já tinha sido feito, não havia mais volta. Em muitos momentos da fala de Daiane, percebe-se que seu sentimento é de que ela passou de uma fase de ingenuidade infantil para a fase adulta, sem ter tido a oportunidade de vivenciar aquele momento que os jovens convencionam chamar de “tempo de curtição”. Suas referências dizem respeito ao que ela imagina que teria sido sua vida se ela tivesse passado por essa época. A relação com a juventude para Daiane fica na ordem do imaginário, que a partir do rumo dado por ela à sua vida, já não era mais possível vivê-lo.

Outra informante, Luciana (19 anos, 01 filho), fala sobre sua dificuldade de vencer o medo de lidar com a criança. Ela é das poucas meninas da pesquisa que não tinha passado por nenhuma experiência de auxiliar nos cuidados de uma criança. O que fazia com que ela não tivesse muita habilidade para as atividades de limpeza, alimentação e conforto do bebê. Ela usa uma expressão muito comum “era uma criança cuidando de outra criança, realmente, no começo era uma criança cuidando de outra criança”. Ela pensava que poderia machucá-lo muito facilmente. O que ela fez para resolver a situação foi passar a apalpá-lo, mexer no corpo dele para ver como funcionava, passou a observá-lo e foi aprendendo quais eram os limites da criança e como deveria tratá-la. Também no hospital ela exercitou-se auxiliando no cuidado de outras crianças que estavam no mesmo quarto, isso fez com que ela intensificasse essa relação que precisava ser construída com o “mundo dos bebês”. Todo esse aprendizado é exigido muito mais das mulheres que dos homens e está dando indicativos sobre quem terá sua vida muito mais tomada pela convivência com o bebê. Héritier (1975) afirma que as mulheres têm somente a si as tarefas da reprodução como gravidez, acolhimento e lactação, sendo essas questões um freio ao exercício de outras atividades, elas estão muito mais presas à relação com os filhos que os homens.

Por isso, percebe-se através dos relatos dos jovens entrevistados, que a preocupação em saber cuidar da criança é sempre algo mais presente na vida das moças. Quando o rapaz sabe cuidar de criança, ele traz isso como um algo mais que esteja trazendo para a relação com o filho e a mãe da criança, enquanto para a mulher é praticamente uma obrigação.

Assim, Dilma (20 anos, 01 filha) relata que optou por ficar em casa com a criança no seu primeiro ano de vida, considerava que a criança ainda era muito pequena e que precisava dessa atenção maior. Como ela havia parado de estudar após ter engravidado, ela retomou os estudos e fez um supletivo, após sua filha ter completado um ano de vida. Passado esse momento, ela retomou as atividades como trabalho e estudo. Ela comenta que, com a chegada da menina, mudou bastante o relacionamento com seu marido, pois o rapaz intensificou sua disposição para o trabalho e o estudo, pois ele estava preocupado com o fato de ser pai e desejava formar-se rapidamente no curso superior que fazia, assim como também passou a dar mais horários de aula para aumentar a renda, ele era professor. Dilma considerava muito monótono ficar somente em casa com a filha. Ela diz que, nos primeiros tempos, conseguia ocupar suficientemente seu tempo, mas que a menina era muito calma e, depois que ela pegou o ritmo, dava conta rapidamente dos cuidados com a criança e não tinha mais o que fazer. Para a moça, essa situação era entediante e pouco cansativa.

Po outro lado, um dos rapazes, fala a respeito da relação com seu filho, considerando que não moram juntos. Rodrigo (24 anos, 01 filho) conta que todo sábado vai na casa de seu filho para vê-lo, conforme já mencionado em outro capítulo. Ele conta que a criança mostra-se bastante contente com sua presença e que ele o leva para passear e lhe compra uns presentinhos. Porém, ainda assim, ele considera que é uma relação estranha porque ele tem que ir na casa do garoto, onde já morou com o garoto, a mãe da criança e seus familiares. Ele considera que poderia ser mais participante, por exemplo, pegando o menino para ficar com ele no fim-de-semana, passear mais com ele. O rapaz relata não fazer isso porque tem medo que aconteça alguma coisa e também a criança não está acostumada.

Rodrigo comenta que tem vários amigos que tiveram filhos por volta dessa mesma faixa etária e que há diversos casos: uns fizeram como ele, tentaram ficar junto com a mãe da criança e não deu certo; outros que largaram a mulher e ficaram com o filho e ainda outros que não gostam da mulher mas que, por causa da criança, ficam juntos. Ele considerou que não poderia viver infeliz pela vida inteira, ele tinha que buscar algo que lhe satisfizesse e certamente estar morando junto com a mãe de seu filho não o estava fazendo feliz. Rodrigo afirma que tudo isso não resolveria muito, pois estaria com o filho, mas não teria ânimo para a convivência com ele. Assim, considera difícil de lidar

com a situação porque foi algo que não foi planejado, ele sequer já levou seu filho em sua casa pois a mãe do menino não permite.

Mas podemos ir além desse caso e pensar no tipo de convivência que os homens costumam estabelecer com seus filhos. Ainda que os rapazes afirmem que a paternidade apresente situações que lhes tragam amadurecimento, podemos perceber o quanto as negociações e autoridades diante da criança são complexas e passam muito pelas mulheres. Quando o rapaz não mora com o filho, normalmente, ele tem pouca autoridade sobre a criança e a mãe será a pessoa que terá maior legitimidade para determinar quais serão as possibilidades de relações entre pai e filho. Diferentemente de quando o casal fica junto e a própria mulher costuma buscar aproximar a convivência entre pai e filho e ainda procura atribuir uma considerável importância à autoridade paterna. Assim, como já vimos anteriormente, o filho é um recurso importante que as mulheres têm em suas mãos e um dos seus principais instrumentos de afronta aos homens. Quando lhes convém elas aproximam pai e filhos e quando não lhes convém elas afastam, é dos poucos momentos em que os homens sentem-se impotentes para reagir.

Portanto, podemos perceber que as relações estabelecidas entre mãe e filho e entre pai e filho são bastante diferentes. A maioria das moças entrevistadas, ao tornarem-se mães, passam a estar muito próximas de tudo o que acontece na vida de seus filhos. Apenas Jurema (19 anos, 01 filha, tem um namorado que não é o pai de sua filha) relatou uma situação em que a moça divide bastante os cuidados do bebê com a sua mãe – avó da criança. Isso possibilita que ela ainda possa ter outras atividades como trabalho, estudo e lazer. Enquanto que os rapazes, ao tornarem-se pais, passam a ter um compromisso de dar atenção ao filho depois do horário de trabalho ou nos finais de semana. A relação do homem com seu filho é muito mais no nível do lazer, da troca de carinhos e de buscar uma proximidade que seja satisfatória para esse pai. Algo que depois ele possa relatar como uma afetividade bem vivida entre pai e filho. Normalmente, essas atividades não estão associadas às necessidades básicas da criança como alimentação, higiene ou questões do cotidiano. No que tange à educação, o pai é apresentado por muitos jovens como aquele que brinca mas sabe impor os limites, aquele que a criança sabe que tem que respeitar. Diferentemente das mães que são apresentadas como mais solidárias à criança, buscam educar através do diálogo.

No caso de Jurema, a moça não tem seu discurso muito marcado pelas dificuldades da maternidade. Ela ainda está bastante envolvida em conflitos com a mãe, apresentando tensões de autoridade para determinar situações sobre a criança e dificuldades para impor seu ritmo na rotina de sua filha. A avó da criança tem muitos poderes sobre a criança e é quem estabelece a forma de cuidado do bebê. Mas esse caso não pode somente ser analisado pelo lado do conflito, porque é perceptível que essa divisão de tarefas permite que a moça ainda possa divertir-se, “curtir” de uma forma que outras jovens não demonstraram poder. Assim, há uma perda e um ganho, Jurema tem uma perda de autoridade sobre sua filha, mas tem um ganho de possibilidade de ainda vivenciar sua juventude dentro das características apresentadas no “curtir”.

5.2 - Usando métodos contraceptivos

A relação com a idéia de ter crescido, muitas vezes, apresenta-se na nova relação estabelecida com os métodos anticoncepcionais também. Em alguns casos, os jovens mostram que após terem passado pela experiência de ser pais ou mães, sem ter planejado, faz com que criem uma relação de maior importância com os métodos contraceptivos. Como afirma Antônio (23 anos, 03 filhos, solteiro) “...nessa hora a camisinha é a minha melhor amiga, não só para prevenir uma gravidez, mas até uma doença”. Somente a partir dessas reflexões posteriores a tudo que foi experienciado, a partir da maternidade e paternidade, que os jovens passam, em suas narrativas, a fazer alguma alusão à questão das doenças sexualmente transmissíveis. Antes disso, as DSTs não eram lembradas em seus discursos, agora, juntamente com o planejamento da natalidade, elas ganham espaço.

Uma das moças entrevistadas relata que na sua segunda gravidez, quando pediu para o parceiro usar camisinha, já estava grávida. Ela diz que depois da segunda gravidez:

... me parei a tomar anticoncepcional e não esqueço de um dia, tomo todo dia. Por isso que eu não engravidei ainda, se não, eu já estava grávida, eu para fazer filho não tem igual. (Carol, 21 anos, 02 filhas, tem um namorado que não é pai de suas filhas)

É possível perceber que o evento de gravidez pode ter significados diferentes para os jovens, como mostra o caso de Carol. Nem sempre a partir de um único filho a pessoa assume uma postura mais preventiva. No caso citado acima, foi somente a partir da segunda filha que a moça mudou suas atitudes com relação controle de natalidade. O que vai motivar muito mais que eles passem a ter outras posturas perante o controle de natalidade são suas próprias visões a respeito de um número adequado ou não de filhos. Ou, o contexto experienciado pelo jovem e suas próprias resistências a esse contexto. O relato dessa moça mostra que, tendo uma filha, para ela ainda não se justificava que tivesse tanto receio em ter outro filho. Mas a partir do momento em que já tinha duas filhas, ela passa a expressar uma outra forma de relacionar-se com métodos contraceptivos.

Além disso, podemos perceber que não somente a relação direta com o número de filhos considerado pelos jovens, mas também outros fatores, como expectativas de vida, são fatores que estarão influenciando no controle de natalidade, ou ainda, a relação de dependência dos pais. A maioria das moças que ainda estavam na casa dos pais relatavam que somente programariam outra criança após estarem em uma relação estável com um parceiro afetivo. Até mesmo porque há uma forte cobrança por parte dos pais, elas ainda devem muitas explicações nesse tipo de situação aos seus pais, o que as desagrada muito. Nesses casos, uma outra gravidez seria encarada pela família como uma falta de consideração por quem está lhe dando apoio, mas também confiando que a moça tenha se conscientizado de que é preciso estar nas condições “adequadas” para ter um filho.

Normalmente as famílias desses jovens vão expressar que seus filhos devem ter filhos depois de estarem casados, trabalhando e em suas próprias casas.

Daiane, uma das moças entrevistadas que engravidou aos 14 anos, teve seu filho aos 15 anos e atualmente tem 22 anos, relata sua experiência com o uso de anticoncepcional:

Comecei a tomar anticoncepcional e até hoje, graças a Deus, nunca aconteceu de falhar. Até teve uma época que eu tinha tomado, só que eu troquei assim de comprimido pra ver se eu me adaptava melhor porque estava me dando dor no estômago. Conforme faz muito tempo que tu toma, começa a dar reação depois. Eu tomei e tinha atrasado muito tempo, tinha atrasado duas semanas, sendo que só no máximo tu termina de tomar o comprimido e dali a três dias já vem e ficou duas semanas. Eu já estava apavorada, eu só pensava em Deus, agora não é a hora, não é o momento e pensando.

Nesse caso, podemos perceber que mesmo essa moça tendo tido seu filho ainda muito jovem, ela já estabeleceu uma relação de domínio sobre sua reprodução que a deixava muito preocupada com a possibilidade de ter um outro filho em um momento que ela não considerasse adequado. Ela relata que, quando estava trocando de anticoncepcional e sua menstruação atrasou, esteve muito apreensiva. Chegou a fazer o teste para ver se estava grávida e considera que talvez seu sistema nervoso tenha interferido ainda mais. Nunca tinha acontecido nada parecido e ela chegou a conversar com sua mãe sobre sua suspeita e dizia "...ai eu não quero, não posso, agora não é a hora...". Além do custo econômico que ela considera que tem uma criança, ela também afirma que não tem muita paciência, que a criança exige muito da mãe, situação que ela não quer reviver tão cedo. Seu filho já tem 7 anos e é bastante independente, sua relação com ele já é diferente. Mesmo quando ela convive com outras crianças de sua família, ela relata que não gosta muito, que já passou seu tempo de viver aquela agitação, sua vida está muito melhor agora. Esse é um caso em que podemos perceber que as motivações para que um jovem decida não ter mais filhos podem ser bastante diversas, não dependendo exclusivamente da idéia de ter tido um filho com "pouca idade". Outras questões estarão implicando na decisão de ter outros filhos e sobre a fase de vida que os outros filhos virão.

Concordando com isso, podemos ver o caso de Emerson (21 anos, 01 filho, casado) que mesmo depois da paternidade na juventude, relata que ainda mantém o mesmo tipo de relação com métodos contraceptivos:

Agora a gente usa camisinha, as vezes não usa, fica com medo aí usa, é dificilmente. Quando não tem camisinha, está em casa e na hora rola assim, aí tem o tirar na hora, ah não, eu não quero mais.

Reafirmando o que já foi apresentado, a relação com o controle de natalidade é dependente do tipo de expectativas que esses jovens têm para suas vidas. No caso de Daiane, ter um filho bastou para que ela buscasse um controle rígido de sua reprodução e isso está relacionado às expectativas de conforto e bem-estar para ela. Ela demonstra ter clareza sobre o que representa a relação mãe e filho, principalmente quando a criança ainda é muito pequena, e não deseja, pelo menos no momento, essa experiência. Enquanto que no caso de Emerson ainda há muitas ambigüidades no seu discurso, da mesma forma como ele relata suas experiências com métodos contraceptivos antes do filho. Ao mesmo tempo em que ele diz que não quer mais, em alguns momentos, ele também relata que, às vezes, pensa em ter mais um e que sua esposa gostaria de ter quatro. Tendo por base esses relatos, podemos considerar que, no caso de Emerson, há uma grande probabilidade de que ele venha a ser pai novamente. Isso considerando que em boa parte das relações sexuais eles não usam método contraceptivo e considerando também as expectativas de vida que o casal possui. Além disso, o rapaz não demonstra ter planos que possam entrar em choque com um evento de paternidade. Seus planos de vida passam pela relação com o trabalho e, também por isso, ele pretende fazer um supletivo para concluir o primeiro grau. Ele não apresenta em seu discurso uma preocupação de que o nascimento de outro filho possa prejudicar suas metas de vida.

Alguns casos também apresentaram como solução para o controle de natalidade a mudança do método contraceptivo, é o caso de Dilma (20 anos, 01 filha, solteira):

Hoje eu uso DIU porque remédio eu tomo hoje e depois vou lembrar só não sei quando, eu esquecia, eu conversei com a médica e ela disse que era melhor colocar o DIU. Eu não tomava direito e ela disse que a opção era colocar o DIU.

Segundo Dilma, o comprimido anticoncepcional era um sistema complicado para ela, na maioria dos dias ela esquecia, o que levou à gravidez de sua filha. Considerando que Dilma não pretende ter outros filhos antes de concluir a faculdade e de ter uma condição de vida estável, ela buscou sua ginecologista explicitando suas dificuldades. A ginecologista sugeriu que ela utilizasse o Dispositivo Intra Uterino – DIU, pois dessa forma ela poderia estar tranqüila, não sendo um método que dependa do seu disciplinamento diário. Assim, ela tem apenas o compromisso de fazer as consultas de revisão e de trocar o DIU dentro do período previamente informado pela sua ginecologista. Dilma afirma que está muito satisfeita com esse método contraceptivo e que se sente tranqüila, sem medo de ser novamente surpreendida por uma gravidez. Nesse caso, a moça mostra uma preocupação que está associada a seus planos de vida e ao fato de saber que outro filho impediria que ela pudesse dar continuidade a eles. Além do que ela já demonstra o quanto pode ser complicado dar atenção à filha, considerando que ela estuda e trabalha, exige muitos ajustes de tempo para que ela possa dar conta de tudo.

O relato de Israel (17 anos, 01 filho, casado) é bastante expressivo e resume um pouco das variáveis que estão implicadas nas decisões entre o ter outros filhos ou não, e ainda sobre os sentimentos e questões práticas que estão envolvidos:

A gente não tem muito em mente ter outro filho, a gente fala de vez em quando, quando a gente está muito feliz se amando 'ai vamos ter outro'. Às vezes a gente pensa assim, mas pensando mais um pouco a gente vê que não dá, que um já está tri, vamos esperar ele crescer mais um pouco. Tem muita coisa para fazer e cuidar de um filho toma muito o tempo da gente, a gente abre mão de muita coisa, então, tem que pensar bem em ter outro.

5.3 - Educando os filhos

“Minha dor é perceber, que apesar / De termos
feito tudo tudo / O que fizemos / Ainda somos
os mesmos e vivemos... / Como nossos pais...”
(Belchior)

Assim como todos os momentos experienciados por esses jovens, educar os filhos está dentro do processo de amadurecimento dessas pessoas. A maior parte deles não têm afirmações ainda sobre essas questões, estão planejando, imaginando a forma como gostariam de relacionar-se com seus filhos, porque eles ainda são bastante pequenos. Essa diferença é possível ser vista comparando os jovens que têm filhos maiores, quatro deles e os demais. Os jovens que já têm filhos

com idades como 5, 6 e 7 anos já possuem uma experiência nas relações de educação da criança que os demais ainda estão elaborando. Considerando essas diferenças, os jovens referem como vivenciam a questão da educação e podemos perceber que há diferenças entre a relação das moças com seus filhos e a relação dos rapazes com seus filhos. Até mesmo porque, segundo Parker (1992), nos primeiros anos de vida da criança seu mundo é organizado pela convivência com mulheres. No caso dos meninos, é somente a partir de uma determinada fase que ele passa a experimentar a vida dentre homens e a ser construída sua masculinidade a partir de um grupo que estará empenhado em apresentar-lhe exemplos de virilidade e atividade (Parker, 1992:91).

Educando meninos e meninas

Este tópico tem a finalidade de mostrar que muitos desses jovens, tendo experienciado as trajetórias nesta dissertação abordadas, permeadas por conflitos de geração, rebeldias e relações de gênero expressas nos eventos jovens, continuam reproduzindo o modelo de separação de gênero e na sua maioria não conseguiram apresentar situações inovadoras quanto a esse assunto⁶⁹.

Antônio (23 anos, 03 filhos) expõe essa questão:

Foi tranqüilo, de vez em quando ela vem com umas perguntas meio esquisitas, mas ela tem mais liberdade de conversar certas coisas com a mãe dela. Ela nunca me viu nu, se ela me vê ela tapa o rosto. Quando ela era muito pequena ela não reparava, eu até trocava de roupa na frente dela, ela não tinha essa coisa de estar olhando. Ela tinha seus dois aninhos quando a gente foi morar junto.

Nessa narrativa, é possível observar que vão se estabelecendo divisões sobre como relacionar-se com o pai e sobre como relacionar-se com a mãe. Assim como também apresentam-se divisões sobre o que conversar com o pai e o que conversar com a mãe. Na maior parte dos relatos, as mães são vistas como mais afáveis, mais dispostas ao diálogo, isso faz com que as crianças as busquem mais para resolverem suas dúvidas. Também é a mãe que irá tomar para si a responsabilidade de esclarecer várias questões a respeito do comportamento da criança com a mesma. Além disso, no caso de Antônio, as crianças já não moram mais com ele, o que pode ocasionar um certo distanciamento e uma diferença na convivência. Por exemplo, não morando juntos gera-se uma diferença na relação da menina com a nudez masculina. Considerando também que suas convivências estão mais próximas do “mundo feminino”, já que mora somente com mulheres.

Segundo o rapaz, isso faz com que ele tome certos cuidados, mas esses cuidados ele não distingue se são provenientes da distância ou pelo fato de ela ser uma menina. Sempre ao referir

⁶⁹ As práticas e representações sociais a respeito das atitudes esperadas dos homens e das diferenciações feitas entre homens e mulheres são abordadas por Olavarria (1999). Ele menciona

sua filha ele apresenta qualidades que de maneira geral são muito associadas ao feminino como “...ela é toda meiguinha, gosta de conversar muito, é toda sentimental, não faz muita arte, é delicada”⁷⁰. Segundo Parker (1992), no Brasil, uma série de diferenças anatômicas entre tipos opostos foram transformadas em noções de masculinidade e feminilidade que dão significado a um sistema de valores culturais. Seguindo esse imaginário sobre feminilidade, o jovem Antônio relaciona-se com sua filha e procura respeitar e corresponder à sua delicadeza⁷¹. Apesar da distância, Antônio comenta que não costuma desentender-se com a mãe de sua filha, ele considera que os dois respeitam os ensinamentos um do outro e que não há casos de um dizer “te senta aí no canto” e o outro dizer “te levanta”. Ele avalia que há sintonia entre o que a mãe ensina e o que ele ensina, sem que um desautorize o outro. Segundo Antônio, sua maior cobrança em relação a sua filha será para que ela estude, não faz questão de que ela trabalhe, mas estudar será imprescindível. Isso já mostra sua associação aos “discursos adultos” de exigência dos filhos, ainda que ele tenha parado muito cedo de estudar e não tenha retornado. Está relacionada à representação de pai que ele internalizou que ele atribua esse tipo de importância aos estudos e tente transmitir isso aos filhos.

Quanto ao filho de Antônio, é possível perceber bastante diferença, ele sente-se como um modelo de masculinidade para seu filho e procura trazer a criança para perto mesmo quando está trabalhando, já que trabalha em casa⁷². Ele relata que fica trabalhando e seu filho está sempre junto, lhe observando sentado em um banquinho. Segundo Mauss (1974), na educação o que ocorre é uma imitação prestigiosa, assim, a criança imita aquelas pessoas que obtiveram êxito, que são bem-sucedidas e que ele confia e tem autoridade sobre ela. As informações apresentadas por Antônio demonstram sua visão de que o homem teria mais a ensinar para seu filho que para a filha⁷³. Assim a

que não somente as brincadeiras separam meninos e meninas, mas também os comentários das pessoas indicam aos garotos que devem se preservar de atitudes de *mulherzinha*.

⁷⁰ Parker afirma que “Embora uma certa imagem da tradição patriarcal forneça o contexto no qual os brasileiros continuam a interpretar as relações entre homens e mulheres, é na linguagem do cotidiano que seus entendimentos mais proeminentes de masculinidade e feminilidade são primeiramente construídos. É nas expressões, termos e metáforas utilizados para falar do corpo e suas práticas que as relações da criança com a realidade começam a tomar forma e que os sentidos associados ao gênero na vida brasileira são mais poderosamente expressos (Parker, 1992:63).”

⁷¹ Essas diferenciações estabelecidas dentro das sociedades de papéis de gênero, conforme Mead (2000), são incorporadas à estrutura de caráter do adulto, são através do que a cultura atua. Assim, ficam estabelecidos os temperamentos desejáveis como uma combinação de tipos aceitáveis e relacionados, ficando essas categorizações ligadas a cada fio da malha social. O cuidado com as crianças, brincadeiras praticadas por elas, músicas que são cantadas, tudo relacionado às classificações previamente estabelecidas referentes aos papéis de gênero.

⁷² Kimmel considera que o ideal hegemônico de masculinidade é criado em oposição a outros que foram problematizados e desqualificados. Dessa forma, o hegemônico e o subalterno constroem-se em mútua e desigual interação. Ele tem como pressuposto que as masculinidades são socialmente construídas, e não possuem nada de essencial ou biológico. Assim, as masculinidades variam de cultura para cultura, variam no decorrer de um certo tempo, variam através de construções de identidades e variam no decorrer da vida de qualquer homem individual (Kimmel, 1998:105).

⁷³ Parker (1992) observa que as marcas de masculinidade ficam ameaçadas nos primeiros anos de vida dos meninos pela proximidade maior com o domínio feminino. Por isso, a virilidade masculina precisa ser construída, passando por um processo de masculinização capaz de romper com os laços dos primeiros anos do menino vívidos mais próximos às mulheres. Os homens mais velhos são os responsáveis por instruir os rapazes instrumentalizando-os para serem homens, esse processo ocorre informalmente na vida cotidiana (Parker, 1992:96).

relação com seu filho Ihe traz um grande orgulho, chegando por vezes a ficar emocionado quando observa o quanto seu filho é parecido com ele. Antônio faz questão de comprar-Ihe coisas que o incentivem a ser parecido com o pai, assim, por exemplo, ele comprou para o garoto um microfone igual ao seu e quando vai para os ensaios de sua banda de Rapp, leva o menino junto. Ele conta "...um dia eu peguei um boné e coloquei nele e o boné era meu, aí ele pegou um microfone e eu falei 'bah, tu está parecido comigo' e ele deu um sorriso e me abraçou". O rapaz mostra que se sente muito à vontade com seu filho, sem fazer muitos questionamentos sobre qual seria a melhor forma de tratá-lo, nem se a forma como o trata é a mais correta. O menino corresponde muito às suas expectativa e ele fere-se ao filho orgulhosamente chamando-o de "meu negrão".

Comparando os dois filhos, ele considera que tem diferenças tanto nas reações deles, quanto no que é possível fazer para um e não para outro. Por exemplo, fala a respeito do uso de "palavrões", pois procura cuidar-se e não dizer "palavrões" perto da menina. Ele percebe o menino de forma mais "largada", ou seja, não exige muita etiqueta de bom comportamento. Para ele, a reação das crianças diante de "palavrões" é diferente, ela fica "oh", surpresa e envergonhada e ele ri. Segundo Connell (1995), os meninos são pressionados a agir e a sentir as situações de determinadas formas, diferente das mulheres. As indicações a respeito dos comportamentos esperados vêm das famílias, das escolas, dos grupos de colegas, da mídia e de todos os locais em que as pessoas estiverem convivendo em grupos em sua sociedade. Isso pode ter como resultado, por exemplo, que o homem mostre-se mais duro, menos sentimental, pelo adestramento das emoções e a mulher mais afetiva porque Ihe é possível esse tipo de comportamento. (Connell, 1995:190)

Para Daiane (22 anos, 01 filho), seria mais fácil educar uma menina, pois considera a menina mais quietinha, fica mais em casa com a mãe, que a pessoa vai conversar com alguém e a menina fica sentada, sempre por perto⁷⁴. Enquanto que o menino a mãe está conversando e ele gritando, chorando e chamando atenção. Mas pensa ser mais barato ter um menino, porque as meninas exigem mais adereços em sua vestimenta como calcinha, meia calça, sandalhinha, saíinha e coisas para o cabelo. Para o menino, basta comprar uma camiseta, uma bermuda e um tênis e ele está vestido. Ela imagina, ainda, que na educação a menina seja mais fácil de lidar, que a menina seja mais comportada, que vai se contentar em brincar com uma bonequinha dentro de casa. O menino já vai querer jogar futebol, brigar, gritar, ficar correndo. Ela compara seu filho com a filha de sua tia que é mais calma que seu filho. Daiane diz que tem dias que seu filho tira para chorar, incomodar, pedir coisas e que isso a deixa muito irritada.

Nesses perfis abordados pelos jovens Antônio e Daiane, podemos perceber como as mulheres são educadas e como os homens são educados e fazer relações com outras questões que já abordamos. A mulher facilmente associa-se ao lar e ao cuidado dos filhos, enquanto que o homem,

⁷⁴ "...muitos, senão todos, traços de personalidade que chamamos de masculinos ou femininos apresentam-se ligeiramente vinculados ao sexo quanto às vestimentas, às maneiras e à forma do penteado que uma sociedade, em determinados períodos, atribui a um ou a outro sexo... As diferenças de indivíduos que são membros de diferentes culturas, a exemplo das diferenças entre indivíduos dentro da mesma cultura, devem ser atribuídas quase inteiramente às diferenças de condicionamento, em particular durante a primeira infância, e a forma deste condicionamento é culturalmente determinada." (Mead, 2000:268-269)

mesmo casado, permanece com suas relações de amizade e divertimento. Certamente essas questões não ocorrem subitamente, desde o momento em que meninos e meninas estão recebendo informações sobre comportamento, eles já estão internalizando a que esferas da vida estão relacionados. Sendo assim, a maioria das jovens aceitam, mesmo que com ressalvas e mesmo depois de já ter trabalhado, voltar-se para as atividades domésticas depois de ter um filho. Assim como o homem que se torna pai, mantendo o que sempre foi sua vida, continua tendo muitos laços de amizade e atividades de lazer.

Transmitindo valores

Outros relatos sobre a educação das crianças também foram importantes, porque mostram valores bastante relevantes para esses jovens, como no caso de Carlos (24 anos, 02 filhas):

Porque a gente não pode transar no mesmo quarto que as tuas filhas dormem. Aí às vezes a Paula diz assim 'oh amor, vamos dar uma banda', a gente já vai no cinema e de repente já vai em outro lugar e a minha mãe diz 'não, mas manda as gurias dormirem lá em cima', mas não fica legal 'porque vocês nunca fizeram isso, sempre foram discretos, na de vocês, dentro da nossa privacidade e tudo'. Acho que é legal preservar essa cultura. De resto assim, claro, as vezes tu chega em casa e tu quer ter um relacionamento assim, só que tu tem que pensar que tu não pode isso, porque as tuas filhas estão presentes, contigo ali.

Carlos e sua esposa somente têm relações sexuais em motéis, ele não considera adequado esse tipo de prática, porque suas filhas dormem com eles no mesmo quarto. Ele relata que o fato de terem que ir para motéis não representa incomodo algum e que financeiramente também não é um problema. Carlos relata que sua irmã, que mora com os pais, tem namorado e que eles dormem juntos no quarto dela sem problemas, seus pais não se importam. Mas ele considera que no caso dele é diferente, o fato de ter que dividir o quarto com as filhas é algo totalmente restritivo da intimidade do casal. Assim como outros jovens, Carlos está ajustando suas regras e valores à realidade encontrada no dia-a-dia.

Quanto aos valores, ele busca transmitir para as meninas a importância da sinceridade, a importância de cumprir com a palavra, deixando claro para as filhas que o dia que ele não puder fazer algo que elas queiram, vai explicar para elas, mas que sempre fará tudo que for possível. Ele considera relevante que as meninas confiem nos pais. Assim, é possível constatar, neste sentido, que se verifica uma reprodução de papéis de gênero através da educação dessas

crianças. O jovem comenta que já houve situações em que ele bateu nas meninas, mas que procura sempre ser bastante ponderado e que dá preferência por colocá-las de castigo ou mandá-las para a casa da avó para que elas se acalmem um pouco. Carlos comenta sobre a importância de dizer "... ah, tu fez tal coisa, eu te falei para ti não fazer, então tu vai apanhar porque castigo não vai adiantar...". Ele considera importante explicar para a criança sobre os motivos pelo qual ela está "apanhando". Mas ele informa que só bate em regiões possíveis como a nádega ou na perna, nunca em outras partes do corpo, porque preocupa-se em não "prejudicar" a criança. Carlos preocupa-se em deixar sempre tudo bastante claro para as meninas para que elas não sejam revoltadas mais tarde com as atitudes dele ou de sua esposa, considera que somente a clareza pode resolver essa questão.

Mulheres educando, homens educando

Ele considera que a sua primeira filha seja mais "arteira", mais bagunceira, porque foi muito mimada pela sua mãe. Tendo sido a primeira neta, sua família deu muita atenção e talvez a menina tenha perdido um pouco a noção de limites, foi a neta por quem todos faziam tudo. Ele relata que:

... comigo eu digo 'tua sabe que comigo é assim' e a Paula, a Paula conversa demais. Ao mesmo tempo que a Paula está falando sério, a Roberta não leva ela a sério. Quando eu estou em casa eu fico só cuidando, às vezes, estão as duas conversando e a Roberta batendo boca com a Paula, como duas adultas. Por isso foi meio ruim assim as gurias se criarem muito com nós assim, muito adultas assim porque a cabeça delas cresce demais. A gente também nunca tentou esconder muita coisa, a gente procura falar o que é. Eu digo 'Paula, não adianta mais falar, ou põe de castigo, ou surra e explica por que, ou nem explica o porquê, porque tu já explicou demais também, não tem mais teoria para falar, já acabou'. Eu olho para ela, ela já sabe, agarra e sai.

Carlos considera que sua esposa conversa excessivamente e que a menina mais velha perdeu o respeito por ela, ele imagina que talvez se a menina tivesse convivido mais com crianças não seria tão "madura" para os padrões de uma criança. O rapaz demonstra que se estabelecem relações diferentes entre a mãe e as crianças e ele e as crianças. O pai e a mãe exercem tipos de relações

diferentes, sua esposa mostra-se mais paciente e ele mais autoritário⁷⁵. Segundo seus relatos, as meninas percebem essas diferenças e adaptam-se à forma de ser da mãe e à forma de ser do pai. Ele considera que seu método seja mais eficiente e menos desgastante. A única coisa que eles ainda não conversaram com as meninas foi sobre sexo, porque consideram que elas ainda não estão na idade, a menina mais velha tem 5 anos e a mais nova tem 1 ano e alguns meses. Assim, como já havia sido referido em tópico anterior, os homens quando estão morando junto com os filhos possuem uma autoridade que é vista tanto por eles quanto pelas mulheres como mais eficientes. O homem, conforme relatado por alguns jovens, é o que tem atitudes, ao repreender as crianças, mais rapidamente compreendidas por elas. As mulheres, devido a estarem mais relacionadas com a afetividade, são mais testadas pelas crianças e ao mesmo tempo demonstram mais paciência.

Já Danilo (20 anos, 01 filha) aborda a questão da educação de filhos apresentando o que pensa sobre o papel de mãe e o papel de pai. Para ele, a mãe é tudo, é a pessoa que nunca vai deixar o filho desamparado, ele considera que a palavra mãe já tem esse sentido imbricado. A mãe é capaz de fazer qualquer coisa pelo filho. O pai seria aquele em quem geralmente o filho se espelharia, quem o filho gostaria de seguir a mesma trajetória por admiração. O pai é o conselheiro e a filha também pode ser muito apegada ao pai, para ela, ele pode representar segurança e proteção. Ele considera que normalmente o pai é admirado pela sua bravura, pela sua capacidade de superar problemas e sair vencedor.

Também Daiane (22 anos, 01 filho) explica a divisão de papéis que existe quanto à educação de seu filho, entre ela e seu esposo. Ela relata que ele é mais rigoroso para punir o menino, ele explica que, por exemplo, não é para o menino brigar na escola e avisa o menino que se ele desobedecer ele vai “apanhar”. Mas tem as interferências tanto do avô do menino que não permite que batam, quanto de Daiane que também não é de acordo com as agressões físicas. Ela diz que é mais de conversar, mas que já houve época em que ela estava com pouca paciência e que também era mais de bater, qualquer coisa errada que ele fizesse, ela já batia. Entretanto, quando ela começou a trabalhar parou de bater no menino, atualmente prefere conversar, busca explicar as coisas para a criança e também o lembra que seu pai é bravo. Houve um dia em que o pai do menino

⁷⁵ No trabalho de Elias (1994) sobre “ A Sociedade de Corte”, ele apresenta a importância da etiqueta e das regras escritas para uma sociedade que ainda não experimentava uma estrita relação com a vergonha.

bateu nele e quando Daiane chegou em casa viu que o menino estava muito triste, conversou com o filho para saber o que tinha acontecido. O menino relatou que o pai havia batido nele e pedia que sua mãe interviesse dizendo “por que que ele fez isso comigo mãe? eu não sei por que que ele tá bravo comigo, fala com ele que eu não quero ficar de mal com ele”. Ela pediu que seu marido não batesse mais no filho e que buscasse conversar com a criança, explicar e até colocar de castigo, mas que bater não seria a solução. Outra forma que o pai do menino usa para castigá-lo é não levando o filho junto quando sai para jogar futebol. Daiane diz que o menino fica muito triste quando isso acontece. Um dia o menino reclamou para ela “por que que ele faz isso para mim mãe? Não quer me levar, tu não dá educação para ele também, tu não dá educação pro teu marido mãe?”. E ela respondeu “mas filho como é que a mãe vai dar educação? quem tinha que dar educação era a mãe dele e o pai dele”. E o menino disse “mas tu tem que dar mãe, tu dá educação pra mim, tu tem que dar para ele também”.

O rock

Carlos gosta muito de rock e diz que procura influenciar suas filhas para que elas também gostem de rock. Para sua menina mais velha, ele já dizia quando ela era menor “ah, o dia que o pai for num show, o pai vai te levar”. Ele já leva sua menina de 5 anos em show de rock e imagina que quando elas crescerem mais, elas possam dividir esse gosto com ele. Isso denota uma tentativa de reprodução de um ciclo de experiências juvenis. Quando tem algum evento que ele considere que possa levá-la, ele procura informar-se com a produtora para saber se é permitido levar crianças. Enfim, Carlos também toca em uma banda de rock e considera que o rock é uma das boas influências que ele pode passar para suas filhas. Porém, em nenhum momento foi elencada a possibilidade de que as meninas não gostem desse estilo musical e podemos considerar que isso possa vir a ser um motivo de conflito de gerações. O dia em que Carlos foi contatado para a entrevista para esta pesquisa, ele estava em um show de rock com sua filha. Nesse sentido, Carlos mostra algumas diferenças no que tange a opinião que seus pais têm sobre adultez. Para seus pais, certas práticas como andar de skate e “curtir” rock são coisas para jovens imaturos. Já o rapaz sente-se uma pessoa adulta, mas considera que não precisa abandonar

seus gostos musicais e até busca incentivar suas filhas quanto a isso. Mais uma vez, podemos perceber que amadurecer não diz respeito a abandonar tudo que possa estar relacionado à juventude, muitas coisas e gostos ficam. Assim como, é possível afirmar que Carlos imagina estar oferecendo para sua filha o que tem de mais significativo, musicalmente, para um jovem, mas pode ser que, quando sua filha for uma jovem, este estilo já não esteja mais associado à juventude.

Meninas engravidam, meninos usam drogas

Outra abordagem possível a respeito da educação dos filhos foi apresentada por Carol (21 anos, 02 filhas) que afirma que a diferença na educação do menino e da menina está em que a menina deve ser cuidada para não engravidar, enquanto que o menino deve ser cuidado para não usar drogas. Também ela considera que os filhos devem ter confiança nos pais suficiente para virem tirar suas dúvidas com os pais. Assim, os pais não correm o risco de terem seus filhos buscando informações em fontes não confiáveis, em pessoas que possam estar lhes confundindo ou induzindo a uma “coisa errada”. Ela cita como exemplo um dia em que sua filha perguntou-lhe sobre o que era um “bicha” e sobre como nasciam as crianças. Ele procurou explicar, segundo ela, da forma mais “natural” possível, sem confundir a menina, mas de forma que ela pudesse entender. Carol espera que com o tempo tudo que a menina deseje saber ela possa lhe explicar. Ao comparar meninos e meninas, ela avalia que os meninos são mais agressivos, gostam de brincar de lutas ou com armas de brinquedo e que as meninas são mais calmas, brincam de bicicleta, de “casinha”, de “cabaninha”, dentre outras coisas.

A distância do pai

Quanto aos pais que não estão perto de seus filhos, percebe-se uma preocupação por não estar participando mais ativamente da educação da criança. Muitos percebem que a criança está passando por fases que eles não estão podendo acompanhar. Eles mostram que gostariam de estar mais presentes afetivamente e participando dos momentos de descoberta do filho. Em alguns casos, eles referem que, por exemplo, a criança está aprendendo a falar e descobrindo várias coisas do mundo a sua volta, que seria interessante ter o pai e a mãe por perto “aí tu não está porque não tem como fazer essa participação mais direta”. Rodrigo (24 anos, 01 filho) relata que gostaria de ser muito mais participativo e que considera que não é o pai ideal “é que eu faço tudo conforme eu posso, o que está ao meu alcance eu faço”. Ele diz que não “caiu a ficha

direito”, que sente que falta algo em seus sentimentos quanto à paternidade. Para ele, não morar junto gera uma grande distância e é uma dificuldade quebrar essas barreiras. Rodrigo se cobra muito na relação com seu filho, porque é filho de pais separados e foi gerado em meio a uma situação conflituosa também, ele considera que sabe muito bem o que isso representa para a criança e que isso não é situação boa de ser vivida. Diz ainda que não gostaria que seu filho vivesse os mesmos dramas mas não está conseguindo ser diferente. Seu drama sobre a pouca participação na educação de seu filho é uma constante em seu discurso.

5.4 - Tornando-se responsável

Não houve jovem entrevistado que não referisse sua mudança quanto à responsabilidade após à maternidade e à paternidade. Segundo Arrilha (1998), em seu trabalho sobre “Homens: entre a zoeira e a responsabilidade”, a “responsabilidade” está fortemente associada à idéia de “homem”. Os relatos são bastante claros e constantemente os jovens referiam o peso que lhes causava a nova situação experienciada de mãe e pai. A relação socialmente reconhecida de proximidade entre mãe e filho e pai e filho faz com que esse sentimento se acentue. Quanto ao pai, há uma forte carga social para que ele prove suas capacidades de provedor, mostrando-se responsável e ascendendo ao status de homem adulto, com algumas restrições para práticas juvenis.

Segundo Olavarria (1999), em seu estudo sobre “Desejo, prazer e poder: questões em torno da masculinidade heterossexual”, o homem internaliza que ser homem é importante e que quando ele estiver em uma situação conjugal, deverá ser o chefe da família, a autoridade da família e o provedor principal. Por isso a relação com a esposa estaria configurada a partir dessas disposições tornando-se uma relação hierárquica e a partir dessa posição do masculino é que discrimina-se o papel apropriado para a mulher dentro da família. Assim, para as moças entrevistadas, principalmente nos primeiros anos de vida, em boa parte dos casos, os cuidados da criança estão sob inteira responsabilidade delas e o fato de as crianças naturalmente serem totalmente dependentes, apresentava-lhes o novo momento a ser vivenciado. Essa reflexão está em estrita relação com o início desse trabalho, onde discutimos sobre como era a vida desses jovens antes da maternidade e paternidade. De maneira geral, eles costumam traçar uma comparação entre aquele momento e a situação atual. Segundo Dilma (20 anos, 01 filha):

Na minha vida eu criei mais responsabilidade porque antes eu não pensava muito em trabalhar. Eu pensava em trabalhar depois que eu me formasse, mas agora não, eu

penso em trabalhar, dar as coisas para ela. Agora eu acho que eu sou mais responsável pelas minhas coisas. Eu queria alguma coisa: 'ah mãe', agora não, eu compro as coisas dela e depois as minhas coisas.

A relação com os pais também diferencia-se após o nascimento da criança, pois é possível perceber que Dilma afirma uma relação de dependência quanto à sua mãe que já é diferente de antes de tornar-se também mãe. Ela demonstra que após a maternidade sente-se responsável pela filha da mesma forma que cobrava de sua mãe. Se anteriormente era responsabilidade de sua mãe atender às suas necessidades, materiais, afetivas e educacionais, agora é responsabilidade dela manter sua filha bem assistida nas suas necessidades. Em muitos casos, os planos precisam ser redimensionados e repriorizados. Ela demonstra que atualmente está em primeiro plano pensar nas necessidades de sua filha. Não que ela não perceba que seu crescimento quanto à escolarização e profissionalização não venha como benefício para sua filha também, mas é preciso estar atenta em primeiro lugar para o que a filha iminentemente precisa e posteriormente cumprir seus planos. Nem sempre a noção exata da responsabilidade é percebida apenas como algo bom, pois isso também pode ser um complicador para a experiência da parentalidade na juventude.

Segundo Gisele (22 anos, 01 filha), antes a sua vida era pensar em festas, em namoros, em satisfazer-se, estar feliz, agora ela tem coisas para fazer que não podem ser deixadas para depois. Ela compartilha da idéia de que não há retorno, depois de ser mãe é necessário estar ciente das obrigações que lhe cabem e elas devem ser cumpridas. Já Daiane (22 anos, 01 filho) relata que considera bom ser mãe, mas que também há os momentos ruins em que aparecem dificuldade e a pessoa sente-se insegura. A criança adoce, os sons da mãe já não são mais os mesmos, porque ela está sempre atenta para o que está acontecendo com o bebê e, às vezes, é preciso levar a criança para o hospital nos momentos mais inusitados. Mas ela também afirma que a criança preenche muito a vida, é um compromisso, é uma responsabilidade que ela considera bom. Também Pitty (23 anos, 01 filha) afirma que a criança adoce, causa preocupação, mas que quando dá um sorriso e mostra-se bem, saudável, brincando, isso supera tudo, sua filha tem epilepsia. Podemos perceber que o bem-estar e a felicidade das mulheres após a maternidade começa a passar pelo bem-estar e pela felicidade dos filhos. Assim, parece que seria difícil uma das jovens dissociar completamente sua felicidade da relação com os filhos. Diferente do que alguns rapazes mostram, uma certa separação entre as esferas da vida, onde a satisfação em uma esfera poderá ou não interferir em outra.

Contudo, nos casos em que as jovens entrevistadas para esta pesquisa dependem muito da ajuda da mãe ou do pai nos cuidados com as crianças, isso passa a ser moeda de troca e, muitas vezes, motivo para discussões. Os pais passam a cobrar das jovens esses cuidados que dispensam aos netos. As jovens passam a ser mais exigidas pelos que dividem o domicílio com elas em vários sentidos, tanto no que diz respeito aos trabalhos domésticos,

como de um planejamento e uma seriedade na vida. Há um forte discurso sobre sua nova condição de mãe, não sendo mais momento para brincadeiras e irresponsabilidades.

O rapaz

Podemos perceber que a cobrança no que diz respeito ao rapaz é de um outro nível, é da ordem do externo, da responsabilidade, do provimento, do trabalho. Os jovens entrevistados para esta pesquisa não demonstram cobranças que dizem respeito ao dia-a-dia no trato com as crianças. Diferentemente delas que devem responder por qualquer situação que venha a ocorrer com a criança, desde a sujeira, má alimentação, até o adoecimento⁷⁶. Os rapazes entrevistados já estavam trabalhando quando souberam da gravidez de seus filhos e permaneceram.

Para os homens, a paternidade constrói-se mais no nível de suas responsabilidades, o que também faz com que eles sintam-se ainda mais motivados e preocupados em trabalhar. Os relatos dos informantes mostram que os rapazes possuem uma trajetória de trabalho relativamente linear, enquanto as moças apresentam trajetórias mais recortadas por entradas e saídas do mercado de trabalho.

Carlos (24 anos, 02 filhas) refere sua experiência de juventude e suas reflexões a respeito de suas práticas demonstrando o quanto ele era capaz de entender o que os adultos esperavam dele e o quanto suas experiências como jovem contradiziam as posturas mais maduras exigidas pelos adultos:

Às vezes eu fico olhando a galera assim andando de skate e eu bah, era um vício que eu tinha assim sabe, era um vício. Eu andava por tudo, eu andava no centro, na Santa Isabel, eu andava na Cecília, geral, estava sempre, direto assim sabe. Até foi um tempo meio difícil da minha vida que foi ter que aceitar a realidade e a maloqueiragem, a tua vida de rua e a responsabilidade que tu vê que aquilo ali

⁷⁶ O texto de Víctora (1996), "Os limites do corpo sexual: Um estudo sobre experiências corporais de mulheres inglesas", analisa comparativamente questões como limites corporais e amamentação entre mulheres inglesas e brasileiras. Esse estudo traz uma reflexão a respeito das noções de dependência e proximidade entre mãe e filhos, relacionando com idéias de limites corporais.

não deu futuro para ti até um certo ponto. Tu tinha que passar mais uma barreira, tipo assim, tu tinha que passar mais um obstáculo que eu não tinha conseguido. Porque o meu sonho quando eu andava de skate era participar de campeonatos e viver daquilo, só que as cobranças foram aumentando, a idade foi aumentando, a responsabilidade foi aumentando, a cobrança do meu pai e do meu irmão mais velho. Só que quando tu é uma pessoa adolescente tu não tem, por exemplo, eu não trabalhava, só estudava e andava de skate.

O relato de Carlos demonstra os conflitos entre o que ele gostava de fazer e quais os planos que ele tinha para essas atividades e o que a vida adulta, que lhe chamava através de seu pai e seu irmão mais velho, já lhe impunham no sentido das reflexões. Nesse momento, já lhe era exigido fazer opções ou, no mínimo, ir tomando consciência dos valores mais importantes dentro de seu contexto social onde o valor trabalho tem alta relevância, e a prática de esportes, ou a carreira esportiva ainda não é percebida como trabalho. Ele conta que se sentia relaxado porque estava na fase de quartel e, ao pensar em serviço, lembrava que provavelmente não lhe fossem aceitar pela proximidade do período de alistamento militar. Seu pai não era de muita conversa e ele percebeu que a questão do trabalho era séria quando seu pai sentou e conversou com ele sobre a importância do trabalho. Ele nunca havia sido cobrado durante sua adolescência, sentia-se bastante livre para desempenhar as atividades que considerasse interessantes. Diferentemente de outros jovens que reclamam bastante da postura autoritária e descompassada com suas experiências, Carlos diz que nunca teve problemas com a família, aquele tipo de reclamação do tipo “ah meu pai é chato, minha mãe é isso e não sei o quê”. Por isso, quando ele ouviu de seu pai que trabalhar era importante para que ele fosse reconhecido como um “homem” e não mais como um “guri”, um jovem sem responsabilidades, ele levou muito a sério.

O homem é responsável por não deixar faltar nada, segundo Marcelo (21 anos, 01 filha):

Sempre que eu recebo eu passo primeiro na casa dela e pergunto tudo o que está faltando para a Milena, a primeira coisa que faço é comprar as coisas para a minha filha, o que sobra é que fica para mim...

Para os rapazes é a partir da paternidade que eles passam a encarar o trabalho de forma mais responsável, mesmo que eles já trabalhassem antes, a criança traz para o pai também o peso da responsabilidade do sustento. Segundo Arrilha (1998), o que parece configurar a passagem do adolescente para a fase adulta é a incorporação de compromissos que para os homens está associado à sexualidade e reprodução. Mas nem sempre foi assim a história de Marcelo. Ele

relata que teve um tempo em sua vida em que estava um pouco desmotivado e que quem estava trabalhando era sua esposa. Então, ficava em casa e ela trabalhava, quando saíam quem pagava a conta e quem comprava coisas para ele, era ela. Segundo esse rapaz, não há problemas em a mulher trabalhar e muitas vezes pode ocorrer de um dos dois estar desempregado e quem estiver trabalhando terá que arcar com os gastos. Marcelo ainda considera que os dois trabalhando melhoram financeiramente as condições da família e a mulher pode ter seu dinheiro para comprar suas coisas. Ele diz que a moça nunca reclamou, mas que ele achava desagradável a situação. Atualmente a situação inverteu-se e ela está em casa e quem compra as coisas para ela e para a bebê é ele, então, ela compra e ele “se vira” para pagar. Outro entrevistado, comenta:

Agora que eu já me acostumei com a idéia eu acho bom, é mais uma responsabilidade que a gente tem, uma grande responsabilidade. Muda o teu jeito de ver, até a pouco eu não tinha ninguém por mim e agora eu vou ter que estar por uma outra pessoa, vai depender de mim e de mais ninguém. Tu já pensa que não pode deixar ele mal nunca, de maneira nenhuma, saúde, comida, estudo, colégio e o tempo passa ligeiro. Assim como não te deixaram mal na tua criação, tu não pode deixar ele mal. Danilo (20 anos, 01 filha)

Segundo o relato de Danilo, o rapaz que se torna pai tende a mudar e sentir-se responsável pelo filho, um ser que depende dele para sobreviver. Há o compromisso de não deixar faltar os recursos necessários para o bem-estar da criança. O rapaz ainda demonstra como os modelos de paternidade são transmitidos, ao falar que pensa em ser assim como os adultos que o criaram foram com ele. Assim, parece fazer parte das atribuições de quem auxilia na educação de seu filho, que não lhe deixe faltar nada. Através desse tipo de divisão de papéis, percebemos como os homens são ensinados socialmente, sobre o que é ser pai. Nem sempre é necessário que haja um discurso sobre essas determinações sociais, as experiências falam por si só. Danilo reproduz a maneira que aprendeu como os homens deveriam agir em relação a seus filhos.

Mãe de família

No caso de uma das informantes que cria suas crianças com ajuda da família, ela valoriza sua capacidade de manter suas filhas, morando, alimentando-se, vestindo-se e estudando. Porém, não deixa de afirmar que é uma tarefa um pouco pesada para uma mulher solteira, o ideal seria que pudesse dividir com um companheiro. Leal e Lewgoy (1995) sugerem que toda a avaliação das possibilidades de assumir a gravidez deve-se à ontologia relacional holista da classe popular que engloba várias questões da relação mais ampla com o contexto que cerca a situação. Não “assumir” não diz respeito somente à possível decisão de fazer um aborto, mas também quanto a ter que dar a criança para outros criarem, resultado de vários possíveis ocorridos como o namorado não ter assumido, a família da mãe não ter assumido, ninguém ter manifestado o desejo de criar a criança, não ter condições, ter sido resultado de estupro, entre outros. A falta de possibilidades decorrentes do contexto de vida da mãe e do pai da criança são determinantes da decisão de não assumir a criança. Carol, uma das entrevistadas, relata:

Seguido ele aparecia para ver ela, ele ‘ah, minha filha, minha filha’, eu nunca pedi nada para ele, ela já está com seis anos e eu nunca pedi, porque eu disse para ele que a única coisa que eu queria era o carinho de pai para ela porque a criança precisa, eu sei que precisa. Pra mim era o suficiente porque financeiramente, quem dá o que comer, o que vestir, tudo isso sou eu. Agora eu já sou uma senhora, uma senhora o modo de dizer, uma mulher, porque até uns dois anos atrás eu ainda me sentia uma guriazinha, não tinha me conscientizado bem, agora não, agora eu já me sinto uma mãe de família.

Carol, que se considera uma “senhora” mesmo tendo apenas 21 anos, apresenta uma certa satisfação por conseguir sustentar suas filhas, reforçada por poder dispensar a ajuda financeira do pai de uma de suas filhas, atribuindo a importância à presença dele somente quanto ao carinho que é necessário à criança. O trabalho também proporciona um momento de transição de uma condição em que ela se sentia uma “guriazinha” para sua atual situação de mulher e “mãe de família”. Assim, podemos perceber como o processo de tornar-se mãe e sentir-se uma mulher responsável é algo que não ocorre instantaneamente. Foi na medida que Carol conseguiu ir assumindo, de uma forma considerada por ela mais completa, suas filhas que ao mesmo tempo ela foi transitando para uma condição de “mãe de família”. Nesse fato, há duas mudanças: uma que diz respeito à fase de vida e uma que diz respeito ao status social de Carol. Carol ao demonstrar para as pessoas de sua convivência que

está empenhada em trabalhar, que cuida bem de suas filhas, que busca atender às necessidades de suas filhas, passa a ser respeitada como alguém que já tem maturidade, que já pode ser considerada uma mulher adulta.

O trabalho feminino

Tendo mantido uma união conjugal com o parceiro(a) ou não, não podemos deixar de considerar a importância que o trabalho assume a partir de uma gravidez. Isso pode ocorrer tanto para o rapaz quanto para a moça, dependendo do tipo de relação estabelecida entre o casal. Somente duas das jovens entrevistadas estavam trabalhando quando engravidaram, uma perdeu o emprego por um outro motivo que não a gravidez, cinco já tinham experiência de trabalho, mas naquele momento não estavam trabalhando e optaram por ficar um tempo com a criança em casa, e uma nunca tinha trabalhado.

No caso das moças, a gravidez geralmente é um dos momentos em que elas estão fora do mercado de trabalho, mas em nenhum dos casos foi apontada a gravidez como motivo para a saída do emprego. Nos casos indicados pelas entrevistadas em que elas não estão trabalhando durante a gravidez, ocorre que elas já não estavam trabalhando fora no período que precedeu à gravidez. As responsabilidades para as moças ficam mais no nível dos cuidados com a criança⁷⁷. A imagem da mãe está totalmente associada à sua dedicação no cuidado com seu filho, ou seja, o estado geral da criança demonstra a eficiência da mãe. Uma criança considerada mal cuidada suscitará observações diretas à incapacidade, despreocupação e relaxamento da mãe. Ela não será considerada uma “mãe mesmo, porque mãe que é mãe, é mãe 24 horas por dia e a vida toda”, nas palavras de uma das jovens entrevistadas. Portanto, a jovem, ao tornar-se mãe, incumbe-se de um papel de cuidadora que é vitalício, onde os filhos são o “espelho” da mãe. Luciana (18 anos, 01 filho, casada) relata que:

⁷⁷ Segundo Debert (1997), “Olhar para o modo como se dão as entradas e saídas das mulheres do mundo do trabalho, para a carreira educacional e para o tipo de representação que elas têm em diferentes profissões é observar que, para elas, a vida é muito menos institucionalizada que para os homens. Contudo, os dados sobre eventos como o casamento e o nascimento do primeiro filho têm não apenas um impacto maior na experiência das mulheres, mas também formatam o modo como elas interpretam suas próprias vidas. Desse ponto de vista, a biografia feminina seria muito mais institucionalizada do que a do homem, mas como uma consequência do ciclo da vida familiar. (Debert, 1997:122-123)”

...é muita gente palpitando, se o Lucas chora aqui, vem um de lá correndo querendo saber porque que ele está chorando, o que que aconteceu. Aí tu fala uma coisa e as pessoas acham que tu está mentindo. Se ele caiu é porque eu deixei ele cair, é porque eu fui a boca aberta, é muita gente a cobrar. A gente já brigou umas vinte vezes por causa disso. Se eu cuidar ou se eu não cuidar eu não sou uma boa mãe, eu sou uma irresponsável.

O nascimento de uma criança oportuniza às jovens a experiência da transição para a fase adulta, com o status de mãe. Porém, podemos ver pelo relato de Luciana que é um momento de muita pressão, onde as pessoas ao entorno do casal estão avaliando e testando a capacidade daqueles jovens e também emitindo pareceres a respeito desse desempenho. O filho, nos casos analisados, ainda não é um instrumento de autonomização completa em relação à família de origem. Mas já possibilita tomadas de posições que dizem respeito ao mundo adulto e onde a pessoa se reafirma enquanto um novo adulto a partir da criança como “eu sou a mãe e eu sei o que eu estou fazendo, quero que as coisas sejam do meu jeito” ou “eu sou o pai e sei das minhas responsabilidades”. Segundo Sarti (1996), os filhos conferem à mulher e ao homem um estatuto de maioridade, devendo torná-los responsáveis pelos próprios destinos, possibilitando constituir um novo núcleo familiar.

Alguns estudos mostram que muitas mulheres, principalmente em camadas populares, internalizam atribuições socialmente femininas e desejam uma relação com a família, marido e filhos, onde elas possam estar mais vinculadas às relações de carinho, de cuidados, da ordem do doméstico. Seja por um período determinado – como o da licença maternidade (para as que trabalham) – ou por período indeterminado, cabe-lhes a convivência diária, as atividades de alimentação, higiene e educação. O estudo de Víctora (1991) apresenta um tipo de relação da mulher com o trabalho:

“...o trabalho feminino fora do âmbito doméstico é visto como uma ajuda ao marido e, neste sentido, ele é normalmente esporádico. A mulher pode trabalhar fora, ‘se quiser e se o marido não se importar’. Mas se o marido não deixar que ela trabalhe, tanto melhor, pois isto significa que ele está cumprindo plenamente com suas obrigações de provedor da casa.” (Víctora, 1991:87)

Por outro lado, para além do trabalho da mulher ser visto apenas como uma “ajuda ao marido”, ele também pode ser causa de grandes desavenças entre o casal. Os dados desta pesquisa mostram que o fato de a mulher estar trabalhando fora pode ser visto com “maus olhos”, principalmente em camadas populares, tanto pelos parentes e amigos do casal, quanto pelo próprio marido. A mulher não estando em casa, dentro do controle possível pelo doméstico, foge ao domínio do homem, desestabiliza o homem, ele perde o controle sobre suas atividades diárias.

O trabalho feminino pode dar margem a suspeições a respeito da fidelidade da mulher por parte do marido quanto por parte das pessoas com quem o casal convive e que compartilha dos mesmos códigos. Podemos considerar que a unidade doméstica, principalmente em camadas populares, passa por outros controles que vão para além dos poderes do marido, provenientes da vizinhança, das visitas e telefonemas dos amigos e familiares (ver Fonseca, 2000). Essas relações também contribuem com uma dose de controle por estarem sempre por perto dividindo as experiências do casal. Esta situação pode ser exemplificada com o seguinte relato:

Eu trabalhava e chegava tarde em casa e aí já começou a sair comentário porque na minha família a gente não pode ter amigo, amigo já é e eu sempre descia com um guri ali na rua porque ele morava ali embaixo também, começou um comentário dizendo que eu andava com esse guri. O X é triúnculo e começou ‘tu não vai mais trabalhar porque tu anda com o fulano’. Ele dizia que ia me pegar que eu não ia mais sair para o serviço porque se eu saísse ele ia me pegar, ia fazer e acontecer. (Gisele, 22 anos, 01 filha)

Gisele passou por vários constrangimentos devido aos boatos dos seus parentes de que ela andava com alguém. Essa idéia só era reforçada pelo fato de ela chegar tarde em casa, de seu marido ser ciumento e por ele sentir-se inseguro com o fato de ela estar trabalhando. Certamente o horário de trabalho dela entrava em choque com o dele, pois ela trabalhava em um lugar onde tinha que cumprir horário nos dias de funcionamento do comércio, enquanto ele trabalha por empreitada, ou seja, não é sempre que está trabalhando. O fato de ela sair para trabalhar todos os dias e, muitas vezes, ele ficar em casa poderia estar constrangendo-o enquanto homem e provedor. Segundo Guedes (1997), o valor do homem é medido tanto por sua competência no trabalho quanto pelo fato de manter sua esposa sem trabalhar. Os atributos da mulher devem ser mostrados através de seus esforços para administrar o lar e o cuidado com os filhos (Guedes, 1997: 306-307).

Segundo Víctora (1991), em seu estudo “Mulher, Sexualidade e Reprodução”, o homem espera da mulher uma boa administração da casa, “casa arrumada”, “roupa limpa” e “comida pronta” e a mulher deve preservar-se sexualmente exclusivamente para ele (Fonseca, 1988; Woortmann, 1985, Víctora, 1991). É possível perceber que há uma contrapartida entre os papéis de mulher e homem nesse tipo de relacionamento, como uma complementação em que cada um tem de cumprir bem a sua parte. O fato de uma das partes falhar abre precedente

para ser acusado de mal pai, mal esposo ou má mãe, má esposa, podendo chegar à dissolução dessa união na busca por um relacionamento mais adequado a essas competências.

No caso de Gisele, ela parou de trabalhar, o que não significa que seu marido esteja conseguindo prover a família de maneira adequada. Essa atitude resolveu um problema que era o conflito de gênero gerado a partir dessa situação, porém o problema financeiro permaneceu. Muitas vezes, o fato de o marido não aceitar que sua mulher trabalhe pode estar significando mais que ele estar cumprindo com suas obrigações. Os códigos morais que regem as relações, nesse caso, podem ter mais força que as necessidades práticas da família. Um informante comenta:

No meu ponto de vista, a mulher poderia ficar em casa mesmo porque o cara trabalhando bem, recebendo um dinheiro bom, não tem necessidade de os dois trabalharem. Ainda mais se tem criança pequena que tem que deixar em creche, esse tipo de coisa. A mulher tem todos os dons para ficar em casa, tipo cozinhar, lavar, tem mulher que diz assim 'bah, mais isso não é vida', mas também não é assim, hoje em dia tudo pode ser retribuído, a roupa tu bota na máquina, a louça tu bota na máquina, eu acho que é bem mais prático. Então, a mulher, no meu ponto de vista, ficaria em casa e o homem trabalharia. Nos dias de hoje, as mulheres querem ocupar cargos e tal, se soltando. Eu acho legal direitos iguais, mas quando não há filhos, por mim é indiferente os dois batalharem juntos, até acho legal os dois trabalhando juntos, mas com filho eu já acho melhor ela ficar em casa. (Danilo, 20 anos, 01 filha)

Danilo apresenta uma opinião bastante tradicional quanto ao trabalho feminino, onde fica muito claro que a mulher é considerada melhor preparada para tratar dos assuntos domésticos, principalmente quando tem filhos. Os direitos devem ser iguais quando não há filhos, mas a igualdade é condicionada pela parentalidade, os filhos impõem um outro tipo de relação mais ajustada aos papéis tradicionais de homem e mulher. Esse relato reafirma a idéia de que se o homem consegue sustentar adequadamente sua família, não é necessário que a mulher trabalhe, e o fato de a mulher não trabalhar pode ser um marcador de que este homem é competente em suas atribuições. Em muitos casos, uma avaliação possível para o trabalho feminino é a incompetência do homem em sustentar sua família, passando a ter um significado maior que simplesmente mais uma renda familiar, passando a ter uma conotação moral pejorativa.

O estudo de Víctora (1991), já citado anteriormente, assim como o estudo de Parker (1992), mostram que os meninos são familiarizados desde pequenos com o domínio público e recebem orientações para buscarem na rua sustento para casa. O menino será considerado um homem quando tornar-se pai e provedor de seu filho, ou seja, a paternidade é de suma importância para sua afirmação como homem adulto. Como já referido anteriormente, no estudo aqui apresentado, é possível perceber como a parentalidade afeta os jovens de maneira diversa nas

diferentes classes, com significados e implicações desse evento para os grupos sociais. Podemos refletir sobre as diversas expectativas lançadas sobre os homens quanto às expressões de suas capacidades de serem homens, pais e adultos, todas essas qualidades bastantes imbricadas na sua relação com o trabalho, principalmente a partir do casamento e da paternidade.

As moças que ainda permanecem na casa dos pais e não estabeleceram união com o parceiro pai da criança têm sua vida bastante pautada e avaliada pelos pais em relação à criança. Elas só podem passar a pensar em si, fazer coisas para si, depois que a criança tiver sido atendida em todas as suas necessidades. Os desejos delas de trabalharem passam por essa relação, sendo um problema para elas conseguirem alguém que cuide do filho e que possa dividir certos compromissos. Elas consideram que a maternidade traz dificuldades para que elas continuem desenvolvendo suas atividades individuais como estudar e trabalhar. Uma hipótese possível é de que os desejos de trabalhar e estudar estão mais presentes principalmente entre as moças que não constituíram aliança conjugal com o pai da criança ou outro parceiro. Pois esses questionamentos são mais freqüentes dentre essas moças e também o envolvimento com questões de falta de dinheiro, necessidade de outras atividades, até para liberar-se de certos controles de seus pais, são mais comentados pela mães que são solteiras.

Brincadeira de criança

É possível relacionar os relatos sobre brincadeiras de infância das meninas com a noção de mudança, de passagem para um outro período da vida:

A gente brincava de boneca, a gente fazia casal, era pai e mãe, aí a gente batizava as bonecas, pegava vela e pingava na testa das bonecas, fazia o tipo de um pic-nic para fazer o batizado das crianças. A gente comia e fazia a maior bagunça. (Gisele, 22 anos, 01 filha)

Mudou tudo, tudo, tudo, a minha vida deu uma volta de 360° do dia para a noite. É que nem eu falei, se eu não tivesse engravidado eu poderia até estar morando contigo, mas hoje eu estaria trabalhando, teria terminado os meus estudos, teria feito vários cursos. As minhas intenções era ter continuado trabalhando, agora para mim trabalhar fica difícil porque antes de eu ter ganhado ele, todo mundo dizia 'não eu cuido dele para ti', agora eu não acho ninguém para cuidar dele. Eu vou procuro dois, três dias aí eu paro porque eu tenho que ficar com ele ou eu tenho que levar ele no médico. (Luciana, 18 anos, 01 filho)

Os relatos das informantes demonstram um certa relação entre si no que diz respeito às representações sociais sobre família, à forma como as

meninas são educadas, os tipos de brincadeiras e uma importância central dada à criança que já vem desde as brincadeiras de infância. As crianças têm uma grande importância nas famílias dos entrevistados, de uma certa forma, as atividades, principalmente da mulher, passam a ser orientadas sempre em relação à existência da criança. Exemplarmente, a moça que fala sobre as mudanças de sua vida somente pode planejar-se a partir de sua relação com seu filho. Héritier (1975) contribui para essa discussão afirmando que a reivindicação feminina pela autonomia, igualdade e acesso ao poder não podem se contentar com a simples partilha de outras tarefas excluindo as atividades maternas. A autora considera que é preciso que as mulheres, para atingir igualdade perante os homens, tenham que abrir mão da maternidade. Mas que devido às próprias questões de sobrevivência, haveria muitas oposições a esse tipo de idéia e, assim sendo, o fim da família conjugal, lugar da reprodução e educação das crianças não é próximo.

Camada popular e trabalho

Porém, a classe social pode ser bastante determinante no que diz respeito a oportunidades⁷⁸. A situação apresentada por Gisele e seu marido é ilustrativa de classe popular, de pessoas com poucos anos de escolarização e restritas possibilidades de inserção no mercado de trabalho. Ao mesmo tempo, essa experiência de conjugalidade é marcada por uma forte exigência de demonstrações de masculinidade, de certa forma, ao estarem fazendo comentários sobre a hora em que Gisele chegava em casa do trabalho e das possibilidades de traição, seus familiares cobravam uma atitude de “homem” de seu marido que deveria estar dando conta da situação financeira do casal. Por outro lado, temos Dilma, que pertencente a um outro estrato social, a classe média, tinha um companheiro de nível universitário que já estava desempenhando suas atividades profissionais como professor e apenas intensificou suas atividades imbuído dos compromissos de um pai e marido. Enfim, ambos os rapazes estavam colocados em uma mesma situação de demonstração de capacidades de sustentar seus filhos e suas esposas, mas certamente socialmente as oportunidades apresentam-se de forma bastante diferenciadas para eles. Antônio (23 anos, 03 filhos) fala sobre sua experiência com a paternidade e o trabalho:

⁷⁸ Segundo Gouveia (2000), há diferenças de tratamento para a menina e para o menino quanto à qualificação profissional do jovem pobre. Ela diz que, em geral, as mulheres têm maior desempenho escolar, pois sendo mais disciplinadas, estão mais ajustadas à instituição escola. Enquanto que os rapazes são orientados precocemente para adquirirem habilidades específicas em torno de alguma profissão como mecânica ou construção civil.

Eu estava apavorado e ninguém levava fé assim, um guri de 15 anos vai ser pai, todo mundo dizia 'ele não vai assumir, vai ser irresponsável e a família vai ter que assumir'. Só que eu ficava quieto eu ficava só acumulando e ficava mais forte. Aí eu arrumei esse emprego, como auxiliar. A minha filha já tinha dois meses de vida e eu já estava trabalhando.

Nesta citação, podemos observar a pressão social que o grupo que está compartilhando do momento de descoberta da gravidez exerce sobre o pai. Antônio ainda tinha um agravante para as dúvidas que lançavam em relação às capacidades dele, porque era considerado excessivamente novo para assumir a paternidade de uma criança. O rapaz, percebendo os pré-conceitos das pessoas sentia-se ainda mais encorajado, ou talvez estivesse sentindo na exata medida o quanto seria importante ele conseguir resolver a situação a contento de todos. Para ele, trabalhar e sustentar aquela filha afirmava-o enquanto homem e, nesse caso, passando para uma categoria de adulto, responsável, reforçando sua masculinidade⁷⁹. Ao ouvir comentários sobre ele, duvidando de sua capacidade, ele sentia-se mais disposto a trabalhar e provar para os demais que, apesar de muito jovem, era capaz de cumprir com suas obrigações de homem. Antônio relata que ainda com 15 anos arrumou um emprego no qual trabalha até os dias atuais e que passou a ser uma referência para os demais amigos que também passaram por essa experiência.

Camadas médias e trabalho

Nos relatos de classe média deste estudo, é possível perceber a atribuição de um valor positivo ao trabalho feminino, tanto por parte dos jovens, como por seus familiares, não quer dizer que tenha sido sempre assim⁸⁰. Muitas mães ainda educaram suas filhas, que hoje estão na faixa etária contemplada por nossa pesquisa, dos 15 aos 24 anos, no modelo tradicional. Esse modelo não tirava completamente a mulher do mercado de trabalho, mas dava ênfase aos compromissos da mulher após o casamento com o marido, o lar e os filhos. Também é importante que percebamos que há valores que perpassam as classes, como por exemplo, a “boa mãe” e a “eficiente dona de casa”.

Dilma esperava do relacionamento com o pai de sua filha um outro tipo de relação, que não lhe impusesse obrigações domésticas:

⁷⁹ Poderíamos expressar essa discussão através de papéis de gênero, Connell (1995) afirma que nos anos 70, os trabalhos produzidos em língua inglesa tratavam o gênero dos homens através do “papel do sexo masculino”, mas que isso significava um conjunto de atitudes e expectativas definidoras da masculinidade apropriada. Ele assinala que o conceito de “papel masculino” é muito limitado tanto em termos científicos como práticos, não referindo as questões de poder, violência ou desigualdade material, não permitindo a percepção de que há várias formas de masculinidade. Considerando que a masculinidade é uma configuração de práticas que dizem respeito à posição dos homens nas relações de gênero e que essas são variadas, podendo existir mais de uma em qualquer ordem de gênero de uma sociedade, têm-se falado em “masculinidades” (Connell, 1995:188).

Eu achava meio monótono quando eu estava grávida, eu dormia quase o dia todo, porque quando tu está grávida já te dá sono e não fazendo nada... Depois eu tinha a Patrícia e logo nos primeiros meses e já comecei a cuidar mais dela, foi legal, só que depois começou a ficar meio monótono. Depois disso eu terminei o segundo grau, aí quando eu terminei e comecei a ficar em casa eu pensei em fazer um curso, aí tinha um curso para trabalhar no aeroporto, não ser comissária de bordo, mas para fazer check-in, reserva de passagem, essas coisas. Aí eu fui fazer esse curso e depois quando eu terminei eu comecei a largar meus currículos, não só em empresas aéreas, eu larguei numas lojas ali do Bourbon, até que eu fui chamada numa delas e eu comecei a trabalhar. Eu entrei em outubro e fiquei em outubro, novembro, dezembro e janeiro. Ela ficava com a vó dela. Era legal, mas eu não gosto muito de trabalhar em loja, a gente fica muito estressada. Eu quero trabalhar para mim ter experiência em fazer alguma coisa, mas não é isso que eu quero fazer. Esse ano eu vou fazer cursinho, porque eu estava fazendo faculdade na PUC, mas estava muito caro. (Dilma, 20 anos, 01 filha)

A rotina de Dilma apresenta características de classe média. Sendo assim, ela não tem sua vida pautada pelas questões domésticas, em comparação a outras jovens de estrato popular, ela pôde dedicar-se à sua filha de maneira bastante confortável. Dilma abandonou os estudos, fato esse que se repete na maioria dos demais casos, independentemente da classe, mas logo que foi possível e que ela passou a manifestar o desejo de retomar os estudos, isso ocorreu. Seu relato valoriza o estudo e um gosto pelas informações adquiridas de maneira formal em escolas ou cursos. Certamente essa importância atribuída ao capital cultural⁸⁰ era algo cultivado pela sua família, é possível deduzir isso também pelo fato de seus pais terem curso superior. Mesmo assim, essas características não modificavam as exigências de seu companheiro, nem o fato de ele também pertencer à classe média. Ainda assim ele esperava que ela cumprisse, como se espera das mulheres, com suas atividades domésticas de forma competente. Dilma não conseguiu enquadrar-se e brigava muito com o

⁸⁰ Segundo Gouveia (2000), nas camadas mais abastadas ainda permanecem os diferenciais de gênero nas esferas da maternidade e estrutura familiar, mas o futuro profissional tornou-se algo central nas trajetórias de homens e mulheres jovens.

⁸¹ “Em suma, o livre jogo das leis da transmissão cultural e, com isso, encontra-se reproduzida a estrutura de distribuição do capital cultural entre as classes sociais, isto é, a estrutura de distribuição dos instrumentos de apropriação dos bens simbólicos que uma formação social seleciona como dignos de serem desejados e possuídos.” (Bourdieu, 2001:297)

rapaz para que ele entendesse que ela não tinha obrigação de servir-lhe como ele desejava.

Os dados da pesquisa indicam que não é ruim para os homens, seja qual for o padrão social, ter uma mulher que cumpra eficientemente com as atividades domésticas, é um valor que pouco se modifica de uma camada para outra. O diferencial pode estar, por exemplo, no fato de os casais da classe média, conforme Salem (1989), em seu estudo a respeito da participação e envolvimento masculinos no decorrer da gestação, terem a possibilidade da experimentação de papéis de gênero. Ou seja, o homem pode desempenhar atividades convencionadas tradicionalmente como femininas ou vice-versa. Isso é um valor da classe média, uma possibilidade, sem que necessariamente esteja aplicado nas ações cotidianas, ou sem que necessariamente um assuma as atribuições do outro.

Outra questão diferencial pode ser a percepção do homem quanto à mulher no mercado de trabalho, mas a dupla jornada também é algo que perpassa diversas classes sociais. Isso porque são dois fatores imbricados nessa questão, o gênero e a classe social. Sendo assim, a menos que tenha empregada doméstica, a mulher que tem uma vida profissional acaba desempenhando a dupla jornada no trabalho doméstico. Ela não desfruta da comodidade que boa parte dos homens têm, de exigir que as coisas estejam prontas. Isso é revelado no comentário que Dilma faz a respeito da atitude de seu pai que chegava em casa e sentava no sofá olhando para o nada, enquanto sua mãe colocava a casa em ordem.

Parker (1992) apresenta o relacionamento marital como carregado de distinções estabelecidas pelas representações de gênero, de hierarquias implícitas nas marcações de lugares e comportamentos, de dominação e submissão que estão dispersas pela estrutura da relação. De maneira geral, a jovem mãe que deseja conquistar uma posição diferenciada profissionalmente tem que travar uma luta contra os modelos sociais que tendem ainda muito às determinações estabelecidas a partir do masculino. Conquistar um espaço feminino, sem dupla jornada, com divisão das tarefas domésticas, ainda é algo a ser negociado entre os casais de maneira bastante artificial. Analisando os relatos dos informantes, percebe-se que os acordos partem sempre da idéia de que “naturalmente” as obrigações domésticas são da mulher, mas há a possibilidade de discussão para os casais que se dispõem de maneira mais moderna.

Nos diálogos com os jovens entrevistados, é possível perceber uma certa culpabilização das mulheres que trabalham fora quanto aos cuidados com

as crianças no nível doméstico. De maneira geral, a família e o parceiro pai da criança tendem a considerar que a mulher estando em casa, a criança fica melhor atendida. Enquanto que se a mulher trabalha, muitas das situações como doenças ocorridas com a criança são vinculadas por eles ao fato de a mãe trabalhar e a criança ser cuidada por outras pessoas que não cuidariam tão bem quanto a mãe. Isso também explica uma certa dificuldade que as mulheres encontram em administrar seu desejo de trabalhar, ter seu dinheiro e administrar a preocupação com os cuidados com a criança. A representação social a respeito da mulher, diretamente associada a um suposto instinto materno, perpassa as diversas classes⁸².

As diferentes responsabilidades

Ficam marcados três níveis de responsabilidades: um é o do marido que diz respeito à relação do lar com o exterior, com o mundo do trabalho, com o respeito e com a autoridade masculina; outro é o nível do jovem que não casou, mas que também tem a responsabilidade de contribuir financeiramente e dar um pouco de atenção à criança; e o terceiro nível é o de responsabilidade da jovem mãe, no qual ela está relacionada ao interior do lar como cuidadora tanto dos filhos como do marido, afetuosa, gerenciadora dos proventos da família, educadora e coordenadora da casa. Nenhum dos três níveis deixa de ser avaliado socialmente, todas essas atribuições estão sob constante avaliação, nesse caso atribuindo títulos de “bom pai” e “boa mãe” a quem consegue enquadrar-se às determinações de maneira considerada adequada.

5.5 – Jovens avaliam suas experiências como pais e mães

⁸² Badinter (1985), em seu estudo a respeito do mito do amor materno, questiona esse sentimento que é concebido como algo da natureza das mulheres. Ela afirma que esse sentimento foi por tanto tempo visto como instinto que facilmente se acredita que está intrínseco à natureza da mulher, não importa o tempo ou o contexto que a cerque. É como se a mulher tivesse em si todas as pré-condições para a maternidade somente aguardando para serem despertadas. A função maternal somente terminaria quando o filho já fosse considerado um adulto.

Nesta última parte da dissertação veremos como os próprios jovens avaliam suas experiências, numa perspectiva feminina e masculina. Isso porque os próprios rapazes e moças, em alguns momentos das entrevistas, traçavam comparativos sobre como era sua vida antes da parentalidade e como vem ocorrendo seu amadurecimento. Eles falam sobre a relação atual que estabelecem com as situações de modo geral e com os filhos.

Segundo Carol (21 anos, 02 filhas, tem um namorado que não é pai de suas filhas), filho cedo não é a pior coisa que pode acontecer na vida, mesmo que tenha havido muitas mudanças. Ela associa as mudanças, à impossibilidade de estar dando continuidade aos seus planos anteriores à maternidade, como formar-se em direito. A moça considera que aos 21 anos era para estar estudando, apropriando-se de uma boa formação para que pudesse ter um futuro melhor, com um bom emprego e um bom padrão de vida. Com a maternidade, suas prioridades foram substituídas, considerando a importância das suas filhas. Seu sonho atual é ter condições de oferecer às filhas o que não pode fazer em sua própria vida, ou seja, trabalhar muito para que elas tenham um certo conforto e condições para estudar.

Por outro lado, ela deseja que as filhas possam “curtir” bastante a vida, mas gostaria de conseguir convencê-las de que devem tomar certos cuidados, para que não precisem interromper planos e seguir o mesmo caminho que a mãe. Isso mostra que Carol está reproduzindo o tipo de educação que recebeu, passando a assumir o papel de orientadora, alertando as filhas sobre os cuidados que considera necessários para melhor aproveitarem suas vidas. Nesse momento, Carol passa a ter algumas preocupações que dizem respeito a algo que já vivenciou, ou seja, as divergências entre gerações. Ela demonstra um receio de que suas filhas também não consigam compreender, a partir de seus apelos, a importância do planejamento e dos cuidados em relação à contracepção, assim como ocorreu com ela.

Outra análise feita por Carol diz respeito a atitudes impulsivas e amadurecimento. Ela considera que suas atitudes mais planejadas são uma prova de que “cresceu” com suas experiências. Relata que procura refletir bastante quando precisa tomar uma decisão e sempre leva em consideração a presença das crianças. Antes da maternidade, quando queria fazer algo, simplesmente agia, sem questionar as conseqüências. Para ela, essa mudança corresponde a dizer que ficou adulta. Assim, segundo suas representações, incorporou a responsabilidade associada ao “mundo adulto”. Concretamente, isso é demonstrado pelo fato de estar conseguindo sustentar sozinha suas filhas, o que afirma ainda mais suas capacidades, causando-lhe orgulho de si mesma.

Nesse caso, comparativamente ao que discutimos no capítulo “É sendo jovem...”, em que dizíamos que os pais eram o elo do jovem entre a juventude que possibilita situações de experimentação e o “mundo adulto” que exige um certo senso prático sobre suas experiências. Agora, nessa etapa da dissertação, já vemos que o filho passa a ser também esse elo. Os jovens, ao mostrarem, para as pessoas que fazem parte de seu contexto, a compreensão da responsabilidade que devem assumir após terem filhos, passam a ser considerados mais próximos do que se convencionava por adulto. Assim, outros relatos também mostram a importância de ter um filho na fase da juventude para apressar o processo de amadurecimento, para criar uma relação com questões como o trabalho e planejamento do futuro.

Quanto aos relacionamentos afetivo-sexuais, Carol considera que amadureceu, atualmente quer um namoro sério, que possa ser a origem de um relacionamento estável. Diferentemente do que vimos no início desse trabalho, quando relata sobre sua vida antes de tornar-se mãe, em que queria somente “ficar” e considerava que era muito jovem para namoros mais sérios. Refletindo sobre seu momento atual, ela já não se considera mais uma “guriuzinha”, uma pessoa jovem demais para um casamento. Diz que antigamente até não ligava muito para esse tipo de relacionamento, mas atualmente é muito importante para que tenha alguém ao seu lado apoiando e dividindo suas responsabilidades com as crianças.

Por outro lado, numa perspectiva masculina, Israel (17 anos, 01 filho, casado) considera que está no início da vida e que terá a oportunidade de compartilhar esse momento com o filho, vendo ele crescer e crescendo também. Além disso, é a partir da paternidade que ele passa a saber como é a responsabilidade do provimento de uma outra pessoa. Sentindo-se um pai, pensa em trabalhar mais, em ter empregos melhores, em estudar, fazer um curso superior, pois já não é mais uma brincadeira, ele tem que ver as coisas com seriedade. Assim, o filho faz parte de seu processo de amadurecimento, de uma fase em que estava mais associado à idéia de “curtição”, para um momento em que precisa orientar sua vida no sentido do bem-estar de sua família.

Quanto às formas de lazer, ele relata que mudou, quando reúne-se com amigos, já não colocam música alta, até preferem o barulho da televisão. Diferente das bagunças que faziam nas festas antes de ele tornar-se pai, procuram conversar, tomar cerveja, num clima de “churrasco de domingo”, com mais tranquilidade e mais silêncio. A importância maior, de encontros feitos em casa, já não é atribuída à reunião da “galera” e às “curtições” provenientes desses encontros, mas à presença de algumas pessoas e às conversas interessantes. Porém, esse rapaz, assim como outros, afirma que quando sai para divertir-se sem o filho, busca aproveitar bastante as festas. Considerando que está sem a companhia da criança e dos compromissos de sobriedade que o filho lhe impõe.

Assim, é possível perceber que esses jovens estão em uma fase da vida em que houve poucas conquistas quanto à formação, trabalho e realização de sonhos, ainda há muito pela frente a ser feito. Eles passam a pensar em suas responsabilidades perante o filho e ver que elas estão relacionadas às suas conquistas pessoais também. Entretanto, é preciso aprender a conviver com todas essas questões ao mesmo tempo e da melhor maneira possível. Alguns relatos mostram que o filho pode ter representado uma forma de valorização da própria vida do jovem, um sentido novo, alguém que obriga esses rapazes e moças a vencer as dificuldades diárias. Além disso, em certos momentos, os jovens após tornarem-se pais e mães, afirmam estarem revendo questões sobre família e passam a respeitar mais e buscar o convívio familiar.

Considerações Finais

Esta dissertação analisou representações sociais de fases de vida, a partir da experiência da maternidade e paternidade na juventude. Foram entrevistados jovens em Porto Alegre e Grande Porto Alegre acerca de suas trajetórias de vida. Para tanto, inicialmente, busquei apresentar o debate estabelecido por diversos autores sobre a fase de vida juventude. Depois, demonstrei o que os jovens relataram sobre representações de juventude, “sendo jovens”, antes de tornarem-se pais e mães. Abordei questões como a busca de autonomia, a “curtição”, a entrada na vida contraceptiva e, ainda, a possibilidade de uma gestação diante de tal contexto. Por fim, analisei os depoimentos dos jovens sobre as decisões, os conflitos e o sentimento de amadurecimento a partir de suas experiências de parentalidade.

Foi possível perceber através da trajetória percorrida por este estudo que, ao final da análise das experiências dos jovens, temos a idéia de um ciclo que está em constante reprodução. Nos capítulos iniciais, os sujeitos da pesquisa demonstraram enfrentamentos de gerações, necessidades de maior independência dos pais e situações como a própria maternidade e paternidade que não estava afim com as expectativas dos pais. Porém, a partir do compartilhamento de alguns valores sociais e de representações de fases de vida, eles passam a aproximar-se dos discursos e práticas associados à adultez. Quando chegamos no capítulo que discute suas idéias sobre seus próprios “crescimentos”, já percebemos um acomodamento com valores e discursos que em outros momentos podem ter sido alvo de rejeição. Os mesmos com os quais eles debatiam-se reagindo contra em momentos anteriores de suas vidas. Assim, a convivência com os filhos é o que melhor reflete esse enquadramento com os padrões adultos.

Vimos a maioria dos jovens entrevistados relatarem sobre a fase anterior à gravidez como um momento de experimentação da vida, de enfrentamento da autoridade dos pais e tomada de consciência de um maior domínio sobre si mesmos. A juventude representada por um momento de expansão de relações com o mundo exterior ao lar, momento de viver emoções ainda não conhecidas. Assim como foi possível perceber que os discursos (dos jovens, dos pais, da mídia e de áreas do conhecimento) legitimam as atitudes consideradas joviais. A partir do momento em que a juventude torna-se uma categoria institucionalizada em nossa sociedade passa a ser mais comum

certas convenções sobre o que seria aceitável nessa fase de vida. Assim, os jovens referem que antes de serem pais e mães “tudo era festa”, correspondendo esse discurso à imagem que os adultos constroem sobre esse momento, fazendo com que também se justifique a preocupação com os jovens.

Uma das questões apontadas pelos entrevistados desta pesquisa é a sensação de imaturidade e pouca idade para tornarem-se pais e mães. Assim, idealmente, haveria idades apropriadas para vivenciar certos eventos como a idade para estudar, a idade para trabalhar, a idade de “curtir”, a idade para casar e a idade para tornarem-se pais. Mas essa relação com os “ideais” é algo bastante ambíguo nos discurso dos entrevistados. Porque, de maneira geral, as juventudes tendem a expressar os choques de gerações e rebeldias. Sendo assim, até certo momento, os jovens encontram-se envolvidos nesse contexto, constituindo embates, enfrentamentos de gerações. Porém, o processo manifestado por eles como de amadurecimento os aproxima do “mundo adulto” e afasta-os do “mundo jovem”.

Além disso, a avaliação da experiência de parentalidade tanto poderá ser num sentido positivo, de felicidade, de amadurecimento, de satisfação, quanto num sentido de arrependimento por se encontrarem nessa situação que pode ser bastante restritiva. Não somente os adultos podem ficar incomodados com o evento de uma gravidez na vida de pessoas consideradas de “pouca idade”, mas também os seus próprios amigos. Isso porque os jovens, de alguma forma, compartilham de certas convenções sobre os eventos e fases da vida.

Esta pesquisa mostrou, através dos relatos, que muitos desses rapazes e moças não pensavam sobre o quanto a criança ou a situação de parentalidade podia ocupar várias dimensões de suas vidas de forma muito intensa. Pudemos perceber que há uma distância entre o “jogo” de possibilidades, que inclui a vivência da sexualidade e suas possibilidade para uma gestação e a concretude de tornar-se pai ou mãe. Nesse contexto, os adultos, por julgarem os jovens imaturos e inexperientes, sentem-se autorizados a interferirem na vida e nas decisões dos jovens pais. As interferências vão desde instruções sobre essa experiência, sobre o que é ser mãe e o que é ser pai, até os aconselhamentos para resolução de conflitos, passando por instruções sobre os cuidados com a criança e educação. A partir da parentalidade, surge uma gama de situações e posicionamentos que passam a ser exigidos dos jovens na perspectiva que nesse

momento eles próprios valorizam a confiabilidade que os adultos os depositam. É em comparação/oposição ao adulto e das representações que se tem sobre o que são atitudes e a identidade adulta que os jovens pais são avaliados.

Entretanto, o envolvimento com situações passadas, o momento referido como onde “tudo era festa” tem um forte peso em muitos dos relatos que estavam bastante permeados por representações joviais de experimentação. Porém, temos que considerar que essas recordações são de pessoas que em muitos casos, pela parentalidade, tiveram que afastar-se da sociabilidade associada à juventude ou, pelo menos, modificá-la um pouco. Assim, aquele momento de “curtição” pode estar significando diferentemente do que seria caso esses jovens entrevistados não tivessem se tornado pais e mães, pode estar sendo mais valorizado pela iminência do distanciamento.

No que diz respeito à mudança de status, os jovens pais e mães buscam, entre outras coisas, conquistar confiança e estar conforme com o que é esperado dos responsáveis por uma criança. É possível perceber que jovens que se tornaram pais ou mães e não casaram, nem trabalham e permanecem na casa dos pais com seus filhos, estão mais sujeitos às regras impostas por seus pais. Nesse sentido, desejando reconhecimento por parte dos adultos, os rapazes e moças passam a aderir a atividades mais associadas ao “mundo adulto”. Assim, principalmente os rapazes, criam uma relação mais compromissada com o trabalho e as moças, além de trabalharem, buscam mostrar-se mães cuidadosas.

Contudo, não é possível tratar todos os casos de gravidez com “pouca idade” como algo traumático, como um atropelo de fases, como muitas vezes é analisado esse tipo de evento. Nem sempre as expectativas da sociedade em geral, para as etapas a serem vividas pelos jovens, estão de acordo com o que eles planejam para sua juventude. Um discurso moderno, dentro de uma perspectiva midiática e medicalizada de adequação aos padrões sociais atuais e de criação de um senso comum, busca dissociar as mulheres da reprodução e educação dos filhos, apresentando possibilidades de realização em outros aspectos da vida como a escolarização e o trabalho. Mas muitas moças e rapazes mostram que ainda podem estar desejando e compartilhando do “valor-natalidade” de maneira muito expressiva, considerando os filhos importantes, principalmente numa perspectiva de amadurecimento e ascensão a outro “status”.

Os dados desta pesquisa mostram que muitas garotas ainda identificam-se bastante com a importância de ser mãe e com o amor materno. Essas questões, para algumas delas, também possuem um lugar relevante em suas trajetórias de vida⁸³. Mas ao mesmo tempo, elas não deixam de

⁸³ Ver sobre o valor-maternidade em camada popular em Fonseca (2000).

manifestar as dificuldade que advém da maternidade. Há um misto de desejo de ser mãe e sentimento de juventude tolhida pela existência de uma criança que necessita dos cuidados delas. Os relatos apresentados nesse estudo pelas jovens entrevistadas, nesse sentido, são ilustrativos das ambigüidades das experiências de transição de fase de vida. Ser mãe e manter as mesmas atividades anteriores à maternidade, de “curtição” da juventude, na maioria das vezes, não é possível, muitas mudanças e ajustes ocorrem, o que causa um certo sentimento de “saudade daquele tempo em que tudo era festa”.

Numa tentativa de adaptar mulheres e homens aos novos tempos vividos socialmente, há um amplo discurso reproduzido pela mídia que redefine a relação dos jovens com esferas como a sexualidade. Assim, a relação sexual não estaria ligada à necessidade de reprodução e preferencialmente estaria no âmbito da satisfação de desejos. Porém, percebe-se que nem sempre a forma como os jovens conduzem suas experiências está adequado aos padrões tidos como “modernos” de juventude. Além do que, essas perspectivas “modernas”, muitas vezes, apresentam-se como exclusivas. Então, ou a mulher é bem sucedida profissionalmente ou é uma boa mãe, mas as pessoas podem estar organizando e pensando outras dinâmicas para suas vidas, o que acaba entrando em choque com essas idéias.

Alguns dos informantes mostram que desejavam casar e ter filhos, associando o processo de entrada no “mundo adulto” a essas práticas. Segundo Heilborn et al. (2002), socialmente espera-se que os jovens estejam mais envolvidos com questões como: escolarização, profissionalização e exercício da sexualidade desvinculada da reprodução. Isso acarreta convenções para o que se chama de idade ideal para o casamento e para ter filhos. Assim, ter um filho numa idade considerada “precoce” tem sido visto como uma precipitação, um desperdício de oportunidade. Isso não quer dizer que os próprios jovens, no nível do discurso, não compartilhem em certa medida com os *scripts* que são estabelecidos para suas vidas, mas a questão é que nesta pesquisa vemos que muitos deles dão outros rumos a suas vidas.

As entrevistas mostram que em vários planos das relações que esses rapazes e moças estabelecem, há processos de testagens e “jogos” excitantes. Esses tipos de atitudes são desejadas por eles e possuem as emoções esperadas das experiências. Testa-se os limites de liberdade na relação com as pessoas, testa-se práticas como uso de drogas e bebidas, joga-se com o uso de preservativo e de anticoncepcionais e joga-se com a possibilidade de gerar um filho. Diferentemente da forma como muitos adultos costumam ver as atitudes dos jovens e racionalizá-las, esses jovens

entrevistados demonstram uma percepção de suas potencialidades tanto no âmbito dos relacionamentos afetivos, quanto no caso de uma possível maternidade e paternidade. Eles também demonstram que suas atitudes não são conseqüentes da falta de conhecimento sobre métodos contraceptivos e preventivos, mas da forma como esperam viver essa fase de vida.

Numa perspectiva mais generalizante, segundo os casos aqui apresentados, um evento de gravidez estaria precipitando uma fase de vida e interrompendo uma formação escolar e profissional. Porém, os jovens demonstram não orientar suas atitudes por esse mesmo tipo de lógica. O que não impede que posteriormente, pelo fato deles sentirem-se aptos a várias experiências e até mesmo a um evento de gravidez, eles não cheguem à conclusão de que talvez pudessem ter mantido mais domínios sobre seus atos, de modo a não chegar à gravidez.

Vimos relatos de moças e rapazes que não queriam ser pais e sentiram-se profundamente desconfortáveis e desagradados pelo evento da gravidez e muitas vezes, do casamento. Outros que contam sobre seus desejos com relação à maternidade, alguns até mesmo planejando o dia em que teriam um filho. Porém, do ponto de vista da maioria dos pais das moças os casos foram recebidos em meio a muitos conflitos. Enquanto que para os rapazes há uma maior aceitação da família ao fato de terem engravidado suas parceiras. Ainda que algumas jovens manifestassem que planejaram a gravidez, muitos pais ofereciam a opção de fazer um aborto, ou não se conformavam com o ocorrido. Isso mostra que percebe-se uma gravidez como tendo mais implicações para a vida das mulheres do que para a vida dos homens. É perceptível pelos casos abordados nessa pesquisa que de fato, após à maternidade, a mulher tende a estar mais próxima do espaço doméstico do que do espaço público e que os cuidados diários de seus filhos estarão sob sua responsabilidade. Mas quanto aos conflitos, em boa parte dos casos, é a partir da comunicação da gravidez à família que eles se intensificam, ou que os jovens passam a perceber a situação como difícil de ser experienciada, devido à diversidade de negociações e esclarecimentos a serem feitos.

Uma hipótese considerável a partir dos relatos dos jovens relaciona-se ao fato de que a capacidade de os jovens proverem seus filhos pode diminuir os conflitos com as famílias. Isso porque quando os jovens mantêm uma forte dependência dos pais e ainda não conseguem sustentar-se ou não conseguiram estabelecer relações de trabalho consideradas mais seguras, o drama familiar acentua-se. Assim, podemos considerar que os pais esperam que a passagem de fase de vida ocorra com a chegada da criança, enquanto que para os jovens ela se dá de maneira mais lenta. Disso decorre que o fato de esses jovens estarem tornando-se pais e mães não tem como conseqüência imediata uma maior independência, muitos deles ainda estão ligados à família até mesmo financeiramente.

Não existe correlação direta entre a situação financeira e de trabalho dos jovens e o fato de eles terem tornado-se pais, porém, podem aumentar os

conflitos o fato de o pai e a mãe de uma criança, por exemplo, não trabalharem. As condições financeiras dos jovens parceiros afetivo-sexuais certamente são grandes complicadores para uma gravidez, principalmente nessa fase da vida. Para os jovens entrevistados que desejaram ser pais ou mães, uma situação estável financeiramente auxiliaria a passagem por esse momento de maneira mais tranqüila. Aqui devemos ressaltar que o fato de desejar a gravidez nem sempre diminui os conflitos a serem vivenciados pelos jovens.

E ainda, é preciso considerar que no Brasil o aborto não é permitido legalmente, mas, mesmo assim, muitas mulheres servem-se de inúmeros métodos abortivos⁸⁴. Entretanto, somente quem pode pagar uma clínica de abortos, com condições supostamente adequadas para isso, pode fazer essa escolha de maneira um pouco mais segura.

A questão é que não podemos considerar uma gravidez ocorrida na fase que abrange as idades entre 15 e 24 anos sempre como acidente e temos que levar em consideração que a condição sócio-econômica é um dos marcos diferenciais para a forma como esse momento é vivenciado. Os dados mostram que há uma maior tendência de as moças de camada média retomarem seus estudos ou trabalho após um certo período de cuidado exclusivo da criança, do que as moças de camada popular. Uma melhor situação sócio-econômica propiciaria maior autonomia para esses jovens, até mesmo para experienciar esse momento de forma mais aproximada de seus ideais, diminuindo alguns conflitos e constrangimentos que a dependência financeira dos adultos lhes impõe.

“O que você vai ser quando você crescer?”

(Dado Villa-Lobos, Renato Russo, Marcelo Bonfá)

⁸⁴ Ouvi relatos em que as jovens contam tentativas de aborto através de chás considerados como abortivos, é o caso do chá de canela ou do chá de sene ou ainda através do medicamento Citotec.

Referências Bibliográficas

- ABRAMO, Helena. Cenas juvenis. Punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo, Scritta, 1994
- ABREU, Alzira Alves. Quando Eles Eram Jovens Revolucionários. Os guerrilheiros das décadas de 60/70 no Brasil. In: VIANNA, Hermano (Org.). Galeras Cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997
- ALTMAN, Dennis. Aids and the discourses of sexuality. In: CONNELL, R. & DOWSETT, G. Rethinking Sex. Social Theory and sexuality research. Filadélfia, Temple University Press, 1993.
- ALVIM, Rosilene; PAIM, Eugênia. Os jovens suburbanos e a mídia: conceitos e preconceitos. In: ALVIM, Rosilene; GOUVEIA, Pitty (Orgs.). Juventude anos 90. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria, 2000.
- AMADO, Janaína. O Grande Mentiroso: Tradição, Veracidade e Imaginação em História Oral. Revista História, São Paulo, Editora UNESP, 1995.
- ARIÈS, Philippe. História Social da Criança e da Família. Rio de Janeiro, LTC, 1981.
- ARRILHA, Margareth. Homens: entre a “zoeira” e a “responsabilidade”. In: ARRILHA, M.; RIDENTI, S.; MEDRADO, B. (orgs.) Homens e Masculinidades. Outras palavras. Editora 34, 1998.
- ARRILHA, Margareth; BARBOSA, Maria. Cytotec in Brazil: ‘At Least It Doesn’t Kill’. www.hsph.harvard.edu/Organizations/healthnet/reprorights/docs/arrilha.html.
- ATTIAS-DONFUT, C. Générations et âges de la vie. Paris, PUF, 1991.
- AZEVEDO, Thales. mestiçagem e “Status”. In: Cultura e Situação Racial no Brasil. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1966.
- BAMBERGER, Joan. O Mito do Matriarcado: Porque os Homens Dominavam as Sociedades Primitivas? In: ROSALDO, M. Z. & LAMPHERE, L. (orgs.). A Mulher, a cultura e a sociedade. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- BADINTER, Elisabeth. Um Amor Conquistado. O Mito do Amor Materno. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
- BARTH, Fredrik. Grupos Étnicos e suas Fronteiras. In: POUTIGNAT, P. STREIFF-FENART, J. Teorias da Etnicidade. São Paulo, Fundação Editora da UNESP, 1998.
- BENOIST, Jean-Marie. L’Identité. Quadrige, Collège de France, PUF, 1977.

- BLÖSS, T. Les liens de famille. Sociologie des rapports entre générations. Paris, PUF, 1997.
- BOISSEVAIN, Jeremy. Apresentando amigos de amigos: redes sociais, manipuladores e coalizões. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (org.). Antropologia das sociedades contemporâneas – métodos. São Paulo, Global Universitária, 1987. Parte II.
- BOTT, Elizabeth. Família e rede social. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1976.
- BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. Rio de Janeiro, Bertrand Brasil, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. A Economia das Trocas Simbólicas. São Paulo, Editora Perspectiva, 2001.
- BOURDIEU, Pierre. Gostos de classe e estilos de vida. In: Coleção Sociologia. São Paulo, Ed. Ática, 1983.
- BOURDIEU, Pierre. La "jeunesse" n'est qu'un mot. Questions de sociologie. Paris, Éditions de Minuit, 1984.
- BOZON, Michel. Amor, Sexualidade e Relações Sociais de Sexo na França Contemporânea. Revista Estudos Feministas, n. 1, ano 3, p. 122-135, 1995.
- BOZON, Michel; HEILBORN, Maria Luiza. As carícias e as palavras. Iniciação sexual no Rio de Janeiro e em Paris. Novos Estudos, São Paulo, CEBRAP, n. 59, p. 111-135, mar. 2001.
- BOZON, M.; VILLENEUVE-GOKALP, C. Les enjeux des relations entre générations à la fin de l'adolescence. Population, Paris, INED, n. 6, p. 1527-1556, nov. – déc. 1994.
- BRANDÃO, Elaine Reis. Individualização e Vínculo Familiar em Camadas Médias. Um Olhar através da Gravidez na Adolescência. Tese de Doutorado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, RJ, 2003.
- CABRAL, Cristiane da Silva. Vicissitudes da gravidez na adolescência entre jovens das camadas populares do Rio de Janeiro. Dissertação de Mestrado, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Medicina Social, Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, Rio de Janeiro, RJ, 2002.
- CHARTIER, Roger. O Mundo como Representação. Revista Estudos Avançados, São Paulo, USP, v. 5, nº 11, 1991.

- CHODOROW, Nancy. Maternidade, dominacion masculino e capitalismo. El Patriarcado capitalista y el feminismo socialista. Buenos Aires, Siglo Veintiuno, 1980.
- CLASTRES, Pierre. Da tortura nas sociedades primitivas. In: CLASTRES, P. A Sociedade Contra o Estado. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1978.
- CLIFFORD, James. A Experiência Etnográfica. Antropologia e Literatura no Século XX. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 2002.
- CONNELL, Robert W. Políticas da Masculinidade. In: Educação e Realidade, n. 20(2), jul-dez/1995.
- CORRÊA, Mariza. Repensando a família patriarcal brasileira. In: Colcha de Retalhos: estudos sobre a família no Brasil. São Paulo, Brasiliense, 1982.
- DAMATTA, Roberto. O Ofício de Etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”. In: NUNCES, E. de O. (org.). A Aventura Sociológica. Objetividade, Paixão, Improviso e Método na Pesquisa Social. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1978.
- DEBERT, Guita Grin. Envelhecimento e curso da vida. In: Estudos Feministas, ano 5, n. 1, 1º sem., 1997.
- DESSER, Nanete Ávila. Adolescência, sexualidade e culpa. Rio de Janeiro : Editora Rosa dos Tempos, Brasília : Editora Universidade de Brasília, 1993.
- DIÓGENES, Glória. Rebeldia urbana: tramas de exclusão e violência juvenil. In: HERSCHMANN, Micael (Org.). Abalando os anos 90: Funk e Hip-Hop: globalização, violência e estilo cultural. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. Da Vida Nervosa nas Classes Trabalhadoras Urbanas. Rio de Janeiro, Zahar, 1986.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. Horizontes do Indivíduo e da Ética no Crepúsculo da Família. In: RIBEIRO, I. (org.). Família e Sociedade Brasileira: Desafios nos Processos Contemporâneos. Rio de Janeiro, Fundação João XXIII, 1994.
- DUMONT, Louis. O Individualismo. Uma Perspectiva Antropológica da Ideologia Moderna. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1993.
- ELIAS, Norbert. O Processo Civilizador. Volume 1: Uma História dos Costumes. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 1994.
- FONSECA, Cláudia. Caminhos da Adoção. São Paulo, Cortez, 2002a.

- FONSECA, Cláudia. Família, fofoca e honra. Etnografia de relações de gênero e violência em grupos populares. Porto Alegre, Ed. Universidade / UFRGS, 2000.
- FONSECA, Claudia. Feminino, masculino e formas de poder : o código de honra em uma vila portoalegrense. Cadernos de Estudos, Porto Alegre, nº 10, jun 1988.
- FONSECA, Claudia. Mãe é Uma Só? Reflexões em Torno de Alguns Casos Brasileiros. In: Revista Psicologia USP, vol.13, no.2, 2002, p.49-68.
- FONSECA, Cláudia. Ser mulher, mãe e pobre. In: DEL PRIORE, M. História das Mulheres no Brasil. São Paulo, Editora Contexto, 1997.
- FONSECA, Cláudia; BRITES, Jurema. "Ritos de recepção: Nomes, batismos, e certidões como formas de inscrição da criança no mundo social", In: SOUSA, Sonia Gomes (org.). Infância e Adolescência: Múltiplos Olhares. Goiania, UCG, 2003.
- FORTES, Meyer. Introduction. In: Goody, J. (org.) Development cycles in domestic groups. Cambridge Univesity Press, 1958.
- FOUCAULT, Michel. História da Sexualidade I: A vontade de saber. Rio de Janeiro, Edições Graal, 2003.
- FREYRE, Gilberto. Casa Grande e Senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. Rio de Janeiro, José Olympio, 1978.
- GALLAND, O. Sociologie de la jeunesse. Paris, Armand Colin, 1997.
- GEERTZ, Clifford. A interpretação das culturas. Rio de Janeiro, LTC, 1989.
- GENNEP, Arnold. Os Ritos de Passagem. Petrópolis, Vozes, 1978.
- GIDDENS, Anthony. A Transformação da Intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas. São Paulo, UNESP, 1993.
- GOFFMAN, Erving. Estigma. Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro, Editora Guanabara, 1988.
- GOUVEIA, Patrícia. 'Juventude-adolescente pobre' e 'valor-trabalho'. In: ALVIM, Rosilene; GOUVEIA, Patrícia (Orgs.). Juventude anos 90. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria, 2000.
- GUEDES, Simoni Lahud. Jogo de Corpo: Um estudo de construção social de trabalhadores. Niterói, EDUFF, 1997.
- HEILBORN, Maria Luiza (et al.). Aproximações Sócioantropológicas sobre a Gravidez na Adolescência. In: Horizontes Antropológicos/UFRGS. IFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Ano 8, nº 17. Porto Alegre, PPGS, 2002.
- HEILBORN, Maria Luiza. Gênero e Hierarquia: a costela de Adão revisitada. Estudos Feministas, v. 1, n. 1, 1993.

- HEILBORN, Maria Luiza. Ser ou estar homossexual: dilemas de construção de identidade social. In: PARKER, R.; BARBOSA, R. Sexualidades Brasileiras. Rio de Janeiro, Relumê Dumará, 1996.
- HEILBORN, Maria Luiza; PRADO, Rosane Manhães. Na hora h, a gente não exige: estudo sobre mulheres, sexualidade e AIDS. In: XIX Encontro Anual da ANPOCS/Grupo de Trabalho: Relações de Gênero, Caxambu: 17 a 21 out. 1995.
- HELMAN, Cecil G. Cultura, Saúde e Doença. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.
- HERITIER, Françoise. Les dogmes ne meurent pas. Autrement 3, 1975.
- HERSCHMANN, Micael. Na trilha do Brasil contemporâneo. In: HERSCHMANN, Micael (Org.). Abalando os anos 90: Funk e Hip-Hop: globalização, violência e estilo cultural. Rio de Janeiro, Rocco, 1997.
- JARDIM, Denise Fagundes. Performances, Reprodução e Produção dos Corpos Masculinos. In. : LEAL, Ondina Fachel (Org.) Corpo e Significado: Ensaios de Antropologia Social. Porto Alegre, Editora da Universidade – UFRGS, 1995.
- JODELET, Denise. Les Représentations Sociales. Regard sur la connaissance ordinaire. Sciences Humaines, nº 27, avril, 1993.
- KIMMEL, Michael S. A Produção Simultânea de Masculinidades Hegemônicas e Subalternas. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 4, n. 9, out/1998.
- LARAIA, Roque de Barros. Ética e Antropologia. In: LEITE, Ilka Boaventura (org.). Ética e Estética na Antropologia. Florianópolis, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da UFSC, CNPq, 1998.
- LEAL, Andrea Fachel. Uma Antropologia da Experiência Amorosa: estudo de representações sociais sobre sexualidade. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, RS, 2003.
- LEAL, Ondina Fachel. Sangue, Fertilidade e Práticas Contraceptivas. In: LEAL, Ondina Fachel (Org.). Corpo e Significado: Ensaios de Antropologia Social. Porto Alegre, Editora da Universidade - UFRGS, 1995.

- LEAL, O. F. e BOFF, A. Insultos, queixas, sedução e sexualidade: fragmentos de identidade masculina em uma perspectiva relacional. In: PARKER, R. e BARBOSA, R. Sexualidades Brasileiras. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 1996.
- LEAL, O. F. e LEWGOY, B. Pessoa, aborto e contracepção, In. : LEAL, Ondina Fachel (Org.) Corpo e Significado: Ensaio de Antropologia Social. Porto Alegre, Editora da Universidade – UFRGS, 1995.
- LEAL, Ondina Fachel; RIETH, Flávia. Ficar, namorar: desvendando práticas e representações adolescentes sobre sexualidade. In: BÉRIA, Jorge. Ficar, transar... A sexualidade do adolescente em tempos de AIDS. Porto Alegre, Tomo Editorial, 1998.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. Structural analysis in linguistics and in anthropology, in Structural Anthropology. Londres, Allen Lane, the Penquin Press, 1969.
- LÉVI-STRAUSS, Claude. La familia, in Polemica sobre el origen y la universalidad de la familia. Barcelona, Editorial Anagrama, 1976.
- LO BIANCO, Anna Carolina. Concepções de família em atendimentos psicológicos fora do consultório: um estudo de caso. In: VELHO, Gilberto; FIGUEIRA, Sérvulo A. (coord.). Família, psicologia e sociedade. Rio de Janeiro, Editora Campus, 1981.
- LOMNITZ, Larissa. Redes Sociais. In: LOMNITZ, L. Cultura Política: Una Vision Antropologica. Paper apresentado no Congresso Mundial de Antropologia, México, ago/1991.
- MACHADO, Elielma Ayres. Retratos da juventude: imagens de juventude e violência no Rio de Janeiro. In: ALVIM, Rosilene; GOUVEIA, Pitty (Orgs.). Juventude anos 90. Rio de Janeiro, Contra Capa Livraria, 2000.
- MADEIRA, F.R.; RODRIGUES, E.M. Recado dos jovens: mais qualificação. In: BERQUÓ, E. (Org.). Jovens acontecendo nas trilhas das políticas públicas. Brasília, CNPq, 1998, p. 427-498.
- MALCHER, Leonardo Fabiano Sousa. Mulheres querem amor, homens querem sexo? Amor e masculinidades entre jovens de camadas médias urbanas de Belém – PA. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Pará, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Belém, PA, 2002.

- MALINOWSKI, Bronislaw. A vida sexual dos selvagens. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1983.
- MAUSS, Marcel. As Técnicas Corporais. In: Sociologia e Antropologia. São Paulo, vol. II, E.P.U e EDUSP, 1974.
- MEAD, Margaret. Sexo e Temperamento. São Paulo, Editora Perspectiva, 2000.
- MEDRADO, Benedito. Homens na arena do cuidado infantil: imagens veiculadas pela mídia. In: ARRILHA, M.; RIDENTI, S.; MEDRADO, B. (orgs.) Homens e Masculinidades. São Paulo, Editora 34, 1998.
- MINAYO, Maria C. de S. (et al.). Fala Galera: juventude, violência e cidadania. Rio de Janeiro, Garamond, 1999.
- MINAYO, Maria C. de S. & COIMBRA JR., Carlos E. A. Entre a Liberdade e a Dependência: reflexões sobre o fenômeno social do envelhecimento. In: Antropologia, Saúde e Envelhecimento. Rio de Janeiro, FIOCRUZ, 2002.
- MOUTINHO, Laura. Da “cor” do Desejo no Mercado Afetivo-sexual Carioca. In: MOUTINHO, L. Razão, Cor e Desejo: uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais “inter-raciais” no Brasil e na África do Sul. Tese de Doutorado. PPGSA / IFCS / UFRJ, 2001.
- NOGUEIRA, Oracy. Tanto Preto Quanto Branco: estudos de relações raciais. São Paulo, T. A. Queiroz, 1985.
- NOVAES, Regina Reyes. Juventudes Cariocas: mediações, conflitos e encontros culturais. In: VIANNA, Hermano (Org.). Galeras Cariocas: territórios de conflitos e encontros culturais. Rio de Janeiro, Editora UFRJ, 1997.
- OLAVARRÍA, José. Desejo, prazer e poder: questões em torno da masculinidade heterossexual. In: BARBOSA, Regina M.; PARKER, Richard. Sexualidades pelo Averso. Direitos, Identidades e Poder. Rio de Janeiro, Editora 34, 1999.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O saber, a ética e a ação social. Revista Internacional, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 7-22, 1990.
- PARKER, R. Corpos, prazeres e paixões. São Paulo, Best Seller, 1992.
- PARSONS, Talcott. El sistema actual de parentesco en los Estados Unidos de Norteamérica. In: Ensayos de teoría sociológica. Buenos Aires, Paydos, 1949.
- RADCLIFFE-BROWN. Estrutura e Função na Sociedade Primitiva. Petrópolis, Vozes, 1977.
- RAUH, J. L.; BIRO, F. M. Contraception. Columbus, Ohio: Center for Continuing Medical Education, the Ohio State University College to Medical Education, 1986.
- REIS, L. Jovens em situação de risco social. In.: ALVIM, R.; GOUVEIA, P. Juventude anos 90. Rio de Janeiro, Contracapa, 2000.

- RICHARDSON, J.; SCHUSTER, M. A. Everything you never wanted your kids to know about Sex, but were afraid they' d ask: the secret to surviving your child's sexual development from birth to the teens. New york: Crown Publischers, 2002.
- RYDE-BLOMOVIST, E. Annotated bibliography on contraception in adolescence. World Health Organization, 1975.
- RIETH, Flávia. A Iniciação Sexual na Juventude de Mulheres e Homens. In: Horizontes Antropológicos/UFRGS. IFCH. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social. Ano 8, nº 17. Porto Alegre, PPGS, 2002.
- RIETH, Flávia. Pesquisa: Sexo e Moralidade – A Iniciação de Jovens na Cultura Sexual Brasileira. Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.
- RIETH, Flávia. Sexo, Amor e Moralidade. A Iniciação na Juventude de Mulheres e Homens, Pelotas (RS). Tese de Doutorado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, RS, 2001.
- ROHDEN, Fabíola. Ginecologia, gênero e sexualidade na ciência do século XIX. In: Horizontes Antropológicos, Porto Alegre, ano 8, n. 17, jun/2002.
- SALEM, Tania. O Casal Igualitário: princípios e impasses. In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, n. 9, vol. 3, fev/1989.
- SALEM, Tania. O Velho e o Novo: um estudo de papéis e conflitos familiares. Petrópolis, Vozes, 1980.
- SAMARA, Eni de Mesquita. A família brasileira. São Paulo, Brasiliense, 1983.
- SARTI, Cynthia A. A Família Como Espelho. Um estudo sobre a moral dos pobres. Campinas, São Paulo, Autores Associados, 1996.
- SCHUCH, Patrice. Carícias, olhares e palavras: uma etnografia sobre o “ficar” entre jovens universitários de Porto Alegre. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, RS, 1998.
- SEYFERTH, Giralda. A invenção da raça e o poder discricionário dos estereótipos. In: Anuário Antropológico/93. Rio de Janeiro, 1995.
- SIMMEL, Georg. Filosofia do Amor. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

- RADCLIFFE-BROWN. *Estrutura e Função na Sociedade Primitiva*. Petrópolis, Vozes, 1977.
- RAUH, J. L.; BIRO, F. M. *Contraception*. Columbus, Ohio: Center for Continuing Medical Education, the Ohio State University College of Medical Education, 1986.
- RICHARDSON, J.; SCHUSTER, M. A. *Everything you never wanted your kids to know about Sex, but were afraid they'd ask: the secret to surviving your child's sexual development from birth to the teens*. New York: Crown Publishers, 2002.
- RIVERS, A. M. *Sistemas de Parentesco*. In: LARAIA, R. B. *Organização Social*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1969.
- RYDE-BLOMOVIST, E. *Annotated bibliography on contraception in adolescence*. World Health Organization, 1975.
- THIOLLENT, Michel. *Crítica metodológica. Investigação social e enquete operária*. São Paulo, Polis, 1980.
- TURNER, Victor W. *O Processo Ritual*. Petrópolis, Vozes, 1974.
- VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura. Notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea*. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1997.
- VELHO, Gilberto. *Subjetividade e Sociedade – uma experiência de geração*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1989.
- VÍCTORA, Ceres Gomes. *Mulher, Sexualidade e Reprodução*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Porto Alegre, RS, 1991.
- VÍCTORA, Ceres Gomes. *Os Limites do Corpo Sexual: Um estudo sobre experiências corporais de mulheres inglesas*. In: *Corpus, Série: Textos para Divulgação*, n. 002/96.
- WOORTMAN, Klaas Axel A. W. *A comida, a família e a construção do gênero feminino*. Série Antropologia, Brasília, 1985, nº 50.
- ZELIZER, Viviana. *Repenser le marché: la construction social du "marché aux bébés" aux Etats-Unis, 1870-1930*. *Actes de la recherche en sciences sociales* 94, sept, 1992, 3-26.

